



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST**

**MAURÍCIO MARQUES BRUM**

**UM JACARANDÁ EM SANTIAGO:  
O RADICALISMO POLÍTICO NO CHILE PELA TRAJETÓRIA MILITANTE  
DE NILTON ROSA DA SILVA (1971-1973)**

Porto Alegre  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIST

MAURÍCIO MARQUES BRUM

UM JACARANDÁ EM SANTIAGO:  
O RADICALISMO POLÍTICO NO CHILE PELA TRAJETÓRIA MILITANTE DE  
NILTON ROSA DA SILVA (1971-1973)

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, como requisito parcial para obtenção  
do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó

Porto Alegre  
2016

CIP - Catalogação na Publicação

Brum, Maurício Marques

Um jacarandá em Santiago: o radicalismo político no Chile pela trajetória militante de Nilton Rosa da Silva (1971-1973) / Maurício Marques Brum. -- 2016. 174 f.

Orientador: Luiz Alberto Grijó.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Assassinato político. 2. Golpe civil-militar chileno. 3. Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR). 4. Nilton Rosa da Silva. 5. Chile: governo de Salvador Allende. I. Grijó, Luiz Alberto, orient. II. Título.

MAURÍCIO MARQUES BRUM

UM JACARANDÁ EM SANTIAGO:  
O RADICALISMO POLÍTICO NO CHILE PELA TRAJETÓRIA MILITANTE DE  
NILTON ROSA DA SILVA (1971-1973)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em 18 de março de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Claudia Wasserman Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Conceito A
Prof. Dr. Diorge Alceno Konrad Universidade Federal de Santa Maria	Conceito A
Prof. Dr. Temístocles Corrêa Cezar Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Conceito A

Orientador:  
Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, 18 de março de 2016.

**Aos meus pais.**

## GRATIDÕES

Três anos depois da última vez em que precisei listar gratidões, mantenho a minha opinião de que ninguém as lê – apenas quem realmente interessa. É a essas pessoas que agradeço.

Agradeço aos meus pais, Argemiro Luís e Neiva, por terem estado ao meu lado em cada passo da caminhada até aqui, na estranha jornada desde Montpellier até Ijuí, e na continuidade dela, nesses últimos (já) oito anos vividos numa distância que é apenas geográfica. Pelo amor, pela compreensão, pelo apoio irrestrito e sem hesitações. E pelas idas ao futebol.

Aos meus avós – Argemiro Jacob e Vanyr, Olinto e Candida –, com quem ainda tenho a sorte de conviver e até pedir para ler e corrigir as versões prévias de um trabalho como este. Pelo exemplo, pelo carinho, pelo tanto que me ensinaram, às vezes sem nem mesmo perceberem que o faziam.

À Maíra, que no momento em que escrevo essas linhas aguarda pacientemente na peça ao lado, agradeço por entender meus bizarros horários e as necessidades de minhas escritas sem fim, mas também por bem mais que isso: por me acompanhar através dos dias, por me ouvir, por me dizer quando sou bobo e quando não sou. Pelo amor.

Ao meu orientador, professor Grijó, que acompanha este trabalho desde quando a dissertação que agora concluo era apenas um projeto de pesquisa e o projeto – sejamos sinceros – era apenas um esboço um tanto confuso. Por abraçar a custosa tarefa de orientar um Jornalista que veio para a História, e fazê-lo com grande destreza, proporcionando-me, nos últimos dois anos, meu maior crescimento acadêmico.

À professora Claudia Wasserman e ao professor Temístocles Cezar, que compuseram minha banca de qualificação – e regressam para a defesa final –, pelas observações pertinentes que deram ainda mais foco e clareza ao que eu pretendia estudar. A eles, e ao professor Diorge Konrad, que se junta à banca examinadora no momento final desta pesquisa, meu agradecimento pela leitura e pelos apontamentos.

Ao professor Dirceu Dirk e ao professor Luís Augusto Farinatti, que muito antes de eu desembarcar na História haviam me inspirado a vir para este lado do conhecimento.

Ao CNPq (este certamente não lerá os agradecimentos), pelo apoio financeiro ao longo de dois anos de trabalho.

Ao Raul Ellwanger, a quem me orgulho poder chamar de amigo, pela ajuda inestimável que proporcionou a esta pesquisa desde antes de eu trazê-la para a academia, e por sua luta à exaustão por verdade, memória e justiça.

A Francisco Estevez e Óscar Aguilera, *compañeros* que têm lutado continuamente pela preservação da memória de Nilton Rosa da Silva no Chile.

A Amy Conger, que eternizou o adeus a Nilton, e gentilmente – e apesar das distâncias – compartilhou comigo suas recordações daquele dia.

A Carlos Beust, Isabel Ibarra, Ingrid Boerr e Sheila Borba, por terem sentado ao meu lado dispostos a lembrar o que viveram no Chile naqueles anos.

A Lucía Godoy e Jorge Berrios, por todo o apoio à minha pesquisa quando percorri os corredores do ex-Instituto Pedagógico. Através deles, agradeço também à atual Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, por ter aberto suas portas à minha busca por informações sobre Nilton da Silva e seus companheiros.

Ao professor Sebastián Cox, sempre acolhedor nos dias passados do outro lado dos Andes.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional de Chile e do Museo de la Memoria y los Derechos Humanos de Santiago.

Aos amigos Alexandre de Santi e Sílvia Lisboa, por aceitarem meu afastamento temporário das lides jornalísticas nesses dois anos e por – ainda assim – terem se convertido nos meus primeiros editores em meio a isso tudo.

Aos vários amigos com quem compartilhei – em diferentes medidas – felicidades e angústias desde 2014, especialmente ao Diego Altafini e à Marianna Rodrigues, mas também a: Angela Gelain, Bruna Castro, Fernanda Arispe, Daniel Cassol, Douglas Ceconello, Eduardo Covalesky, Felipe Prestes, Gabriel Eduardo Bortolini, Iuri Müller, João Renato Alves, Laura Gelain, Mírian Barradas e Murilo Basso.

*To all my on-line friends over TagPro, who might not realize how important they were to me in the last two years. Special thanks to “Bob Odenkirk” and “Abs”, who were there for me in the darkest nights, but also to many others with whom I shared countless moments of fun: “Abram”, “armed walrus”, “b00gers”, “Ball-Be-Free”, “BallGasol”, “Barbara Bush”, “Billy”, “BigSasagPza”, “C--”, “Curves”, “Damian”, “Dana Scully”, “Edd”, “eigenvector”, “EvTheSmev”, “First”, “For The Win”, “Fronj”, “Fuzzywuzzy”, “Guaderno”, “Hippo!”, “KBear”, “Kermit69”, “King Wuffa”, “LSX”, “Lenny9497”, “LuckySpammer”, “MaxW”, “MolagBall”, “moobear”, “NikoBallic”, “Nitro”, “okthen”, “Razgriz”, “RazorRamon”, “redbread”, “Russia”, “seltzer”, “Sir*

*Cle Jerk”, “Spiking”, “Superball” (or whatever name you’re using these days), “swerve”, “Turtle”, “Witch”, “yippie” and “yz”. Pretty sure if I forgot plenty. Thank you all.*



*En el destierro lejano  
quemaba una interrogante:  
¿cómo es la libertad?  
no puedo el rostro encontrarle.*

*La libertad eres tú,  
son tus ojos y tu pelo,  
es la leche de los niños,  
es la bandera del pueblo,  
es buenos días, señora,  
es el tranvía o el cerro,  
es el canto esperanzado,  
es Neruda en el desvelo,  
(libertad es el papel,  
complemento de mis versos,  
es el abuelo sentado,  
la pala del pirquinero,  
es el aire, son las flores,  
es el viaje de regreso,  
es el marinero errante,  
o el que se quedó en Quintero,  
es la noche y es el vino,  
es el mantel recién puesto,  
es el hombre trabajando  
en la fábrica o en el puerto  
es la esencia de los libros,  
es el silbido del viento,  
es no poder decir nunca  
que la libertad ha muerto.*

(Ángel Parra – Canción de la libertad, 1973<sup>1</sup>)

---

<sup>1</sup> Dizem os amigos de Nilton Rosa da Silva que o brasileiro costumava iniciar muitos de seus poemas, aqueles recitados de improviso, perguntando “o que é a liberdade?”. Esses versos são as respostas que o cantor chileno Ángel Parra deu à mesma pergunta, que também o perturbou após ele próprio se ver diante de um exílio forçado.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo central reconstituir a trajetória do poeta brasileiro Nilton Rosa da Silva, enfocando seu período como exilado político no Chile, entre 1971 e 1973. Em Santiago, Nilton da Silva estudou castelhano no Instituto Pedagógico da Universidade do Chile, publicou o livro de poesias *Hombre América*, e passou a militar na Frente de Estudiantes Revolucionarios (FER), um dos grupos estudantis do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR). O jovem brasileiro seria morto aos 24 anos de idade, em junho de 1973 (três meses antes do golpe de Estado liderado por Augusto Pinochet), por membros da Frente Nacionalista Patria y Libertad, milícia de ultradireita que lutava pela derrubada do presidente Salvador Allende. Defendendo a revolução armada para colocar o Chile no caminho do socialismo, mesmo durante o governo democrático da Unidad Popular (UP), o MIR era visto com reservas por setores moderados da esquerda. Ao mesmo tempo, porém, a organização procurava – desde fora – radicalizar os partidos da UP. A partir da análise da vida de Nilton da Silva, e das repercussões da sua morte, é possível discutir as disputas entre as estratégias “rupturista” e “sistêmica” da esquerda chilena durante o governo Allende, as possibilidades de acordo que se desenharam entre esses setores, e as maneiras como o MIR procurou conquistar esferas mais amplas para sua retórica em favor da necessidade de pegar em armas. Os usos políticos do assassinato de Nilton da Silva estão relacionados a essa busca: através da análise das apropriações do episódio, apreende-se o uso imediato que o MIR fez de sua morte, tentando construir o jovem militante como um mártir revolucionário em um período de crescente temor frente a um golpe reacionário. Discute-se, ademais, a forma como a vida e a morte de Nilton da Silva seriam eventualmente ressignificadas nas décadas seguintes, passando a incluí-lo em uma narrativa mais ampla, ao lado de outras vítimas das ditaduras brasileira e chilena.

**Palavras-chave:** Assassinato político. Chile. Golpe civil-militar. Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR). Nilton Rosa da Silva.

## ABSTRACT

This thesis aims to recreate the trajectory of the Brazilian poet Nilton Rosa da Silva, focusing on his time as a political exile in Chile, from 1971 to 1973. In Santiago, Silva studied Spanish at the Pedagogical Institute of the University of Chile, published his poetry book *Hombre América*, and became a member of the Revolutionary Students Front (FER), one of Revolutionary Left Movement's (MIR) groups in the student movement. The young Brazilian was killed at the age of 24 in June 1973 (three months prior to the coup led by Augusto Pinochet), by members of the Fatherland and Liberty Nationalist Front, a far-right militia that fought to overthrow the president, Salvador Allende. Advocating the need of an armed revolution to place Chile in the path of Socialism, even during the Popular Unity's (UP) democratic administration, MIR was seen with hesitations by the moderate left. At the same time, however, MIR sought to radicalize the UP parties. By analyzing Nilton da Silva's life and the impact of his death, it is possible to discuss the disputes between the "rupturist" and "systemic" strategies of the Chilean left during the Allende administration, the chances of agreement between these sectors, and the ways in which MIR sought to conquer wider segments to its rhetoric in favor of the need to take up arms. The political uses of Nilton da Silva's murder are related to this goal: by examining the appropriation of his death, we are able to see the immediate use that MIR did of this episode, trying to construct the young activist as a revolutionary martyr in a period of growing fear towards a reactionary coup. This work discusses, moreover, how the life and death of Nilton da Silva would eventually be re-signified in the following decades, now being included in a broader narrative, along with other victims of the Brazilian and Chilean dictatorships.

**Keywords:** Political murder. Chile. Civil-Military coup. Revolutionary Left Movement (MIR). Nilton Rosa da Silva.

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b>	<b>13</b>
<b>2 O (auto) exilado Nilton</b>	<b>25</b>
<b>2.1 Deixando o Brasil</b>	<b>25</b>
<b>2.2 Dias no Pedagógico</b>	<b>30</b>
<b>3 O mirista Nilton</b>	<b>42</b>
<b>3.1 O MIR frente à UP</b>	<b>42</b>
<b>3.2 Ser mirista no Instituto Pedagógico</b>	<b>55</b>
<b>3.3 A poesia militante de Nilton da Silva</b>	<b>59</b>
<b>3.4 A Greve de Outubro de 1972</b>	<b>66</b>
<b>4 O mártir Nilton</b>	<b>72</b>
<b>4.1 As crises de 1973</b>	<b>72</b>
<b>4.2 Sexta-feira, 15 de junho de 1973</b>	<b>75</b>
<b>4.2.1 Assassinato na Alameda</b>	<b>79</b>
<b>4.3 Domingo, 17 de junho de 1973</b>	<b>85</b>
<b>5 Um herói para a causa mirista</b>	<b>91</b>
<b>6 Apropriações posteriores</b>	<b>113</b>
<b>7 Considerações finais</b>	<b>126</b>
<b>Lista de siglas</b>	<b>131</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>133</b>
<b>Anexos</b>	<b>147</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao final da tarde de 15 de junho de 1973, uma sexta-feira de céu escuro e chuva em Santiago do Chile, o estudante brasileiro Nilton Rosa da Silva tombou em uma esquina do centro da cidade, fulminado por um tiro na cabeça disparado em meio a uma série de conflitos e manifestações políticas que se desenrolavam naquele dia. Dali, provavelmente na altura do cruzamento entre a rua San Martín e a Alameda Bernardo O’Higgins<sup>2</sup>, não muito longe do Palácio de La Moneda, ele foi levado às pressas ao Hospital de Neurocirurgia da capital chilena, onde sua morte seria oficialmente declarada pelos médicos de turno. Nilton tinha 24 anos de idade, os dois últimos vividos em solo chileno.

Natural de Cachoeira do Sul (RS), Nilton da Silva havia militado no movimento estudantil de seu estado, chegando a integrar a direção da União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas (UGES) no biênio 1967/1968<sup>3</sup>, quando estudava no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, antes de o Ato Institucional Número 5 colocar a UGES à margem da legalidade. Como muitos de seus companheiros de atuação política e colegas de aula, decidiu escapar à ditadura brasileira, partindo ao exílio pouco tempo depois. O Chile vinha então atraindo muitos militantes identificados politicamente à esquerda, saídos de diferentes pontos da América Latina, não somente pela persistente manutenção da ordem legal e democrática em um continente eivado por regimes militares<sup>4</sup>, mas particularmente após a eleição do candidato socialista Salvador Allende à presidência da República, em setembro de 1970.

Allende, depois de haver sido derrotado três vezes em pleitos presidenciais anteriores, mas sempre renovando seu mandato como senador nas eleições legislativas celebradas a cada intervalo<sup>5</sup>, encontrou naquele ano o cenário que previra como ideal para

---

<sup>2</sup> Esta localização consta no relatório da Comissão Nacional da Verdade (2014, p. 1248-9), na parte relativa à morte de Nilton Rosa da Silva e baseada no relato de Oscar Aguilera, seu amigo pessoal. Outra localização possível, não muito longe dali, seria a esquina entre a rua San Martín e Agustinas, próxima a uma sede do Partido Socialista (ELLWANGER, Raul. Entrevista concedida ao autor em 5 de junho de 2013).

<sup>3</sup> LISBÔA, Susana Keniger. Anexo II – Rio Grande do Sul: Militantes Mortos e Desaparecidos. In: PADRÓS, Enrique Serra et al. (org.). *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*, vol. 2, Repressão e Resistência nos “Anos de Chumbo”. Porto Alegre: Corag, 2010, p. 287.

<sup>4</sup> Ao longo deste trabalho, farei uso do termo “regime militar” de forma intercambiável com “ditadura”. Embora reconheça que o uso de “regime” traga em si um teor muitas vezes amenizador das atrocidades cometidas pelas ditaduras do período (abrandamento com o qual não compactuo), tal opção se dá a fim de manter a fluência do texto e evitar redundâncias.

<sup>5</sup> Salvador Allende, senador reeleito sucessivamente desde 1945, havia alternado suas vitoriosas campanhas por cargos legislativos com derrotas na corrida presidencial: participou do pleito em 1952, quando conquistou apenas 5,45% dos votos, mas se afirmou como o nome forte da esquerda, voltando a tentar a

concretizar uma eventual vitória.<sup>6</sup> Diferentemente do que havia ocorrido em 1964, quando os partidos conservadores abdicaram de um candidato próprio para apoiar o centrista Eduardo Frei Montalva, do Partido Democrata Cristão (PDC), em 1970 o cenário voltou a ser tripartite como nas décadas anteriores. Sem reeleição prevista em lei, o PDC, impedido de renovar o mandato de Frei, investiu em Radomiro Tomic, cujo discurso de intensificação das reformas sociais desagradou a direita que havia apoiado a democracia-cristã até ali. Os grupos conservadores decidiram, então, endossar o ex-presidente Jorge Alessandri, que oficialmente concorria sem partido, mas era historicamente ligado às siglas alinhadas às oligarquias nacionais.<sup>7</sup>

À frente da Unidade Popular (UP), uma coalizão de esquerda encabeçada pelo Partido Socialista (PS) e pelo Partido Comunista Chileno (PCCh), Salvador Allende seria o candidato mais votado em 1970, mas jamais pôde contar com uma maioria absoluta: desde antes da posse, viu-se obrigado a negociar termos com os partidos que comporiam sua futura oposição.<sup>8</sup> A contrariedade ferrenha que encontrou em setores da democracia-cristã e do Partido Nacional (PN) seria acompanhada por discordâncias dentro da própria UP, num constante debate sobre os rumos a seguir no que se prometia como a “via chilena ao socialismo” – em tese, uma difícil transição a um modelo econômico socialista sem pegar em armas, sem apostar em rupturas violentas, buscando respeitar a legislação existente e os trâmites da “democracia burguesa”; uma “revolução de empanadas e vinho tinto”, como gostava de brincar Allende.<sup>9</sup> Gradativamente, porém, setores internos da

---

presidência em 1958 (28,9% dos votos, apenas 33 mil a menos que o eleito Jorge Alessandri) e em 1964 (39% dos votos, derrotado por Eduardo Frei Montalva, que teve 56%).

<sup>6</sup> Para Allende, o necessário para se chegar à presidência era “uma direita dividida e uma esquerda ferreamente unida”, compondo um cenário com três correntes políticas diferentes disputando o eleitorado. ALEGRIA, Fernando. *Salvador Allende*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 48.

<sup>7</sup> Em 1958, Jorge Alessandri – filho de Arturo Alessandri, presidente do Chile entre 1920 e 1925 e entre 1932 e 1938 – havia sido eleito como candidato “independente”, mas contando com o apoio coligado do Partido Conservador e do Partido Liberal. Em 1970, a candidatura alessandrista teria o apoio do Partido Nacional (PN), sigla fundada quatro anos antes a partir da fusão entre conservadores e liberais.

<sup>8</sup> Salvador Allende triunfou em 1970 com 36,6% dos votos, superando por estreita margem Jorge Alessandri (35,3% do eleitorado), além de Radomiro Tomic (28,1% dos votos). Sem segundo turno, Allende precisaria ter a posse confirmada pelo Congresso, que se reuniria em 24 de outubro para decidir entre os dois candidatos mais votados. Ainda que tradicionalmente o primeiro colocado das urnas sempre fosse escolhido neste caso, a hipótese da não-eleição do candidato socialista foi considerada seriamente na imprensa e em círculos políticos. Diversos documentos desclassificados em décadas posteriores demonstraram a tentativa dos Estados Unidos de arquitetar um “golpe brando”, fazendo o Congresso votar em Alessandri, que renunciaria e convocaria novas eleições imediatamente – nelas, Eduardo Frei Montalva estaria novamente elegível, e a oposição a Allende poderia repetir a estratégia de 1964, apoiando seu nome *en masse*. No entanto, setores progressistas do PDC, abertos ao diálogo com a esquerda, garantiram seu apoio à UP no Congresso, em troca da assinatura, por Allende, de um “Estatuto de Garantias Democráticas”. Sobre o envolvimento dos Estados Unidos nas conspirações para evitar a posse da UP. Cf. Marín (1976), Verdugo (2003), Basso Prieto (2013).

<sup>9</sup> WINN, Peter. *A Revolução Chilena*. São Paulo: UNESP, 2010, p. 68.

Unidade Popular passariam a defender uma radicalização do processo, enquanto outros grupos – e o próprio presidente – buscariam uma conciliação com os opositores, gerando um impasse que não seria resolvido até o golpe de Estado.

Foi a esse país fortemente dividido que Nilton Rosa da Silva chegou em fins de 1971, cerca de um ano após a eleição que colocou a esquerda nos corredores de La Moneda. Uma vez em Santiago, o brasileiro teve o ingresso aceito no curso de graduação em castelhano oferecido pelo então Instituto Pedagógico da Universidade do Chile<sup>10</sup>, onde logo retomou a rotina militante que havia iniciado em seu país natal. Passaria a integrar a Frente de Estudantes Revolucionários (FER), um dos braços universitários<sup>11</sup> do Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR).

As discussões da esquerda, bem como suas discordâncias, foram com frequência vividas por Nilton Rosa da Silva dentro do âmbito universitário, dada a efervescência política experimentada nos corredores do Instituto Pedagógico. Dedicado a uma poesia militante, publicando um livro a mimeógrafo (intitulado *Hombre América*) cujos versos se identificavam em parte com o discurso do MIR, Nilton também foi um participante ativo nas ações levadas a cabo pelo movimento naqueles dias, algumas das quais se realizavam a contrapelo do próprio posicionamento oficial do governo – como, por exemplo, a ocupação de um supermercado durante a greve de transportadores que, a partir de outubro de 1972, levaria a uma espiral inflacionária e à escassez de alimentos. Mais do que isso, porém, os detalhes do assassinato do estudante brasileiro – e suas repercussões – também são dignos de observação, e por isso são analisados em detalhe neste trabalho. Em 17 de junho de 1973, o domingo que se seguiu à morte de Nilton, milhares de pessoas acompanharam seu cortejo fúnebre pelas ruas da cidade, até o Cemitério Geral na comuna da Recoleta.

Outros miristas haviam morrido antes, alguns em situação de combate real como Nilton, outros de forma incidental – caso mais notório foi de Luciano Cruz, em 1971, um dos principais líderes do movimento à época, que faleceu em casa, sufocado pelo vazamento de gás de uma estufa. Quase nenhum deles havia provocado uma resposta tão ampla, em termos de organizações envolvidas no momento da despedida, quanto o

---

<sup>10</sup> Após o processo de privatização do ensino superior realizado por Augusto Pinochet nos anos 1980, o antigo Instituto Pedagógico foi desmembrado da Universidade do Chile, tornando-se uma instituição independente. Atualmente, é conhecido pelo nome de Universidade Metropolitana de Ciências da Educação (UMCE).

<sup>11</sup> O outro grupo importante ligado ao MIR com atuação nesse setor era o Movimiento Universitario de Izquierda (MUI).

brasileiro quase desconhecido. A situação havia mudado muito nos dois anos entre Cruz e Nilton da Silva. Em 1973, os problemas da vida cotidiana do Chile haviam se agravado dramaticamente em comparação ao primeiro ano, relativamente bem-sucedido, da UP, aumentando as fissuras políticas e radicalizando os setores de oposição, alguns dos quais gritavam abertamente em favor de um golpe. Se nos interessa reconstituir a trajetória e a militância de Nilton em solo chileno, também lançamos nosso olhar sobre a maneira como sua morte e seu cortejo fúnebre foram apropriados pelos atores políticos naquela etapa em que o governo de Salvador Allende atingia o que viria a ser sua crise final, da qual não haveria ponto de retorno.

A morte de Nilton Rosa da Silva seria ressignificada de diversas formas. Para os exilados brasileiros, seus colegas na universidade, parece ter servido para reafirmar a resistência e oposição ao governo vigente em seu próprio país, reforçando o posicionamento político que defendiam e pelo qual Nilton acabara por dar a vida. No Instituto Pedagógico, o episódio também teve sua interpretação particular, assumida com mais força depois do golpe civil-militar: ele é lembrado como uma espécie de “primeira vítima da ditadura” na instituição – caído em democracia, mas já durante o processo que levou ao golpe do general Pinochet. A relação posterior de sua morte ao contexto de ditaduras latino-americanas, como no exemplo recente da inclusão do nome de Nilton da Silva no relatório da Comissão Nacional da Verdade concluído no Brasil em 2014, explicita a forma como sua morte foi incluída numa narrativa posterior das repressões políticas. Escritos e pronunciamentos de lideranças do MIR à época demonstram, ainda, uma tentativa de colocar o martírio de Nilton dentro de uma narrativa heroica da esquerda revolucionária e internacionalista latino-americana.

Conhecendo o final de sua vida e o funeral que reuniu milhares de pessoas nas ruas de Santiago, o primeiro poema incluído por Nilton Rosa da Silva no volume soa surpreendentemente profético:

Mi nombre no es más mi nombre,  
 porque yo no soy, siquiera yo,  
 porque soy hombre, hermano, combatiente,  
 porque hoy soy arma, polvo, agua y sangre.  
 Hoy soy américa dormida que despierta,  
 soy los explotados del mundo  
 que se rebelan,  
 soy los fusiles que empuñan  
 los pueblos en lucha.



Hoy soy pueblo...<sup>12</sup>

De certo modo, pode-se dizer que, ao encontrar a morte numa esquina chuvosa de Santiago em 15 de junho de 1973, Nilton deixou de ser ele mesmo e passou a ser – no discurso do mirismo – aquilo que fizeram dele, as apropriações e construções que se efetuaram naquele contexto de crise. É evidente, contudo, que nenhuma premonição pode ser encontrada nas linhas escritas por Nilton. Não é improvável que ele tenha, mais de uma vez, considerado a hipótese de morrer por suas convicções políticas – tendo saído do Brasil em pleno governo Médici e militando num movimento que defendia o uso das armas para criar o “poder popular” –, e isso pode ser percebido em outras passagens de seu texto. Mas a invocação às tonitruantes linhas do “Poema I” de *Hombre América* deveria ser apenas isso: um tributo à eloquência dos versos, uma tentativa de atribuir um sentido retrospectivo à trajetória de um militante que morreu pela “causa do povo”, como o MIR fez questão de insistir. Numa investigação histórica, é preciso ir além da poesia e das convenientes apropriações de biografias a discursos políticos.

A crítica de Pierre Bourdieu à “ilusão biográfica” parece muito pertinente no exemplo – um tanto ingênuo – que menciono acima. Em seu texto já clássico, o francês propõe um questionamento à noção da biografia conferida pela linguagem cotidiana, segundo a qual “uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência concebida como uma história e o relato dessa história”.<sup>13</sup> Incorrer nesse equívoco tão frequente implica encarar a biografia como uma narrativa estruturada de tal forma que nos vemos diante de uma descrição dos fatos como se toda a trajetória fosse um “percurso”: um começo conhecido<sup>14</sup> e etapas intermediárias mais ou menos esperadas, sempre convergindo para um fim que pode ser apresentado não apenas como inevitável, mas mesmo “lógico” para aquela trajetória. O “encerramento” da narrativa pode ser

<sup>12</sup> Poema I. SILVA, Nilton Rosa da. *Hombre América*. Santiago de Chile: mimeo., 1972, s.p.

<sup>13</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183.

<sup>14</sup> Luiz Alberto Grijó (2008, p. 86) argumenta que os textos biográficos estão muitas vezes “velados pelo mento do referencial *arché-telos*”. A *arché* surge como complementar ao *telos* (nos termos definidos por Bourdieu em sua crítica à “ilusão biográfica”): enquanto este último pode aparecer na biografia como um objetivo lógico e realizador para a trajetória narrada, a *arché* também pode ser construído no texto como uma “origem” dotada de sua própria lógica, de modo que o caminho entre um e outro chega, às vezes, a ser colocado como um projeto previamente calculado pelo indivíduo – ou, mesmo, predeterminado por agentes e pelas condições externas a eles, implicando, no extremo, até uma “predestinação”. Cf. GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê?. In: CORADINI, Odaci Luiz (org.). *Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 85-102.

apresentado como um autêntico objetivo da existência narrada, um *telos*, de modo que o texto acabe estruturado em uma “ordem cronológica que também é uma ordem lógica”.<sup>15</sup>

Esse risco é muito presente em autobiografias e memórias de indivíduos que escrevem sobre suas próprias trajetórias, tentando estabelecer um sentido e uma interpretação *a posteriori* às decisões tomadas, mas o biógrafo não está imune a esse impulso de aplicar uma “coerência” aos acontecimentos. O uso de um estudo de trajetória permite-nos desfazer certas concepções equivocadas, assim como observar certos aspectos do passado que não seriam possíveis sem um olhar sobre o indivíduo e as alternativas que se colocaram diante dele ao longo da vida. Longe vai o tempo em que a biografia era usada meramente com o objetivo de “lutar contra o olvido, escolher o que a posteridade deve guardar e dar a conhecer um certo número de traços característicos de uma personalidade em questão”,<sup>16</sup> de preferência abordando uma personalidade “heroica” e moralizante. Convém ter em conta que a retomada do gênero biográfico por parte de muitos historiadores sobretudo na metade final do século XX se deve, em grande parte, ao abandono da velha ideia de encerrar o relato de uma vida em si mesma. Interessa, mais, partir de determinada trajetória – e não necessariamente a de um “grande sujeito da história” – para reinterpretar questões históricas:

Obviamente que, pelo menos no campo do conhecimento histórico, a relação indivíduo/sociedade não se constitui propriamente num problema novo. Contudo, na maior parte das vezes, os autores tenderam a enfatizar um dos polos da relação: o homem ou o contexto, o sujeito ou a estrutura, o voluntarismo ou o determinismo, a liberdade ou a necessidade. Hoje, pelo contrário, um número significativo de historiadores procura pensar a articulação entre as trajetórias individuais examinadas e os contextos nos quais estas se realizaram como uma via de mão dupla, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais, do tipo “a vida dos grandes vultos”), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas ortodoxas).<sup>17</sup>

Assim, é preciso ter em consideração as possibilidades abertas ao indivíduo pelo contexto em que se encontra, e até que ponto a pessoa inserida nesse cenário é capaz de encontrar margens de ação. Muitas vezes, tomando-se um objeto à luz de seu final (quando este é conhecido), tende-se a estabelecer um sentido para uma série de decisões que, se bem podem ter sido fruto de algum cálculo, frequentemente são tomadas sem

---

<sup>15</sup> BOURDIEU, 2006, p. 184.

<sup>16</sup> DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma Vida. São Paulo: USP, 2009 p. 125.

<sup>17</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas, aproximações e afastamentos. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997, p. 15.

planejamento prévio, sem a devida ponderação de consequências a longo prazo, respondendo a necessidades impostas por um contexto que também muda – às vezes com grande rapidez, que impossibilita qualquer ato mais calculado. Para Bourdieu, não é possível compreender uma trajetória “sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou”<sup>18</sup> e, a seguir, as relações objetivas entre o agente considerado e os outros agentes envolvidos naquele campo que está sendo estudado. Em outro trabalho, ele questionará a “transformação do trajeto em projeto”, que faz os pesquisadores agirem “como se os agentes sempre tivessem tido como finalidade, no sentido de objetivo, o fim, no sentido de termo, de sua trajetória”.<sup>19</sup>

Norbert Elias, em texto publicado originalmente em 1939, já apontava para uma discussão sobre as potencialidades e os limites das ações individuais dentro de (e frente a) certo contexto de regras implícitas. Como o autor postula, “a existência de muitas pessoas, sua vida em comum, seus atos recíprocos, a totalidade de suas relações mútuas [dão] origem a algo que nenhum dos indivíduos, considerado isoladamente, tencionou ou promoveu”.<sup>20</sup> No entanto, mesmo que esses atos individuais sejam dotados de importância, contribuindo minimamente para moldar determinada situação, existe sempre uma limitação: “apesar de toda a sua liberdade individual de movimento, há também, claramente, uma ordem oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos”.<sup>21</sup> Essa ordem não é um ordenamento propriamente dito, mas uma espécie de barreira que se apresenta à pessoa – sem se revelar totalmente – colocando diante dela as várias escolhas que compõem a “gama de possíveis” de cada um.

Escrevendo em 1953, Isaiah Berlin também se dedicou a discutir os limites – e o peso – das ações individuais, em um ensaio sobre o que chama a “inevitabilidade histórica”. Nesse trabalho, o autor critica tanto perspectivas deterministas quanto relativistas quando se busca observar o mundo de forma analítica e crítica. Ambas, segundo Berlin, contribuem a seu modo para tentar minimizar o peso das ações individuais. Se a visão determinista tenta atribuir a responsabilidade dos acontecimentos a forças “impessoais”, às vezes abstratas, ela nada mais faz do que pegar “o peso da responsabilidade” das ações humanas e transferi-lo precisamente “para as costas largas

---

<sup>18</sup> BOURDIEU, 2006, p. 190.

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. 11.ed. Campinas: Papyrus, 2011, p. 146.

<sup>20</sup> ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994 p. 19.

<sup>21</sup> ELIAS, 1994, p. 21.

dessas vastas forças impessoais”.<sup>22</sup> A visão relativista, por sua vez, seria culpada por provocar um certo cinismo que bloqueia tentativas de interpretação mais aprofundadas. Sem absolver nenhuma das perspectivas, Berlin aponta os argumentos de cada parte como alegações “daqueles que não podem ou não desejam enfrentar o fato da responsabilidade humana, a existência de uma área limitada, mas ainda assim real, de liberdade humana”.<sup>23</sup>

Essas considerações aparecerão também, alguns anos mais tarde, entre os historiadores que iniciaram o que ficaria conhecido como a *microstoria* italiana. A margem de liberdade individual aparece de forma bastante imagética na comparação feita por Carlo Ginzburg durante a introdução de *O queijo e os vermes*. Mesmo ao se analisar um indivíduo que não se enquadraria dentro do modelo que poderia ser considerado “típico” de sua época ou condição social – caso do moleiro Menocchio, certamente não um “camponês médio” capaz de se tornar um exemplar modal –, a singularidade não consegue extrapolar certas condições impostas pela cultura da época, do local ou da classe em que se vive – em suma, das circunstâncias que o rodeiam. Desta maneira, existe, segundo Ginzburg, “um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”.<sup>24</sup>

No potencial de analisar a extensão desse “horizonte”, das muitas maneiras de atuar dentro dele – e tentar dobrar suas normas – reside a grande importância do uso da biografia no estudo histórico, segundo Giovanni Levi, outro autor ligado à micro-história. De acordo com Levi, estudos biográficos podem colaborar na indagação sobre a liberdade de escolha dos indivíduos frente às diversas opções que lhes são colocadas durante a vida, e até que ponto essa liberdade é capaz de operar frente aos “sistemas normativos” nos quais a pessoa observada está inserida (ou vem a inserir-se em dado momento), assim como as relações do agente em foco com o grupo maior do qual faz parte. Para o historiador italiano, a biografia permite verificar “o caráter intersticial [...] da liberdade de que dispõem os agentes”,<sup>25</sup> ou seja, oferece a oportunidade de observar o funcionamento concreto de tais sistemas normativos, das brechas e potencialidades que se apresentam para as ações executadas dentro deles. Escreve Levi:

---

<sup>22</sup> BERLIN, Isaiah. A inevitabilidade histórica. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 189.

<sup>23</sup> BERLIN, 2002, p. 225.

<sup>24</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 20.

<sup>25</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 180.

a importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas.<sup>26</sup>

No caso de Nilton da Silva, as considerações dos autores citados se mostram pertinentes, no que diz respeito tanto à relativa liberdade de escolhas que ele possuía – por exemplo, no caso do exílio, havia também a possibilidade de permanecer no Brasil, ainda que implicando em um ônus que talvez encarasse como excessivamente pesado para sua segurança pessoal; no caso do partido em que militou, também havia a chance de escolher uma organização de esquerda que não tivesse o mesmo estigma do MIR, etc. –, mas também quanto aos condicionamentos impostos pelo contexto. Assim, reveste-se de importância analisar as escolhas tomadas frente àquele cenário. Como argumenta Mário Grynszpan,

O exame de trajetórias individuais nos permite avaliar estratégias e ações de atores em diferentes situações e posições sociais, seus movimentos, seus recursos, as formas como os utilizam ou procuram maximizá-los, suas redes de relações, como se estruturam, como se acionam, nelas se locomovem ou as abandonam.<sup>27</sup>

Para isso, é necessário partir de documentos e fontes orais, que necessariamente passam por uma seleção – mesmo que involuntária – nas mãos do pesquisador. Deve-se ter em consideração uma margem narrativa de “imaginação”, não para inventar fatos, não para estabelecer um sentido oculto coerente (e inexistente) como critica Bourdieu, mas a fim de propor hipóteses prováveis que ajudem a resolver nosso problema – sempre a partir daquilo que os documentos apontam. Uma frase de Natalie Davis na abertura de *O retorno de Martin Guerre* parece explicitar essa preocupação: “o que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”.<sup>28</sup>

Nilton Rosa da Silva, evidentemente, não é Martin Guerre – com as implicações positivas e negativas que isso traz ao pesquisador. Nilton não é um indivíduo cuja trajetória só podemos reconstituir com base em vestígios legados por séculos passados: sua existência é recente e muitos de seus contemporâneos estão vivos. Pude ouvi-los e,

---

<sup>26</sup> LEVI, 2006, p. 180.

<sup>27</sup> GRYSZPAN, Mário. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 14, out. 1990, p. 74-75.

<sup>28</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 21.

graças aos avanços técnicos, também pude indagar outros registros que em épocas passadas se perderiam— discursos nos quais ele é mencionado após a morte podem ser recuperados por meio de gravações, e vários pequenos fragmentos de textos escritos a seu respeito, por amigos e ex-colegas, e até alguns recortes de imprensa, além, é claro, do seu próprio livro mimeografado, um documento já raro passadas apenas quatro décadas de sua morte, podem ser obtidos das maneiras diversas, em arquivos pessoais ou públicos.

Por outro lado, há a dificuldade imposta por uma vida curta que só ganhou notabilidade após seu trágico fim. Nilton da Silva viveu apenas 24 anos. Não teve tempo de produzir mais textos que permitam elucidar seus posicionamentos, e nem rendeu, em vida, qualquer registro conferido a personagens contemporâneos seus que ocupavam papéis de liderança no MIR. Era um militante comum, um anônimo, que ganhou espaço na documentação do período por ter se convertido num mártir acidental – tudo o que se escreveu sobre Nilton foi feito após sua morte, e esses materiais estão marcados tanto pela comoção do momento (em especial a apropriação política imediata que se fez do assassinato, nos meses prévios ao golpe de 1973) quanto, posteriormente, por uma luta contra o esquecimento de um jovem que foi vítima do processo que levou à ditadura chilena – mas, pela questão temporal de seu assassinato, não podia ser colocado na narrativa mais ampla das vítimas da repressão pinochetista. É impossível reconstituir com exatidão muitos dos pensamentos de Nilton, das razões íntimas que o levaram a tomar determinadas escolhas, mas é possível tentar explicá-las – e relacioná-las ao contexto – a partir das fontes obtidas.

Desse modo, este trabalho tem como objetivo principal reconstituir a trajetória de Nilton da Silva durante seu período como exilado político, estudante de castelhano no Instituto Pedagógico e membro da FER/MIR em Santiago do Chile. Com a análise de sua morte e as repercussões desse episódio, discuto também de que maneira seu assassinato se inclui num contexto de articulações entre as militâncias de esquerda, sendo assim parte de um processo maior, em meio a uma tentativa do MIR de atrair setores radicalizados da UP para sua proposta revolucionária. A partir do estudo da trajetória e da morte, são ainda objetivos deste trabalho refletir as possíveis razões que levariam um jovem como Nilton a escolher o MIR (e não um dos partidos “tradicionais”), a forma como o debate político nacional aparecia nos corredores do Instituto Pedagógico, de que maneiras sua poesia trazia (ou não) traços dessa militância, além de analisar as aparições de Nilton nos discursos miristas às vésperas do golpe de Estado e a maneira como sua morte foi apropriada por falas que tentavam promover a proposta de radicalização da esquerda

levada a cabo pela organização. Por fim, proponho ainda uma reflexão das ressignificações posteriores da trajetória de Nilton, que acabou por incluí-lo oficialmente em listas de vítimas das ditaduras, ainda que não tenha sido morto diretamente nem pelo regime brasileiro nem pelo chileno.

Entre outros documentos que permitem uma reconstrução do pensamento do MIR e do contexto chileno da época, este trabalho se baseia em recortes da imprensa – brasileira e chilena – do período, em relatos testemunhais colhidos através de entrevistas com ex-colegas e amigos de Nilton<sup>29</sup>, nos (limitados) escritos que ele deixou, nos textos e poemas produzidos por seus amigos para exaltar sua memória, bem como em documentos internos do MIR e dos partidos da UP, discutindo tanto as ações a seguir quanto seus posicionamentos frente à crise que se agravava. Com a mortandade e desarticulação promovidas pela ditadura entre o mirismo, grande parte de seus arquivos se perdeu ou está dispersa. Os posicionamentos e declarações do MIR foram retirados, sobretudo, das revistas *Punto Final*, *Estrategia* e do jornal *El Rebelde*, mantidos pela organização, ou – quando não encontrados nessas fontes – dos documentos internos reproduzidos integralmente nos volumes editados por Pedro Naranjo *et al.* (2004) e Víctor Farías (2000), além do acervo digital do Centro de Estudios Miguel Enríquez (CEME).

---

<sup>29</sup> Foram realizadas, no período entre 2013 e 2015, dez entrevistas com oito pessoas diferentes, relacionadas de alguma forma a Nilton Rosa da Silva ou ao Instituto Pedagógico. Foram entrevistados Raul Ellwanger (em duas ocasiões, em 5 de julho de 2013 e 26 de setembro de 2014, ambas em Porto Alegre); Carlos Beust (11 de junho de 2013, em Porto Alegre); Amy Conger (por e-mail e em duas oportunidades, em 20 de agosto de 2014 e em 13 de outubro de 2014); Sheila Borba (31 de outubro de 2014, em Porto Alegre); Isabel Ibarra (1º de dezembro de 2014, em Porto Alegre); Ingrid Boerr (8 de setembro de 2015, em Santiago do Chile); Lucía Godoy (8 de setembro de 2015, em Santiago do Chile); Francisco Estevez (em duas oportunidades, em 9 e 10 de setembro de 2015, em Santiago do Chile); e Oscar Aguilera (em 10 de setembro de 2015, em Santiago do Chile). Sobre a relação das fontes com Nilton Rosa da Silva:

- Raul Ellwanger estudou no Instituto Pedagógico na mesma época em que Nilton, mas não foi seu colega e nem conviveu com ele; aproximou-se mais da história do mirista no período da redemocratização, por sua atuação no Comitê Carlos de Ré;
- Carlos Beust conheceu Nilton no Brasil, no movimento secundarista; também se exilou no Chile, onde militou no MIR;
- Amy Conger, fotógrafa estadunidense, viveu no Chile na época de Salvador Allende e registrou em imagens o funeral de Nilton;
- Sheila Borba não conheceu Nilton da Silva. Passou pelo Instituto Pedagógico antes da chegada dele a Santiago, interrompendo os estudos em 1971;
- Isabel Ibarra, chilena, foi amiga próxima de Nilton e sua colega tanto no Pedagógico quanto na FER/MIR;
- Ingrid Boerr, colega de Nilton no Pedagógico, não era de seu círculo de amizades mais próximas, mas conviveu com o brasileiro e guardou o único exemplar conhecido de *Hombre América*. Militou no PCCh;
- Lucía Godoy é coordenadora do Patrimônio Histórico-Cultural da atual UMCE, ex-Instituto Pedagógico;
- Francisco Estevez, colega de Nilton no Pedagógico, um de seus amigos próximos na época e atuante na preservação da memória do brasileiro. Estiveram juntos na coordenação do centro acadêmico do curso, embora Estevez militasse no MAPU;
- Oscar Aguilera, também colega de Nilton no Pedagógico e outro de seus amigos mais próximos, tem liderado as iniciativas de memória relacionadas ao brasileiro e é autor de diversos textos que serviram de base às diferentes investigações de Comissões de Direitos Humanos, incluindo a CNV encerrada em 2014.

Como os textos deixados por Nilton da Silva estão em espanhol, e são na maioria poemas, optei por não traduzir nenhuma citação de texto escrito originalmente naquela língua. Os únicos trechos em espanhol que foram traduzidos são aqueles relativos às entrevistas que realizei com chilenos, em uma opção por tornar a informação mais clara e evitar possíveis ruídos da oralidade em uma língua estrangeira.

Também convém esclarecer que, em diferentes momentos do trabalho, ao descrever as opções táticas do MIR, usarei termos relativos à busca por uma “unidade” da esquerda. Essa é a palavra que o mirismo constantemente adota para se reportar às tentativas de aproximação com a UP mas, como ficará claro ao longo do trabalho, quando se fala em “união”, o que o movimento pretende não é exatamente uma conciliação geral da esquerda em nome da qual os miristas estariam dispostos a ceder. A “unidade” almejada pela organização era a atração dos setores radicalizados do governo para que atuassem *dentro* das posturas defendidas pelo MIR, superando as atitudes que o grupo considerava “reformistas”.

O presente trabalho está estruturado em cinco partes principais, além deste capítulo introdutório e de um final, à guisa de conclusão: no próximo capítulo (2), analisa-se o cotidiano de Nilton da Silva no exílio, além de um breve olhar sobre sua vida pouco antes de deixar o Brasil; a parte seguinte (3) trata da sua militância, com uma análise sobre os debates do MIR com a UP, um estudo sobre o livro *Hombre América* e as atividades desenvolvidas por Nilton enquanto membro da FER/MIR; o tópico posterior (4) diz respeito ao assassinato do brasileiro; segue-se um capítulo (5) no qual são discutidas as apropriações políticas imediatas de sua morte e, por fim, a parte 6 dedica-se a problematizar as maneiras pelas quais a imagem de Nilton Rosa da Silva foi ressignificada nas décadas posteriores, deixando de ser uma mera fatalidade da contingência chilena de 1973 e passando a integrar uma narrativa mais ampla que o inclui entre as vítimas dos regimes ditatoriais da época.



## 2 O (AUTO) EXILADO NILTON

### 2.1 DEIXANDO O BRASIL

Nilton Rosa da Silva havia iniciado sua militância política ainda em Porto Alegre. Nascido em Cachoeira do Sul, na região central do Rio Grande do Sul, em 2 de fevereiro de 1949, o jovem partira para a capital do estado na metade dos anos 60 a fim de realizar os estudos secundários no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Em meio aos tempos que se seguiram ao golpe de Estado de 1964, aquela era uma época de grande efervescência política nos corredores da escola, com assembleias e manifestações sendo uma parte quase que indissociável da rotina dos estudantes. Cláudio Gutiérrez, ex-aluno e contemporâneo de Nilton nas aulas dessa época, define a imagem que o colégio construiu nesses dias: “Em todas as cidades existem locais que, por sua significação no imaginário das pessoas, tornam-se referências, verdadeiros símbolos. O Colégio Júlio de Castilhos, o Julinho, é, para os porto-alegrenses, sinônimo de inconformidade e rebeldia”.<sup>30</sup>

Rodeado por diversas correntes de esquerda opostas ao regime militar brasileiro, Nilton da Silva logo se identificou com muitos dos ideais ali defendidos, passando a atuar no movimento estudantil. Muitas vezes, a luta contra a ditadura se dava em protestos contra alguns dos reflexos mais palpáveis que o regime exercia sobre a vida e as aspirações de um secundarista: o ano de 1967 foi marcado por uma série de manifestações massivas contra os acordos MEC-USAID<sup>31</sup>, que modificariam a estrutura do ensino no país. Dentro do “Julinho”, os surtos repressivos do período se manifestaram em ações que iam desde o aspecto estético – uma tentativa da direção da escola de banir cabelos longos e minissaias, impondo um código de condutas e vestuário mais rígido aos alunos – até questões francamente políticas, como ocorre com o fechamento do Grêmio Estudantil.

No final de abril de 1967, frente aos desacordos com a direção e uma série de atividades culturais realizadas pelo Grêmio sem o aval desta – “como um debate com a participação de Vinícius de Moraes no Clube de Cultura e uma peça teatral de Brecht”,

---

<sup>30</sup> GUTIÉRREZ, Cláudio Antônio Weyne. *A Guerrilha Brancaleone*. Porto Alegre: Proletra, 1999, p. 27.

<sup>31</sup> Os acordos entre o Ministério da Educação do Brasil (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID) modificaram a estrutura do ensino no país a partir das leis 5.540, de 1968, que reformou a educação superior, e 5.692, de 1971, que reorganizou os antigos ensino primário, ginásial, científico e clássico em “1º grau” e “2º grau”. Entre outras mudanças, reduziu-se o total de anos letivos de doze para onze séries escolares, e priorizou-se uma formação técnica em detrimento das Ciências Sociais e Humanas. Cf. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1987.

relata Gutiérrez<sup>32</sup> –, a sala mantida pelos estudantes amanheceu lacrada. “Reunida a base, decidimos que o Grêmio funcionaria numa barraca, na praça em frente ao Colégio. [...] Tocávamos a campainha que chamava ao recreio em constantes assembleias no saguão da escola, fazendo com que o Diretor ficasse ilhado em sua sala”.<sup>33</sup>

Nilton Rosa da Silva esteve muito próximo desses debates que povoaram a vida cotidiana na escola, chegando a integrar a direção da UGES entre 1967 e 1968. O cachoeirense foi, ainda, contemporâneo de outros alunos do “Julinho” cujos nomes acabariam por se tornar conhecidos por – como o próprio Nilton – terem sido vitimados em decorrência de perseguições políticas, dentro e fora do Brasil. Os casos mais famosos de egressos do colégio que depois entrariam em listas de mortos e desaparecidos são o de Luiz Eurico Tejera Lisbôa, preso e desaparecido em São Paulo no mês de setembro de 1972<sup>34</sup>, e o de Jorge Alberto Basso. Dois anos mais novo que Nilton, Basso também se exilaria no Chile nos dias de Salvador Allende, fugindo a Buenos Aires após o golpe de Pinochet, e finalmente se tornando um *detenido desaparecido* menos de um mês depois do golpe civil-militar argentino de março de 1976. “Ico” Lisbôa caiu no Brasil, Basso na Argentina e Nilton, em solo chileno. Os três são recordados ainda hoje na escola, em quadros comemorativos<sup>35</sup>, atos celebrados por ex-alunos do Colégio Júlio de Castilhos em datas simbólicas<sup>36</sup> e outras homenagens, a exemplo da mudança de nome do auditório da escola, que passou a se chamar Luiz Eurico Tejera Lisboa.

Mesmo antes do Ato Institucional Número 5, que colocou o movimento estudantil à margem da legalidade em dezembro de 1968, as atividades políticas dentro do “Julinho” já se desenvolviam com certa dificuldade – como o fechamento do Grêmio Estudantil ainda em 1967 já havia demonstrado. No primeiro semestre de 68, matriculado no segundo ano do curso científico, Nilton da Silva foi pressionado a assinar um termo de compromisso padrão, imposto pela direção da escola aos estudantes que estavam sendo

---

<sup>32</sup> GUTIÉRREZ, 1999, p. 33.

<sup>33</sup> GUTIÉRREZ, 1999, p. 34.

<sup>34</sup> O corpo de “Ico” Lisbôa foi localizado e identificado em 1982, mas ele permanece oficialmente nas listas de desaparecidos políticos do regime brasileiro. Tal circunstância é elucidada pela Comissão Nacional da Verdade (2014, p. 1009) em seu relatório: “Apesar do corpo de Luiz Eurico ter sido identificado, seu nome não foi retirado da lista dos desaparecidos políticos, pois as evidências do enterramento com o nome falso e a desconstrução da versão divulgada pelos militares da sua *causa mortis* ampliou a margem de possibilidades de busca para dezenas de famílias de vítimas de desaparecimento. Manter o seu nome como desaparecido, portanto, representa manter a denúncia e a investigação sobre as circunstâncias de sua morte”.

<sup>35</sup> Cf. Anexo I deste trabalho.

<sup>36</sup> Um exemplo foi o evento “Brasil agradece ao Chile”, celebrado em Porto Alegre no ano de 2014 pelo Comitê Carlos de Ré da Verdade e da Justiça, com ato na escola no dia 11 de setembro. Dirceu Messias, ex-aluno do “Julinho” que também se exilou no Chile, chegando a ser preso pela ditadura de Pinochet, esteve entre os convidados a prestar seu depoimento para os atuais estudantes.

observados mais atentamente por conta de sua atuação política conhecida. Nesse papel, Nilton garantia não tentar promover qualquer nova atividade que pudesse ser vista como suspeita ou subversiva dentro da instituição. Datado de 21 de maio de 1968, o formulário registra: “Eu, abaixo assinado, aluno matriculado regularmente neste Estabelecimento de Ensino, na 2ª série do curso / científico, turma H., me comprometo de não promover nenhuma agitação estudantil, dentro ou fora do recinto do Colégio”.<sup>37</sup>

No entanto, apesar de sua conhecida – e malvista – atividade política, não foi possível localizar qualquer indício de que Nilton Rosa da Silva tenha sido pessoalmente perseguido pelo Estado brasileiro, diferentemente de muitos de seus colegas e companheiros de “agitação” nessa época. Essa situação é corroborada por outras investigações realizadas nas quatro décadas desde então, por comissões de direitos humanos, de familiares de vítimas e, mais recentemente, pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), que listam o nome de Nilton Rosa da Silva em seus relatórios, mas não incluem registros de eventuais detenções ou interrogatórios. Deste modo, interessa-me sobretudo a sua atuação no exílio – que sob esse prisma poderia ser considerado “auto imposto”, mas está inquestionavelmente relacionado à conjuntura do momento. Essa etapa da vida de Nilton não apenas está mais documentada do que seus dias no Brasil, como permite discutir as circunstâncias de sua militância no Movimiento de Izquierda Revolucionaria chileno e sua morte, bem como as apropriações políticas desse assassinato – tanto à época, pelo MIR (que busca construí-lo como um mártir da organização e da esquerda como um todo), quanto nos anos seguintes, com a gradual inclusão de Nilton em uma nova narrativa, a qual passa a considerá-lo entre as vítimas da ditadura brasileira, ainda que morto no exterior.

Evidentemente, a hipótese de não haver sofrido diretamente uma agressão maior do regime militar no Brasil não anula a realidade de que Nilton da Silva tinha em seu convívio próximo, e em seus círculos de amizade, muitos militantes do movimento estudantil e de organizações clandestinas de esquerda que sofreram brutalmente nas mãos de agentes da ditadura. Essa experiência, no mínimo, deve ter chegado a Nilton a partir de relatos em primeira mão, e ecoaria tanto em seus poemas escritos no Chile – publicados na edição mimeografada de seu livro, *Hombre América*, obra com um forte teor político – quanto em conversas que viria a ter com seus novos colegas em Santiago. Oscar

---

<sup>37</sup> “Térmo de compromisso” assinado por Nilton Rosa da Silva em Porto Alegre, 21 de maio de 1968. Material obtido junto ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos pelo Comitê Carlos de Ré. Cf. Anexo II deste trabalho.

Aguilera, um desses amigos feitos pelo brasileiro no exílio, recordaria para sempre as situações descritas pelo colega, que narrava horrores ainda desconhecidos por aquela geração de chilenos:

[Nilton Rosa da Silva] era refugiado político en Chile y como tal traía un caudal de experiencias de su patria que nos dejaban com escalofríos. En Chile por ese tiempo jamás habían ocurrido cosas como ésas de las que Nilton había sido testigo y víctima en Brasil: secuestros, tortura, asesinatos.<sup>38</sup>

Isabel Ibarra, chilena que o estudante gaúcho também conheceu no Pedagógico – e que teve filhos com um brasileiro asilado –, comenta sobre essa bagagem trazida por militantes fugidos da ditadura:

Penso que 90% dos estudantes que estavam chegando ao Pedagógico eram jovens que se estavam exilando ou fugindo por motivos políticos. E nesse sentido o Chile estava sendo bastante receptivo, em função de que já tinha sido eleito Allende, e o país se transformou como que num centro de exilados de repente. [...] Os brasileiros levaram bastante experiência, no sentido de que o golpe aqui foi em 1964. Eles já tinham passado, tinham como nos prevenir um pouco no sentido de ter certos cuidados. Na época, nós éramos jovens idealistas, que acreditávamos que o mundo não podia ser isso, essa injustiça, essa desigualdade. [...] Esse intercâmbio era bastante rico. Nós admirávamos bastante os brasileiros e em geral os estrangeiros. Respeitávamos bastante pelas experiências que eles traziam. Eu acho que a gente [chilenos] era bastante ingênuo, porque pensávamos que por ser uma eleição democrática iria existir sempre o respeito à democracia... A mídia pouco comunicava, só aos poucos começou a comunicar o que estava acontecendo no Brasil, o que já tinha acontecido no Brasil. Então a gente começou a ler... Primeiro que português nós não entendíamos muito, não aprendíamos, então não chegava muita literatura brasileira nem portuguesa. [...] Os brasileiros eu comecei a conhecer na militância, quando a gente começou a definir... porque tinha as frentes, as diferentes frentes. Na época eu fazia parte do FER, que era a Frente de Estudantes Revolucionarios, que o Nilton também fazia parte, e o pai dos meus filhos também fazia parte. Eles [brasileiros] nos ensinaram muito. Sem prepotência, sem nada, nos ensinaram bastante.<sup>39</sup>

Nilton da Silva deixa seu país natal em 1971, não muito tempo depois de concluir o ensino secundário. Uma vez em Santiago, tem permitido o ingresso no curso de Castelhana oferecido pelo Instituto Pedagógico da Universidade do Chile. Nilton sai do país justamente em meio à violência do governo de Emílio Garrastazu Médici, seguindo

---

<sup>38</sup> AGUILERA, Oscar. Todo este territorio es tu sepulcro. In: FAUNES AMIGO, Martín (ed.). *Aulas que permanecerán vacías*. Santiago de Chile: Cuarto Propio, 2008, p. 117. Nilton Rosa da Silva, contudo, não foi vítima direta (até onde pude levantar) das perseguições que Aguilera diz ter ouvido o brasileiro relatar, de modo que essa recordação do chileno pode se dever tanto a uma construção posterior quanto a situações descritas por Nilton a partir da experiência de outros, passando uma ideia equivocada de que ele próprio as vivenciara.

<sup>39</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor em 1º dez. 2014.

o caminho de muitos companheiros de militância e de ex-colegas do próprio “Julinho”. Carlos Beust, que conheceu Nilton antes de abandonar o país e que voltaria a encontrá-lo no campus do Pedagógico, explica sua decisão pessoal por buscar morada em solo chileno:

A opção que a gente teve foi ir para lá porque era o único lugar que tinha uma democracia. E o Allende era um cara simpático, a gente simpatizava com as ideias dele. Aqui no Brasil, nessa época, como a repressão estava grande, a maioria dos meus companheiros estavam presos. Estavam perseguindo todo mundo, os mais próximos de mim estavam em cana, aí não tivemos alternativa.<sup>40</sup>

A aparente “falta de alternativas” que Beust diz ter sentido pode ter sido, também, o que motivou Nilton Rosa da Silva a partir para Santiago na mesma época. Ainda que seu nome não tenha sido encontrado em materiais relativos à repressão direta do regime brasileiro, Nilton possuía em seu círculo de relações muitos conhecidos que se encontravam na situação de acossados, como o próprio Beust. Com o recrudescimento da perseguição, via muitos amigos escolhendo o caminho do Chile – um destino ainda mais interessante aos militantes de esquerda após a vitória do socialista Salvador Allende, nas eleições presidenciais de setembro de 1970.

Raul Ellwanger, que militava clandestino na VAR-Palmares<sup>41</sup> de São Paulo e que, após cruzar a Cordilheira dos Andes, também passaria pelo Instituto Pedagógico, aponta um motivo a mais de atração provocada pelo Chile naqueles anos: não apenas pela proximidade geográfica e pela oportunidade apresentada pelo processo liderado por Allende e pela Unidade Popular, mas também porque o governo chileno não exigia passaporte para o ingresso no país. Em um continente repleto de ditaduras e regimes que atuavam – ou viriam a atuar – em estreita colaboração com o governo brasileiro no enalço a militantes perseguidos, “a escolha do Chile, para algumas pessoas, era a única possível”.<sup>42</sup>

Essas várias motivações são citadas, também, por outras pessoas da convivência próxima de Nilton da Silva a quem entrevistei ao longo dessa pesquisa. Mas poderia

---

<sup>40</sup> BEUST, Carlos. Entrevista ao autor em 11 jun. 2013.

<sup>41</sup> A Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) surgiu em 1969, como resultado da fusão entre a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) de Carlos Lamarca e o Comando de Libertação Nacional (COLINA). Entre seus membros notáveis, a VAR-Palmares contou com Dilma Rousseff, que em 2010 se tornaria Presidenta do Brasil.

<sup>42</sup> ELLWANGER, Raul. Entrevista ao autor em 5 jun. 2013.

existir, ainda, uma razão mais pessoal e sem relação clara com a política para a sua decisão de sair do país: segundo Isabel Ibarra, Nilton pode ter deixado o Brasil em parte por questões particulares, que o teriam afastado da família. A escolha pelo Chile teria se dado, então, pelo exemplo dos amigos que escolheram aquela nação e pela falta de perspectivas (não apenas em termos de militância política) em seu país natal.<sup>43</sup>

As possíveis dificuldades no relacionamento com a família, porém, nunca chegaram a ser efetivamente comentadas por Nilton da Silva a seus amigos mais próximos no Chile. Pelo contrário, o que chamava a atenção era precisamente seu silêncio em relação aos que havia deixado para trás: tanto Oscar Aguilera quanto Francisco Estevez, colegas no curso de Castelhana e parceiros de Nilton em diferentes projetos políticos e culturais – incluindo a criação da revista *Etcétera*, na qual os alunos da turma publicavam suas poesias – relataram não ter escutado qualquer menção do brasileiro a esse aspecto de sua vida.

Isabel Ibarra, do mesmo modo, atesta que nunca ouviu sobre a família do colega brasileiro, assim como jamais conseguiu contatá-los: “foi uma coisa que chamou atenção. Porque se tentou contato, mas nunca houve resposta. Eu nunca soube da família dele, porque dos outros brasileiros sempre teve alguma resposta. Do Nilton, nunca”.<sup>44</sup> Sepultado em um nicho de parede no Cemitério Geral de Santiago desde o dia de seu funeral, em 17 de junho de 1973, Nilton Rosa da Silva não teria seus restos mortais reclamados por nenhum familiar nas mais de quatro décadas que se seguiram.

## 2.2 DIAS NO PEDAGÓGICO

O Instituto Pedagógico, onde Nilton iniciou seus estudos no exílio a partir do primeiro semestre de 1972, reunia alguns dos cursos e professores mais prestigiosos de Santiago. Ligado à Universidade do Chile, a principal instituição pública superior do país, o Pedagógico havia surgido quase um século antes, em 1889, a partir do desenvolvimento e especialização da mais antiga Facultad de Filosofía y Humanidades. A intenção do novo Instituto era, acima de tudo, qualificar a formação de professores que atuariam no ensino secundário chileno, uma área com grande carência naquele momento, visto que até ali somente a educação primária estava normalizada e contava com uma formação específica para os docentes:

---

<sup>43</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor em 1º dez. 2014.

<sup>44</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

La idea [...] era recurrir al aporte de pedagogos extranjeros para que, asimilando críticamente sus saberes y experiencias, se formaran y desarrollaran autónomamente los cuadros profesionales propios para la institucionalización de la carrera docente (secundaria) y su proyección cultural a nivel nacional, que fue lo que efectivamente sucedió.<sup>45</sup>

Desde sua fundação até o momento em que passou a receber levas de estrangeiros exilados nas suas listas de matrícula, a instituição se ampliou e se diversificou. O Pedagógico que Nilton Rosa da Silva encontrou, no início dos anos 1970, já havia experimentado uma série de mudanças e um grande crescimento, tanto em termos de cursos oferecidos quanto de vagas abertas – um processo que se intensificou ainda mais após a Reforma Universitária de tom progressista desencadeada no Chile na década anterior.<sup>46</sup> Além dos cursos tradicionais de Filosofia e Letras, e de outros departamentos já existentes, como os de Matemática, Ciências Naturais e Ciências Sociais, desde 1960 a faculdade também abarcava carreiras acadêmicas destinadas a outras profissões e especialidades, não necessariamente ligadas à área da Educação: Jornalismo, Psicologia, Sociologia, Biblioteconomia, Geografia, Antropologia, Cartografia e Quinesiologia, entre outros.<sup>47</sup>

A ampliação do Instituto Pedagógico, bem como sua estreita ligação com muitos cursos relacionados às Humanidades, tornou-o um destino para o qual convergiram centenas de asilados fugidos de regimes ditatoriais, que encontraram ali a oportunidade de iniciar ou seguir os estudos deixados para trás, além de um ambiente aberto para desenvolver sua militância política. Para os brasileiros que aportaram naquele campus, as

---

<sup>45</sup> RUBILAR SOLÍS, Luis. *Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (Ex-Pedagógico), 1889-2010*. 2. ed. Santiago de Chile: Publicaciones UMCE, 2014, p. 15.

<sup>46</sup> Costuma-se situar o marco inaugural da Reforma Universitária no Chile como a ocupação por estudantes, no início do segundo semestre letivo de 1967, da reitoria da Universidade Católica. Em pouco tempo, o movimento se expandiu para outras instituições, em geral convergindo nas demandas discentes por mais democracia na tomada de decisões e ações mais claras voltadas à extensão universitária na direção da comunidade. Diferentes medidas foram tomadas para atender às exigências dos estudantes nos anos seguintes. Notavelmente, a Universidade Católica celebrou pela primeira – e única – vez eleições para reitor, com participação de professores e estudantes, interrompendo brevemente a tradição de nomeações feitas diretamente pelo Vaticano (cf. SEPÚLVEDA CORRADINI, 2001, p. 149). Outro exemplo importante foi a Universidade Técnica do Estado (UTE), que ampliou as vagas para estudantes, abriu diversos polos no interior do país e criou cursos tecnológicos dentro de fábricas e empresas, a fim de atender trabalhadores sem condições de se locomover entre o emprego e o campus em tempo hábil. A UTE, antes limitada a Santiago, chegaria a manter cursos em Arica e Punta Arenas – respectivamente os pontos mais setentrional e meridional do país (cf. JURADO e MORALES, 2003, p. 164-169). Em meio às manifestações estudantis, a imprensa conservadora não tardaria a se colocar em posição geralmente contrária aos alunos, o que levou à criação de uma faixa que nas décadas seguintes seria muito imitada por estudantes chilenos: primeiro na Católica, depois nas outras universidades, apareceria a mensagem atacando o principal jornal do país – “Chileno: *El Mercurio* mente” (URIBE, 2002, p. 24).

<sup>47</sup> RUBILAR SOLÍS, 2014, p. 29.

disciplinas oferecidas a cada semestre surgiam como a chance de participar de leituras e discussões que eram muito dificultadas em seu país de origem. Raul Ellwanger, que ao chegar no Chile começou seus estudos na Universidade de Concepción, ao sul, mas depois se transferiu para cursar Sociologia no Pedagógico, recorda essa atmosfera:

Nessas áreas assim de Humanas tinha grande presença de estrangeiros, de latino-americanos especialmente, mas também muitos europeus, norte-americanos... dentro do setor de Humanas, a Sociologia já era uma espécie de assembleia permanente dos direitos humanos, da revolução, dos sonhos, das loucuras. Então, o Pedagógico em geral era um espaço grande, concentrava muita gente, muito acessível, num bairro agradável, com bares na frente, restaurantezinho para comer ali por cinco pilas, muito informal, com muitos professores de excelente qualidade, alguns inclusive exilados. Era quase um mundo próprio assim... o Pedagógico tu quase que podias viver em função dele, porque tu estudavas, tu militavas, tu sabias das novidades, tu namoravas, tu tinhas *peña* folclórica e violão e esporte...<sup>48</sup>

Vindos de um ambiente restritivo, os exilados como Nilton e Ellwanger encontravam na abertura política do Chile democrático uma infinidade de experiências marcantes, dentro e fora da sala de aula: “tudo para nós era novidade. [...] A primeira manifestação que eu fui em Santiago, que foi a posse do Allende<sup>49</sup>, é um negócio que marca, que te marca pro resto da vida. Principalmente porque se vinha de um lugar onde não se via três pessoas reunidas na rua”, relata Ellwanger.<sup>50</sup>

A possibilidade de estudar e discutir sem medo autores considerados “subversivos” no Brasil também era abraçada entre as “novidades” proporcionadas por aquele cenário. Sheila Borba, brasileira que passou pelo curso de Sociologia do Pedagógico em 1970, lembra a experiência marcante de seminários em que se estudava *O Capital*, de Karl Marx, em detalhes, avançando a seguir para outros teóricos de viés marxista. Em uma disciplina ministrada por Marta Harnecker, discípula de Louis Althusser, a insatisfação dos alunos com o que julgavam ser uma ortodoxia excessiva do currículo proposto fez com que chegasse ao ponto de estabelecer um grupo de estudos paralelo, com o objetivo de problematizar os textos apresentados em aula.<sup>51</sup>

Como coincidem os relatos dos estudantes do Pedagógico nessa época com quem conversei, tais discussões – muitas vezes lideradas por alunos de conhecida ligação com partidos da esquerda política – eram frequentes e comuns à maioria dos cursos. Um debate

<sup>48</sup> ELLWANGER, Raul. Entrevista ao autor, 26 set. 2014.

<sup>49</sup> Salvador Allende tomou posse em 4 de novembro de 1970, dois meses após as eleições presidenciais.

<sup>50</sup> ELLWANGER, Raul. Entrevista ao autor, 26 set. 2014.

<sup>51</sup> BORBA, Sheila. Entrevista ao autor, 31 out. 2014.



tão franco sobre essas leituras era, considera Borba, impensável no Brasil, pelas próprias circunstâncias em que estudos do tipo se davam num contexto de repressão: “a gente fez nosso próprio curso”, relembra Borba. “Ignoramos a medalhona lá e estudamos, com gente pouco conhecida, não eram amigos... aliás, até bem diferente dos grupos de estudos que a esquerda montava aqui [no Brasil]. Com um ambiente intelectual tão restritivo, os grupos de estudos acabavam sendo pobres, chatos”.<sup>52</sup>

Os tempos da Unidade Popular, que se seguiram à Reforma Universitária (e, em muitos casos, a aprofundaram), foram pródigos em atividades políticas com protagonismo estudantil – algo que não era exclusividade chilena mas, pela raridade democrática do país no continente, parecia ganhar proporções ainda maiores. Ao ponto de, como observa Eric Hobsbawm, os esforços para mitigar a força política dos estudantes, com fechamento de cursos e redução de vagas, terem sido particularmente agressivos no Chile após o golpe de Pinochet:

[Os estudantes] eram não apenas radicais e explosivos, mas singularmente eficazes na expressão nacional, e mesmo internacional, de descontentamento político e social. Nos países ditatoriais, eles forneciam os *únicos* grupos de cidadãos capazes de uma ação política coletiva, e é significativo o fato de que, enquanto outras populações estudantis latino-americanas cresciam, seu número no Chile do ditador militar Pinochet, após 1973, foi forçado a cair: de 1,5% para 1,1% da população.<sup>53</sup>

De fato, todo o Instituto Pedagógico vivia com ativo interesse os processos levados a cabo durante o governo de Salvador Allende, situação refletida nas salas de aula, nos intervalos e nas assembleias estudantis. O campus localizava-se na comuna de Ñuñoa, a leste do centro de Santiago, avançando na direção da Cordilheira. Ficava entre as avenidas Grécia e Irarrázaval, a menos de um quilômetro do Estádio Nacional de futebol – que durante a ditadura seria convertido em prisão política, tornando-se o destino de muitos estudantes do próprio Pedagógico que, por suas relações de militância, acabariam por se tornar alvos da repressão instaurada após 11 de setembro de 1973.

Era uma região tranquila, relativamene apartada do burburinho da cidade e, como diz Ellwanger, muitos alunos acabavam “vivendo em função” da rotina que se estabelecia entre os muros universitários. Um cotidiano que dizia respeito às lides acadêmicas, mas

<sup>52</sup> BORBA, Sheila. Entrevista ao autor, 31 out. 2014.

<sup>53</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 292. Convém ainda recordar que a privatização do ensino superior do Chile, que encerrou sua gratuidade mesmo nas instituições denominadas “públicas”, foi um ato iniciado durante a administração de Pinochet, desde princípios da década de 1980.

também às lutas políticas, aos relacionamentos de amizade e até amorosos, e inclusive ao próprio local em que alguns deles residiam: no campus do Pedagógico havia também um pensionato, uma série de vetustos edifícios destinados à moradia estudantil, em geral reservados aos alunos de menos recursos financeiros. Em um deles, o chamado Pavilhão J – conhecido como o “pavilhão dos estrangeiros”<sup>54</sup> –, Nilton Rosa da Silva encontrou um quarto para dormir a partir de março de 1972.<sup>55</sup>

Em seu ano inicial no curso de Castelhana, considerando-se o currículo utilizado em 1970, Nilton deve ter sido apresentado a um programa que incluía as disciplinas de Gramática Fundamental, Gramática Histórica Espanhola, Gramática Sistemática, Literatura Espanhola Clássica e Literatura Espanhola Medieval.<sup>56</sup> Não foi possível, contudo, apurar com precisão o percurso acadêmico do jovem brasileiro nas salas de aula do Pedagógico: a informação das cadeiras ofertadas na época, bem como dos alunos matriculados e suas respectivas presenças, consta dos cadernos de frequência do curso conservados nos arquivos do ex-Instituto Pedagógico, convertido durante a ditadura na atual Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (UMCE). O acervo da instituição, no entanto, tem vazios importantes em seus documentos relativos ao período entre 1971 e 1973, precisamente a época do governo de Salvador Allende e o período no qual Nilton da Silva e outros exilados passaram por ali. “É como se tivessem apagado a história”, comenta Lucía Godoy, coordenadora do Patrimônio Histórico-Cultural da UMCE e responsável pelos arquivos. Tais cadernos e outras fichas relacionadas a esse período seguiam sem ser localizados até setembro de 2015, momento em que realizei minha pesquisa nas dependências daquele campus.<sup>57</sup>

Suspeita-se que, após o golpe de 1973, algum funcionário da faculdade na época tenha ocultado ou destruído o máximo de registros que pôde, com o objetivo de dificultar o trabalho da repressão. A hipótese dessa precaução ganha força se consideramos a atenção especial que o regime pinochetista destinou àquela instituição. Com efeito, o Instituto Pedagógico esteve entre os estabelecimentos de ensino mais afetados pela ditadura nos anos seguintes à derrubada de Allende:

[...] no resulta extraño, entonces, que el Instituto Pedagógico y la Sede Oriente de la Universidad de Chile, se constituyeran en un referente atencional para la dictadura, con resultados de casi muerte y de que sus logros fueran cercenados,

---

<sup>54</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

<sup>55</sup> AGUILERA, 2008, p. 119.

<sup>56</sup> COORDENACIÓN DE PATRIMONIO HISTÓRICO-CULTURAL. Cuaderno: Español/1970.

<sup>57</sup> GODOY, Lucía. Entrevista ao autor, 8 set. 2015. Tradução livre.

congelados y negados. Desde el mismo 11 de septiembre de 1973, se desató una feroz represión y vigilancia por parte de los militares chilenos. Cierre de Departamentos, exoneraciones masivas de académicos, funcionarios y estudiantes; detenciones, persecuciones, presos políticos, asesinatos y exilio, fueron la tanática línea de acción ejercida.<sup>58</sup>

O Instituto sofreria no aspecto humano e também no acadêmico: tanto com as perseguições políticas quanto com as reestruturações impostas pelo novo regime, que desfiguraram o ensino existente no Chile até então. Entre 1980 e 1981, diferentes decretos impulsionados pelo governo militar alterariam a condição de muitos cursos oferecidos pela instituição: por um lado, os cursos pedagógicos perderam sua qualidade universitária, abrindo um amplo mercado para que organizações privadas não-universitárias passassem a licenciar docentes para atuar no ensino secundário; por outro, o Instituto Pedagógico teria seu nível acadêmico rebaixado, transformando-se em um “instituto profissionalizante”. “Para la dictadura”, escreve Luis Rubilar Solís em sua história do Pedagógico, as mudanças significavam “finiquitar un ámbito de pensamiento crítico, libertario y democrático, que molestaba a sus directrices político-ideológicas”.<sup>59</sup>

Essas ainda eram preocupações inimagináveis nos tempos de democracia, quando a agitação e as lutas travadas por seus estudantes renderam à instituição o apelido de *Piedragógico*, em referência às frequentes pedradas que os alunos atiravam contra a polícia em dias de manifestações e protestos. Os conflitos às vezes se davam, também, entre os próprios estudantes, numa eventual discordância interna. Apesar de ser recordado como um espaço de tolerância às diversas correntes políticas, nos quais os vários partidos encontravam representação – ainda que mínima –, as paixões de um momento de grande polarização se faziam sentir: “Sempre tinha muita briga, muita discussão com pedras, pedradas. Chegava a um ponto em que as divergências entre os grupos de estudantes eram tão grandes que, bom, caíam *pedrazos*. Os jornais, principalmente os de direita, chamavam o Pedagógico de *Piedragógico*”.<sup>60</sup>

Nilton Rosa da Silva logo teria um envolvimento muito próximo com essa realidade – de fato, perdendo a própria vida em um dos famigerados episódios nos quais os estudantes acabavam se envolvendo em manifestações que passavam por uma virada violenta. Mas, além das discussões políticas, o que povoava o cotidiano do jovem cachoeirense nos dias vividos naquele campus de Ñuñoa? Na falta de registros, restam as

<sup>58</sup> RUBILAR SOLÍS, 2014, p. 45.

<sup>59</sup> RUBILAR SOLÍS, 2014, p. 46-47.

<sup>60</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

memórias de seus amigos e colegas para reconstituir ao menos parte dos passos de Nilton e a rotina de um exilado brasileiro no Pedagógico.

Os companheiros de Nilton da Silva o recordam como um indivíduo falante e galanteador, sempre disposto a interromper uma aula para iniciar uma discussão política, ou a silenciar uma comemoração, pedindo atenção geral para declamar um poema – fosse em homenagem à Revolução, em contrariedade à ditadura brasileira ou como lisonja a alguma moça que o encantasse naquele momento. Em relação às mulheres, brinca Francisco Estevez, Nilton da Silva “não fazia nenhuma dissensão: todas as mulheres, de esquerda, de direita, de centro, [ele] tinha como que um interesse especial”.<sup>61</sup>

Fisicamente, recorda Begoña Eguiluz de Sasía, outra colega desses tempos, “Nilton se parecía a Rasputín, o más bien, era su viva imagen y yo se lo dije muchas veces: moreno, de estatura mediana, de pelo largo partido al medio y siempre un poco graso”. Além disso, “tenía un defecto físico que lo identificaba, una pequeña protuberancia ósea en su oreja izquierda que a mí me producía gran ternura. Sonreía además abiertamente y con la transparencia de un niño”.<sup>62</sup> A orelha saliente havia rendido a Nilton da Silva, no Brasil, o apelido de “Orelhinha”.<sup>63</sup>

Oscar Aguilera resume a imagem que construiu de Nilton, e também sustentada por outros amigos, como um “poeta, de pelo largo, militante del MIR, hablador, impenitente, seductor incansable, solitario estudioso del marxismo y la poética, revolucionario internacionalista a carta cabal”.<sup>64</sup> Em novembro de 1972, quando Aguilera celebrava seus dezoito anos, causou um misto de espanto e diversão o momento em que o brasileiro parou o toca-discos e interrompeu a música da festa para “lanzarse a toda voz con el poema que preguntaba por la ‘liberdade’”.<sup>65</sup> “Era obsessivo com a coisa política”, diz o chileno a respeito do amigo.<sup>66</sup>

Essa “obsessão” não aparecia somente em momentos de descontração como o aniversário de um companheiro, mas na própria sala de aula. “Havia professores mais tradicionais que tinham uma certa reserva em relação a ele, porque Nilton era muito

<sup>61</sup> ESTEVEZ, Francisco. Entrevista ao autor, 9 set. 2015. Tradução livre.

<sup>62</sup> EGUILUZ DE SASÍA, Begoña. Companheiro. In: FAUNES AMIGO, Martín (ed.). *Aulas que permanecerán vacías*. Santiago de Chile: Cuarto Propio, 2008, p. 114.

<sup>63</sup> Em 2015, em Cachoeira do Sul, inaugurou-se o Centro Cultural Orelhinha, cujo nome presta uma homenagem ao jovem poeta nascido na cidade. Outros apelidos com que os amigos se referiam a Nilton e que pude levantar ao longo da pesquisa foram “Bem-Bolado” e “Bonito”.

<sup>64</sup> AGUILERA, 2008, p. 117.

<sup>65</sup> AGUILERA, 2008, p. 118.

<sup>66</sup> AGUILERA, Oscar. Entrevista ao autor, 10 set. 2015. Tradução livre.

discutidor”, diz Francisco Estevez.<sup>67</sup> Begoña Eguiluz escreve que Nilton às vezes se tornava um “hablador insufrible”, temido por docentes e alunos. Não eram incomuns as aulas em que a fala de algum professor era subitamente interrompida pelo brasileiro, que se punha em pé sobre uma mesa e começava a falar. Aplaudido por uns e encarado com irritação por outros, Nilton da Silva iniciava seu discurso com um teor fortemente político, mas logo também colocava uma pitada literária na arenga: “El discurso siempre era el mismo: un refrito de marxismo aderezado con consignas varias y algún giro poético totalmente de su incumbencia, declamado todo com la mayor pasión”.<sup>68</sup>

A militância política, que logo o levou às fileiras da Frente de Estudiantes Revolucionarios, um dos braços universitários do MIR, estava embasada no estudo e na observação. O jovem poeta era costumeiramente visto com um livro embaixo do braço. Aguilera recorda que, pouco antes da morte de Nilton, os dois se emprestaram livros que, em função da tragédia, jamais voltariam às mãos originais: o chileno ofereceu um exemplar do *Canto General*, de Pablo Neruda, e o brasileiro lhe passou *La Literatura*, tradução para o espanhol de uma série de ensaios de Máximo Gorki. “Nunca nos devolvimos nuestros respectivos libros. Algún día no lejano se me ocurre que lo haremos”.<sup>69</sup> Francisco Estevez, à época do assassinato do brasileiro, descreveu sua inclinação acadêmica pela literatura: “Él se interesaba mucho por la estética literaria [...] y en ese sentido pensaba canalizar sus estudios”.<sup>70</sup>

A paixão de Nilton da Silva pelo estudo da literatura e da política vinha desde os tempos de colégio. Em uma passagem na qual recorda um encontro da UGES em Santana do Livramento, ainda em março de 1968, Cláudio Gutiérrez comenta sobre alguns colegas do “Julinho” que estiveram na viagem e descreve brevemente o amigo cachoeirense: “era um tipo humano característico e marcante. Fisicamente, lembrava o personagem Rolo do Maurício de Souza, e andava sempre com uma pilha de livros embaixo do braço: Sartre, Camus, Kafka”.<sup>71</sup> Pelos autores citados e pelo que se conhece da militância de Nilton, não é improvável que, no Chile, ele tenha tido contato com uma obra que vinha circulando rapidamente entre os militantes do MIR por aqueles dias: *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon, em cujo prefácio o próprio Jean-Paul Sartre escreve:

<sup>67</sup> ESTEVEZ, Francisco. Entrevista ao autor, 9 set. 2015. Tradução livre.

<sup>68</sup> EGUILUZ DE SASÍA, 2008, p. 114.

<sup>69</sup> AGUILERA, 2008, p. 118.

<sup>70</sup> Citação da entrevista de Francisco Estevez em “Nilton era poeta y Hombre de América”. *Clarín*. Santiago de Chile, 17 jun. 1973, p. 10.

<sup>71</sup> GUTIÉRREZ, 1999, p. 64.

Sabíamos, creio eu, e esquecemos esta verdade: nenhuma suavidade apagará as marcas da violência; só a violência é que pode destruí-las. [...] A arma do combatente é a sua humanidade. Porque, no primeiro tempo da revolta, é preciso matar; abater um europeu é matar dois coelhos de uma só cajadada, é suprimir ao mesmo tempo um opressor e um oprimido: restam um homem morto e um homem livre; o sobrevivente, pela primeira vez, sente um solo *nacional* sob a planta dos pés.<sup>72</sup>

Além das leituras, Nilton Rosa da Silva procurou se aproximar de outros militantes de esquerda a que foi apresentado em Santiago, inclusive de outras gerações. Begoña Eguiluz menciona a amizade imediata que o brasileiro fez com um conhecido da família dela, um impressor basco chamado Agapito de Urarte Susaeta. Foi ele o responsável por dar forma física à revista *Etcétera*, na qual os alunos de Castelhana publicavam seus textos, e *don* Agapito tinha também um passado de lutas: ligado ao movimento independentista do País Basco, havia comandado o batalhão Amayur<sup>73</sup>, que lutou pela República durante a Guerra Civil Espanhola, antes de – seguindo o caminho de muitos compatriotas na sequência da vitória do *generalíssimo* Francisco Franco<sup>74</sup> – buscar o exílio na América Latina. Sempre falante, diante desse exilado de outra geração Nilton da Silva finalmente “callaba y escuchaba al viejo y también ingenuo combatiente. [...] Creo que se habían encontrado dos soñadores de la especie quijotesca”.<sup>75</sup>

---

<sup>72</sup> SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 14. Ainda que o livro de Fanon e a apresentação de Sartre façam referência às lutas de liberação nacional da África frente ao colonialismo europeu – a edição original, em francês, data de 1961, já no final da Guerra de Independência da Argélia –, sua leitura pelo MIR (a edição em espanhol é de 1963) colocava a situação como análoga à liberação latino-americana frente ao imperialismo dos Estados Unidos, além de ser uma justificação a mais para a necessidade de um caminho armado. O próprio Programa do MIR, escrito na sua fundação, entende que “Nuestro país [es] semi-colonial, tanto por su estructura económica como por su dependencia del mercado mundial, [y] necesita enfrentar tareas básicas: la liquidación del imperialismo y la revolución agraria” (cf. MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA. Programa. Congreso de fundación, 15 de agosto de 1965. In: NARANJO et al., 2004, p. 104). Como observa Osvaldo Torres (2012, p. 36-37) em seu estudo sobre o MIR chileno e os Tupamaros uruguaios, Fanon coloca a violência “no sólo como un método legítimo para la liberación nacional, sino también como elemento capaz de dotar dignidad y autonomía al oprimido”. Na América Latina, argumenta Torres, a Revolução Cubana veio para reafirmar a ideia da violência como necessidade revolucionária, e da revolução em si como sendo socialista: “Se puede afirmar que el modelo de la Revolución Cubana se impuso como idea de lo que es una revolución en América Latina”, ou seja, “socialista y por la vía armada”, e que também firmaria a diferenciação entre a estratégia de luta e o tipo de regime político, distinguindo na esquerda o que era “ser revolucionario” ou “ser reformista”.

<sup>73</sup> Agapito de Urarte havia escrito dois livros relatando sua experiência: *Los últimos días del Batallón Amayur*, impresso em Caracas em 1956, e *Veintisiete meses condenado a muerte*, publicado no Chile em 1964.

<sup>74</sup> Pablo Neruda, que havia ocupado cargo diplomático na Espanha, foi o principal artífice da abertura chilena à entrada de republicanos espanhóis exilados, tendo sido pessoalmente responsável pela locação do barco a vapor *Winnipeg*, que transportou mais de 2 mil ex-combatentes até Valparaíso em 1939. Agapito de Urarte certamente não esteve entre esses pioneiros pois, como relata em seus livros-testemunho, permaneceu preso na Espanha até 1943.

<sup>75</sup> EGUILUZ DE SASÍA, 2008, p. 115.

Apesar de sua expansividade habitual, em outros aspectos do cotidiano Nilton da Silva era um indivíduo reservado. Raul Ellwanger, por exemplo, cita como lazer comum a muitos brasileiros a participação em eventos musicais, *peñas* folclóricas mantidas no interior do campus, e o fato de que boa parte deles se reunia para, semanalmente, jogar futebol: era a “pelada de Tobalaba”, em referência à região de Santiago em que as partidas aconteciam. Com frequência, o grupo ia para outras partes da cidade, inclusive nas *poblaciones*<sup>76</sup> dos arrabaldes, enfrentar equipes de chilenos. Nilton da Silva, no entanto, não chegou a se aproximar desses brasileiros que se congregavam através do esporte: “era de uma outra turma”, sintetiza Ellwanger.<sup>77</sup>

Nilton não participava rotineiramente de atividades físicas, de todo modo, pois – além de um possível desinteresse pelo esporte – já vivia com um diagnóstico de problemas cardíacos, em relação aos quais vinha tomando precauções para reduzir os riscos à sua saúde. Segundo relatou Francisco Estevez ao diário *Clarín*, de Santiago, na época em que o amigo foi morto: “a pesar [...] de estar enfermo del corazón (un soplo), se entregaba con más fuerza a sus ideales”.<sup>78</sup>

A militância política e os devaneios literários ocupavam um grande espaço na vida de Nilton Rosa da Silva, e era comum vê-lo retirar-se por algum tempo, com a intenção de estudar ou de escrever, longe do convívio com os colegas. Para Estevez, ainda que o brasileiro seja recordado como um sujeito sempre disposto a repentinas declamações poéticas ou debates sobre a luta revolucionária, na intimidade Nilton conscientemente se isolava: “[ele] participava nessas festas, e em manifestações, mas... ele era solitário. É como se tivesse a solidão do poeta”.<sup>79</sup> Mais do que isso, vários de seus amigos afirmam que em seus textos logo será recorrente um fatalismo, uma sobriedade que parecia preludiar uma tragédia<sup>80</sup>, como acrescenta Oscar Aguilera: “A ideia da morte também

<sup>76</sup> *Poblaciones* eram as ocupações irregulares, semelhantes às favelas brasileiras, nas quais chilenos sem recurso erguiam suas casas. Tinham habitações de papelão, compensados de madeira e ferro corrugado, e permaneciam sem saneamento básico por muitos anos. Resultantes do crescimento demográfico desordenado que se seguiu à explosão do êxodo rural a partir da década de 1950 – nos vinte anos até 1970, a população de Santiago mais que duplicou, pulando de 1,3 milhão para 2,8 milhões de habitantes (WINN, 2010, p. 60) –, deram origem a um dos atores sociais mais importantes do Chile nesse período, o chamado movimento de *pobladores*.

<sup>77</sup> ELLWANGER, Raul. Entrevista ao autor, 26 set. 2014.

<sup>78</sup> “Nilton era poeta y Hombre de América”. *Clarín*. Santiago de Chile, 17 jun. 1973, p. 10.

<sup>79</sup> ESTEVEZ, Francisco. Entrevista ao autor, 10 set. 2014. Tradução livre.

<sup>80</sup> Não apenas a poesia de Nilton da Silva teria parecido “prever” o seu futuro, na racionalização feita por seus companheiros ao compartilhar suas memórias, fosse nas entrevistas que realizei ou em textos a respeito do jovem exilado. Begoña Eguiluz de Sasía (2008, p. 115-116) recorda que, em uma festa da turma de Castelhana, um colega mais velho que dizia saber tirar a sorte nas cartas se propôs a ler o destino do brasileiro, vaticinando “que tendría una muerte violenta en el plazo de un año”. Superstições à parte, acrescenta a autora, é provável que o tarólogo estivesse se baseando no modo de vida de Nilton e em como

começou a entrar em sua poesia. ‘*Si pudiera empezar una busca por mi cuerpo...*’, escreveu um poema que diz assim”.<sup>81</sup>

Uma das pessoas que mais teve acesso a esses momentos em que Nilton da Silva se retirava ensimesmado foi Isabel Ibarra. Seus pais se afeioaram ao brasileiro e lhe ofereceram uma máquina de escrever, além de pouso em muitas noites nas quais o jovem poeta não conseguia pegar o ônibus para retornar ao Pedagógico. Como também possuíam uma máquina de lavar roupas, eletrodoméstico ainda incomum nos lares chilenos naquela época, era comum fazerem a gentileza de lavar as peças de abrigo que – a pedido deles próprios – Nilton deixava pela casa. A família Ibarra, de classe média alta, não mantinha opiniões políticas de esquerda e nem sequer havia votado em Allende, mas isso jamais foi um empecilho à amizade – e nem mesmo à militância de Isabel que, como o brasileiro, também era integrante da FER.

Juntos, frequentaram bailes, dançaram e cantaram, e não raro participaram de noites festivas nas *poblaciones* dos arredores de Santiago. A festa e a *población*, duas constantes na rotina de um jovem estudante que, através da militância, buscava se aproximar das camadas mais humildes da população chilena. Nesses momentos, a veia poética e namorada de Nilton também emergia: “A gente se divertia muito, porque de repente, no meio do nada, ele subia em uma mesa e pedia ‘silêncio, que eu fiz um verso para você como representação de todas as mulheres que estão aqui’”, e em seguida declamava algumas estrofes apaixonadas para uma chilena que o tivesse encantado.<sup>82</sup> Mas mesmo Isabel, que convivia tão de perto com Nilton da Silva, recorda a existência de momentos em que o amigo se apartava de tudo e de todos para se dedicar à leitura e à escrita. “No domingo, geralmente ele ficava escrevendo. Ele escrevia muito. Escrevia, escrevia. Lia. Acho que era o maior *placer* dele, escrever e ler”.<sup>83</sup>

Esse traço ficou bem claro na própria residência dos Ibarra: o cachoeirense ganhou autorização dos pais de Isabel para, sempre que desejasse ou necessitasse, pernoitar ali. Reservaram-lhe um quarto nos fundos da casa, que ocupou – alternando com a residência

---

ele se expunha em nome da militância, num momento conturbado em que casos de violência entre grupos de esquerda e direita não eram inéditos. Se tal previsão efetivamente ocorreu, é certo que ela não foi determinante para a morte entrar na poesia de Nilton da Silva, dado que versos sombrios a esse respeito já apareciam em *Hombre América*, obra que já estava escrita meses antes desse episódio (o qual, ainda de acordo com o testemunho de Eguiluz, teria acontecido em algum momento após junho de 1972, visto que “a Nilton lo mataron antes de que pasara un año a partir de aquella fecha”).

<sup>81</sup> AGUILERA, Oscar. Entrevista ao autor, 10 set. 2014. Tradução livre. Essa situação será analisada oportunamente nesta dissertação, quando trarei os versos de *Hombre América*.

<sup>82</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

<sup>83</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.



no Pavilhão J do Pedagógico – até o seu assassinato. Muitos rascunhos de Nilton ficaram naquele quarto depois que as balas do *Patria y Libertad* o vitimaram em 15 de junho de 1973. Às vezes, na calada da noite, Nilton da Silva encontrava a inspiração para alguns versos e, como a máquina de escrever e as folhas de papel ficavam em outra peça, restava-lhe rabiscar nas paredes com um lápis qualquer. Escrever durante a madrugada é outro tema persistente nos poemas incluídos em *Hombre América*, e talvez fosse um hábito recorrente ao brasileiro. Isabel Ibarra relembra: “[o quarto] tinha um monte de poemas dele, escritos na parede”.<sup>84</sup>

No entanto, o trauma da morte violenta de Nilton e o temor de que membros da ultradireita pudessem vir atrás do que ele havia deixado fizeram a família buscar apagar os traços de sua passagem pela residência: “quando ele morreu, a primeira coisa que a mãe fez foi mandar pintar a casa”, sepultando as escritas para sempre, conta Isabel. Nem mesmo os papéis datilografados na máquina dos Ibarra, com muitos textos inéditos, puderam ser preservados: “o que tinha se queimou”.<sup>85</sup>

Se as lembranças materiais de Nilton Rosa da Silva foram rapidamente eliminadas, a estima por ele permaneceu. Isabel Ibarra recorda um episódio marcante ocorrido poucos dias após o assassinato, quando um amigo da família e morador das vizinhanças – ligado ao Partido Nacional<sup>86</sup> – apareceu na casa. Era o mesmo sujeito que, pouco tempo antes, havia feito um áspero comentário a Isabel, insinuando que a bala que vitimou Nilton “não havia sido desperdiçada”. Naquela visita, sua missão pessoal era bem clara: “eu lembro que ele foi lá em casa, na nossa casa, falar que tinha que cuidar melhor os tipos de amizade que eu estava tendo. Ainda mais eu, que estava no Pedagógico. Eu lembro que a mãe disse ‘olha, da tua casa tu cuidas, que eu cuido da minha’”.<sup>87</sup> Isabel permaneceria ligada ao MIR até o dia do golpe.

---

<sup>84</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

<sup>85</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

<sup>86</sup> Fundado em 1966, o Partido Nacional era o maior expoente da direita chilena, tendo nascido da fusão dos partidos Liberal, Conservador Unido e *Acción Nacional*. Embora não tenha participado diretamente das eleições presidenciais de 1970, já que oficialmente o candidato conservador Jorge Alessandri concorria como “independente”, o PN foi o maior partido que endossou a campanha deste. Foi uma das duas siglas mais importantes na oposição a Allende, ao lado do Partido Democrata Cristão. O PN também era ligado à Frente Nacionalista *Patria y Libertad*, organização paramilitar que assassinou Nilton Rosa da Silva. Em 1971, para combater a onda de nacionalizações, diferentes organizações estadunidenses conhecidas como o “Comitê dos 40” autorizaram a liberação de 500 milhões de dólares para que o PN e o PDC assumissem o controle de rádios e jornais pelo país. Cf. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 262-263.

<sup>87</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

### 3 O MIRISTA NILTON

#### 3.1 O MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA FRENTE À UP

A inclinação às discussões políticas e aos conflitos em função delas, que davam fama ao Pedagógico, também faziam com que as siglas de esquerda associadas ao movimento estudantil tivessem grande penetração no campus. Nos diferentes cursos do Instituto, o PS e o PCCh estavam fortemente representados, através das suas Juventudes Socialista e Comunista. Em menor medida, também o MAPU e a Izquierda Cristiana (IC)<sup>88</sup> encontravam uma militância significativa. Mas, ainda que – ao contrário dos anteriores – estivesse alheio à política institucional, recusando-se a participar de eleições, uma das principais organizações de esquerda entre os estudantes era indiscutivelmente o MIR.

Já em 1970, logo após a vitória de Allende, o MIR publicou uma análise acurada do que a direita faria para sabotar o futuro governo, baseando-se em experiências anteriores no continente latino-americano, que reforçavam sua postura de que era necessário preparar-se para conter uma investida reacionária:

Al parecer la estrategia predominante de la burguesía y el imperialismo consiste en permitir que Allende asuma, tratar de darle solo unos meses de gobierno, “amarrarlo” en la maraña del legalismo vigente, vigilar el cumplimiento de esos “amarres” por las Fuerzas Armadas y así tener la UP bajo la amenaza permanente de un golpe militar reaccionario, buscando así impedirle llevar a cabo sus planes fundamentales y resolver los problemas de las aspiraciones de las masas. Desencadenar al mismo tiempo la baja en la producción industrial, negarle la renegociación de la deuda externa, disminuir las siembras en los campos y de esta manera aumentar la inflación y la cesantía: se intenta desprestigiar así un gobierno UP y entonces, en base a los grupos de derecha creados en el intertanto, arrastrar las Fuerzas Armadas a “salvar la Patria”, e impedir “el desorden y el caos”; y solo entonces derribar a Allende en condiciones políticas más favorables a ella. Esta estrategia tiene la ventaja que le entrega tiempo a las clases dominantes para reagrupar sus fuerzas, alcanza a crear un clima propicio y, sobre todo, les permite intentar el desprestigio histórico de la salida política de la “izquierda” y el socialismo en Chile y en América Latina, por un período significativo. Creemos que este es el peligro fundamental en este momento, que debe alertarse a toda la izquierda

---

<sup>88</sup> A Izquierda Cristiana foi uma dissidência do PDC, surgida em 1971, após a guinada da democracia-cristã à direita durante o governo de Salvador Allende. O novo partido logo ingressou na UP, um movimento considerado equivocado por alguns analistas: com potencial para atrair militantes à esquerda do PDC, a IC acabou anulando essa possibilidade com sua rápida entrada na UP, que gerou uma aversão imediata em muitos democrata-cristãos inicialmente simpáticos ao partido nascente. Cf. GARCÉS, Joan. *Allende e as Armas da Política*. São Paulo: Scritta, 1993, p. 174.

y debe empujarse toda medida, hecho o política que contribuya a impedir éxito de esta oscura estrategia.<sup>89</sup>

Polêmico, de discurso inflamado e defendendo a necessidade de se preparar para a luta armada a fim de defender e aprofundar a Revolução mesmo diante da vitória democrática de Salvador Allende, o Movimiento de Izquierda Revolucionaria era abominado pela direita e visto com reservas por boa parte da esquerda. No entanto, a leitura do MIR era também compartilhada por militantes radicalizados de outros partidos, mesmo os da chamada esquerda “tradicional”. Como demonstro ao longo desse trabalho – e como a morte de Nilton Rosa da Silva ajuda a exemplificar –, a busca mirista por estender seu entendimento do contexto a “toda” a esquerda seguirá aparecendo até as vésperas do golpe: nesse intento, encontrará identidade em alguns líderes menos moderados do PS, do MAPU e da IC; mas jamais conseguirá um diálogo com a cúpula do PCCh. Para a esquerda moderada, o MIR era comparável aos Tupamaros e tachado de extremista<sup>90</sup>, numa tentativa de isolá-lo do governo. Mesmo sem realizar ações aparatosas como seu suposto “análogo” uruguaio, o MIR afirmava buscar o “derrocamiento del sistema capitalista<sup>91</sup>”, sem descartar a luta armada para este fim.<sup>92</sup>

A CIA considerava o grupo “un brazo de acción encubierta” de Allende, que seria usado para driblar a lei quando ela impedisse as mudanças almeçadas.<sup>93</sup> Uma das primeiras ações polêmicas do presidente foi liberar um grupo de miristas presos no governo anterior, alegando serem apenas “jovens idealistas”. Allende também contou, por quase um ano, com pessoal do MIR em sua escolta particular. Essa proximidade seria usada depois entre as justificativas da intervenção militar, que alegaria haver um plano para usar o grupo em um “autogolpe” para implantar uma “ditadura popular”.<sup>94</sup> O MIR foi demonizado e fortemente perseguido após o golpe de 11 de setembro.<sup>95</sup>

---

<sup>89</sup> SECRETARIADO NACIONAL MIR. El MIR y el resultado electoral. *Punto Final. Documentos*. Santiago de Chile, n. 115, 13 out. 1970, p. 9-10.

<sup>90</sup> TORRES, Osvaldo. *Democracia y Lucha armada*. MIR y MLN-Tupamaros. Santiago de Chile: Pehuén, 2012, p. 19.

<sup>91</sup> MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA. Declaración de Principios. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 99-101.

<sup>92</sup> MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA. Programa. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 103-105.

<sup>93</sup> BASSO PRIETO, Carlos. *La CIA en Chile*. Santiago de Chile: Aguilar, 2013, p. 223.

<sup>94</sup> SECRETARÍA GENERAL DE GOBIERNO. Libro Blanco del Cambio de Gobierno en Chile. 2.ed. Santiago de Chile: Lord Cochrane, 1973, p. 21-27.

<sup>95</sup> Manchetes do tipo “Exterminados como ratones” (La Segunda, Santiago de Chile, 24 jul. 1975) se tornaram comuns para se referir à morte de miristas causada por agentes de Pinochet. Cf. SERRANO, Bruno. *Exhumación del Olvido*. Cronología de la Dictadura 1973-1989. Santiago de Chile: Ceibo, 2013.

No entanto, a aproximação de Allende com o MIR também é defendida como uma busca por evitar que as ações do grupo prejudicassem o governo. Já em novembro de 1971 os miristas haviam abandonado a escolta presidencial, precisamente por discordar de Allende.<sup>96</sup> O grupo passou a ser visto com ainda mais reservas pela parte da UP que o considerava extremista. Max Marambio, que se desligou do MIR para seguir na escolta presidencial, relata que a organização havia esperado a derrota eleitoral da UP, interpretando que isso reforçaria a tese da luta armada como única alternativa para o povo chegar ao poder real.<sup>97</sup>

Logo nos primeiros meses da administração, enquanto o governo da UP intensificou a reforma agrária, concluiu a nacionalização do cobre, estatizou a maior parte do setor bancário do país e iniciou uma inédita socialização de fábricas<sup>98</sup>, ainda se acusava Allende de negociar demais com a oposição. Alguns movimentos populares, em grande medida apoiados pelo MIR e setores mais radicais do PS, acusavam o governo de excessivo “reformismo”, clamando pela aceleração do processo.<sup>99</sup> Em pouco tempo, ocupações de terrenos e plantas fabris começaram a ocorrer mesmo em locais que não eram contemplados pelas leis de socialização e de reforma agrária, como observa Peter Winn:

O momento certo, a sequência, o escopo e o controle dessa planejada revolução vinda de cima foram desafiados e transformados pela erupção de uma imprevista, porém acelerada e profunda, “revolução vinda de baixo”, pela ação de trabalhadores, camponeses e *pobladores* do Chile. Essa revolução vinda de baixo [...] cada vez mais divergia da revolução legalista e modulada vinda de cima, em um processo mais espontâneo e interativo das bases que não era facilmente controlado de cima.<sup>100</sup>

A “revolução vinda de baixo”, da qual fala Winn, encontrou grande vazão durante os dias de Allende (mesmo à revelia da tática política empregada pelo governo), em parte porque os movimentos sociais que a encabeçaram passaram a atuar sem o medo de sofrer a mesma repressão que os havia esmagado em administrações anteriores. Ainda assim, vendo o risco de a situação se tornar ingovernável, o presidente continuou a buscar acordos com a oposição, ao mesmo tempo em que tentava domar os anseios das alas

<sup>96</sup> MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 284.

<sup>97</sup> MARAMBIO, Max. *Las armas de ayer*. Santiago de Chile: La Tercera, 2007, p. 69.

<sup>98</sup> A primeira planta fabril expropriada foi a Têxtil Bellavista, na cidade de Tomé, em 02/12/1970 (menos de um mês após a posse de Allende). A história do estabelecimento é recuperada por PÉREZ LIZANA, Sebastián *et al.* *Bellavista*. Memoria oral de un pueblo industrial. Concepción: 2010.

<sup>99</sup> MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 264.

<sup>100</sup> WINN, 2010, p. 89.

menos moderadas da esquerda: “Allende procurou refrear o açoitamento com que tais correntes políticas intentavam apressar e aprofundar as mudanças, temendo que o processo da reforma agrária se deteriorasse e se tornasse incontrolável, com a ocupação violenta e ilegal de terras”, descreve Luiz Alberto Moniz Bandeira.<sup>101</sup> Entretanto, “nos muros e paredes de Santiago apareciam frases chamando Allende de ‘*momio número uno*’, i. e., reacionário nº 1, pintadas por extremistas ou por elementos manipulados pela CIA, a fim de incitar a radicalização”.<sup>102</sup>

O modo inflamado de atuar dos setores mais exaltados, contudo, não era exatamente uma novidade, e se relacionava a um debate mais antigo travado no seio da esquerda chilena – uma discussão que precedia o nascimento do próprio MIR, ainda que estivesse diretamente ligada a ele. Tratava-se da disputa entre o que Marcelo Casals Araya diferencia entre a “via sistêmica” e a “via rupturista” no Chile: a primeira defendendo “la participación institucional como camino revolucionario adecuado a la realidad nacional”, ao passo que a segunda construiu planos de ação que tendiam à “destrucción del orden constitucional como condición necesaria para el sistema socialista”.<sup>103</sup> No final dos anos 50, quando Salvador Allende se torna um candidato viável para a esquerda<sup>104</sup> e, pouquíssimo tempo depois, quando a Revolução Cubana triunfa pelas armas, os dois lados desse debate ganham argumentos fundamentais na discussão sobre o melhor caminho para uma transição socialista no Chile.

Desde a sua fundação, tanto na prática quanto (principalmente<sup>105</sup>) no discurso, o MIR atuará na banda “rupturista”. Para o mirismo, a dicotomia entre sistema e ruptura era mais bem definida em termos que separavam os “reformistas” dos “revolucionários”.

---

<sup>101</sup> MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 264-265.

<sup>102</sup> MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 265.

<sup>103</sup> CASALS ARAYA, Marcelo. *El alba de una revolución*. La izquierda y el proceso de construcción estratégica de la “vía chilena al socialismo”. 1956-1970. Santiago de Chile: LOM, 2010, p. 10.

<sup>104</sup> Salvador Allende concorreu à presidência pela primeira vez em 1952, à frente do Partido Socialista. Foi o candidato menos votado entre os quatro concorrentes, com apenas 5,45% do eleitorado. Como observa seu biógrafo, Jesús Manuel Martínez (2009, p. 214), a ousadia de concorrer mesmo nas precárias condições da época (entre outras questões, o PCCh estava clandestino e não podia apoiá-lo oficialmente) não trouxe votos imediatos, mas permitiu a Allende se tornar o nome forte de todas as coalizões de esquerda que viessem a se formar nas próximas duas décadas, indicado como presidenciável nos três pleitos seguintes (1958, 1964 e 1970, quando é eleito). Mas são as eleições de 1958 as decisivas para que a “via sistêmica”, dentro da legalidade democrática, siga sendo considerada seriamente por tanto tempo pela esquerda: nesse pleito, a possibilidade de uma vitória esquerdista aparece de forma clara, e os maus resultados de 1952 são substituídos por um estreito segundo lugar – Salvador Allende recebe apenas 33,5 mil votos a menos que o vencedor, o conservador Jorge Alessandri.

<sup>105</sup> Embora tenha realizado assaltos a banco, a que chamou “expropriações”, nos anos anteriores à vitória de Salvador Allende, o MIR não realizou qualquer ação armada notória durante o período democrático. Seu discurso e, mesmo, sua estética guerrilheira frequentemente acabavam sendo mais uma estratégia de diferenciação da esquerda “moderada” do que efetivamente algo que se verificou na prática, ao menos antes do golpe. Cf. TORRES, 2012, p. 175.

Essa posição não mudaria até 1973, às vésperas do golpe. O que se modificaria, sobretudo após a vitória do Allende, seria a posição que o MIR adotaria em relação ao restante da esquerda: tentando não mais se apartar tão claramente dela, passaria a buscar a criação de laços de proximidade com os setores mais radicalizados da UP, na tentativa de uma “unidade” da esquerda revolucionária que superasse a fase reformista (ou “pré-revolucionária”, nos termos leninistas que a organização usava para definir o momento).<sup>106</sup> Essa posição é demonstrada por um discurso proferido pelo secretário-geral do movimento, Miguel Enríquez, em março de 1973:

[...] cuando los reformistas dicen que lo que persiguen algunos sectores que nosotros agrupamos en lo que llamamos la izquierda revolucionaria es dividir la UP y a la clase obrera, la verdad es que no es así. Los únicos que están dividiendo organizaciones hoy día son los reformistas. Es necesario que se entienda definitivamente que hay dos políticas en la izquierda y esas dos políticas tienen que expresarse en el terreno de la lucha ideológica y tienen el derecho y el deber de hacerlo. Lo importante es hacerlo sobre la base de no buscar la división, sino fundamentalmente imponer una política, hacer que predomine una política sobre la otra, tal como hoy ha predominado la reformista, imponer en el futuro que se pueda predominar la revolucionaria. Se trata de levantar la unidad de los revolucionarios.<sup>107</sup>

As repercussões e usos da morte de Nilton Rosa da Silva, como esse trabalho assinala, demonstram essa tentativa de aproximação, especialmente quando a violência reacionária recrudescer e a necessidade de se preparar para um golpe é mais claramente sentida.

Da sua concepção até o golpe – e mesmo depois dele –, o relacionamento mais tortuoso do MIR com as outras siglas de esquerda se daria frente ao Partido Comunista. Assumidamente ligado ao PC da União Soviética e recém-saído da experiência de haver permanecido na clandestinidade por dez anos<sup>108</sup>, o PCCh vinha seguindo a linha então

<sup>106</sup> TORRES, 2012, p. 171.

<sup>107</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Análisis del resultado electoral, perspectivas y tareas (10 de marzo de 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 228. Esse discurso é particularmente importante pois se relaciona a outra mudança tática que o MIR fez, nos meses anteriores do golpe, em busca de se aproximar com alguns partidos que compunham a UP: Enríquez analisa, nessa fala, os resultados das eleições parlamentares de março de 1973 (as últimas eleições no Chile antes do fim do mandato de Allende, previsto para 1976). Nelas, pela primeira e única vez, o MIR chamaria seus militantes às urnas, orientando a votar em candidatos endossados pela sua direção: nomes ligados ao PS e à IC.

<sup>108</sup> O Partido Comunista Chileno foi declarado ilegal pela Lei 8.987, de 3 de setembro de 1948, intitulada oficialmente “Ley de Defensa Permanente de la Democracia”, e conhecida pela esquerda como “Ley Maldita”. A lei colocou na clandestinidade as organizações comunistas e, através da cassação de registros eleitorais de seus militantes, derrubou de seus cargos todos os políticos eleitos pelo PCCh. Foi aprovada durante o governo do presidente Gabriel González Videla (1946-1952), que havia sido eleito com apoio dos comunistas – o que lhe rendeu a pecha de “traidor”, eternizada por Pablo Neruda (então senador pelo PCCh, que teve seu mandato cassado pela lei e precisou se exilar) em diversos versos de seu *Canto General*,

defendida por Moscou e havia adotado já no início da década de 1960 a opção por buscar o poder dentro da via institucional. Para Luis Alberto Corvalán, secretário-geral do Partido, o debate entre “ruptura” e “sistema” era resolvido na medida em que uma revolução não precisaria ser necessariamente violenta: ainda em 1961, “[Corvalán corrigio] a los que hablaban indistintamente de ‘vía violenta’ y ‘vía revolucionaria’, puesto que el camino pacífico, dentro de la concepción comunista, presentaba también un alto potencial revolucionario, en la medida que trataba de alcanzar con diferentes medios el mismo objetivo”.<sup>109</sup>

O Partido Comunista também acusava o mirismo de ser “pequeno-burguês” e fazer uma interpretação errônea dos caminhos para a Revolução, e isso não apenas pelas discordâncias práticas durante os dias de Salvador Allende: algumas das organizações que levaram à fundação do MIR em 1965, como a Vanguardia Revolucionaria Marxista (VRM), tinham em suas fileiras trotskistas expulsos do PCCh alguns anos antes.<sup>110</sup> De fato, embora a linha trotskista acabasse por ser rapidamente alheada também dentro do MIR<sup>111</sup>, sua influência foi bastante sentida nos anos iniciais do movimento, aparecendo de forma mais vocal na “Declaración de Principios” da organização, que o mirismo acabaria mantendo mesmo após a mudança de direção.<sup>112</sup>

O MIR devia seu nascimento, em considerável medida, à derrota de Salvador Allende nas eleições de 1964: após o cenário animador apresentado seis anos antes, naquele pleito Allende acabaria vendo seu adversário fazer a maior votação da história chilena até então – temendo um triunfo da esquerda<sup>113</sup>, os partidos conservadores não

---

livro publicado em seu exílio, no México, em 1950. A “Ley Maldita” só seria derogada em 6 de agosto de 1958, quase uma década após entrar em vigor.

<sup>109</sup> CASALS ARAYA, 2010, p. 64.

<sup>110</sup> CASALS ARAYA, 2010, p. 107.

<sup>111</sup> Isso acontece após um grupo de jovens saídos da Universidade de Concepción, liderado por Miguel Enríquez, vencer as eleições para o Comitê Central do movimento em 1967. Nessa época, alguns dos referenciais da época da fundação do MIR, como Enrique Sepúlveda, Óscar Weiss, Clotario Blest e Gabriel Smirnow, abandonam a organização. Enríquez passará a dominar o MIR, e não deixará de fazê-lo antes de sua morte, em 1974. Diante da diáspora dos velhos miristas, Enríquez passará a buscar, sobretudo, “assessoria” de cientistas sociais, chilenos e estrangeiros, alguns dos quais chegam a colaborar estreitamente com a direção do MIR – dois casos notórios são o do alemão André Gunder Frank e o do brasileiro Ruy Mauro Marini. Cf. AMORÓS, Mario. *Miguel Enríquez. Un nombre en las estrellas*. 3. ed. Santiago de Chile: Ediciones B, 2015, p. 84 e 93.

<sup>112</sup> TORRES, 2012, p. 93.

<sup>113</sup> Um episódio decisivo para a mudança de rumos das eleições de 1964 ocorreu em março daquele ano, quando os departamentos de Curicó e Mataquito celebraram “eleições complementares” para substituir um deputado falecido no final do ano anterior. O socialista Óscar Gastón Naranjo, filho do parlamentar morto, acabaria vencendo, sobressaindo-se frente aos candidatos do PDC e da Frente Democrática, a coligação da direita. O episódio ficou conhecido como “Naranjazo” e, conforme observou Carlos Prats (1985, p. 95), abriu os olhos dos partidos conservadores para a chance de Salvador Allende vencer caso concorresse contra dois oponentes fortes, que dividiriam os votos entre si. A partir do “Naranjazo”, a direita desistiu de apoiar

apresentaram candidato próprio e apoiaram o centrista Eduardo Frei, do PDC, que contou com financiamento estadunidense em sua campanha e amealhou mais de 56% do eleitorado, contra cerca de 39% de Allende.<sup>114</sup> A derrota, especialmente dolorosa num momento em que a esquerda tinha grandes expectativas de vencer, recobrou a força da discussão entre eleições e armas. E, se esse era um debate que as lideranças de PCCh e PS sabiam domar, mantendo um discurso revolucionário e uma prática que seguia participando nas eleições, muitos jovens militantes tentaram ir por outro lado: “mientras los dos grandes partidos alternaban con naturalidad entre el discurso crítico de lo electoral y la apasionada participación en las campañas, los pequeños partidos que formarían el MIR parecían determinados a eliminar definitivamente la vía electoral de su agenda”.<sup>115</sup>

Diferentes gerações de ex-militantes de PS e PCCh, bem como de dirigentes estudantis e sindicais, uniram-se para formar o MIR em 1965. A nova organização procurou se diferenciar da política partidária existente até na escolha do nome (“Movimento” e não “Partido”<sup>116</sup>). Apesar da variedade de correntes presentes no ato fundacional, desde muito cedo seriam os jovens universitários que tomariam a dianteira da organização, com a chegada de Miguel Enríquez ao posto de secretário-geral em 1967.

No diagnóstico de Osvaldo Torres, o que ocorre entre a fundação do MIR e o ano de 1969 – quando o IV Congresso da organização é cancelado e o grupo de Miguel Enríquez acaba permanecendo no poder sem passar por novas eleições internas – será uma mudança da hegemonia teórica de matriz trotskista, que pouco a pouco é superada e substituída por outra com “enfoques más contemporáneos del marxismo”.<sup>117</sup> Mas a saída do MIR de militantes trotskistas e de outros que haviam sido expulsos pelo PCCh não melhorou as relações entre os dois partidos: permaneciam as acusações de que o MIR era

---

uma terceira força e se alinhou ao democrata-cristão Eduardo Frei, que passou a ter um eleitorado inédito até então. Uma frase atribuída a Allende (cf. Jesús Manuel Martínez, 2009, p. 268) resume o cenário que se formaria para a esquerda: com a vitória de Naranjo, “ganhamos um deputado, mas perdemos um presidente”. O cenário tripartite temido pelos conservadores e desejado por Allende acabaria ocorrendo somente em 1970, quando efetivamente chegou à presidência.

<sup>114</sup> GARCÉS, 1993, p. 61.

<sup>115</sup> PALIERAKI, Eugenia. *¡La revolución ya viene! El MIR chileno en los años sesenta*. Santiago de Chile: LOM, 2014, p. 84.

<sup>116</sup> Eugenia Palieraki (2014, p. 91-92) argumenta que a opção por “Movimento” não era apenas com o objetivo de exibir uma diferença em relação às siglas “tradicionais”: também remetia às origens sindicais do MIR, “ya que el sindicalismo siempre tuvo una cierta desconfianza en los partidos”; devia-se, igualmente, a uma referência à ideia dos “movimentos sociais” de base; e, por fim, remetia ao contexto político da América Latina na época, com o termo “Movimiento” já tendo sido utilizado pelos revolucionários cubanos (o “Movimiento 26 de Julio”), e inclusive precedentes da sigla MIR adotada por organizações na Bolívia, no Peru e na Venezuela.

<sup>117</sup> TORRES, 2012, p. 95. O próprio Miguel Enríquez, analisando a evolução do MIR no período, diria: “Nacimos en 1965, existimos realmente desde 1967, actuamos desde 1969”. Cf. ENRÍQUEZ, Miguel. La táctica del MIR en el actual período (diciembre 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 313. Grifo meu.



uma organização “aventureira”, “pequeno-burguesa” e desconectada da realidade.<sup>118</sup> Um movimento por vezes tão crítico à UP que, na leitura comunista, acabava por fazer o “jogo da direita” – pensamento explicitado até mesmo por Pablo Neruda, que faz uma referência indireta ao mirismo em sua *Incitación al Nixonicidio y alabanza de la Revolución Chilena*, livro panfletário publicado no início de 1973, quando cita a revista *Punto Final*, na qual o MIR expunha rotineiramente suas posições:

“Pec” y “Punto Final”, que marchan juntos  
como va el explosivo con la mecha  
y se confunden en un mismo punto

ultras de izquierda y ultras de derecha,

duros de la derecha y de la izquierda,  
trabajan juntos en la misma brecha  
para que la victoria conseguida  
por un pueblo que lucha y que recuerda  
(el cobre, el pueblo, la paz y la vida),

todo lo manden ellos a la mierda.

Y así están juntos en el mismo cielo  
los locos de derecha y los locuelos.<sup>119</sup>

O minúsculo Partido Comunista Revolucionário (PCR), uma dissidência do PCCh formada em 1967 que não chegaria a ter qualquer relevância no debate político, talvez tenha sido a organização que expôs de forma mais clara a visão que muitos partidos mantinham em relação ao discurso do MIR: o mirismo, dizia o PCR, era fruto simplesmente de “tendências esquerdistas” que se desenvolviam em “meios pequeno-burgueses” e, ao defender as armas sem pensar as consequências para os trabalhadores, trazia apenas formulações “vagas, dispersas, incoerentes e contraditórias”. O manifesto afirmava, com indisfarçado desprezo:

Debemos confesar honestamente que no nos interesa dilapidar nuestros esfuerzos, enfrascándonos en una estéril polémica con el MIR, por la ninguna significación que este grupo tiene entre la clase obrera. Una actividad de este tipo, sólo alegraría a los pequeño-burgueses que hacen la revolución detrás de los escritorios y deliran vaciando sus “ímpetus revolucionarios” entre las teclas de la máquina de escribir. [...] Se llenan de satisfacción con su “heroísmo” y con el eco altisonante de su palabrería “ultrarrevolucionaria”. Sin el apremio

<sup>118</sup> CASALS ARAYA, 2010, p. 186-187.

<sup>119</sup> NERUDA, Pablo. *Incitación al Nixonicidio y alabanza de la Revolución Chilena*. 6. ed. Barcelona: Grijalbo, 1974, p. 85. A “PEC” (sigla para “Política, Economía y Cultura”), outra publicação mencionada no primeiro verso do poema, mantinha posições de direita. Segundo Olga Ulianova (2009, p. 21), a PEC “repetia el modelo de las mejores publicaciones de la intelectualidad de Izquierda”, mas o fazia “desde las posiciones de un anticomunismo furibundo”.

de liberarse en serio de una explotación que sólo sufren levemente y con un sentido del honor propio de los caballeros feudales, que cargaban en forma rectilínea y a ojos cerrados, consideran indigno que los obreros busquen alianzas transitorias y se propongan derrotar a sus poderosos enemigos por partes, es decir, por etapas.<sup>120</sup>

Miguel Enríquez que, como os demais líderes do MIR, provinha de uma família de classe média – seu pai, Edgardo Enríquez, era médico e chegou a ocupar o posto de reitor da Universidade de Concepción –, defendia-se argumentando que suas origens sociais não se diferiam das de outros secretários-gerais da esquerda: “La izquierda tradicional solo puede echar en cara al MIR la juventud de sus dirigentes. Porque la mayoría de la dirección de esos partidos es también pequeño-burguesa, aunque más vieja que la nuestra”.<sup>121</sup> Além de citar Fidel Castro, Mao Tsé-Tung e Ernesto Guevara como exemplos de revolucionários saídos de um estrato social pequeno-burguês, o líder do MIR ainda argumentava que sua organização vinha se esforçando para mudar a composição de seus quadros, insinuando que os outros partidos não agiam com a mesma ênfase nesse sentido: “Desde 1966 viene cambiando progresivamente la composición de clases en nuestra organización y hoy el panorama es distinto. Surgen cuadros obreros y de pobladores, como asimismo estamos actuando con relativa eficacia en el frente campesino”.<sup>122</sup>

O MIR, efetivamente, procurou criar diferentes níveis de atuação, através das “frentes intermediárias”: passou a contar com o Movimiento de Campesinos Revolucionarios (MCR), que lutava pela reforma agrária, principalmente nas reivindicações por terra dos indígenas mapuche no sul do país; o Movimiento de Pobladores Revolucionarios (MPR)<sup>123</sup>, que atuava nas ocupações urbanas das *poblaciones*; a Frente de Trabajadores Revolucionarios (FTR), ligada ao movimento sindical e importante órgão de articulação dos chamados “cordões industriais”, além de

<sup>120</sup> PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONARIO. “Una línea pequeño-burguesa y una línea proletaria en la revolución chilena”. In: FARÍAS, Víctor (ed.). *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 293-295.

<sup>121</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Jefe del MIR saca la cara (entrevista de Manuel Cabieses Donoso). *Punto Final*, Santiago de Chile, n. 53, 23 abr. 1968, p. 3.

<sup>122</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Jefe del MIR saca la cara (entrevista de Manuel Cabieses Donoso). *Punto Final*, Santiago de Chile, n. 53, 23 abr. 1968, p. 3.

<sup>123</sup> Os *pobladores*, literalmente “povoadores”, eram os pobres urbanos sem-teto, frequentemente diaristas sem emprego fixo, que desde o final dos anos 1950 passaram a se organizar em ocupações de terrenos baldios, onde erguiam suas casas e formavam as chamadas *poblaciones* (ver nota 75). Usualmente, seu modo de ação era planejar previamente a *toma de terreno*, realizando a ocupação com centenas de famílias em uma única madrugada, de surpresa. Pela rapidez com que surgiam, as *poblaciones* costumavam ser chamadas também de *callampas* (cogumelos). O MIR, através do MPR, passou a atuar na organização de algumas *tomas*, bem como na formação de conselhos populares que buscavam administrar o cotidiano das *poblaciones* com as quais o grupo estava envolvido.

dois diferentes braços no movimento estudantil, o Movimiento Universitario de Izquierda (MUI) e a Frente de Estudiantes Revolucionarios (FER), seção mirista à qual Nilton Rosa da Silva esteve filiado.

A atenção especial do MIR aos “pobres do campo e da cidade”<sup>124</sup> renderia alguns frutos, principalmente entre os movimentos de luta por terra e moradia. Em 1970, a fundação do “Campamento 26 de Enero”, a primeira grande *población* controlada pelo MPR em Santiago, foi interpretada pelo MIR como um “embrión del frente de masas que movilizaría a los pobladores”. Significava, também, que “la presencia pública del mirismo ya no se circunscribía solo al movimiento estudiantil y al impacto periodístico de sus espectaculares acciones directas”.<sup>125</sup>

Mas o MIR, que em suas várias frentes talvez tenha chegado a mais de 40 mil membros no ano do golpe de Pinochet<sup>126</sup>, sempre teve sua maior força entre os estudantes universitários – mesmo as organizações destinadas a trabalhar em outros setores, como as *poblaciones*, tinham muitas lideranças saídas do movimento estudantil.<sup>127</sup> Era significativo que, embora tendo grande penetração nesses meios e em mobilizações de massa que às vezes atuavam à revelia do governo – nos casos dos camponeses e dos *pobladores* –, o MIR jamais tenha conseguido atingir representatividade em instituições mais normatizadas: a política partidária e o movimento sindical. Se no caso da primeira isso se dava por opção estratégica e discursiva, não participando de eleições e portanto não chegando a esse espaço, em relação ao segundo era principalmente pelo fato de o FTR jamais ter alcançado a penetração que o mirismo gostaria.

A diferença do peso político entre os operários ficava evidente em momentos como as eleições para o Conselho Diretivo Nacional da Central Unitaria de Trabajadores (CUT), a maior central sindical do Chile, celebrada em 1972: dos 560.240 votos emitidos

---

<sup>124</sup> Osvaldo Torres (2013, p. 98) observa que a aproximação do MIR com intelectuais adeptos à teoria da dependência o fez encarar os pobres urbanos – considerados o “lumpen” pelo marxismo ortodoxo e historicamente ignorados enquanto força social pelos partidos “tradicionais” – como um sujeito coletivo que seria um componente indispensável para qualquer estratégia de mudanças, já que compunham um amplo estrato da sociedade e seriam produto direto do caráter dependente das economias latino-americanas.

<sup>125</sup> AMORÓS, 2015, p. 119.

<sup>126</sup> A maior parte dos registros oficiais do movimento se perdeu na época da repressão, quando a direção mirista foi dizimada. Esse número é uma estimativa – talvez exagerada – de Andrés Pascal Allende, sobrinho do presidente Salvador Allende e um dos líderes do MIR à época. Cf. PASCAL ALLENDE, Andrés. *El MIR chileno*. Una experiencia revolucionaria. Rosario: Cucaña, 2003, p. 70. Em seu estudo sobre organizações “terroristas”, no qual incluem o MIR por seus atos durante o regime militar, Sean K. Anderson e Stephen Sloan fazem uma estimativa mais conservadora: “At its height in 1973, the MIR numbered some 10,000 members”. Cf. ANDERSON, Sean K.; SLOAN, Stephen (ed.). *Historical Dictionary of Terrorism*. Lanham: Scarecrow Press, 2009, p. 447.

<sup>127</sup> TORRES, 2012, p. 111.

para escolher 55 conselheiros, menos de 2% (exatamente 10.192 cédulas) foram para a lista da FTR, que elegeu apenas um conselheiro (Alejandro Alarcón, dirigente do sindicato da empresa têxtil estatizada Bellavista-Tomé), ao passo que o Partido Comunista e o Partido Socialista, juntos, fizeram 34 conselheiros e mais da metade (321.208) dos votos. Mesmo o PDC, de centro – “direitista”, no entendimento do MIR<sup>128</sup> –, tinha uma representação significativa, conquistando 16 assentos no conselho para um total de 147.531 votos.<sup>129</sup>

Mas o MIR não estava tão isolado do restante da esquerda quanto as posições comunistas pareceriam indicar. Enquanto o PCCh muitas vezes se recusava até mesmo a participar de eventos nos quais Miguel Enríquez ou outro representante mirista era convidado a falar<sup>130</sup>, a outra grande sigla da UP tinha amplos setores simpáticos ao posicionamento do MIR. De fato, se o mirismo pôde crescer a ponto de se tornar um ator político importante (mesmo sem representatividade parlamentar e com um peso quase nulo entre as lideranças sindicais), muito se devia à relativa abertura que as demais siglas da coalizão governnista, sobretudo o Partido Socialista, tiveram em relação ao movimento que o PCCh tachava de extremista. Mesmo antes da eleição de Allende, quando o governo Eduardo Frei colocou o MIR brevemente na clandestinidade, essas relações apareceram:

---

<sup>128</sup> À leitura do PCCh de que os resultados demonstravam que o PDC tinha trabalhadores, e portanto as negociações com a oposição deveriam seguir, Miguel Enríquez rebatia que “todos” os partidos tinham algum nível de envolvimento dos operários, e que o trabalho da esquerda não era exaltar esse fato, que conferiria legitimidade a siglas que depois a trairiam. Devia-se, antes, conquistar esse grupo social para as suas linhas: “[El Partido Comunista dice que] ‘las elecciones de la CUT demostraron que la DC tenía clase obrera’, pero claro ¡si todos los partidos burgueses tienen clase obrera! Pero el problema es: ¿Hemos buscado arrebatarles esa clase obrera o les hemos dado fortaleza, cuando les dimos sello de progresistas y democráticos a sus candidatos?” Cf. ENRÍQUEZ, Miguel. Intervención en el foro organizado por el Secretariado Nacional de Cristianos por el Socialismo (Noviembre 1972). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 196. Alguns meses antes, em maio de 1972, o MIR avaliou suas conversas com a UP e disse que não poderia apresentar um apoio mais claro à coalizão governnista, entre várias razões, enquanto esta não entendesse “la necesidad de definir el carácter de clase reaccionario del PDC, independientemente de que a su interior tenga militantes obreros y campesinos en sus filas”. Cf. ENRÍQUEZ, Miguel. Las conversaciones con la UP (Documento interno de 20 de mayo 1972). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 155.

<sup>129</sup> AMORÓS, 2015, p. 188. Os números detalhados da eleição da CUT em 1972: o PCCh fez 173.068 votos (18 conselheiros), contra 148.140 (16 conselheiros) do PS e 147.531 do PDC (também 16 conselheiros). Também elegeram representantes o MAPU e o Partido Radical, com dois conselheiros cada.

<sup>130</sup> Um exemplo foi o fórum organizado pelo Secretariado Nacional de Cristianos por el Socialismo, em 1972, quando os representantes do Partido Comunista se retiraram do debate em meio à fala de Miguel Enríquez. O secretário-geral do MIR respondeu à situação asperamente, declarando que “el reformismo [...] confunde con mucha facilidad al enemigo principal”, acrescentando que “los compañeros comunistas no se retiran de los foros de TV con los nacionales [del PN] y los DC, pero siempre en todo foro, estando el MIR, se retiran porque siempre hay algún hecho que ‘ofende al partido de la clase obrera’ y ‘ofende al gobierno’”. Cf. ENRÍQUEZ, Miguel. Intervención en el foro organizado por el Secretariado Nacional de Cristianos por el Socialismo (Noviembre 1972). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 204.

Hubo también otro factor importante en aquel tiempo, que además ayudó a los dirigentes del MIR a sortear las dificultades de la clandestinidad: su vinculación con sectores de la izquierda “tradicional”, principalmente del Partido Socialista. La influencia de la Revolución Cubana, la decepción ante la derrota de 1964, la sonora radicalización del Partido Socialista [...] y también las relaciones políticas y personales ayudaron a tejer esos estrechos vínculos, a crear un “colchón político-social” dentro de la élite política”.<sup>131</sup>

Importantes na aproximação do PS com o MIR foram as resoluções tiradas pelo Congresso socialista de 1967, na cidade de Chillán, quando o discurso hegemônico do partido se radicalizou e se distanciou ainda mais dos comunistas. Na prática, as posturas defendidas nesse encontro legitimaram a luta armada como caminho aceitável na visão do PS (ainda que não o único), e mesmo um nome como Salvador Allende<sup>132</sup>, que tentou fazer uma intervenção para contrariar a postura majoritária e defender a via institucional, saiu do púlpito vaiado pelos próprios correligionários.<sup>133</sup> Em Chillán, a maioria dos delegados vindos de todos os cantos do país aprovou posicionamentos como os defendidos naquele mesmo ano pelo ex-senador Alejandro Chelén, para quem o PS não tinha que firmar “compromisos con partidos que se dicen ‘progresistas’ y de izquierda, cuyas filas se nutren de banqueros, empresarios, latifundistas, entroncados de una u otra manera al capitalismo monopolista”, mesmo se isso parecesse necessário por questões eleitorais ou de governabilidade.<sup>134</sup>

Chelén citava, como exemplos de partidos com uma falsa roupagem progressista, o Radical e o Demócrata Cristiano. É expressivo da força de Allende dentro do PS que, apesar das resoluções de Chillán, o partido tenha participado das eleições de 1970 numa coligação que incluía esse mesmo Partido Radical acusado de estar ao lado do “capitalismo monopolista”.<sup>135</sup> Além disso, seria precisamente com o PDC – o outro

<sup>131</sup> AMORÓS, 2015, p. 113-114.

<sup>132</sup> Não faltavam credenciais a Allende para falar diante de todo o PS: além de haver sido o candidato à presidência pelo PS nas últimas três eleições, já havia sido Ministro da Saúde nos anos 40, ocupava o cargo de senador desde 1945 (e o faria ininterruptamente até 1970), presidia o Senado desde 1966 e, além de tudo, havia sido um dos fundadores do Partido Socialista em 1933.

<sup>133</sup> CASALS ARAYA, 2010, p. 180-181.

<sup>134</sup> Citado por CASALS ARAYA, 2010, p. 172.

<sup>135</sup> O Partido Radical (PR) havia governado o país ao lado de comunistas e socialistas em décadas anteriores. Juntos, chegaram à presidência pela primeira vez em 1938, com Pedro Aguirre Cerda, coligados dentro da chamada Frente Popular. Na ocasião, porém, o PR era a agremiação política mais importante do país. O peso do partido seguiu forte nos dois pleitos seguintes: em 1941, após a morte de Aguirre Cerda no cargo, elegeram Juan Antonio Ríos. Quando este também faleceu na presidência, em 1945, o Partido Radical voltou a fazer um mandatário – Gabriel González Videla, que cumpriu todo o seu termo até 1952. Nessas eleições, a esquerda tradicional manteve seu apoio em maior ou menor medida. Uma grave ruptura ocorreu em 1948, ano em que González Videla assinou a “Ley Maldita”, colocando o PCCh na ilegalidade. Em 1970, quando o Partido Radical se reaproximou de socialistas e comunistas para compor a UP, sua importância no cenário político já era muito menor – com votações inferiores tanto ao PCCh quanto ao PS, o peso da sigla nas políticas da Unidade Popular foi muito reduzido (nas eleições parlamentares de 1969,

atacado por Chelén – que o governo negociaria até o fim, tentando uma saída para a crise política que evitasse o golpe. Mas Allende cada vez mais se isolava em seu próprio partido, e essas posturas poderiam ser levadas a cabo pela UP não tanto pelos socialistas, mas pela insistência dos comunistas em buscar soluções democráticas, através da via legal. O peso de posturas menos moderadas do PS havia se manifestado, por exemplo, nas primárias da sigla, quando a escolha de Allende como candidato à presidência se deu com grande constrangimento e por preferência de uma minoria – a reunião de cúpula do PS teve mais abstenções do que votos a seu favor (13 a 12).<sup>136</sup> A longa frustração de Allende com os entraves impostos pelo próprio partido à sua posição apareceria também na manhã de 11 de setembro de 1973, com o golpe em andamento, quando o dirigente socialista Hernán del Canto passou por La Moneda pedindo orientações ao presidente e ouviu a dura resposta: “Eu sei qual é o meu lugar e o que tenho que fazer. [...] Nunca antes pediram minha opinião. Por que me a pedem agora? Vocês, que tanto alardearam, devem saber o que têm que fazer. Eu soube desde o começo qual era meu dever”.<sup>137</sup>

Assim, enquanto o MIR sustentava, mesmo em pleno governo da UP, a necessidade de se preparar para um confronto armado – que viria “mais cedo ou mais tarde”<sup>138</sup> – contra as classes dominantes, importantes setores do PS continuavam a se articular de forma semelhante ao grupo que o PCCh tentava marginalizar como uma “exceção” dentro da esquerda. Como argumenta Eugenia Palieraki, a visão retrospectiva de que a via armada era apenas “asunto de los extremos” ignora as dimensões que o debate tinha na época. Se é verdade que amplos setores da UP continuaram legalistas até o final, o que inclusive se verificou pela inexistência de frentes militarizadas, levando a uma

---

as últimas antes do pleito presidencial que elegeu Allende, o PR somou apenas 12,9% dos votos, contra 28,2% de socialistas e comunistas). Historicamente uma sigla forte no eleitorado de classe média, o Partido Radical vinha perdendo espaço nessa camada social para o PDC. A fraqueza vivida pelo PR enquanto sigla isolada e as relações históricas com a esquerda favoreceram sua entrada na UP, e Allende aproveitou a imagem positiva (embora declinante) que o partido ainda mantinha frente à classe média para tentar tranquilizar parte dos setores temerosos quanto a sua vitória. Cf. AGGIO, Alberto. *Frente Popular, Radicalismo e Revolução Passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999. Ver também: WINN, 2010, p. 50-51.

<sup>136</sup> GONZÁLEZ, Mónica. *La Conjura*. Los mil y un días del golpe. Santiago de Chile: Catalonia, 2012, p. 51.

<sup>137</sup> GARCÉS, 1993, p. 324. O autor também atribui (p. 327) à frustração de Allende o fato de que em nenhum dos discursos que deu por rádio na manhã do golpe, o presidente fez qualquer referência aos partidos da sua coligação.

<sup>138</sup> Após a vitória de Allende, o MIR divulgou um famoso documento intitulado “El MIR y el resultado electoral”, em que diagnosticava que a vitória da UP “ha llevado a un enfrentamiento de las fuerzas que, por un lado, ha formalizado la aspiración de los trabajadores de ser gobierno, y por el otro la decisión de las clases dominantes de defender sus intereses. Ambos, en realidad, se preparan para un enfrentamiento que tarde o temprano resolverá en definitiva la impase”. Cf. SECRETARIADO NACIONAL MIR. *El MIR y el resultado electoral*. *Punto Final. Documentos*. Santiago de Chile, n. 115, 13 out. 1970, p. 4.

quase nula resistência armada ao golpe, é igualmente verdadeiro que não apenas os “extremistas” cogitaram a necessidade das armas: “Cuando la revolución parecía esperar a la vuelta de la esquina, el dilema entre vía armada y vía electoral se planteaba en todas las organizaciones con mayor o menor intensidad y persistencia”.<sup>139</sup>

Antes e depois da vitória de Salvador Allende, o PS frequentemente sustentou posicionamentos similares aos do mirismo, muitas vezes contrariando o próprio presidente ou, mesmo, os comunistas, seus aliados históricos. Em 1968, por exemplo, tanto o PS quanto o MIR criticaram publicamente a invasão soviética à Tchecoslováquia – encerrando a chamada “Primavera de Praga” –, ao passo que os comunistas a defenderam de forma veemente.<sup>140</sup> Setores do MAPU e da Izquierda Cristiana também se aproximariam decididamente do MIR durante a administração de Salvador Allende, mas nenhum deles tinha o peso dos socialistas dentro da UP. A ala menos moderada do PS não apenas continuou a estreitar laços com o mirismo como trabalhou ativamente para reduzir a resistência da coalizão governista às posturas e ações da organização liderada por Miguel Enríquez. Em fevereiro de 1972, após uma reunião da Unidade Popular em El Arrayán, um documento interno dos socialistas festejava que a declaração divulgada ao fim do encontro tinha um tom conciliatório: “se impone un estilo fraterno y claramente autocrítico en la declaración. *No hay ningún ataque al MIR* en todo el documento; es decir, se logró lo que buscaba el PS”.<sup>141</sup>

### 3.2 SER MIRISTA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO

Foi ao centro dessas discussões que Nilton Rosa da Silva chegou, quando desembarcou no Instituto Pedagógico para estudar – e militar – a partir de 1972. No cotidiano do campus, entre uma aula e outra, os acordos e desacordos da política nacional se repetiam, agora num cenário em miniatura. Ali também apareciam as rivalidades no interior da esquerda, as diferentes linhas teóricas e estratégicas. O apelido *Piedragógico*, afinal, tinha razão de ser. Não é possível determinar, visto que Nilton não deixou qualquer registro nesse sentido (e nem seus amigos recordam de ouvir alguma afirmação do tipo),

---

<sup>139</sup> PALIERAKI, Eugenia. La opción por las armas. Nueva izquierda revolucionaria y violencia política en Chile (1965-1970). Polis, Centro de Investigación Sociedad y Políticas Públicas, n. 19, 2008, p. 4.

<sup>140</sup> TORRES, 2012, p. 130-131.

<sup>141</sup> PARTIDO SOCIALISTA (DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCACIÓN POLÍTICA). Las tesis del partido y la Declaración de El Arrayán (Documento confidencial interno, publicado en *Discusión* del 21 de febrero de 1972). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 1997. Grifado no original.

as razões exatas que o levaram a escolher a FER/MIR e não algum dos partidos “tradicionais”. Mas a grande abertura do Pedagógico às discussões e às militâncias dos vários matizes (ao menos os vários matizes de esquerda), além da notável inserção que o mirismo tinha nos meios estudantis, oferecem alguns indícios para compreender sua escolha.

O MIR exercia um grande apelo sobre a juventude, afirma Patricio Rivas, ex-militante da organização: para muitos, escreveu, “el MIR representaba la única vía de ingreso a la política y a las luchas sociales”.<sup>142</sup> Evidentemente, nas universidades esse caminho também poderia ser aberto pelas alas jovens das siglas da UP, como a Juventude Socialista ou a Comunista, que não apenas eram menos condenadas publicamente do que a chamada “ultraesquerda”, como tinham também a vantagem de integrar o governo. Para Rivas, a grande diferença entre os partidos “tradicionais” e o Movimiento de Izquierda Revolucionaria estaria na composição da cúpula deste último: “Había un rasgo que lo hacía aún más atractivo que otras organizaciones de Izquierda. El MIR era dirigido por jóvenes y eso impresionaba”.<sup>143</sup>

A presença de jovens nas posições mais importantes – o secretário-geral Miguel Enríquez tinha apenas 23 anos quando assumiu o cargo, em 1967 – e o discurso abertamente em prol das armas mesmo sob Allende também contribuíam para exercer um fascínio particular para uma geração que formou seu pensamento de esquerda na década seguinte à Revolução Cubana. A impressão era de que “aunque en sus comienzos eran más Mao que Castro, los jóvenes dirigentes del MIR parecían llamados, aunque solo fuera por motivos generacionales, a administrar en Chile el inmenso prestigio de la revolución cubana”.<sup>144</sup>

Sheila Borba, que passou pelo Pedagógico no ano de 1970, diz que o estigma de “extremistas” não pesava o suficiente para impedir a formação de uma numerosa militância do MIR que, apesar das eventuais rivalidades, não era malvista pela maioria dos outros estudantes: “era extremamente misturado. De nacionalidades, de ideologias. Não era segmentado. Não me lembro de ter nenhum evento em que a ortodoxia, o

---

<sup>142</sup> RIVAS, Patricio. *Chile, un largo septiembre*. Santiago de Chile: LOM, 2007, p. 19.

<sup>143</sup> RIVAS, 2007, p. 19.

<sup>144</sup> MARTÍNEZ, 2009, p. 286. O MIR, contudo, tinha diferenças em relação ao burocratismo do Partido Comunista Cubano (PCC), e inspirava-se mais no movimento guerrilheiro anterior à tomada ao poder por Fidel Castro. Além disso, não empregava a estratégia foquista. Em entrevista a Osvaldo Torres, o ex-membro do Comitê Central do MIR, Alejandro Romero, destacou: “desde que conocimos al PCC, Miguel [Enríquez] le dijo al Comité Central que debíamos tener mucho cuidado, puesto que estos eran unos burocratas, foquistas, corruptos y pro soviéticos [el año 1969]. [...] Siempre fuimos pro cubanos, pero en la idea de lo que fue el 26 de julio, no el PCC; ahí hubo un viraje de Fidel” (cf. TORRES, 2012, p. 132).



dogmatismo, a exclusão... até onde eu vi, os que me apontaram como sendo do MIR eram colegas extremamente colaborativos”.<sup>145</sup> Ingrid Boerr, colega de Nilton da Silva no curso de Castelhana e militante do Partido Comunista, acredita que as duas militâncias de maior peso no Pedagógico seriam precisamente a do PCCh e a do MIR, seguidas pelos membros do PS. As discordâncias apareciam constantemente: “Tínhamos muitas discussões, discutíamos muito. [...] Discutíamos porque peleávamos, porque queríamos [por exemplo] pintar um muro e quem chegava primeiro era ‘dono’ do muro, e então brigávamos pelo muro”, diz Boerr.<sup>146</sup> Em outros momentos, contudo, a colaboração entre as diversas militâncias aparecia: “mas discutíamos e ao mesmo tempo havia outras ações que eram gerais de toda a esquerda, e aí estávamos todos juntos sempre”.<sup>147</sup>

As já esperadas reticências quanto às posturas do MIR apareciam até mesmo entre brasileiros que, antes de deixar seu próprio país, haviam militado em grupos que defendiam a necessidade da luta armada. Raul Ellwanger, membro da VAR-Palmares até se ver forçado ao exílio, entendia que no Brasil a contingência exigia ações armadas para responder à repressão do Estado ditatorial, mas o mesmo não se repetia em um contexto democrático: “eu já vinha de uma derrota, a derrota nossa no Brasil, onde de repente era mais lógico lutar através da força contra um regime de força e ilegal”, de modo que “para mim era meio maluco um partido ficar falando em luta armada dentro de um sistema muito democrático, com a suposta tradição inquebrável [...] Então não me convencia”.<sup>148</sup>

A racionalização de Ellwanger, está claro, não foi a mesma de outros estudantes contemporâneos de Nilton da Silva e que, como este, optaram por ingressar nas fileiras do MIR – casos de Isabel Ibarra e Carlos Beust. Nas palavras desse último, “o MIR naquela época sempre apoiou o Allende. O MIR criticava, mas apoiava sempre. Só que dizia que era preciso dar um passo mais à frente”.<sup>149</sup> Na opinião de Ibarra, “a gente, pelo que lia e estudava e comparava, começava a perceber que a coisa não ia seguir pacificamente. [...] Não é que estava contra o governo, mas tinha uma outra percepção. Muitas vezes o Partido Socialista, o Partido Comunista, o Partido Radical nos chamavam de ‘extremistas’. Mas éramos estudantes, só”.<sup>150</sup>

---

<sup>145</sup> BORBA, Sheila. Entrevista ao autor, 31 out. 2014.

<sup>146</sup> BOERR, Ingrid. Entrevista ao autor, 8 set. 2015. Tradução livre.

<sup>147</sup> BOERR, Ingrid. Entrevista ao autor, 8 set. 2015. Tradução livre.

<sup>148</sup> ELLWANGER, Raul. Entrevista ao autor, 5 jun. 2013.

<sup>149</sup> BEUST, Carlos. Entrevista ao autor, 11 jun. 2013.

<sup>150</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

Essa análise entra em concordância com documentos internos do mirismo à época: a “lentidão” do governo é sempre alvo de críticas, mas Miguel Enríquez e outras lideranças reforçam a necessidade de defender a gestão de Allende, sem descartar um apoio oficial no futuro<sup>151</sup> – tratava-se de acelerar o processo existente (e organizar a eventual defesa dele). Não se fazia oposição, mas se buscava substituir o “reformismo” pela “revolução”. Para o mirismo, ter assumido o governo era apenas atingir uma fração do poder real: se as Forças Armadas, o Congresso e outras instituições fundamentais ainda estavam sob o mando de setores majoritariamente conservadores, afirmava Enríquez, era preciso entender que (mesmo com Allende em La Moneda) “el aparato del estado, como es hoy día, es enemigo del pueblo”.<sup>152</sup> Em seu estudo sobre o período, Alberto Aggio analisa o ponto de vista do MIR:

Para o MIR, a chegada da esquerda ao governo não resolvia o problema fundamental que toda revolução coloca, ou seja, o controle total do poder de Estado por parte dos trabalhadores. O objetivo proposto por este grupamento político, diante das novas circunstâncias (esperando que o governo da UP também assumisse essa tarefa), era o de trabalhar no sentido de criar – via mobilização de massas – uma alternativa de poder ao Estado burguês. Tratava-se, assim, de preparar politicamente as massas para a inevitável confrontação armada. Para o MIR, portanto, não cabia falar de uma transição ao socialismo sem resolver previamente o problema do poder.<sup>153</sup>

Essa maneira de encarar a realidade política chilena fazia o mirismo e os setores mais radicalizados da UP interpretarem que o processo revolucionário deveria ter “uma definição mais nítida”, isto é, almejavam “[colocá-lo] no eixo da revolução proletária de corte insurrecional, mediante a lógica do acirramento das contradições de classe”.<sup>154</sup>

É provável que esse posicionamento também tenha convencido Nilton Rosa da Silva, que não tardou a se filiar ao FER/MIR e, após isso, tornou-se um membro muito ativo nos corredores do Instituto Pedagógico e nas ações levadas a cabo por sua organização. Essa filiação ocorreu logo em seus primeiros dias no Chile, pois mesmo Francisco Estevez, colega seu desde o início do ano letivo em março de 1972, não recorda

---

<sup>151</sup> Conforme o Comitê Político do MIR afirmou (em informe de Miguel Enríquez) em maio de 1972, os miristas “no nos negábamos en el futuro a llegar a um grado de acuerdo suficiente que nos permitiera ‘solidarizar’ con el gobierno, pero eso solo después de discutir otros aspectos que definirían el carácter revolucionario o reformista del gobierno”. ENRÍQUEZ, Miguel. *Las conversaciones con la UP* (Documento interno de 20 de mayo 1972). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 155

<sup>152</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Intervención en el foro organizado por el Secretariado Nacional de Cristianos por el Socialismo (Noviembre 1972). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 194.

<sup>153</sup> AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo. A experiência chilena*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2002, p. 51.

<sup>154</sup> AGGIO, 2002, p. 37.

de um Nilton anterior ao envolvimento com o MIR: “Quando eu o conheci, ele já estava inscrito no FER, a Frente de Estudantes Revolucionarios”.<sup>155</sup> Estevez, que militava no MAPU, relata a primeira disputa eleitoral pelo controle do diretório acadêmico do curso, da qual Nilton fez parte:

Esse é um momento em que se realizam assembleias, assembleias de todos os níveis: assembleias gerais, mas também assembleias de cursos. Ou seja, na faculdade, e também no curso. Nesse momento, no nosso curso, o primeiro ano do Espanhol, devia ter uns 120 ou 130 estudantes. Era muito grande. [...] Pertencíamos [eu e Nilton] a listas rivais nessa política quando vieram as eleições do curso. Eleições do primeiro ano do Espanhol. [...] Então houve eleições e eu fui escolhido presidente. Minha lista. A lista que eu encabecei foi eleita para dirigir o curso, e a lista de Nilton, não. Mas durante o dia, no transcurso dos dias e das semanas, igual havia uma relação próxima.<sup>156</sup>

Uma relação tão próxima que, já no segundo ano de curso, Estevez seguia no comando do Centro de Alunos, mas dessa vez – como registrou o diário *Clarín* na época da morte do brasileiro<sup>157</sup> – o antes derrotado Nilton da Silva também era membro executivo da nova gestão. É esse Nilton militante do MIR que, em 1972, escreve os nove poemas contidos em *Hombre América*, o livro que analiso brevemente a seguir, a fim de observar possíveis relações entre o discurso presente em seus versos e a política defendida pelo mirismo naquele momento.

### 3.3 A POESIA MILITANTE DE NILTON DA SILVA

*Hombre América* veio à luz no primeiro semestre letivo de 1972. Escrito provavelmente antes de março ou abril, visto que Nilton da Silva menciona no prólogo os oito anos da ditadura brasileira iniciada em 1964, o único livro do poeta saído de Cachoeira do Sul circulou entre seus colegas do Instituto Pedagógico por meio de uma edição mimeografada. Na difícil rotina de exilado e estudante, com pouco dinheiro no bolso, Nilton encontrou uma pequena fonte de renda nas vendas de *Hombre América* para colegas e companheiros de militância. “Ele substituiu um tempo com a venda do livro a mimeógrafo. Ele vendia a uma cifra de... quanto seria em dinheiro atual? Uns mil

<sup>155</sup> ESTEVEZ, Francisco. Entrevista ao autor, 9 set. 2015. Tradução livre.

<sup>156</sup> ESTEVEZ, Francisco. Entrevista ao autor, 9 set. 2015. Tradução livre.

<sup>157</sup> “Nilton era poeta y Hombre de América”. *Clarín*. Santiago de Chile, 17 jun. 1973, p. 10.

pesos...”, recorda Oscar Aguilera.<sup>158</sup> Pela precariedade da edição e por sua circulação informal, poucos exemplares sobreviveram à passagem dos anos. A versão que obtive em minha pesquisa refere-se a cópias fac-similares (cedidas por Raul Ellwanger) de um livro conservado por Ingrid Boerr: “era [uma obra] de autoprodução nessa época, mimeografada, muito rústica. [...] Eu tenho guardado e é de um papel muito frágil, em condições que praticamente se desfaz ao toque”.<sup>159</sup>

Nas páginas hoje amareladas da obra<sup>160</sup>, uma identificação com posturas do mirismo aparece já na ilustração de capa do livro. Desenhada à mão livre, de autor desconhecido, ela remete simultaneamente ao internacionalismo pregado por movimentos revolucionários como o MIR, assim como à luta armada: a figura é de um mapa do continente sul-americano, do qual emerge um punho cerrado erguendo um fuzil. Outros aspectos da retórica mirista aparecem no texto em si, perpassando todo o volume – um exemplo é a tentativa de unir o intelectual e o estudante universitário aos operários por uma causa comum, como o “Poema II” menciona: “La pluma del poeta en la noche/ es como la herramienta del obrero./ La sangre y el llanto del obrero/ en la fábrica/ es el llanto y la sangre del poeta/ en sus versos”.<sup>161</sup>

Se não podem ser comparados exatamente, o sangue e o pranto do poeta seriam similares, escreve Nilton, nas razões que os provocam, identificando-se pelos anseios por mudança que o autor enuncia ao longo do livro. Mais do que refletir um movimento político, o brasileiro prossegue argumentando: o que realmente está em jogo não é um mero programa partidário, mas um anseio popular do qual seus versos seriam eco – “las horas tristes del poeta/ no son más que la tristeza de su pueblo”.<sup>162</sup> No entanto, no poema imediatamente seguinte, o texto indica uma nuance a mais nessa postura. O poeta admite pretender falar o que o povo sente, sim – mas se vê muito mais como o porta-voz de uma massa calada do que um amplificador de outras vozes: “El pueblo está callado/ Los explotados no piensan.../ sienten.../ Silencio.../ El pueblo está hablando.../ el poeta está hablando.../ el poeta.../ el desgraciado y maldito poeta/ La voz del pueblo sale de su boca”.<sup>163</sup>

<sup>158</sup> AGUILERA, Oscar. Entrevista ao autor, 10 set. 2015. Tradução livre. Na cotação de janeiro de 2016, mil pesos chilenos equivaleriam a cerca de 1,40 dólar. Cf. Exchange-Rates.org. Disponível em <<http://pt.exchange-rates.org/converter/CLP/USD/1000>> Acesso em 3 jan. 2016.

<sup>159</sup> BOERR, Ingrid. Entrevista ao autor, 8 set. 2015.

<sup>160</sup> Imagens do livro podem ser encontradas no Anexo III deste trabalho. Uma transcrição completa do conteúdo de *Hombre América* compõe o Anexo IX.

<sup>161</sup> Poema II. SILVA, 1972, s.p.

<sup>162</sup> Poema II. SILVA, 1972, s.p.

<sup>163</sup> Poema III. SILVA, 1972, s.p.

No universo de *Hombre América*, no qual os poemas estão relacionados uns com os outros e formam uma espécie de sequência autorreferencial, o povo só ganha voz através do poeta. Quando deixa de estar calado, é porque encontrou alguém que fale por ele: “El poeta está hablando.../ el pueblo no está callado/ su voz viene firme e incansable/ en la voz del poeta”.<sup>164</sup> Essa postura evidenciada nos versos de Nilton da Silva está flagrantemente relacionada com o modo de organização do MIR – que, na realidade, nada mais é do que a busca de materializar, no contexto chileno, os posicionamentos da teoria e *práxis* marxista-leninista que o grupo dizia seguir. Como argumenta Mario Garcés, o MIR não só afirmou a necessidade do componente militar na luta revolucionária, mas também a questão da formação de um partido revolucionário que assumisse a tarefa de fazer a revolução no Chile.<sup>165</sup> Esse partido revolucionário deveria ser, dentro dos moldes marxistas, uma vanguarda – saída dos círculos intelectuais ou não – a organizar a população em torno da causa. Algo que aparece até no hino do MIR: “No habrá vallas, ni ríos, ni puertas/ que el obrero no pueda cruzar/ conducidos por una vanguardia/ que los lleve al poder popular/ ¡Trabajadores al poder!”.<sup>166</sup>

Mas, assim como a retórica da vanguarda não é uma exclusividade do mirismo, conforme se avança nos poemas de *Hombre América*, percebem-se mais e mais elementos ligados a um discurso mais amplo da esquerda latino-americana. O Nilton desses versos não é tanto um militante da frente universitária do MIR, mas alguém que se identifica com a retórica da esquerda revolucionária em busca de tempos melhores – acabar com a exploração, o imperialismo, o sofrimento do povo. Notavelmente, nenhum dos poemas ali contidos fala explicitamente em lutar pela revolução (o termo “*revolución*” não é mencionado sequer uma vez em seus versos), algo que talvez possa indicar uma impressão positiva com o processo já vivido sob Salvador Allende. As mudanças eram necessárias, mas a “revolução” – embora não exatamente como pretendida pelo MIR – já estava em andamento no Chile. É uma perspectiva plausível para um brasileiro que, saído da repressão em seu país, testemunhava um processo tão aberto quanto o que encontrou em Santiago. De fato, a única vez em que se fala em revolução é no prólogo, quando o

<sup>164</sup> Poema III. SILVA, 1972, s.p.

<sup>165</sup> GARCÉS, Mario. Prólogo. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 10.

<sup>166</sup> “Trabajadores al poder” (Nelson Villagra). In: Cancioneros – diario digital de música de autor. Disponível em <<http://www.cancioneros.com/nc/6364/0/trabajadores-al-poder-nelson-villagra>>. Acesso em 2 fev. 2015.

texto se refere ao Brasil: em seu país natal, escreve Nilton da Silva, o povo, “bajo dirección de fuerzas realmente revolucionarias, lucha por su liberación definitiva”.<sup>167</sup>

De todo modo, há, sim, algo que surge como clara referência às posturas miristas e não tanto àquelas da Unidade Popular. Talvez seja a parte mais identificada com o que se imaginava do MIR: a contemplação da possibilidade de morrer por suas ideias, que aparece mais de uma vez no texto, particularmente no “Poema VIII”:

Un día quien sabe como ahora  
de madrugada,  
en la triste y afable madrugada,  
llegue la muerte despacio y me sorprenda,  
aunque esta muerte no sea por ti,  
(porque además de ti y de tu amor,  
existen los seres de mi patria  
lejana y pura...)  
Aunque mi muerte no traiga tu nombre  
en mi boca.  
(Aunque traiga el nombre de mi pueblo  
o de tu pueblo.)  
Aún así mis últimos pensamientos  
serán tuyos.

Esses versos estão destinados à mulher amada – ela é a pessoa a quem Nilton se refere quando fala em “ti”. Nesse fragmento, que em retrospectiva foi racionalizado por muitos de seus amigos como um prelúdio da tragédia que ceifou a vida do brasileiro, é como se Nilton explicasse as razões de uma possível morte. Ela não será “por ti”, pelo amor, porque além de “ti” existem as pessoas pelas quais se luta no cotidiano da militância – inicialmente, apenas os “seres de mi patria/ lejana y pura”, mas logo o poeta acrescenta também a possibilidade de morrer em conflitos dentro do Chile, quando fala que o nome trazido na boca pode ser “de mi pueblo/ o de tu pueblo”.

Mas o texto de Nilton da Silva jamais será uma cega reprodução de discursos, um espelho do programa da organização a que estava filiado. O que parece mais evidente nas poesias de *Hombre América* é uma preocupação pela situação deixada para trás no Brasil. Talvez por ainda estar havia pouco tempo no Chile, talvez por estar positivamente impressionado com o processo vivido sob Allende, ou quiçá por encarar sua ainda

---

<sup>167</sup> Prólogo. SILVA, 1972, s.p. Nessa passagem, o qualificativo “*realmente* revolucionárias” não parece ter relação com o debate mirista sobre “reformismo *versus* revolução”, sendo – pelo contexto, já que o trecho se refere ao Brasil – possivelmente uma referência ao fato de o regime militar brasileiro insistir em se referir ao golpe de 1964 como “revolução”.

incipiente militância no MIR uma continuação “natural” das atividades que desenvolvia em seu país – o que poderia ajudar a explicar sua escolha por um grupo mais radicalizado –, Nilton fala muito pouco do contexto chileno em particular. As causas mencionadas nos versos são sempre expostas em termos de internacionalismo ou de preocupação com as agruras vividas pelos brasileiros sob a ditadura militar.

Nilton da Silva não só escreveu mas, após sua morte, também teve alguns poemas dedicados a ele por ex-colegas. O chileno Oscar Aguilera foi autor de um deles, no qual registrava: “con su español a medio terminar/ se nos queda caído en la alameda/ sobresaltadamente brasileño/ [...] sobresaltadamente tan chileno”.<sup>168</sup> A impressão descrita por Aguilera, do Nilton brasileiro e, ao mesmo tempo, tão chileno, é algo que pode ser percebido nas linhas de seu próprio volume de poesia. Ao longo dos nove textos escolhidos para compor *Hombre América*, o estudante nascido em Cachoeira do Sul mescla preocupações de sua militância atual com as várias menções à luta contra o regime ditatorial no Brasil. Dentro do curso, é certo, Nilton encontrou muitos colegas com a mesma disposição artística que ele. Juntos, chegaram a criar a revista *Etcétera*, que reuniria alguns poemas de cada um. Com tendências políticas semelhantes, não era difícil que muitas vezes as expusessem nos versos que escreviam. Mas as estrofes produzidas pelo brasileiro tinham algo que as diferenciava, no entendimento de Aguilera: as experiências vividas antes do exílio.<sup>169</sup>

A grande preocupação de Nilton da Silva com a situação em seu país natal é exposta já no prólogo de *Hombre América*, nos seguintes termos:

Los pueblos latinoamericanos viven en una fase de lucha por su liberación definitiva de la dominación política económica imperialista y en lucha por la construcción de una sociedad socialista.

Pero mientras la lucha de clases se agudiza y se demuestra en muchos países la posibilidad real de la toma del poder por las fuerzas del proletariado, existen países como BRASIL, donde el imperialismo y fascismo se manifiesta con toda su fuerza e intenta aplastar al proletariado en su lucha.

Pero, la lucha continúa, el pueblo brasileño, bajo dirección de fuerzas realmente revolucionarias, lucha por su liberación definitiva.

En estos días el gobierno fascista brasileño conmemora sus ocho años de existencia y de dominación sobre nuestro pueblo.

<sup>168</sup> AGUILERA, Oscar. El poeta Nilton. In: \_\_\_\_\_. Nilton da Silva, Brasileño, todo este territorio es tu sepulcro. *Centro de Estudios Miguel Enríquez – CEME – Archivo Chile, dossier*, 2005, p. 3-4.

<sup>169</sup> AGUILERA, 2008, p. 117.

Por esto en los días que el fascismo conmemora su dominación con la sangre del pueblo, yo, como acto de rebeldía y de manifestación clara de demostrar lo que hace el fascismo, escribo estos versos.<sup>170</sup>

No “Poema V”, uma vez mais, Nilton parte do Brasil para propor uma luta continental contra a repressão: “Mi patria hoy tiene su bandera rota,/ hoy tiene su cuerpo sangrando,/ mi patria hoy tiene su pueblo en duelo,/ hoy tiene su pueblo en lucha...”.<sup>171</sup> Isso ficará ainda mais explícito na poesia seguinte: “Las cárceles de mi patria están llenas,/ las calles de mi patria,/ tiene desesperación y muerte./ Cada uno de su pueblo/ trae en su rostro la incertidumbre/ y la desconfianza...<sup>172</sup>”, raciocínio complementado algumas estrofes mais tarde por “El nombre de mi patria,/ no es más el nombre de mi pueblo,/ sino el nombre de sus explotadores./ Su bandera no es más que un paño roto,/ rayado de verde y amarillo/ y manchado de pólvora y sangre.// Pero mi patria no dejó/ de ser la patria de los humildes...”.<sup>173</sup> A vontade de se comunicar com tudo o que deixou para trás é finalmente extrapolada no último poema do livro, o “Poema IX”, no qual Nilton começa pedindo “Vuela... Vuela mi paloma...” e então afirma:

No importa que no vengas nunca más.  
Lo que importa es que dentro de ti,  
arriba de tus alas estoy yo,  
está mi ser, mis pensamientos.  
Quiero despacio, en la inmensa noche,  
despertar en mi patria  
longincua y sola,  
en la inmensidad de américa dormida.<sup>174</sup>

Em todos esses poemas, como se nota no fragmento acima, o Brasil é sempre colocado dentro da América, inseparável do contexto mais amplo de ditaduras que pontilhavam o continente. Se a *América* está invariavelmente colocada nos versos, quem seria exatamente o *Hombre* também presente no título? É o Che Guevara, citado explicitamente no “Poema IV”?<sup>175</sup> É o próprio Nilton, que vive em outras terras do continente, sentindo a alegria e o calor de outros povos, sentindo a miséria e opressão

<sup>170</sup> Prólogo. SILVA, 1972, s.p.

<sup>171</sup> Poema V. SILVA, 1972, s.p.

<sup>172</sup> Poema VI. SILVA, 1972, s.p.

<sup>173</sup> Poema VI. SILVA, 1972, s.p.

<sup>174</sup> Poema IX. SILVA, 1972, s.p.

<sup>175</sup> “Lejos de la patria,/ ausente de tu pueblo,/ junto al amigo,/ frente al enemigo,/ así eres, tú, hombre de américa./ Nacido en el vientre de los humildes/ y criado en las tierras áridas y profundas,/ de américa virgen y ardiente./ Luchador en la patria,/ combatiente en la selva./ Amigo de los pobres,/ defensor de los oprimidos./ Así eres tú CHE./ Así lo eres todavía GUEVARA”. Poema IV. SILVA, 1972, s.p.



com outros irmãos (como menciona no “Poema V”)?<sup>176</sup> Poderia ser, ainda, a experiência do militante de esquerda, do trabalhador humilde, do pobre latino-americano em geral. Ou o “*hombre*” da América são todos eles, algo que Nilton da Silva parecia já indicar no “Poema I”, no fragmento em que assume a identidade de poeta/porta-voz e se despersonaliza: “Hoy soy pueblo...// Hoy soy ser despierto,/ sin nombre,/ porque hoy soy POETA...”.

É impossível determinar com certeza, tanto esse detalhe semântico quanto aspectos maiores das tomadas de decisão do jovem cachoeirense. Restam-nos, ao analisar sua trajetória, as memórias dos amigos e os documentos produzidos nas investigações posteriores. Dos demais escritos de Nilton, quase nada restou. No entanto, considerando apenas o que conhecemos – a integralidade de *Hombre América* – é possível afirmar que não se deve reduzir a preocupação da poesia de Nilton da Silva a uma simples exposição da situação brasileira, e nem a uma mera repetição do posicionamento do MIR.

O estudante brasileiro do Instituto Pedagógico, a sua maneira, repercute a experiência de vida – dele e de outros exilados –, abraçando um discurso internacionalista de luta contra as explorações e opressões. “Con su español a medio terminar”, o primeiro verso do poema de Oscar Aguilera sobre Nilton, pode ser interpretado tanto como uma menção ao curso de castelhano interrompido pela metade, ou ao sotaque tão marcante de um estrangeiro que gostava de recitar poemas em saraus da universidade. É notável que, apesar disso, do espanhol tropeçante, a decisão de Nilton da Silva tenha sido a de compor *Hombre América* inteiramente em castelhano – mesmo tendo escrito seus textos provavelmente antes de ingressar na faculdade.

Com exceção da epígrafe<sup>177</sup>, todo o restante do trabalho é feito na língua do país adotivo. Nilton sabia que seus leitores imediatos seriam chilenos. Há pelo menos um outro poema seu que pude localizar, além dos incluídos no livro, certamente escrito após *Hombre América*: sem título, datado de 16 de outubro de 1972, está dedicado ao “Turco”, apelido de Dirceu Messias, ex-colega dos tempos de Porto Alegre que, no Chile, também militou no MIR. Esse texto tem seus versos marcados pela saudade do Brasil – e, destinado a um conterrâneo, está em português:

Suave é o passar do tempo, da vida

---

<sup>176</sup> “Yo el ser despierto,/ que vive en otras tierras de américa,/ que siente la alegría y el calor/ de otros pueblos,/ que sufre la miseria y la opresión/ con otros hermanos...”. Poema V. SILVA, 1972, s.p.

<sup>177</sup> Na qual se lê, em caixa alta: “O AMANHECER É BELO/ QUANDO SE ESPERA/ E SE TEM A CERTEZA DE QUE ELE VAI CHEGAR”. SILVA, 1972, s.p.

quando se tem saudade.  
 Doce e eterno é a memória infinita [sic]  
 dos homens quando se tem Amor.  
 Calmo e triste é o encanto de uma  
 música ausente, quando se tem saudade.  
 Infinito é o lamentar humano  
 quando não se tem amigos.  
 Mas, infinito se torna a vida, [sic]  
 o cotidiano viver de cada homem  
 quando se encontra um companheiro. [sic]<sup>178</sup>

Outubro de 1972, a época desse texto, será também o momento em que o Chile começa a viver a primeira grande greve patronal iniciada com o objetivo de desestabilizar o governo de Salvador Allende. Nilton da Silva, cuja morte viria oito meses mais tarde em outra greve contrária à UP, viveria naquele *Paro de Octubre* uma das suas épocas mais ativas dentro da FER/MIR.

### 3.4 A GREVE DE OUTUBRO DE 1972

Com a óbvia exceção de seu assassinato, o episódio mais recordado da militância de Nilton da Silva não foi relacionado ao diretório acadêmico do curso, mas às ações que ajudou a coordenar enquanto a Greve de Outubro se desenrolava no país. Coube a Nilton a coordenação de uma ocupação de supermercado realizada durante a crise, a fim de distribuir alimentos a um preço “justo” que os comerciantes não estavam dispostos a praticar.

No dia 10 daquele mês, sob a justificativa de protestar contra um projeto do governo que pretendia criar uma companhia estatal de transportes, donos de caminhões em todo o Chile tiraram seus veículos de circulação, dando início à mais grave crise vivida por Salvador Allende até então. Financiada secretamente pela CIA e por empresas norte-americanas, que fizeram chegar dólares para sustentar os caminhoneiros nos seus muitos dias sem trabalhar<sup>179</sup>, a paralisação interrompeu a distribuição regular de alimentos e combustíveis, entre outros bens essenciais. Isabel Ibarra relembra o impacto que o *paro* teve para abalar a confiança de muitos militantes na continuidade do governo:

<sup>178</sup> SILVA, Nilton Rosa da. “Suave é o passar do tempo...”, 16 out. 1972. (manuscrito original). Uma imagem desse texto pode ser encontrada no Anexo IV desse trabalho.

<sup>179</sup> MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 359-360. Um dos sinais mais claros do grande influxo da moeda no Chile era que, apesar da crise desencadeada pela greve, o valor do dólar no câmbio paralelo *baixou* durante aqueles dias. Ver também KÓŠICHEV, 1990, p. 174.

Foi um episódio que para mim, na minha cabeça, foi desencadeador do golpe, que foi a greve dos caminhoneiros. Eu lembro. Os Estados Unidos estavam financiando, porque isso foi comprovado. Então, imagina... o Chile depende [dos caminhões], é uma tripa: os alimentos daqui têm que parar lá. Naquela época era só caminhão e trem, não tinha outra coisa. Então, com a greve dos caminhoneiros, que na época era [Leon] Vilarín o líder do sindicato, aí foi o caos.<sup>180</sup>

Alguns poucos caminhoneiros autônomos favoráveis ao governo tentaram se organizar no Movimiento Patriótico de Renovación (MOPARE), a fim de continuar abastecendo as cidades, mas essa frota reuniu apenas cerca de 6,5 mil veículos – e havia mais de 47 mil caminhões parados em todo o país.<sup>181</sup> Além disso, os que tentavam continuar nas estradas não o faziam sem dificuldades: sobre o asfalto começaram a aparecer os chamados *miguelitos*, pequenas armações com pregos, colocadas pelo caminho para furar pneus; também os grupos armados de direita, como o Patria y Libertad, dedicaram-se a atacar nas rodovias os caminhões que não aderiam à greve.<sup>182</sup>

A paralisação dos donos de caminhões provocou efeitos imediatos na rotina dos chilenos: uma semana após o início da greve, organizações de médicos e bancários anunciaram que interromperiam suas atividades em solidariedade, e não estavam descartados protestos do setor de transporte coletivo.<sup>183</sup> Aproveitando-se da ameaça real de um desabastecimento, grandes supermercados da capital começaram a praticar o açambarcamento, aumentando os preços sob a desculpa da escassez, enquanto mantinham seus estoques ainda abastecidos. Isso gerou duas respostas: uma oficial, com o fortalecimento e ampliação por parte do governo das Juntas de Abastecimiento y Control de Precios (JAP), criadas em abril de 1972 para combater a inflação com a venda de alimentos a valores tabelados<sup>184</sup>; a outra se deu pela ação dos partidos de esquerda, através do voluntariado para descarregar alimentos que vinham por trem, do oferecimento para dirigir caminhões disponíveis que não estivessem em greve, e até mesmo da ocupação de supermercados, que passaram a vender os estoques dos açambarcadores pelo mesmo preço das JAP.<sup>185</sup>

As Juventudes Comunista e Socialista, por sua ligação com a UP, não chegaram a realizar essa última opção. A postura do governo era pedir que a população fiscalizasse

<sup>180</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

<sup>181</sup> KÓSCHEV, 1990, p. 140 e 173.

<sup>182</sup> WINN, 2010, p. 162.

<sup>183</sup> PRATS, 1985, p. 302.

<sup>184</sup> WINN, 2010, p. 152.

<sup>185</sup> MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 366.

os estabelecimentos que realizassem estocagem ilegal, não tomá-los pela força. Assim, os grupos relacionados aos partidos “tradicionais” procuraram dar seu auxílio contra a crise de outras maneiras. Um dos episódios mais famosos foi a ação promovida por estudantes e funcionários da Universidade Técnica do Estado (UTE), na Estação Central de Santiago, ajudando a distribuir as cargas que chegavam por meio da malha ferroviária. Durante um final de semana, em seis horas de trabalho, os voluntários da UTE chegaram a descarregar mais de mil toneladas de arroz.<sup>186</sup>

No entanto, para os grupos mais radicalizados, como o MIR, o combate à paralisação não deveria se dar pela mera coexistência até que se encontrasse uma saída, e sim atacando diretamente aqueles estabelecimentos que ajudavam a promover a escassez. Dois meses mais tarde, analisando em retrospecto a Greve de Outubro, Miguel Enríquez exaltaria as ações do período: “en plena crisis de octubre, comenzó a generarse un naciente poder popular alternativo”, dizia o secretário-geral. A partir desse poder popular, prosseguia, o povo dava início “a una lucha activa en contra la especulación y el mercado negro, a la acción directa de las masas, a luchar por una distribución igualitaria y equitativa de los alimentos y productos esenciales, y se dispone a luchar para arrebatarnos a los patronos el poder y la riqueza que aun conservan.”<sup>187</sup>

Entre as ações mais difundidas nesse contexto estavam as ocupações de supermercados, nas quais muitos estudantes do Pedagógico se envolveram. “Foi uma ação como que corrente neste momento”, diz Francisco Estevez – “era comum, digamos. Tomar o supermercado e repartir a comida, repartir os alimentos com a população”.<sup>188</sup> Por militar no MAPU, que, apesar de ter um setor crítico ao governo, era formalmente parte da UP, Estevez não chegou a participar desse tipo de ação. Mas os miristas que conviveram com Nilton da Silva guardam recordações vivas daqueles dias, e do protagonismo do amigo nessa atividade. Liderados pelo grupo da FER – que, no entanto, permitiu a participação de não-miristas –, vários jovens do Instituto Pedagógico ocuparam e passaram a administrar uma filial da rede de supermercados Portofino, localizada nas proximidades do campus. O relato de Carlos Beust oferece um olhar sobre a maneira como tais atos ocorriam:

---

<sup>186</sup> DRAGO, Tito. *Chile: Um duplo seqüestro*. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 83.

<sup>187</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. ¡A desarrollar y fortalecer el poder popular! (12 de enero de 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 214.

<sup>188</sup> ESTEVEZ, Francisco. Entrevista ao autor, 9 set. 2015.

Saía no jornal, por exemplo, dizendo que tem massa em tal supermercado. Pão em tal lugar. Aí a gente corria para lá e fazia o que esse diretor de teatro chamou de “teatro invisível”. O que era: a gente entrava na fila e criava uma barafunda, criava uma confusão, uma discussão entre nós. Uns fazendo papel de direita e outros fazendo papel de governistas. Uns dizendo que a falta de comida era uma barbaridade e outros dizendo que tinha, e criava confusão... acabava que toda a população que estava na fila ficava discutindo. A gente criava as discussões e saía fora. Porque a gente sabia onde estava a comida, porque tinha as denúncias. Os funcionários dos supermercados avisavam: “aqui chegou tal coisa e estão escondendo em tal lugar”. Perto do campus da universidade tinha um supermercado bem grande. Aí a gente foi para lá, tinha aquela fila enorme, a gente começou a fazer a confusão, entramos no supermercado com aquele grupo enorme, acho que 50 a 100 estudantes, e fomos no depósito. Descobrimos que estava tudo trancado lá. Tinha massa, tinha tudo escondido. Arrombamos a porta, botamos a comida nas prateleiras e tomamos conta do supermercado. Dissemos que o supermercado estava ocupado e passamos seis meses administrando o supermercado. Botamos para fora os donos, nos revezávamos armados com pedaços de pau, com *linchacos*<sup>189</sup>, e aí ficamos administrando... e quem era o gerente geral era o Nilton. Nós fazíamos as compras, pagávamos os funcionários todos e distribuíamos a comida ao preço que tinha que ser. Fazíamos as compras através do governo que tinha umas empresas [...] As JAP. Era a mesma coisa. Nós comprávamos desses lugares. Porque grande parte das distribuidoras de alimentos eram americanas, tudo com nome estrangeiro. Ficamos lá até perto do golpe, até os últimos dias do golpe ou mesmo o próprio golpe, não me lembro direito.<sup>190</sup> Nos revezávamos na segurança armada, entrávamos no supermercado, à noite trancávamos as portas e ficávamos lá dentro fazendo balanço, fazendo levantamento do que estava comprando... e o dinheiro do supermercado a gente botava na conta do dono. Só tirava o que precisava para fazer as compras. Era tudo direitinho, bonitinho, não ficamos com um centavo. [...] O governo Allende não tinha uma proposta para isso e nós começamos a ocupar tudo. A população se organizava em pequenos grupos e quando descobria que tinha alguma coisa eles ocupavam e administravam. Nós fomos os primeiros exemplos disso, e começaram a surgir em vários lugares a mesma coisa.<sup>191</sup>

As memórias de Isabel Ibarra sobre a ocupação complementam o entendimento da rotina de uma ação do tipo, destacando a participação de militantes que não fossem ligados ao FER e mesmo as dificuldades logísticas que Nilton da Silva teve de enfrentar, para não realizar uma distribuição errônea:

Houve no Pedagógico um momento que várias pessoas decidiram que esse supermercado ia ser tomado. Ele sempre estava bem abastecido, era uma rede grande, hoje se chama Santa Isabel... na época não lembro. E o Nilton realmente administrou o supermercado surpreendentemente bem. Eu lembro que colocou todo mundo a trabalhar. Nós, com minhas amigas... nem todo mundo era do FER. Ele conseguiu colocar a trabalhar pessoas que achavam que tinham que colaborar de alguma forma. Não era necessário ser do MIR e

<sup>189</sup> *Linchako* era como se chamava, no Chile, o *nunchaku* – arma das artes marciais chinesas que consiste de dois bastões unidos por uma corrente ou corda.

<sup>190</sup> Nessa passagem, Beust provavelmente se refere a uma segunda ocupação ocorrida às vésperas do golpe, quando o Chile passava por uma nova greve dos transportes – esta, sem solução, interrompida apenas pelo levante de Pinochet. Considerando-se os demais relatos que pude obter, a ocupação original de 1972, que teve Nilton da Silva na administração, não teria se estendido muito além da Greve de Outubro.

<sup>191</sup> BEUST, Carlos. Entrevista ao autor, 11 jun. 2013.

do FER. Então éramos um grande grupo que estávamos sempre distribuindo. Tínhamos horários e tudo. Ele organizou tudo. Horários para distribuir as senhas, cadastrar as famílias do bairro, cadastrar quem realmente morava por ali, quantas pessoas, até para evitar que... o ser humano é oportunista se tu dá a chance. Então começou a aparecer gente que em vez de ir uma vez, ia duas ou três vezes. Então precisava ter um certo controle disso. E ele organizou. Ele realmente, acho que foi uma coisa surpreendente, porque ele conseguiu manter os funcionários que acreditavam que podiam ser úteis. [...] Todo mundo que podia ser meio voluntário ajudava ele a manter esse super.

Atos como o liderado por Nilton da Silva no supermercado Portofino dos arredores do Pedagógico se repetiriam em outros lugares do país, naqueles turbulentos dias através dos quais a Greve de Outubro avançou. A paralisação dos transportadores – e dos outros grupos que vieram a se somar a eles – eventualmente chegou ao final no início de novembro, mas não sem concessões do governo. Salvador Allende precisou recorrer à ajuda de militares constitucionalistas na formação de um novo gabinete ministerial. O cargo mais importante coube ao general Carlos Prats, comandante do Exército, que assumiu o Ministério do Interior (posição que equivalia à vice-presidência).<sup>192</sup> Poucos dias após assumir o cargo, Prats analisaria os riscos impostos pela greve: “Estoy convencido de que en octubre último estuvimos al borde de la guerra civil. De prolongarse esta situación, el país habría llegado a un enfrentamiento armado”.<sup>193</sup> E também analisou o caráter patronal da paralisação: “Para las FFAA, el paro significó un vuelco completo, un nuevo esquema. Fue un paro mayoritariamente empresarial y profesional. No quiero decir con esto que no hubo sectores de trabajadores que se plegaron. Pero en los gobiernos anteriores, los paros los realizaban los trabajadores contra patrones”.<sup>194</sup>

De todo modo, as ocupações de supermercados e a resposta popular foram interpretadas pelo MIR como um sinal claro dado pelo povo chileno de que o processo revolucionário estava atingindo uma nova fase. Em janeiro de 1973, Miguel Enríquez discursaria criticando o ministério de crise de Allende – que chamava de “gabinete UP-generales” – e apontando para a necessidade de formar Comandos Comunais e outras organizações de base, cujo embrião já teriam sido as ocupações realizadas durante o *paro*.

---

<sup>192</sup> Além de Prats, o gabinete ainda teve o brigadeiro Claudio Sepúlveda, indicado pelo comando da Força Aérea, recebendo o Ministério de Minas; e o vice-almirante Ismael Huerta, apontado pelo comando da Marinha, assumindo o Ministério de Obras Públicas e Transportes. O novo ministério, que assumiu em 2 de novembro de 1972, também incluiu civis em outras pastas: entre outros nomes, o comunista Luis Figueroa, que presidia a CUT, foi anunciado como Ministro do Trabalho. Cf. MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 386.

<sup>193</sup> PRATS, 1985, p. 326.

<sup>194</sup> PRATS, 1985, p. 326.

“Las masas populares buscan y no encuentran la conducción en el reformismo y, más aun, sufren los golpes de los retrocesos que les impone el gobierno”, afirmava o secretário-geral. Desta maneira, entendia Enríquez, o povo havia começado a se organizar de forma autônoma: “la clase obrera comienza a ejercer su paepl de vanguardia, gana fuerza, se independiza del orden burgués y del reformismo, y así comienza a crear órganos de poder popular: los Comandos Comunales. Comienza a nacer el poder popular”.<sup>195</sup>

Nessa mesma fala, Miguel Enríquez exaltaria o fato de que algumas organizações de esquerda já teriam percebido a situação que ele assinalava, destacando o PS e a IC.<sup>196</sup> O discurso firmaria o apoio do MIR a esses dois partidos nas eleições de março de 1973 – a primeira e única vez que o mirismo chamou sua militância a votar – e marcou o início de tentativas mais enfáticas de uma articulação ampla de esquerda, no sentido de radicalizar setores da UP que pudessem ser atraídos pelas posições do MIR. Quando Nilton Rosa da Silva fosse assassinado, em junho daquele ano, as engrenagens dessa tentativa de aproximação estariam se movendo com grande rapidez, e sua morte seria um elemento a mais utilizado pelo mirismo na busca por fazer sua tática prevalecer sobre o “reformismo”.

---

<sup>195</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. ¡A desarrollar y fortalecer el poder popular! (12 de enero de 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 214.

<sup>196</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. ¡A desarrollar y fortalecer el poder popular! (12 de enero de 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 214.

## 4 O MÁRTIR NILTON

### 4.1 AS CRISES DE 1973

Quando Nilton Rosa da Silva caiu assassinado em Santiago, o Chile estava a menos de três meses de viver o golpe que levaria o general Augusto Pinochet ao poder pelos próximos dezessete anos. A derrubada de Salvador Allende era anunciada pela oposição e temida pelos aliados, mas não se podia estabelecer com muita certeza quando ocorreria a tentativa de uma sublevação – e, na realidade, nem mesmo se podia afirmar que as Forças Armadas apoiariam majoritariamente um levante contra o governo. O Exército, o mais numeroso e espraçado dos ramos militares, indispensável para um golpe resultar triunfante, ainda era, naquela altura, liderado pelo general Carlos Prats. Seu discurso de defesa da Constituição – e, portanto, do governo – a todo custo seguia o caminho deixado pela chamada “Doutrina Schneider”, que tomava de empréstimo o nome de seu antecessor, o general René Schneider, morto em 1970 numa tentativa desesperada dos setores de extrema-direita para impedir a posse de Allende.<sup>197</sup> Colocado frente à questão de como os militares deveriam agir se o candidato “marxista” vencesse, o então comandante-em-chefe do Exército havia sido enfático:

[...] algunos manifiestan que las Fuerzas Armadas son también “una alternativa de poder”. Es importante que en nuestro ambiente, en nuestro país y al frente de nuestra Institución tengamos muy en claro este concepto porque en este momento debe quedar absolutamente definido y clarificado. En nuestro país

---

<sup>197</sup> Allende venceu as eleições em 4 de setembro de 1970, sendo o candidato mais votado, mas não obtendo a maioria absoluta (teve cerca de 36% dos votos). A Constituição então vigente não previa segundo turno e, para casos desse tipo, atribuía ao Congresso Pleno (reunião dos deputados e senadores) a escolha entre os dois candidatos mais votados – em 1970, a decisão seria entre Allende e o conservador Jorge Alessandri, que oficialmente concorria sem sigla, mas era apoiado pelo Partido Nacional. Nos bastidores, o governo norte-americano vinha trabalhando com dois “caminhos” para tentar evitar a posse de Allende: naquilo que os documentos secretos chamavam de “Operação FUBELT”, trabalhava-se com a Track I (um golpe “brando”, a ser dado através do convencimento do Congresso para votar em Alessandri, que deveria renunciar, convocando novas eleições, nas quais a direita apoiaria um candidato do PDC como fizera em 1964, garantindo a derrota de Allende) e a Track II (um golpe militar violento, a partir da desestabilização econômica e política do país; o assassinato de Schneider fazia parte do plano, que contava com a participação de generais golpistas liderados por Roberto Viaux, líder de uma intentona fracassada em 1969, que havia sido compulsoriamente passado para a reserva). Os Estados Unidos chegaram a mandar armas para o ataque, as quais acabaram não sendo usadas (cf. VERDUGO, 2003, p. 60). O atentado contra Schneider ocorreu em 22 de outubro, enquanto a reunião do Congresso Pleno estava marcada para o dia 24. O plano fracassou: Prats assumiu o Exército reafirmando as ideias de Schneider e esvaziou a força de qualquer ação posterior. O Congresso, por sua vez, decidiu pelo nome de Allende, que contou com o apoio integral do PDC após assinar um “Estatuto de Garantias Democráticas”. Sobre o atentado contra Schneider e suas repercussões, cf. MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 179-180. Ver também: GONZÁLEZ, 2012, p. 116-118.



impera un régimen legal definido en una Constitución Política que establece de forma muy clara la forma y la vía por la cual se deben renovar los diferentes poderes del Estado; y la fija de forma muy clara quiénes son los que tienen opción a llegar a estos poderes. Y en estas definiciones no figuran las Fuerzas Armadas con opción de llegar al poder; por el contrario, le da a ellas la misión de garantizar el funcionamiento del régimen legal y, por lo tanto, de respaldarla para que por la vía normal se elijan los diferentes poderes del Estado, entre ellos el Poder Ejecutivo. [...] Luego, mientras se viva en un régimen legal, las Fuerzas Armadas de Chile no son una “alternativa de poder”.<sup>198</sup>

A postura anunciada por René Schneider era costumeiramente reiterada por Carlos Prats, não apenas no discurso, mas também na prática, com o militar chegando a assumir cargos no gabinete de Allende quando este o convidava. Como Ministro do Interior, cargo assumido durante a Greve de Outubro (e posto mais alto no governo abaixo de Allende), Prats atuou inclusive como presidente interino durante a viagem de Allende para discursar na Organização das Nações Unidas (ONU) ao final daquele ano. Mas, desde aquele momento até a metade de 1973, quando mataram Nilton, a situação havia se agravado consideravelmente. Ainda que as Forças Armadas fossem vistas como fiéis à hierarquia, já não se duvidava que uma ruptura interna pudesse se desenhar, mesmo que Prats mantivesse sua postura e seu cargo. Escrevendo pouco tempo depois, em agosto, o sociólogo francês Alain Touraine – que estava vivendo em Santiago nessa época – registraria em seu diário o que parecia ser um sentimento comum entre os chilenos ao seu redor: “até quando aceitarão os militares empenhar sua autoridade junto do Governo contra pessoas de quem estão politicamente mais próximos?”<sup>199</sup>

O mercado interno já sofria um pesado desabastecimento de alimentos e combustível e os conflitos político-partidários travancavam o diálogo entre as siglas governistas e a oposição, dificultando a implantação de novas medidas pelo governo<sup>200</sup>. Nas ruas, membros do MIR e da Frente Nacionalista Patria y Libertad, organização de extrema-direita, entravam em frequentes conflitos durante manifestações – e os milicianos de Patria y Libertad também vinham realizando atentados contra a infraestrutura do país, explodindo pontes, oleodutos e linhas de transmissão de energia elétrica.<sup>201</sup> Uma inflação galopante somava-se a greves patronais e às pressões

<sup>198</sup> SCHNEIDER *apud* GONZÁLEZ, 2012, p. 41-2.

<sup>199</sup> TOURAINE, Alain. *Vida e Morte do Chile Popular*. Amadora: Bertrand, 1974, p. 68.

<sup>200</sup> WINN, 2010, p. 152.

<sup>201</sup> Segundo Moniz Bandeira, a partir de meados de julho de 1973 o número de atentados se intensificou, com a conivência de setores golpistas das Forças Armadas que jamais investigaram os núcleos do Patria y Libertad com o mesmo rigor que faziam com movimentos esquerdistas. As ações continuariam até às vésperas do golpe: nos primeiros quatro dias de setembro, seriam 54 atentados promovidos por grupos de extrema-direita, sobretudo a FNPL. Cf. MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 476 e 521.

econômicas externas<sup>202</sup>, sobretudo dos Estados Unidos, criando um clima de clara sedição que aumentava, entre a militância de esquerda, os temores de um golpe.

Ainda que grupos como o MIR considerassem o processo “lento demais”, a velocidade das reformas sociais e econômicas foi suficiente para assustar a oposição e aumentar as dificuldades com que o governo se depararia nos pouco mais de mil dias que a UP esteve em La Moneda. Após um animador crescimento registrado no primeiro ano, as finanças do Estado começaram a padecer. Em parte pela incapacidade prática de o governo absorver tantos empreendimentos em tão pouco tempo<sup>203</sup>, em parte pelo bloqueio de créditos internacionais liderado por Washington que, somados à forte queda do preço do cobre desde a estatização das minas, levaram os cofres chilenos a uma situação crítica. Internamente, grupos de oposição acumulavam argumentos para questionar as medidas da Unidade Popular, trabalhando eles próprios para amplificar a crise, como foi o caso da greve dos proprietários de caminhões em outubro de 1972. Nunca a crise havia sido tão grave quanto na paralisação de outubro, e a dificuldade de o governo contorná-la, precisando recorrer a um “gabinete cívico-militar”, ajudou a robustecer os temores de uma conjuração golpista. Alguns episódios reforçavam essa impressão: segundo as anotações pessoais de Carlos Prats, quando Allende instituiu uma cadeia nacional de rádio em regime de emergência, por exemplo, uma das emissoras de oposição saiu da rede e rodou no ar mensagens sediciosas, conclamando a população a se levantar contra o governo.<sup>204</sup>

A derrubada de Salvador Allende passou a ser considerada com mais seriedade pela oposição conforme a crise se agravava, desde os setores mais extremos do Partido Nacional até as alas à direita do Partido Democrata Cristão – cujas facções moderadas ainda tentavam chegar a um acordo com a UP, mas vinham perdendo voz. A última possibilidade de “resolver” o impasse pelas vias legais, sem provocar uma ruptura institucional, passava por obter dois terços dos assentos no Congresso nas eleições marcadas para março de 1973, quantidade mínima para fazer passar um processo de *impeachment* contra Allende. Naquele pleito, contudo, a Unidade Popular não apenas

---

<sup>202</sup> Escrevendo em 31 de julho de 1973, Alain Touraine registra que a inflação, naquele momento, excede 1% ao dia. O governo tenta manter os preços tabelados através das suas JAP, mas o mercado negro segue ganhando espaço. Ao mesmo tempo, a produção agrícola havia baixado em 20% e os economistas previam uma queda da produção industrial em pelo menos 7%. TOURAINE, 1974, p. 19.

<sup>203</sup> Tome-se a reforma agrária como exemplo. Winn observa que o plano do governo era realizá-la gradativamente ao longo dos seis anos de mandato mas, com a pressão de movimentos camponeses, setores radicais da UP e grupos como o MIR, 70% das expropriações previstas foram realizadas em somente 18 meses de governo. WINN, 2010, p. 82.

<sup>204</sup> PRATS, 1985, p. 305.

conseguiu evitar que esse projeto fosse bem-sucedido, como *aumentou* sua participação parlamentar, com os candidatos de seus diversos partidos obtendo cerca de 44% das cadeiras, entre deputados e senadores. Essas seriam as últimas eleições previstas antes do final do mandato de Salvador Allende, que deveria se estender até 1976, e o resultado das urnas tornou o impasse ainda mais complexo: o governo, apesar da votação expressiva, seguia em situação minoritária e se via sem apoio suficiente para fazer suas propostas avançarem; a oposição, sem ocupar dois terços do Congresso, permanecia incapaz de derrocar o presidente usando as ferramentas constitucionais.<sup>205</sup>

Um acordo fazia-se necessário a fim de evitar uma ruptura violenta, mas nem no governo nem na oposição a hipótese do diálogo era consensual. Enquanto as conversas não avançavam, setores oposicionistas discutiam a melhor maneira de proceder na neutralização do processo da UP, enquanto frações significativas dos partidos da esquerda continuavam debatendo entre o diálogo com a oposição (defendido majoritariamente pelo PCCh) ou a radicalização das reformas econômicas e sociais, cogitando até a preparação de uma resistência armada em caso de uma investida contra Allende (posição do MIR e de importantes setores do PS). Sem resultados palpáveis nas negociações entre a UP e os líderes oposicionistas – sobretudo aqueles ligados ao PDC –, a crise continuou a agravar-se nos meses que se seguiram às eleições de março. Em 15 de junho de 1973, quando uma grande marcha contrária ao governo tomou as ruas de Santiago – desencadeando uma passeata também de grandes proporções em apoio a Allende –, uma das questões prementes era uma nova greve com potencial de desestabilizar a administração da UP: a paralisação parcial dos trabalhos registrada na mina de El Teniente.

#### 4.2 SEXTA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 1973

Naquela altura, a greve já não era exatamente uma novidade: vinha ocorrendo havia quase dois meses, desde a deflagração do movimento em 19 de abril.<sup>206</sup> O *paro*, que se estenderia até os primeiros dias de julho<sup>207</sup>, realizava-se numa das jazidas cupríferas mais importantes do país: localizada em Rancagua, cidade a 85 quilômetros ao

<sup>205</sup> MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 401.

<sup>206</sup> DRAGO, 1995, p. 119.

<sup>207</sup> A greve de El Teniente encerrou-se em 2 de julho, mas seria uma curta trégua nas paralisações contra o governo – antes do final do mês, eclodiu uma nova greve de caminhoneiros, nos moldes daquela de outubro de 1972. Desta vez, não haveria solução antes do golpe de Estado. Cf. COCKROFT, James. Cronología: Chile 1970-73. In: AGUILERA, Pilar e FREDES, Ricardo (ed.). *Chile: el otro 11 de septiembre*. 2. ed. Havana: Ocean Sur, 2006, p. 80.

sul da capital, El Teniente era a maior mina subterrânea do mundo e um dos empreendimentos de extração nacionalizados pelo governo ainda em seu primeiro ano de mandato. Pertencente originalmente à Braden Copper Company, empresa de capital aberto sediada em Nova York, a mina havia sido parcialmente “chilenizada” em 1967, durante o governo do democrata-cristão Eduardo Frei, com a compra de 51% da participação nas ações pelo governo. Expropriada definitivamente na gestão de Allende, El Teniente tinha uma peculiaridade: dentre todas as minas do país, ela fora considerada pelos analistas da UP aquela que havia obtido os lucros mais “excessivos” no período em que operou – situação que denotava não apenas uma alta produtividade, mas também um reinvestimento relativamente baixo em estrutura por parte dos antigos donos; esse “lucro excessivo”, na visão do governo, não apenas anulava a possibilidade de indenização, como deixava os proprietários anteriores na condição de *devedores* ao Estado chileno.<sup>208</sup>

A expropriação de El Teniente, cuja legalidade foi questionada pelos representantes da Braden Copper, levou à saída de grande parte dos engenheiros e administradores responsáveis pela mina – que, sendo cidadãos norte-americanos e vinculados à empresa, deixaram o Chile. Além da redução de pessoal qualificado, também houve carência de peças de reposição para o maquinário, muitas das quais eram importadas. Os funcionários remanescentes, por sua vez, passariam a sofrer com a estagnação salarial num período de inflação acelerada. Embora não tivesse plena adesão entre os mineiros, a suspensão de parte das atividades em Rancagua naqueles meses de 1973 causaria um prejuízo superior a 60 milhões de dólares à economia nacional, em valores da época<sup>209</sup>, num momento em que o Chile – já experimentando dificuldades financeiras em várias frentes – dependia enormemente das divisas geradas pela exportação do cobre extraído em seu território. Naquele dia 15 de junho, quando os confrontos de rua acabariam vitimando Nilton Rosa da Silva, o que acontecia em Santiago era uma marcha de milhares de trabalhadores grevistas saídos de El Teniente, reclamando,

---

<sup>208</sup> O conceito da rentabilidade excessiva, utilizado pelo governo Allende, considerava que os lucros anuais das mineradoras de cobre não podiam superar os 10% ao ano. A indenização seria calculada a partir do valor estimado de cada jazida subtraído dos “lucros excessivos” registrados entre 5 de maio de 1955 e 31 de dezembro de 1970 (a data inicial correspondia ao dia de publicação da Lei 11.828, que regulamentou a indústria do cobre, bem como suas tributações). Como a maioria das empresas havia investido um valor relativamente baixo frente aos lucros obtidos, os “excessos” foram tão elevados que, segundo esse cálculo, as principais minas do país acabaram em débito com o governo, sem direito a indenização: El Teniente saiu com saldo negativo de 91,2 milhões de dólares, valor maior até do que o registrado em Chuquicamata, a maior jazida do Chile, que saiu como devedora na ordem de 76,5 milhões. MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 261-2.

<sup>209</sup> TOURAINE, 1974, p. 21.

entre outras medidas, um reajuste salarial de 41%, a fim de repor as perdas causadas pela inflação.

Muito se debateu se aquela paralisação havia sido insuflada pela oposição ou por setores de elite – através de suporte financeiro aos trabalhadores paralisados – apenas como forma de atingir o governo, ou se efetivamente contava com mineiros que, independentemente da preferência partidária, estariam buscando mais as demandas colocadas em pauta do que a desestabilização do presidente. Os partidos da Unidade Popular acusavam o movimento de “ilegítimo”. Naquela manhã, porém, Salvador Allende contrariou a posição manifestada pelos líderes da UP e, para estupefação de seus correligionários, aceitou receber os representantes enviados por El Teniente para uma mesa de negociação. Joan Garcés, assessor do presidente à época, comenta:

Os partidos de direita apoiaram e estimularam as reivindicações sindicais dos mineiros, em parte justificadas por um crasso erro da burocracia estatal, incitando-os a uma marcha de protesto sobre Santiago, o que foi aceito pelos grevistas. Chegando à capital no dia 14 de junho, produziu-se uma situação altamente reveladora quando eles pediram audiência ao presidente da república. O clima político em torno do conflito estava tão denso em virtude da propaganda da oposição que tanto os dirigentes desta última quanto os do governo consideravam evidente que o presidente Allende se negaria a receber o comitê de greve. [...] Diante da surpresa geral, Allende tenta um acordo que resolva o conflito mineiro e recebe oficialmente uma delegação dos grevistas ao meio-dia do dia 15 de junho. Nessa mesma tarde, no entanto, os partidos socialista e comunista emitem uma declaração conjunta condenando a entrevista. Pela primeira vez, desde 1970, os partidos operários desautorizavam publicamente o presidente da república precisamente em relação a um conflito protagonizado por um setor de trabalhadores.<sup>210</sup>

Em suas memórias, organizadas em forma de diário, o general Carlos Prats relata que o dia 15 foi marcado por “graves incidentes callejeros en la Avenida Bernardo O’Higgins, promovidos por los huelguistas del mineral de El Teniente y trabajadores partidarios del gobierno”.<sup>211</sup> Os conflitos foram tão exacerbados, contando com a participação dos Carabineros (a polícia militar), que “una bomba lacrimógena [...] cae dentro de mi oficina privada del quinto piso del Ministerio de Defensa Nacional, dejándola varios días inhabilitada”.<sup>212</sup> O general ainda registra que, poucas horas depois, o senador Patricio Aylwin, líder do PDC, “me llama por telefono, diciéndome que ‘la fuerza pública ha sido desbordada’ y que teme un asalto a la sede de la DC<sup>213</sup>”, além de

---

<sup>210</sup> GARCÉS, 1993, p. 45.

<sup>211</sup> PRATS, 1985, p. 406.

<sup>212</sup> PRATS, 1985, p. 406.

<sup>213</sup> PRATS, 1985, p. 406.

argumentar que o acordo entre os grevistas e Allende estaria sendo barrado pelo ministro do Trabalho, Luis Figueroa. No dia seguinte, continua Prats, o diário *El Siglo* – pertencente ao Partido Comunista – publica a nota conjunta do PCCh e do PS escrita na tarde da sexta-feira.<sup>214</sup> Tal nota qualificaria como “absolutamente inconvenientes” as conversas realizadas pelo presidente. Segundo as comissões políticas dos partidos, tratava-se de uma greve “artificial” liderada por um “falso movimiento gremial, planteado y sostenido por toda la reacción”. Argumentavam ainda que “la alta combatividad de las masas, expresada por la movilización obrera y popular de los últimos días, evidencia que el pueblo que sustenta con sus fuentes su Gobierno, estima indispensable una actitud enérgica frente a los sediciosos y a los que buscan la guerra civil”.<sup>215</sup>

A julgar pelos comentários feitos por Allende nos dias seguintes, entretanto, o pensamento do presidente não se distanciava tanto daquele mantido pela cúpula da coligação governista – ou, no mínimo, havia sido consideravelmente readequado após a repercussão negativa, entre as lideranças do PS e do PCCh, da reunião ocorrida em 15 de junho. Sobre os funcionários paralisados em El Teniente, ele declarou à revista norte-americana *Newsweek*: “é um setor minoritário, composto não apenas de trabalhadores [mineiros]. Os grevistas são na maioria escriturários”.<sup>216</sup> Questionado pouco depois se o confronto não era maior do que a sociedade poderia suportar, Allende evidencia a preocupação comum à esquerda naquele momento: “há um extraordinário perigo de o confronto exacerbar-se. O Chile está vivendo a todo momento o perigo de uma rebelião armada. Há dois elementos dentro da oposição: o que age dentro do sistema e aquele que pretende derrubar este governo pela força”.<sup>217</sup> Os partidários da oposição, por sua vez, contestaram a afirmação de Allende de que a greve em El Teniente era “minoritária”. O senador Patricio Aylwin, que presidia o PDC, afirmou que “não era verdade que a maioria dos mineiros de El Teniente já se haviam reintegrado ao trabalho. [Segundo ele,] cerca de 9.000 dos 13.000 empregados continuavam em greve”.<sup>218</sup>

Observar mais atentamente os acontecimentos relacionados à marcha de 15 de junho é algo que se exige não somente por sua ligação com a morte de Nilton da Silva,

---

<sup>214</sup> PRATS, 1985, p. 406-407.

<sup>215</sup> COMISIONES POLÍTICAS DEL PARTIDO COMUNISTA Y SOCIALISTA. Declaración. *El Siglo*, Santiago de Chile, 16 jun. 1973. In: FONTAINE, Arturo; GONZÁLEZ, Miguel. *Los Mil Días de Allende. Portadas y recortes de prensa, fotografías y caricaturas*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 1997, p. 689.

<sup>216</sup> ALLENDE, Salvador. Entrevista a Bruce van Voorst, da revista *Newsweek*. Cito a versão traduzida republicada por *Veja*, São Paulo, 27 jun. 1973, p. 48-49.

<sup>217</sup> ALLENDE, Salvador. Entrevista a Bruce van Voorst.

<sup>218</sup> MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 448.

mas pelas perspectivas que ela abre sobre as questões políticas que aqui analiso: a existência de múltiplas visões dentro da esquerda quanto à maneira de encarar as dificuldades do momento, levando a discussões e discrepâncias internas que, neste caso, chegaram a extrapolar o âmbito a que normalmente se restringiam, invadindo o espaço público. A postura conjunta de líderes comunistas e socialistas – uma concordância que, na realidade, seria muito rara naqueles meses finais –, com o fim de repudiar a reunião de Allende com o comitê de greve, crítica pública que era inédita, demonstrava a existência de distinções nada desprezíveis nas convicções das várias partes envolvidas.

No entanto, e de forma simultânea, naquela tarde em que as lideranças manifestaram contrariedade à posição do presidente, suas militâncias estavam nas ruas, vivendo os violentos conflitos que se registraram até o cair da noite – com o auxílio até mesmo do MIR. A complexidade das posturas dentro da UP, e da esquerda em geral, é mais uma vez demonstrada dois dias depois, no funeral de Nilton da Silva, quando a concordância entre socialistas e comunistas não se repetirá: o PS decreta luto oficial pelo mirista, ao passo que o PCCh não o faz, mas os militantes de ambos – e de outros partidos da esquerda – comparecem às exéquias do brasileiro.<sup>219</sup>

#### 4.2.1 Assassinato na Alameda

Diante da chegada dos grevistas de El Teniente a Santiago na véspera, os partidos de esquerda chamaram suas militâncias a tomar as ruas da capital na tarde da sexta-feira, 15, realizando uma marcha de sentido político oposto àquela que o movimento mineiro havia anunciado. Enquanto a multidão identificada com a greve – inflada por membros de siglas da oposição como o PDC e o PN, mas também milicianos do Patria y Libertad – protestaria contra o governo, os militantes dos partidos da UP iriam ao centro da cidade para manifestar seu apoio às medidas de Salvador Allende e sua contrariedade às motivações da paralisação de Rancagua. Desta segunda marcha, que finalmente entraria em confronto com grupos de oposição, participou também o MIR. O historiador Gabriel Salazar detalha o desenrolar dos conflitos naquela jornada:

En solidaridad con los mineros, los estudiantes opositores realizaron numerosas manifestaciones y marchas hacia el Centro. A ese fin utilizaron como base de operaciones la sede del PDC, la Casa Central de la Universidad

---

<sup>219</sup> SANTA CRUZ, Eduardo. El fascismo mató a combatiente brasileño. *Punto Final*, Santiago de Chile, n. 187, 3 jul. 1973, p. 8-9.

de Chile y la Universidad Católica. Al apoyarse en esas bases pudieron, en cierto modo, adueñarse de un largo tramo de la Alameda Bernardo O'Higgins. Esto obligó a los gobiernistas a modificar su emplazamiento habitual, trasladando su campo de apoyo a las calles aledañas a La Moneda y a las calles del Centro Comercial. La Plaza de Armas – que no ofrecía bases apropiadas a las masas opositoras – fue desechada como campo de operaciones. [...] Estos cambios determinaron la participación de contingentes obreros (trabajadores municipales y de la construcción del Metro, principalmente) en apoyo a las masas del Gobierno, y el estacionamiento de la policía frente a la sede del PDC, para protegerla de nuevos ataques. La confrontación misma fue esta vez más paritaria, lo que alargó los enfrentamientos, tensó a los policías y preocupó las autoridades, que sintieron que la calle podía escaparse definitivamente a su control. De hecho, las nuevas 'batallas' dejaron como saldo un muerto (un estudiante que militaba en el FER), cerca de doscientos heridos y contusos y más de una decena de detenidos [...]. Ante esto, el Gobierno decretó Estado de Emergencia para la ciudad de Santiago.<sup>220</sup>

A presença do MIR não chega a ser uma surpresa, apesar das críticas constantes que fazia à UP. A posição do MIR em favor de trabalhar *com* o governo já havia sido afirmada com clareza no momento da eleição de Allende, numa série de comentários que também explicitavam as diferenças em relação ao programa da Unidade Popular. Em “El MIR y el resultado electoral”, texto publicado na revista *Punto Final* pouco depois do pleito de 1970, os miristas manifestavam sua satisfação com o triunfo da UP, mas também demonstravam sua desconfiança com o modelo legalista, mantendo a crença no “conflicto inevitável” que, cedo ou tarde, deveria opor o povo às classes dominantes:

La mayoría electoral de la izquierda, por encima de las posibles orientaciones que tome su conducción política y más allá de si el enfrentamiento se posterga, abre para todos los trabajadores un nuevo período histórico. Se han incorporado grandes y nuevos sectores del pueblo a la lucha por el socialismo, y el triunfo electoral a nivel da la conciencia de las masas entregó a éstas la sensación de victoria y de “derecho a gobernar”, comprometidos detrás de un programa, lo que implica un proceso irreversible en las futuras formas de expresión de su aspiración a constituirse en poder. [...] creemos que como está formulado el programa de la UP, golpea algunos núcleos vitales del capitalismo como las empresas extranjeras, el capital financiero, el sector monopólico de la gran industria y el latifundio. Creemos también que si este programa es llevado a cabo, provocará una contraofensiva imperialista y burguesa que, sumada a las energías y aspiraciones que se librarán a nivel de masas, obligará a una rápida radicalización del proceso. Por ello, si bien el programa de la UP no es idéntico al nuestro, empujaremos y apoyaremos la realización de estas medidas.<sup>221</sup>

Ao mesmo tempo, registrava-se uma aproximação ainda maior de setores do Partido Socialista, da Izquierda Cristiana e do MAPU daquelas posições defendidas pelas

<sup>220</sup> SALAZAR, Gabriel. *La violencia política popular en las “Grandes Alamedas”*. La violencia en Chile 1947-1987 (Una perspectiva histórico popular). Santiago de Chile: LOM, 2006, p. 275-276.

<sup>221</sup> SECRETARIADO NACIONAL MIR. El MIR y el resultado electoral. *Revista Punto Final*, Santiago de Chile, n. 115, 13 out. 1970, p. 4-6.



lideranças do MIR. Já em janeiro de 1973, citando nominalmente a presença de líderes do PS e da IC em um comício mirista celebrado no Teatro Caupolicán, o secretário-geral Miguel Enríquez comentou:

Los reaccionarios se preparan para caerle encima al pueblo y arremeter contra sus conquistas. Pero hoy no estamos en octubre. Se han creado nuevas condiciones que nos permiten afirmar que el pueblo puede triunfar en las batallas futuras. La masividad y combatividad de este acto ya lo está probando. La asistencia de dirigentes nacionales de otros partidos de la izquierda, nos señala también que una nueva situación comienza a ganar terreno entre las masas y las fuerzas políticas de la izquierda. Por eso valoramos la presencia a este acto del compañero Carlos Altamirano, Secretario General del Partido Socialista, del compañero Bosco Parra, Secretario General de la Organización de Izquierda Cristiana. Sabemos que no comparten todas nuestras posiciones pero tenemos coincidencias en muchas cuestiones importantes. Su asistencia a este acto es un paso más en el largo camino para unir a los revolucionarios.<sup>222</sup>

Esse “longo caminho para unir os revolucionários” era também labiríntico, com diversos desacordos a cada ponto, e seguiria sendo uma das principais táticas do MIR nos meses seguintes. Osvaldo Torres diz que, nessa época, desenvolveu-se no interior do mirismo a ideia de “crear el ‘Frente Único’ con la Unidad Popular para contener el golpe”.<sup>223</sup> Assim, quando os principais partidos da UP convocaram seus militantes para fazer frente à grande manifestação de oposição de 15 de junho, os miristas não tardaram a se somar. A notícia também reverberou nos corredores do Instituto Pedagógico, entre os vários estudantes com algum envolvimento partidário ou que, simplesmente, nutrissem certa simpatia pelo governo.

Àquela altura, Nilton já estava alternando seu local de moradia entre a residência estudantil disponibilizada pela Universidade do Chile, localizada no Pavilhão J do campus do Pedagógico, e o quarto emprestado pelos pais de Isabel Ibarra. No dia de sua morte, o estudante brasileiro almoçou na casa da família Ibarra antes de partir para a passeata organizada pela esquerda e, segundo Isabel<sup>224</sup>, o seguinte diálogo teria sido travado à mesa:

- Vais à manifestação? – questionou Nilton.
- Não posso, eu tenho prova amanhã.
- Ah, tu és uma pequeno-burguesa mesmo – reagiu o brasileiro, brincando.

<sup>222</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. ¡A desarrollar y fortalecer el poder popular! (12 de enero de 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 208.

<sup>223</sup> TORRES, 2012, p. 174.

<sup>224</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

– Tudo bem, posso até ser, mas eu quero concluir meu semestre...

Em meados de junho, com a proximidade do encerramento do semestre acadêmico, Isabel Ibarra decidiu priorizar as avaliações finais do curso e não compareceu à manifestação. A casa da família, de classe média alta, estava situada numa vizinhança relativamente distante do centro de Santiago, a comuna de La Reina, então uma região um tanto despovoada e bucólica nos arrabaldes da capital, acessível por quem seguia na direção da cordilheira dos Andes. “Na época eram *parcelas*<sup>225</sup>. Era uma casa longe da outra e então uma nova casa longe da outra”, recorda Isabel<sup>226</sup>. Nilton da Silva, a quem a amiga chilena define como dono de uma personalidade um tanto “aérea”, costumava ter dificuldades para recordar exatamente o caminho de volta. Naquele dia, como fazia quase sempre quando pretendia voltar e pernoitar no lar dos Ibarra, o estudante exilado saiu da casa onde tinha uma segunda morada carregando no bolso um pequeno bilhete dobrado, no qual se lia o endereço da residência. Deste modo, saberia o rumo a tomar ou o ônibus mais adequado para subir.

Mas Nilton não voltaria à casa de La Reina – e tampouco tomaria a decisão de fazer o caminho mais curto (e fácil) e dormir no próprio Instituto Pedagógico, como Isabel chegou a pensar ao ver que o amigo não retornava para sua casa. O choque entre as duas manifestações ocorrido naquela tarde foi particularmente violento. A presença do MIR, cujo discurso em prol da luta armada era bem conhecido por todos, provavelmente acirrou ainda mais os ânimos dos militantes de oposição que lá se encontravam. Isso se verificou especialmente, sem ser surpresa alguma, entre os membros da Frente Nacionalista Patria y Libertad, ela própria uma organização disposta a pegar em armas, mas que, estando situada no extremo oposto do espectro político chileno, só o faria a fim de prejudicar o governo. A FNPL havia sido fundada em 1971, pouco antes das eleições municipais de 4 de abril daquele ano, as primeiras celebradas depois da vitória de Allende no pleito presidencial. O discurso de fundação proferido pelo líder Pablo Rodríguez Grez resumia os propósitos com que o grupo havia surgido:

Somos antimarxistas porque es un hecho indiscutible que en este instante la Unidad Popular está integralmente dominada por el Partido Comunista, el que nos lleva paulatinamente a la tiranía, a la dictadura del proletariado. [...]

<sup>225</sup> *Parcela*, na língua espanhola, em sua primeira acepção: “porción pequeña de terreno, de ordinario sobrante de otra mayor que se ha comprado, expropiado o adjudicado”. Cf. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 21. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1998, p. 1529.

<sup>226</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

Aspiramos, como lo he explicado, a ser un anti-partido político, a representar a todos los chilenos por encima de las banderías partidistas, pero no podríamos ser ajenos a la próxima contienda electoral. El Frente Nacionalista ha luchado con todos sus medios, para que el domingo derrotemos al marxismo en las urnas. Tenemos el deber de demostrar que somos más y entonces habremos dado el primer paso para restablecer en Chile el imperio de la libertad. Pero, si somos derrotados, si los partidos democráticos son derrotados, tengan ustedes la convicción de que los que aquí están presentes y los que no han podido llegar, seguiremos irreductiblemente en esta lucha antimarxista desde donde quiera que estemos: en la cárcel, en el destierro o en la libertad.<sup>227</sup>

Ironicamente, as eleições municipais de 1971 seriam o único momento de todo o governo Allende em que a oposição à UP *não* teve maioria de votos. Por ser o pleito realizado em nível local, essa situação não influenciou muito o quadro do peso político nacional, mas dava uma mostra clara da força eleitoral que as siglas governistas possuíam naquele momento: os candidatos da coalizão de Allende totalizaram pouco mais de 50% do eleitorado, com os votos puxados pelo Partido Comunista, pelo Partido Socialista e pelo Partido Radical. O Patria y Libertad, mantendo a promessa de seu presidente no ato fundacional, seguiu firme em sua “luta antimarxista”, e para isso contaria com suporte do Partido Nacional, além de apoio financeiro e logístico vindo do exterior – notavelmente, recebeu auxílios dos Estados Unidos e da ditadura brasileira.<sup>228</sup> Seus militantes vestiam braceletes brancos com o logo da organização em preto, um desenho estilizado de três elos de uma corrente rompidos (para simbolizar a “libertação da pátria” das mãos do “marxismo”), que lembrava uma aranha negra, termo que acabou se tornando uma alcunha dos membros da frente nacionalista. As “aranhas negras”, identificadas como “fascistas” pela esquerda, eram responsáveis pela maioria dos atos de terrorismo e sabotagem registrados nos meses finais da gestão de Allende, e invariavelmente estavam presentes, de armas na mão, nas passeatas da oposição celebradas em Santiago.

O MIR, que também possuía armas, provavelmente compareceu à passeata com parte de sua militância que havia recebido treinamento de guerrilha – alguns em Cuba –, prevendo eventuais conflitos. Nilton Rosa da Silva não era um deles, pois pertencia ao FER – em geral, os militantes das “frentes intermediárias” não possuíam qualquer treinamento bélico.<sup>229</sup> De todo modo, os confrontos não costumavam envolver armas de

<sup>227</sup> RODRÍGUEZ GREZ *apud* SALAZAR, Manuel. *Roberto Thieme, el rebelde de Patria y Libertad*. Santiago de Chile: Mare Nostrum, 2007, p. 78-9.

<sup>228</sup> Segundo Moniz Bandeira, alguns armamentos obtidos pelo Patria y Libertad eram contrabandeados desde o porto de Santos. Agentes do país também seriam responsáveis por levar dinheiro da CIA ao Chile, no que se chamava a “conexão brasileira”. MONIZ BANDEIRA, 2008, p. 289.

<sup>229</sup> É mesmo os membros “treinados” do MIR, com exceção de alguns assaltos a banco anteriores ao governo de Salvador Allende, não voltariam a realizar qualquer ato armado relevante até depois do golpe

fogo, restringindo-se a agressões como socos, pontapés, porretadas ou golpes de *linchako*, mas a morte de Nilton comprova que o choque de 15 de junho foi diferente, tendo subido alguns degraus na escala da violência empregada. Não é possível determinar a dimensão do armamento utilizado por cada lado – o uso de armas de fogo, como a que assassinou o brasileiro, parece ter sido mesmo uma exceção, considerando-se que Nilton foi a única vítima fatal numa jornada com mais de uma centena de feridos –, mas o número de pessoas atingidas pela briga, que envolveu até uma intervenção do corpo de Carabineros, foi elevado, recebendo destaque no noticiário nacional e internacional. A primeira informação divulgada pelas agências de notícias, que seria reproduzida em chamada de capa pelo *Jornal do Brasil* na edição do dia seguinte, diria: “Choque de rua mata um e fere 64 em Santiago”.<sup>230</sup> Esse número depois seria aumentado, conforme novas informações foram divulgadas: duas semanas mais tarde, na menção mais tardia da imprensa brasileira ao assassinato de Nilton da Silva, a revista *Veja* falaria em “mais de cem feridos”.<sup>231</sup>

Mesmo com o alto número de feridos, contudo, Nilton Rosa da Silva permaneceria sendo o único a perder a vida na extraordinariamente violenta jornada de 15 de junho. Carlos Beust estava presente na manifestação. Ele relata a surpresa e consternação com que a notícia do disparo contra Nilton foi sendo passada, de boca em boca, na confusa massa humana que se aglomerava sob a chuva nas cercanias de La Moneda:

A gente estava na manifestação, e vieram colegas meus da universidade... era uma multidão na rua passando por mim e dizendo: o Nilton está ferido, levou um tiro. Mas a gente continuava na manifestação, porque era uma multidão de gente, milhares de pessoas brigando na rua.<sup>232</sup>

Beust só tomaria consciência da gravidade do “tiro” horas mais tarde, quando regressou ao Pedagógico e encontrou as bandeiras do campus a meio mastro. As repercussões não tardaram a ser sentidas entre os estudantes, os exilados e os militantes de esquerda. Raul Ellwanger recorda que a morte de Nilton causou grande comoção em toda a faculdade, permanecendo como tema presente por muitos dias, mesmo entre aqueles que – como ele – não eram próximos do poeta: “eu não fui no sepultamento, não tenho ideia do porquê, mas foi uma coisa que repercutiu muito na colônia brasileira [do

---

de 11 de setembro. Os cubanos que tiveram contato com o MIR chileno costumavam brincar que “os miristas são bons para escrever documentos, mas não para dar tiros”. Cf. TORRES, 2012, p. 174-175 e 267.

<sup>230</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1973, p. 1.

<sup>231</sup> *Veja*, São Paulo, 27 jun. 1973, p. 48.

<sup>232</sup> BEUST, Carlos. Entrevista ao autor, 11 jun. 2013.

Pedagógico]”.<sup>233</sup> Isabel Ibarra relata que “o Pedagógico ficou muito tumultuado. Estava todo mundo consternado, triste”. Mesmo sem ser proeminente fora de seu círculo imediato, Nilton seria um personagem bem querido no campus:

Ele era uma figura que se conhecia, por essa excentricidade dele. Ele era um bom rapaz, meio maluco, mas era simp-... não sei se era simpático, mas tinha carisma. Então no outro dia eu me lembro que a gente foi se preparando... teve um enterro fantástico. Foi uma coisa muito *conmovedora* porque era um jovem, assim como nós, que foi morto porque pensava diferente. Naquela época... acho que hoje em dia a gente vê toda hora isso, notícias que mataram, *acribillaron*. [...] Na época *no*, não era tão assim, estabelecido, digamos.<sup>234</sup>

Das pessoas que não estiveram presentes no confronto, é possível que a primeira a receber a notícia tenha sido a própria Isabel. Foi para sua casa, afinal, que as autoridades do Servicio Médico Legal telefonaram após recolher o corpo de Nilton da Silva e levá-lo para a autópsia. Souberam a quem contatar graças ao endereço trazido no bolso – a pequena anotação indicando como retornar para a casa da família Ibarra. Convocaram a amiga para o reconhecimento do cadáver. “Nilton era uma pessoa que chamava a atenção porque tinha muito cabelo, a barba era comprida, tanto que nós o chamávamos às vezes de Rasputin”, recorda Isabel.<sup>235</sup> Na morgue, contudo, ele parecia outro: para realizar os exames, os legistas raspavam inteiramente a barba e o cabelo. A fim de garantir a identificação correta, outros colegas de curso seriam posteriormente convidados a reconhecer o corpo, com mais ou menos dificuldades. Mas, para Isabel Ibarra, as dúvidas levantadas pela fisionomia alterada se dissiparam quando ela percebeu um pequeno detalhe: “o que eu reconheci é que ele tinha uma parte da orelha virada, e olhando bem, aí reconheci”.<sup>236</sup> Era a característica física inconfundível de Nilton da Silva, o “Orelhinha”. O *mirista* Nilton da Silva. Em poucas horas, a notícia se espalhou, as bandeiras da universidade e dos partidos de esquerda foram hasteadas só até a metade, e o multitudinário funeral de domingo começaria a ser preparado.

#### 4.3 DOMINGO, 17 DE JUNHO DE 1973

Oscar Aguilera também não esteve na manifestação da sexta-feira. Mais de trinta anos depois dos acontecimentos, Aguilera escreveu sobre a memória que persistia daquele

<sup>233</sup> ELLWANGER, Raul. Entrevista ao autor, 5 jun. 2013.

<sup>234</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

<sup>235</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

<sup>236</sup> IBARRA, Isabel. Entrevista ao autor, 1º dez. 2014.

final de semana em que o amigo brasileiro foi assassinado e sepultado. Se para Isabel Ibarra a notícia veio por telefone, e para Carlos Beust ela havia sido confirmada pela visão das bandeiras, enquanto para Raul Ellwanger – e não só ele – o fato seguiria reaparecendo por muitos dias nas conversas com outros exilados com quem convivia, para Oscar Aguilera a morte de Nilton tornou-se conhecida através de um informativo no rádio:

Recuerdo claramente el 15 de junio de 1973. Era un día frío. Un sector de mineros de Rancagua se alzaba contra Allende y marchaba hacia Santiago, encabezados por bandas armadas de derecha. En la noche escuché la noticia en una pequeña radio VIC RCA: Nilton Da Silva Rosa ha sido acribillado. San Martín con Alameda, cerca del Comité Central del Partido Socialista. Estaba lloviendo.<sup>237</sup>

O texto prossegue com a recordação do funeral ocorrido dois dias depois, o domingo, 17 de junho:

Al día siguiente, la noticia, sangrando, corre y entristece al Pedagógico, a la Universidad de Chile, a los refugiados brasileños, al MIR, a la izquierda chilena. Sus funerales fueron gigantescos. Ondeaban miles de banderas en Avenida La Paz. El cortejo multitudinario entró lleno de ira al cementerio.<sup>238</sup>

São diversos os relatos insistindo no caráter “multitudinário” da despedida organizada para Nilton Rosa da Silva, no cortejo que percorreu a Avenida La Paz, no caminho entre a sede da Frente de Trabajadores Revolucionarios onde o corpo foi velado e o principal cemitério de Santiago. Registros fotográficos confirmam a presença de milhares de pessoas, a maioria jovens, quase todos identificados com as cores e insígnias de algum partido de esquerda – muitos deles vestindo capacetes de trabalho –, acompanhando o veículo funerário que carregou o féretro até o local de sepultamento, um nicho de parede pago pelo MIR entre os setores 42 e 43 do cemitério.

Segundo a lembrança de Carlos Beust,

O corpo dele foi para a Central Única de Trabajadores, para a CUT, para ser velado. E foi um enterro que teve mais de cem mil pessoas nas ruas. Foi um enterro desses... [...] O enterro foi uma comoção nacional impressionante, porque os chilenos ficaram surpresos com isso. Os brasileiros estavam lá fugidos, estavam em outra situação. Parece que nas favelas que havia lá criaram uma com o nome dele e depois teve também nome de rua, mas com o golpe depois tiraram.<sup>239</sup>

<sup>237</sup> AGUILERA, Oscar. Nilton da Silva, Brasileño, todo este territorio es tu sepulcro. *Centro de Estudios Miguel Enríquez – CEME – Archivo Chile, dossier*, 2005, p. 2.

<sup>238</sup> AGUILERA, 2005, p. 2.

<sup>239</sup> BEUST, Carlos. Entrevista ao autor, 11 jun. 2013.

A reação à morte de Nilton da Silva não pode ser explicada apenas pelo choque de um assassinato tão violento, pelo sobressalto de seus conhecidos e pela solidariedade dos colegas de faculdade. Seu funeral esteve revestido de conotações claramente políticas, com uma apropriação realizada pelo MIR a fim de converter em uma espécie de mártir o estudante que militava em suas filas e caiu em nome de sua bandeira, tendo um argumento a mais para buscar a “unidade” da esquerda em torno da sua proposta para conter o golpe. Isto é, uma proposta que não negociasse com a oposição. Desde pelo menos 1972, o MIR discutia internamente a validade de organizar um “polo de reagrupación de los revolucionarios”, que tentaria “unir” os miristas aos setores radicalizados da UP (partes substanciais de MAPU, da IC e do PS), fazendo frente à posição ainda hegemônica do governo, que rezava pelo combate à crise dentro da legalidade.<sup>240</sup> O uso da morte para fortalecer esse discurso foi a impressão, por exemplo, de Raul Ellwanger: “[o funeral] foi instrumentado pelo MIR como um ato de propaganda. Com toda a justiça, evidentemente, mas correspondia ao dramatismo da violência praticada, e não à importância do Nilton [na hierarquia do movimento]”.<sup>241</sup> Ellwanger não esteve no funeral, mas uma testemunha que compareceu ao cortejo teve uma interpretação semelhante – a fotógrafa estadunidense Amy Conger.

A importância de Conger na recuperação de parte dos acontecimentos envolvendo o sepultamento de Nilton da Silva é fundamental: as imagens capturadas com suas câmeras Pentax SLR são as únicas conhecidas da grande marcha de adeus ao brasileiro<sup>242</sup>, reunidas somente em 2010 no livro de edição própria que a autora publicou nos Estados Unidos.<sup>243</sup> Casada então com um neurocirurgião argentino que havia partido para a Europa durante a ditadura de Juan Carlos Onganía em seu país, Amy Conger desembarcou em Santiago em 1972, quando o marido recebeu, através de contatos chilenos, uma proposta para trabalhar na Escola de Medicina da Universidade do Chile. A oportunidade de viver o tão falado processo da “via chilena” sob Salvador Allende animou a norte-americana: “eu também pensava que o Chile vivia um experimento único,

---

<sup>240</sup> TORRES, 2012, p. 172. Embora na prática essa tenha sido a atitude do MIR naqueles dias, o autor destaca – citando Fernando Mires, dirigente regional do MIR em Concepción na época – que partes do movimento ponderavam o risco apresentado pela tentativa de conquistar setores da UP: fragmentar ainda mais a esquerda e aumentar a debilidade do governo.

<sup>241</sup> ELLWANGER, Raul. Entrevista ao autor, 5 jun. 2013.

<sup>242</sup> Mas, certamente, não são as únicas registradas naquele dia, pois nas próprias fotografias de Conger é possível visualizar alguns militantes com câmeras na mão – indivíduos de identidade e destino impossíveis de traçar, sobretudo após a perseguição que presumivelmente sofreram na sequência do golpe.

<sup>243</sup> CONGER, Amy. *Nilton da Silva Rosa, June 17, 1973, Santiago: “We Don’t Forget the Color of Blood”*. Telluride: Nolvido Press, 2010.

que eu queria testemunhar e também contribuir. Meu marido sabia que terminaria em um golpe”, relatou Conger, recordando que ele “odiava” os Estados Unidos pelo envolvimento com os golpes e regimes ditatoriais que vinham se espalhando pelo mapa latino-americano.<sup>244</sup>

Interessada nos movimentos sociais que se proliferavam no dia a dia chileno, Amy Conger fotografou aspectos do cotidiano, registrou cenas de *poblaciones* e eternizou momentos de manifestações políticas, incluindo o funeral de Nilton. Expulsa do país com o marido um ano após a derrubada de Allende, ela levou na mala os originais de várias imagens que havia capturado no Chile, parte das quais acabaram danificadas após a fotógrafa esconder – no temor de uma visita indesejada de uma patrulha militar – os negativos dentro de um forno que acabou sendo ligado por engano. Os retratos que restaram, no entanto, e mesmo aqueles em que parte da cor e dos detalhes foram prejudicados pelo calor, são um documento precioso sobre o adeus a Nilton em 17 de junho de 1973.

As imagens de Conger explicitam não apenas a presença massiva de militantes, mas também deixa em destaque as suas vertentes partidárias. A quantidade de presentes não é tão importante quanto a procedência política desses manifestantes enlutados, e a ligação destes com partidos diversos ajuda a compreender os usos que o assassinato de Nilton da Silva recebeu frente à crise daquele momento. Os registros fornecem um indício extra, quiçá mais confiável do que os relatos pessoais e recortes de imprensa que afirmavam o mesmo, da presença de membros do Partido Comunista na ocasião. Nas fotografias de Conger aparecem, além dos distintivos estandartes rubro-negros do MIR, os símbolos das organizações que integravam a UP: a bandeira vermelha com o mapa sul-americano estilizado utilizada pelo Partido Socialista, o pavilhão verde com uma estrela vermelha que representava o MAPU, a bandeira azulada da Izquierda Cristiana e, contrariando o histórico de conflitos entre comunistas e miristas, também se faziam presentes os estandartes vermelhos com a foice e o martelo, emblema cujo uso, no Chile, era feito pelo PCCh. Ingrid Boerr explica a forma como os militantes comunistas, dentro e fora do Pedagógico, reagiram ao episódio:

Houve momentos em nível de país, em que se percebia que havia uma situação muitíssimo maior [que as discordâncias entre os partidos]. A gente regia,

---

<sup>244</sup> CONGER, Amy. Entrevista ao autor, por e-mail, 13 out. 2014. Tradução livre. No original: “I also thought that Chile was living a unique experiment that I wanted to witness and contribute to. My husband knew it would end in a coup”.



“deixa disso, são bobagens, na realidade”. E bom, o fato da morte de Nilton efetivamente foi um desses momentos... era um de nós, de todos, não era nem de um partido nem de outro, era da gente que estava de alguma maneira apoiando um governo, e ademais a todos nos unia um projeto de país distinto. Mesmo com as distâncias e diferenças naquilo que se queria fazer...<sup>245</sup>

Entre as várias faixas e flâmulas que aparecem nas imagens reunidas no livro, também podem ser visualizadas as siglas de outras frentes do MIR – além da FER, à qual Nilton pertencia – como o MPR ou a FTR, além de pelo menos dois sinais de solidariedade internacional – uma coroa de flores enviada pelo Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP) argentino e um cartaz, parcialmente ilegível, no qual se vê a palavra “Bolívia”. Também nessa série de fotografias é possível observar uma faixa negra, com letras brancas, ressaltando o sentimento mirista de fechamento ao diálogo com a oposição, através de uma menção direta aos dois principais partidos contrários ao governo de Allende: “asesinos del PDC-PN, el pueblo no olvida sus muertos”.

Em seu livro, a fotógrafa escreveu: “o funeral de Nilton da Silva, para mim, é um memorial a todos aqueles que morreram ou desapareceram na limpeza ideológica feita contra a UP”.<sup>246</sup> Ela relata que o dia – úmido, cinzento e frio –, perfeito para imagens em preto e branco (embora também tenha utilizado um filme colorido), parecia ter uma espécie de *dress code*: “capacete de operário, gorro, gola olímpica (azul clara se possível), suéter, parca, jaqueta, casaco e/ou poncho, calças grossas, botas, luvas, bracelete preto ou do MIR, vara de bambu e/ou bandeira mostrando sua afiliação política”.<sup>247</sup> E acrescenta, falando sobre as dimensões do cortejo e os grupos representados:

Foi a maior procissão que vi no Chile, talvez a maior que tenha havido. [...] As ruas pertenciam a Nilton naquela manhã. As calçadas estavam lotadas. Eu nunca imaginei que houvesse tantos militantes da UP em Santiago, e que alguns se dispusessem a caminhar 6 milhas (10 km) até o Cemitério Geral. Havia milhares de bandeiras, faixas e coroas de flores de todos os partidos de esquerda da América Latina, inclusive aqueles que não aprovavam o MIR.<sup>248</sup>

<sup>245</sup> BOERR, Ingrid. Entrevista ao autor, 8 set. 2015. Tradução livre.

<sup>246</sup> Tradução livre. No original: “Nilton da Silva’s funeral for me is a memorial to all those killed or disappeared in the ideological cleaning of the UP”. CONGER, 2010, p. 3. Nilton da Silva, evidentemente, não militava em uma organização diretamente ligada à UP, embora tenha morrido numa manifestação pró-Allende. É provável que a autora use “UP”, nesse caso, como uma forma de se referir à toda a esquerda perseguida, mesmo aquela que não fosse formalmente parte da coalizão governista.

<sup>247</sup> Tradução livre. No original: “The dress code seemed to be: work helmet, wool hat, turtleneck (light blue if possible), sweater, parka, jacket, coat and/or poncho, heavy pants, boots, gloves, MIR or black armband, bamboo pole and/or flag showing your political affiliation”. CONGER, 2010, p. 23.

<sup>248</sup> Tradução livre. No original: “It was the largest procession I had seen in Chile, maybe that had ever been. [...] The streets belonged to Nilton that morning. The sidewalks were packed. I never imagined there were so many UP supporters in Santiago and ones willing to walk 6 miles (10 km) to the General Cemetery. There were actually thousands of banners and wreaths for every leftist party in Latin America, including those who did not even approve of the MIR”. CONGER, 2010, p. 23.

Ainda segundo o relato de Conger, ao longo do caminho, os militantes vergavam suas bandeiras à passagem do carro fúnebre, em sinal de respeito. Mais de uma vez, ouviram-se os versos de *A Internacional* ao longo da marcha, e também o tradicional grito de saudação a um *compañero* caído, tão ouvido em manifestações da esquerda latino-americana: “companheiro Nilton da Silva?”, alguém questionava aos demais, para imediatamente escutar a resposta em uníssono – “presente!”. Apesar de todos esses detalhes, houve um que chamou a atenção da fotógrafa em particular, comprovada em uma das principais imagens compiladas em seu livro: “uma das coisas mais incríveis (para mim) foi a coragem que os líderes do MIR, do Comitê Político e do Comitê Central, tiveram de caminhar nas ruas da forma que fizeram, quando um franco-atirador militar poderia facilmente ter matado todos eles”.<sup>249</sup> Na fotografia, podem ser vistos, marchando lado a lado, todos os grandes líderes do mirismo, incluindo seus principais nomes: o secretário-geral Miguel Enríquez, além de Bautista Van Schowen, Edgardo Enríquez<sup>250</sup> e Andrés Pascal Allende, este último sobrinho do presidente Salvador Allende.<sup>251</sup>

---

<sup>249</sup> CONGER, Amy. Entrevista ao autor, por e-mail, 20 ago. 2014. Tradução livre. No original: “One of the most amazing things (for me) was the courage the head honchos of the MIR, the CP & the CC, had to walk down the street the way they did when a military sharp shooter could easily have killed them all”.

<sup>250</sup> Irmão mais velho de Miguel Enríquez. Não confundir com o pai de ambos, também chamado Edgardo Enríquez.

<sup>251</sup> Esta e outras fotografias de Conger compõem o Anexo VI deste trabalho.

## 5 UM HERÓI PARA A CAUSA MIRISTA

O risco a que os líderes do MIR se expuseram ao marchar na linha de frente não era incidental: relacionava-se à importância dada pelo grupo à morte de Nilton Rosa da Silva naquele momento. Algo que pode ser observado tanto no teor do pronunciamento feito por Miguel Enríquez durante o funeral quanto pelo fato de *ter havido* uma declaração do secretário-geral da organização. Falando em nome do mirismo, Enríquez relacionou o sacrifício do estudante brasileiro à luta promovida pelo movimento desde sua fundação em 1965 – e o colocou frente a outros militantes da organização que haviam caído, por razões diversas, ao longo dos últimos anos. Já no final de sua fala, o secretário-geral do MIR mencionaria: “Su nombre se suma entre otros al de los compañeros Arnoldo Ríos, Jorge Fernández, Yolanda Schwartz, Moisés Huentelaf y Luciano Cruz, caídos enarbolando la bandera roja y negra de la revolución proletaria, en la corta vida de nuestra organización”.<sup>252</sup>

Eram todos militantes jovens, mortos entre 1970 e 1973, de variados graus de importância na hierarquia do movimento. A maioria eram membros miristas similares a Nilton da Silva – pouco conhecidos – e alguns haviam perdido a vida não como consequência de um combate direto, mas por acidente. Nenhum deles, com a possível exceção de Luciano Cruz, gerou uma manifestação pública como a que se seguiu à morte do brasileiro, e tampouco o mesmo tipo de resposta por parte das lideranças do MIR. Segundo os documentos do movimento a que tive acesso – boa parte dos quais é conservado pelo Centro de Estudios Miguel Enríquez (CEME)<sup>253</sup> –, apenas os funerais de Moisés Huentelaf e Luciano Cruz deixaram algum registro de discursos proferidos pelo secretário-geral do movimento. Os dois personagens falecidos tinham em comum o fato de serem dirigentes: Huentelaf, 24 anos, pai de dois filhos, era um nome importante na luta por terras na região de Cautín, assassinado em confronto com os latifundiários da zona e Carabineros em outubro de 1971. Era um dos líderes do Movimiento de Campesinos Revolucionarios. Luciano Cruz, por sua vez, havia sido um dos membros mais proeminentes do MIR e certamente o mais reconhecível de todos os citados no discurso proferido durante o funeral de Nilton. Atuando sob o codinome “Juan Carlos”,

<sup>252</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4715.

<sup>253</sup> Organização mantida por miristas exilados na Suécia, dedicado à recuperação de documentos relativos ao MIR e à esquerda chilena em geral, no projeto denominado “Archivo Chile”. Acervo disponível em <http://www.archivochile.com/>

Cruz havia morrido acidentalmente<sup>254</sup> em Santiago em agosto de 1971, aos 27 anos de idade, asfixiado pelo monóxido de carbono que vazou de uma estufa em seu apartamento.

Nilton da Silva diferenciava-se de Cruz e Huentelaf precisamente por não ser um nome de peso na hierarquia do MIR – e nem mesmo na “frente intermediária” em que militava, a FER. Outros membros “anônimos” como ele citados no discurso de Miguel Enríquez, a exemplo de Jorge Fernández (que morreu acidentalmente pela detonação de um explosivo que carregava durante uma ocupação de terra, também em Cautín) e Yolanda Schwartz (cuja causa da morte não é estabelecida nos documentos que pude levantar), não deixaram praticamente nenhum registro no material remanescente do MIR, e seguramente não causaram o mesmo tipo de reação no momento de seu assassinato. Arnoldo Ríos, também um militante pouco conhecido em vida, compõe um caso excepcional e mais complexo que os demais: primeiro a morrer entre os citados no discurso de 17 de junho de 1973, ele havia caído assassinado ainda nos primeiros dias do governo de Salvador Allende, em dezembro de 1970. Os autores do crime, porém, não pertenciam a qualquer grupo de direita, mas às Juventudes Comunistas, e o ato se deu num confronto entre as militâncias.

O episódio de Ríos reflete as difíceis relações entre o MIR e parte da UP, particularmente o PCCh. É importante notar que o tratamento dado pelo MIR ao caso foi muito diferente daquele ocorrido após a morte igualmente violenta de Nilton da Silva ou a de Moisés Huentelaf. O sentido político, porém, era o mesmo: em nome da aproximação com a esquerda “tradicional”, a mesma buscada quando da apropriação da morte de Nilton, o assassinato de Arnoldo Ríos não fez o mirismo manifestar indignação ou um

---

<sup>254</sup> Um documento confidencial da CIA, datado de 1º de outubro de 1971 e desclassificado em setembro de 1999, comenta sobre a suspeita de que a morte de Cruz não tenha sido um mero acidente. “It is widely believed in Santiago that the death of former MIR leader Luciano Cruz Aguayo on 14 August 1971 was not accidental”, diz o informe em sua primeira linha, e prossegue: embora não se tivesse certeza quanto a autoria do hipotético crime, suspeitava-se que o assassinato se devia à proximidade de Cruz com Max Marambio, membro da escolta de Salvador Allende e ex-mirista. Segundo o texto da espionagem, Allende estaria tentando eliminar a oposição de esquerda no país (os líderes do MIR, em particular), e o círculo próximo a Marambio seria prioritário. “Many Chileans feel that the death of Cruz is indicative of the severity of the friction not only within the MIR, but throughout the leftist parties in Chile. They also feel that it indicates the lengths to which certain elements, possibly including Allende, are willing to go to eliminate opposition”. Cf. DIRECTORATE OF INTELLIGENCE. Confidential – Unevaluated Information. *Central Intelligence Agency – CIA*. Date distr.: 1 oct. 1971 (released: sep. 1999). Essas suspeitas, contudo, provavelmente não tinham fundamento (o próprio informe trazia no cabeçalho o alerta “this is unevaluated information”). A possibilidade de sabotagem para causar a morte de Cruz jamais foi confirmada por qualquer investigação posterior, assim como nenhum outro líder da cúpula mirista (relacionado ou não a Max Marambio) morreria até o final do governo de Salvador Allende. A própria CIA, evidenciando seu desencontro de informações, pouco tempo depois já não consideraria o MIR como algo a ser eliminado por Allende, e sim como um braço armado usado pelo presidente para forçar as reformas sociais onde a lei não lhe dava suporte. Cf. BASSO PRIETO, 2013, p. 223.

repúdio veemente contra os comunistas; pelo contrário, a reação à época do assassinato desembocou, como escreve Víctor Farías, em “un llamado a la unidad haciendo resaltar su importancia y el peligro de enfrentamientos entre izquierdistas”.<sup>255</sup>

Ainda de acordo com Farías, a morte de Ríos foi “el momento en que el Partido Comunista y el MIR estuvieron más cercanos a un entendimiento durable”.<sup>256</sup> Isso fica demonstrado pela forma como o Secretariado Nacional do MIR se reportou ao incidente, afirmando entender que “la serie de acontecimientos que llevaron a la muerte del compañero Ríos no representa la línea política del Partido Comunista ni de la Unidad Popular”, e que a organização buscou “todo tipo de acuerdo que permitan superar esta situación”, com o objetivo de “un entendimiento que evite este tipo de incidentes y que permita enfrentar al enemigo fundamental”.<sup>257</sup> O raro momento de proximidade em relação ao PCCh levou à formação de uma chapa única para concorrer à direção da Federação dos Estudantes de Concepción – pleito que teria motivado o crime –, e as Juventudes Comunistas manifestaram a intenção do Partido de trabalhar por “unir fuerzas y evitar de este modo las luchas fratricidas”.<sup>258</sup>

O diálogo entre o MIR e o PCCh voltaria a se fazer difícil nos anos seguintes, com reiteradas negativas dos dois lados em rever suas posições para chegar a um acordo, mas o mirismo seguiria buscando, até às vésperas do golpe, atrair militantes da UP para um entendimento em torno de sua tática radicalizada. Mesmo em fins de 1972, quando a hostilidade entre as partes já havia se amplificado muito em relação à época da morte de Arnoldo Ríos, Miguel Enríquez tocava no tema daquele assassinato com notório tato, atribuindo o crime a uma “confusão” do “reformismo” sobre quem seria seu inimigo principal – isto é, não a esquerda revolucionária e apontada como “extremista”, mas a direita conservadora.<sup>259</sup>

Embora os casos sejam relativamente raros, é possível detectar um certo padrão na forma de atuação do MIR frente aos seus caídos. Havia, é claro, uma reação mais pomposa à morte de seus dirigentes, verificada nos casos de Luciano Cruz e de Moisés Huentelaf, e uma atenção maior se a morte – tivesse o personagem algum peso ou não na

---

<sup>255</sup> FARÍAS, Víctor. Introducción al capítulo dos. In: \_\_\_\_\_. 2000, p. 360.

<sup>256</sup> Ibid.

<sup>257</sup> SECRETARIADO NACIONAL MIR. Declaración sobre la muerte de A. Ríos (Diciembre de 1970). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 541.

<sup>258</sup> JUVENTUDES COMUNISTAS (COMISIÓN EJECUTIVA). Declaración sobre la muerte de A. Ríos (Diciembre de 1970). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 543.

<sup>259</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Intervención en el foro organizado por el Secretariado Nacional de Cristianos por el Socialismo. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 204.

hierarquia mirista – se dava em uma situação de combate violento, como se percebe na reação ao assassinato do próprio Huentelaf, de Nilton da Silva e Arnoldo Ríos. Mas a forma como o repúdio aos assassinatos ocorre está diretamente ligada ao projeto político mirista: ela não é idêntica nos três casos, variando de acordo com os perpetradores do crime. Como seria de esperar, as pesadas críticas aos assassinos só ocorrem quando estes são da direita conservadora – responsável pela repressão ao movimento camponês que levou à morte de Huentelaf, assim como pelas marchas violentas de oposição a Allende, que provocaram a morte de Nilton – e não aparecem no momento em que o assassinato é cometido por um grupo de esquerda, no caso de Arnoldo Ríos. Quando os assassinos foram comunistas, a ação violenta não foi atribuída a uma política de exclusão do MIR de dentro do seio da esquerda (que efetivamente existia no PCCh), e sim a uma mera “confusão”, um equívoco míope, de quem na verdade estaria lutando pelo mesmo fim.

A morte de Nilton da Silva, porém, tem peculiaridades próprias naquilo que se refere à reação observada dentro do mirismo, e isso vai muito além do fato de ele ser o único estrangeiro a cair – antes do golpe – em nome das cores do movimento. A violência contra Nilton diferencia-se claramente da morte de Luciano Cruz por ter ocorrido em um ato de agressão explícita, e não num acidente (só foi “acidental” na medida em que o brasileiro provavelmente não havia sido uma vítima premeditada: o disparo fora contra a massa de militantes, atingindo aquele mais desafortunado; mas a intenção de agressão seguia ali, independentemente da escolha da vítima). A morte do estudante brasileiro também se distingue do assassinato de Arnoldo Ríos e mesmo do de Moisés Huentelaf, pois ocorreu durante um ato de franca oposição ao governo Allende, e não de mera reação às ações do MIR – Ríos caíra numa discordância com outra militância de esquerda; Huentelaf, numa repressão às ocupações de terras realizadas pelo MCR.

Distancia-se ainda da morte de Huentelaf por dois aspectos fundamentais: se o dirigente da frente camponesa morrera em mãos relativamente abstratas, as dos “latifundiários e Carabineros”, assumiu-se que Nilton foi morto por um movimento político inconfundível, com um programa claro e intenções bem conhecidas de derrubar o governo – o Patria y Libertad. Outra diferença que elevou a importância conferida ao assassinato do brasileiro: enquanto Huentelaf morrera numa ocupação de um fundo de campo, em uma região erma do país, e lutando ao lado de trabalhadores rurais pobres, Nilton Rosa da Silva caiu em pleno coração de Santiago, em público, ombreando estudantes como ele. Estes, que compunham a parcela mais numericamente importante e ruidosa do MIR (e eram também uma parte significativa da militância da UP), viam em

Nilton uma situação com a qual podiam se identificar facilmente. Amy Conger, em sua memória daquele dia, descreve precisamente isso ao falar sobre a sensação que teve ao observar e conversar com os militantes que acompanhavam o cortejo: “[a possibilidade de uma] morte súbita tornou-se muito real e pessoal para muitos ali”.<sup>260</sup>

Como demonstra Philippe Ariès em seu *O homem diante da morte*, o século XX foi aquele no qual a morte se tornou mais escondida em relação a épocas anteriores, gradativamente excluída do espaço público: os moribundos são colocados no hospital, o luto deixou de ser uma condição tão exposta e sustentada por tão longo tempo após o fato, e mesmo a escolha por um local de sepultamento passou a perder espaço, de forma crescente, por processos de cremação que dessem um “fim” definitivo ao morto. “A sociedade já não faz uma pausa, o desaparecimento de um indivíduo não mais lhe afeta a continuidade. Tudo se passa na cidade como se ninguém morresse mais”, diz Ariès<sup>261</sup>. Escrevendo em 1955, Goffrey Gorer diagnosticava que, ao longo do século até ali, segundo entendia, a morte havia se tornado cada vez mais “pornográfica” no cotidiano da sociedade. Enquanto velhos tabus, como a sexualidade e suas minúcias, tornaram-se “mais e mais ‘mencionáveis’, particularmente nas sociedades anglo-saxãs, a morte se tornou mais e mais ‘não-mencionável’ *enquanto processo natural*”.<sup>262</sup> Mas essa “pornografia da morte” tinha um duplo sentido na visão de Gorer: se era verdade que a morte natural havia adquirido um certo status de tabu, cada vez mais oculta e menos falada, por outro lado, exatamente em função dessa espécie de proibição tácita no discurso cotidiano, uma versão espetacular da morte passou a atrair cada vez mais interesse social, convertendo-se até mesmo em objeto comercial:

Enquanto a morte natural se tornou mais e mais asfixiada em pudicícia, a morte violenta assumiu um papel sempre crescente nas fantasias oferecidas às audiências massivas – histórias de detetives, *thrillers*, faroestes, histórias de guerra, histórias de espionagem, ficção científica, e eventualmente, histórias de terror em quadrinhos.<sup>263</sup>

<sup>260</sup> Tradução livre. No original: “Sudden death became very real and personal to many people there”. CONGER, 2010, p. 23.

<sup>261</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: UNESP, 2014, p. 756.

<sup>262</sup> Tradução livre. No original: “whereas copulation has become more and more ‘mentionable’, particularly in the Anglo-Saxon societies, death has become more and more ‘unmentionable’ *as a natural process*”. GORER, Geoffrey. *The Pornography of Death. Encounter*, London, v. 5, n. 4, 1955, p. 50.

<sup>263</sup> Tradução livre. No original: “While natural death became more and more smothered in prudery, violent death has played an ever-growing part in the fantasies offered to mass audiences - detective stories, thrillers, Westerns, war stories, spy stories, science fiction, and eventually horror comics”. GORER, 1955, p. 51.

Se as produções culturais massificadas do século XX deram grande destaque às mortes violentas, elas não apenas ecoavam um interesse que já existia, mas também passaram a refletir em grande medida esse novo sentimento que escamoteava o passamento natural (e a rotina dos moribundos) do espaço público. O tratamento diferenciado conferido às mortes abruptas – longe de ser uma exclusividade das sociedades ocidentais contemporâneas<sup>264</sup>, mas certamente amplificado nas representações públicas e massificadas do século XX – ressoa com mais força se a extinção inesperada da vida se dá num caso especialmente violento. Isso vale não apenas para mortes que não passam por alguma apropriação política, mas é particularmente útil quando o indivíduo que perdeu a vida passa a integrar um discurso em prol de uma causa – na condição de herói ou mártir.

Em um estudo sobre a construção de Tiradentes como um herói republicano para o Brasil – mesmo tendo sido executado praticamente um século inteiro antes da Proclamação de 1889 –, José Murilo de Carvalho comenta: “heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos”.<sup>265</sup> Nesse intento, tanto melhor se o candidato a herói tiver morrido por uma causa que se julga análoga àquilo que se quer legitimar, pouco importando a quem faz uso dessa construção se isso implica em omissões e reconstruções convenientes ao discurso que se busca vender: “o domínio do mito é o imaginário que se manifesta na tradição escrita e oral, na produção artística, nos rituais. A formação do mito pode dar-se contra a evidência documental”.<sup>266</sup>

Recorro a Murilo de Carvalho como suporte para diagnosticar o processo da construção da imagem de um herói para uma causa, tendo em mente as óbvias distinções entre seu caso e o aqui analisado. É evidente que Nilton Rosa da Silva jamais foi apropriado com a intenção de se tornar um herói de caráter nacional, que os aspectos

---

<sup>264</sup> Em um estudo sobre as representações coletivas da morte em “sociedades primitivas”, o antropólogo francês Robert Hertz argumenta que as mortes acidentais ou violentas costumavam ser encaradas por esses grupos de maneira distinta à morte tida como natural, recebendo rituais específicos: “the type of death also causes numerous exceptions to the normal ritual. All those who die a violent death or by an accident, women dying in childbirth, people killed by drowning or by lightning, and suicides, are often the object of special rites. [...] In cases of this kind it is not weakness of the emotion felt by the group which opposes the performance of normal funeral rites, but on the contrary it is the extreme intensity and suddenness of this emotion”. HERTZ, Robert. *The Collective Representation of Death*. In: \_\_\_\_\_. *Death & The Right Hand*. Aberdeen: University Press, 1960, p. 85.

<sup>265</sup> MURILO DE CARVALHO, José. Tiradentes: um herói para a República. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55.

<sup>266</sup> MURILO DE CARVALHO, 1990, p. 58.



peçoais de sua trajetória importavam muito menos do que a condição de mirista, e tampouco se procurou utilizá-lo para legitimar um regime político: o que o MIR buscou fazer, naquele momento, foi construir a imagem de Nilton como um dos “militantes heroicos” que deram sua vida pela causa defendida pela organização – que, naquele momento, incluía a promoção de um programa de radicalização da esquerda, que se tornasse hegemônico e superasse o que considerava o “reformismo” atuante dentro da institucionalidade burguesa.<sup>267</sup> Miguel Enríquez comentou explicitamente em sua fala durante o funeral do brasileiro: “Nilton Da Silva fue actor, héroe y víctima de esta jornada. Los decididos combates callejeros de la clase obrera y el pueblo y la sangre de Da Silva han frenado y aislado temporalmente la ofensiva reaccionaria”.<sup>268</sup>

Se havia algo que um “herói” poderia legitimar, ali, era o discurso político do movimento; se havia alguém a arrebatar, eram sobretudo os outros militantes da esquerda de quem o MIR esperava simpatia, desejando trazê-los do “reformismo” para a “esquerda revolucionária”. Falar em Nilton e relacioná-lo a uma narrativa mais ampla sobre a luta do MIR e dos partidos da UP já não era tanto falar em Nilton, e sim fazer com que as militâncias encontrassem nele um exemplo, alguém com quem se identificar, para compreender a posição sustentada pelo mirismo de combater ferreamente a oposição de Allende. Para isso, como Miguel Enríquez e outros líderes do movimento reiterariam, era necessário pegar em armas – vista a violência que a direita conservadora estava disposta a empregar, exemplificada de forma tão clara pelo caso de Nilton –, assim como a urgência de aproximar as várias correntes da esquerda em torno do objetivo de radicalizar o processo que se estava vivendo, criando finalmente um “poder popular” capaz de superar qualquer investida reacionária.<sup>269</sup>

---

<sup>267</sup> Mesmo em janeiro de 1973, quando o MIR já havia anunciado que pela primeira vez apoiaria candidatos em eleições (dando seu suporte a nomes de PS e IC no pleito parlamentar), Miguel Enríquez afirmava que a iniciativa era principalmente para “ganar la fuerza para hacer entrar en crisis el parlamento y el orden burgués”. Se o MIR apoiava aqueles partidos, era porque acreditava na sua radicalização, e que eles estavam ao seu lado no entendimento de que era preciso “agir desde dentro” para enfraquecer o parlamento dominado pela oposição: “Solo la fuerza que ganemos entre las masas, con una política revolucionaria, generando un poder popular no para fortalecer el parlamento sino en contra de él, será eficaz para lograr el avance de la clase obrera y del pueblo”. ENRÍQUEZ, Miguel. ¡A desarrollar y fortalecer el poder popular! (12 de enero de 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 217.

<sup>268</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4713.

<sup>269</sup> O secretário-geral do MIR era enfático ao afirmar que o poder jamais seria do povo apenas pela via eleitoral: “A diferencia de los reformistas, no nos hacemos falsas ilusiones: ni por las elecciones los trabajadores conquistarían el poder, porque la burguesía no está dispuesta a acatar las mayorías parlamentares populares. Ni toda la fuerza del pueblo se expresará en los resultados electorales [...] La clase obrera y el pueblo, azotados por la crisis económica, han avanzado en conciencia y organización, como ya hemos analizado. La conducción reformista de las masas está trizada. La izquierda se reordena, se

Como assinala Osvaldo Torres:

Los partidos u organizaciones políticas también desarrollan sus identidades de acuerdo a quienes pretenden representar, de manera que sean un soporte para el llamado a la acción. La identidad de los partidos políticos es una cuestión crucial, pues define el cómo se ven a sí mismos, cómo buscan ser vistos por la ciudadanía según el programa y métodos que proponen y con quiénes buscan identificarse para obtener esa representación. Esta tríada es dinámica, pues siendo la política una actividad contingente, tanto porque los resultados no dependen exclusivamente de uno de los actores como porque la sociedad está en permanente cambio, demanda de los dirigentes una actualización identitaria sin abandonar los propósitos colectivamente compartidos. Los factores constitutivos de la identidad partidaria son varios, y cobran distinto valor de acuerdo al período político y la experiencia: *están los muertos y los héroes, las leyendas sobre algunos militantes, las luchas, los métodos de acción y las formas particulares de militar de cada organización*; en definitiva, las vivencias y las formas de procesarlas según la estructura de pensamiento que los constituye.<sup>270</sup>

A pertinente observação de Torres, que exhibe de maneira compreensível a apropriação de vários elementos – incluindo os militantes mortos, “heróis” – na construção de uma identidade (que, neste caso, o MIR desejava espraiar para toda a esquerda), soma também um aspecto novo à explicação da importância dada pela organização à morte do estudante brasileiro. Nilton Rosa da Silva mereceu atenção especial do MIR por algo que não se restringia à necessidade do partido de formar um mártir condizente com as suas posições – algo favorecido pela violência da morte e por ela ter vindo nas mãos de um grupo opositor e “fascista” como o Patria y Libertad. Isso é certamente importante, mas não explica as dimensões que o funeral ganhou – tanto em quantidade de presentes quanto em variedade de partidos representados – se não considerarmos a contingência. É precisamente porque a comoção à morte de Nilton da Silva foi tão semelhante àquela de Luciano Cruz, dois anos antes, que fica demonstrado o quanto a situação havia mudado ao longo do governo de Allende. Em 1973, a morte de um militante comum rendia uma resposta enfática dos líderes do MIR, e numerosa em termos de solidariedade de esquerdas, que em 1971 só era conferida a um dirigente do movimento. Em junho de 1973, quando a ameaça de um golpe de Estado, de um “confronto” como o mirismo tanto anunciava, era cada vez mais palpável e temida pela esquerda chilena, o aparecimento de um mártir com quem se identificar ajudava o MIR a promover a mensagem de radicalização que se tentava difundir.

---

reorganiza detrás de posiciones más radicalizadas”. ENRÍQUEZ, Miguel. ¡A desarrollar y fortalecer el poder popular! (12 de enero de 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 217-218.

<sup>270</sup> TORRES, 2012, p. 40. Grifo meu.

De fato, dos outros miristas mortos citados por Miguel Enríquez, o único a gerar uma resposta semelhante dos partidos governistas havia sido Luciano Cruz, um indivíduo muito mais conhecido em vida do que Nilton da Silva. Os dois funerais guardam, com efeito, várias similaridades, o que demonstra que tais articulações entre o MIR e a UP já eram manifestadas também pela ação de suas respectivas militâncias, assim como a rebeldia interna de parte dos militantes do PCCh, contrariando a posição de não dialogar mantida por suas lideranças partidárias. Ambos os cortejos foram multitudinários e reuniram militantes de todos os partidos da UP – no caso de Luciano Cruz, o próprio Salvador Allende compareceu às exéquias –, embora nos dois episódios o Partido Comunista tenha se mostrado reticente em se somar de forma incondicional ao luto da esquerda. Em 1971, quando da morte de Cruz, Miguel Enríquez denunciou: após um acordo para velar o corpo do mirista na sede da CUT Provincial, as lideranças ligadas ao comunismo teriam se negado a ceder o espaço, considerando que Luciano Cruz não passava de um “líder estudantil” e oferecendo lugares menos significativos também pertencentes à central sindical. O prédio só foi aberto graças a dirigentes da CUT filiados ao Partido Socialista, que assumiram a responsabilidade pela decisão, gerando descontentamento no PCCh.<sup>271</sup> Em 1973, novamente os atritos com os comunistas seriam percebidos, e a revista mirista *Punto Final* lamentaria: “las banderas de los partidos de la Izquierda, con la lamentable excepción de las del Partido Comunista, se inclinaron oficialmente al paso del féretro del revolucionario caído”.<sup>272</sup>

Mas, tanto em um caso quanto no outro, o MIR, por meio dos discursos de suas lideranças e dos textos publicados em seus veículos de imprensa, insistiu num tom que pregava a aproximação inclusive com o comunismo – se isso não fosse possível através da cúpula, que se tentasse alcançar por meio de uma boa relação com os militantes “comuns”, aqueles sem posição de liderança. Se os dirigentes do PCCh seguiam distantes – na realidade, distanciando-se mais e mais conforme o governo de Allende avançou –, muitos militantes do Partido compareceram aos dois funerais, e em 1973 o mirismo procuraria aproveitar essa situação para insistir na possibilidade de um acordo entre as diversas frentes políticas, gerando o que considerava uma “unidade” da esquerda – muito mais uma superação da corrente “reformista”, uma concordância em torno das posturas do próprio MIR do que efetivamente um consenso pelo qual o mirismo estava disposto a

---

<sup>271</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Luciano: ¡Hasta la victoria siempre! *Punto Final. Documentos*, Santiago de Chile, n. 138, 31 ago. 1971, p. 15.

<sup>272</sup> SANTA CRUZ, 1973, p. 8-9.

ceder em suas posições. A busca por aproximação já havia sido denotada no funeral de Luciano Cruz. Ao comentar a tentativa de líderes comunistas de barrar o funeral na sede da CUT, Miguel Enríquez procurou adotar uma postura conciliatória:

Estamos seguros que los militantes del Partido Comunista comparten con nosotros el criterio de que la unidad de toda la izquierda para hacer avanzar este difícil proceso y para enfrentar el enemigo fundamental es decisiva. Sabemos que nos acompañan en el dolor ante la muerte de un revolucionario y estamos ciertos que no piensan como se expresaron ayer algunos de sus dirigentes.<sup>273</sup>

Em 1973, ante a decisão do Partido Comunista de não decretar luto oficial pela morte de Nilton da Silva – contrariando a posição seguida pelas outras siglas da Unidade Popular –, novamente o MIR abraçou um discurso que apontava na direção de um acordo entre as partes, voltado à militância do principal partido que resistia a dialogar com o mirismo. Desta vez, inclusive, pelo agravamento das tensões sociais e a gravidade crescente do temor por um golpe, essa “união” da esquerda era encarada pelo MIR como fundamental para qualquer vitória futura. No texto sobre o assassinato do brasileiro publicado pela *Punto Final*, o posicionamento de Enríquez era emulado:

La incomprensible actitud de los dirigentes del PC, sin embargo, no fue compartida por sus bases y los obreros comunistas se confundieron con los obreros del MIR y del resto de la Izquierda chilena, para expresar el dolor de un pueblo que vio caer a un hijo, nacido en otra tierra, pero incorporado a él en duras jornadas de lucha.<sup>274</sup>

Apesar de tantas semelhanças, há uma grande diferença entre as reações à época da morte de Luciano Cruz e às do momento em que Nilton Rosa da Silva foi assassinado. Como apontei anteriormente, o funeral de Nilton recebeu um tipo de resposta que, antes, só havia sido destinado a uma liderança partidária muito conhecida. Essa distinção, insisto, residia sobretudo nas mudanças que os dois anos entre uma morte e outra haviam provocado no que diz respeito ao cenário político e às crises sociais e econômicas vividas pelos chilenos, agravadas rapidamente desde 1971 até 1973, sem trégua até o golpe. Se com Luciano Cruz a solidariedade demonstrada tinha muito a ver com o fato de se tratar de um personagem público que ocupava um papel de dirigente, com Nilton da Silva a comoção observada não se originava de nenhuma dessas situações.

---

<sup>273</sup> ENRÍQUEZ, 1971, p. 15.

<sup>274</sup> SANTA CRUZ, 1973, p. 9.

A participação das militâncias não-miristas no funeral de Nilton, contrariamente ao de Cruz, dava-se menos pela própria pessoa que havia morrido do que pela luta política que então se travava – respondia-se, quando da morte do brasileiro, não apenas ao assassinato (embora a violência ajudasse a mobilizar), mas à relação dele com o momento de crise política sentido por todos. Percebe-se, assim, de maneira bastante tangível, que uma manifestação multitudinária e aparentemente “espontânea” – já que contando com a participação de membros da UP, sem qualquer obrigação efetiva para com o MIR – na realidade respondia também a uma série de articulações que os movimentos de esquerda tentavam realizar, e que encontraram na morte de Nilton da Silva, no surgimento de um “militante heroico” que morreu na defesa do governo, o catalisador para ganhar as ruas em 17 de junho de 1973. Como comenta Vittorio Foa:

Muitas vezes definimos como espontâneas, privadas de organização (e portanto de continuidade) e politicamente cegas, lutas nas quais os nossos olhos cansados pela nossa rotina profissional de sindicalistas, políticos ou de historiadores não souberam distinguir os instrumentos, ainda que informais, de organização, as análises das situações e as propostas políticas. Confundimos com explosões improvisadas de revolta aquelas que eram produzidas por uma acumulação lenta, dia a dia, de elementos de resistência, por meio da percepção e inteligência das relações em ato.<sup>275</sup>

As críticas que as lideranças miristas não poupavam ao “reformismo” que julgavam estar representado no PCCh eram sempre direcionadas aos líderes deste partido, sendo clementes com os militantes. É possível que, além da esperada solidariedade num episódio de violência, as repetidas manifestações do mirismo nesse sentido tenham incentivado que até mesmo militantes comunistas acabassem indo às ruas no funeral de Nilton da Silva. O MIR reconhecia tacitamente que, sem os comunistas, donos da mais numerosa militância de toda a esquerda, qualquer articulação mais ampla não teria futuro. De fato, se bastasse conquistar apenas as outras facções governistas em torno de certas posições radicalizadas em comum, o MIR teria chegado muito mais perto do que realmente esteve de firmar um apoio oficial à UP, dada a grande aproximação que se registrou entre o mirismo e o PS, o MAPU e a IC nos momentos finais do governo Allende. Como argumenta Pedro Naranjo, no segundo trimestre de 1973 – a época em que Nilton morre – é quando o MIR “comienza a disputar efectivamente [...] la conducción política de las masas al reformismo, estableciendo con ello y para ellos nexos

---

<sup>275</sup> FOA, Vittorio. *Per una historia del movimento operaio*, Torino, Einaudi, 1980, p. XII *apud* ESPADA LIMA, 2006, p. 125-6.

cada vez más sólidos con los sectores más avanzados de la Unidad Popular”; isso, no entanto, “marca solo una tendencia que no llegó jamás a generalizarse o a tener un peso capaz de alterar el rumbo de la política nacional”.<sup>276</sup>

Essa tentativa de atingir as outras militâncias, enfim, reflete-se na própria construção da imagem de Nilton da Silva, equiparando-o a lutas mais antigas que não se restringiam a símbolos miristas. Miguel Enríquez coloca o nome do brasileiro ao lado de outros militantes mortos do movimento, é verdade, mas também o adiciona num panteão de lutas pluripartidárias – algumas delas muito anteriores ou alheias ao MIR – bastante caras a toda a esquerda chilena: “El nombre de Nilton Da Silva se suma al de los mártires de Santa María, La Coruña, San Gregorio, Ranquil, Dos de Abril, Pampa Irigoyen y tantos otros”.<sup>277</sup> Enríquez, assim, alocava o militante morto num nível acima, irmanando-o com outras narrativas da luta da esquerda e da repressão violenta sofrida em diferentes momentos do passado, alinhando-o a histórias que eram sempre recordadas por socialistas e comunistas.

Fiquemos como dois exemplos entre os citados pelo secretário-geral do MIR: “Santa María”, o primeiro episódio mencionado, fazia referência ao massacre de operários da indústria do salitre ocorrido na Escola Santa María de Iquique, em dezembro de 1907. Na ocasião, milhares de trabalhadores – muitos deles peruanos e bolivianos, oriundos das regiões desérticas anexadas pelo Chile após a Guerra do Pacífico (1879-1883) –, reclamando por melhores condições de emprego e vida, organizaram uma greve geral e partiram para a cidade portuária de Iquique. Concentrados na escola à espera de uma negociação com as autoridades, foram violentamente reprimidos por forças militares, com um saldo de mais de 2 mil mortos. Mas as referências de Miguel Enríquez avançavam no tempo, trazendo à tona outros episódios ainda mais facilmente identificáveis por um militante de esquerda, pois presentes na sua própria experiência. “Pampa Irigoyen”, último a ser citado, era um desses casos, muito recente e ainda fresco na memória de todos: a repressão a uma ocupação de terreno promovida pelo movimento de *pobladores* na Pampa Irigoyen – nos arredores da cidade de Puerto Montt –, em 1967, quando dez pessoas foram mortas pelos Carabineros.<sup>278</sup>

---

<sup>276</sup> NARANJO, Pedro. Introducción. In: \_\_\_\_\_, 2004, p. 25.

<sup>277</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARIAS (ed.), 2000, p. 4715.

<sup>278</sup> Tanto o massacre de Santa María de Iquique quanto o de Puerto Montt ganharam uma nova dimensão pública naqueles anos através da arte, revisitados por letras musicais de intérpretes ligados ao movimento da Nova Canção Chilena. O episódio de 1907 foi recuperado em 1969, na *Cantata Santa María de Iquique*, composta por Luis Advis e interpretada pelo conjunto Quilapayún. A matança de Puerto Montt, por sua

Essa busca por relacionar o sacrifício de Nilton da Silva durante uma marcha de apoio ao governo de Salvador Allende com outras vítimas de lutas esquerdistas, não diretamente ligadas ao MIR, também aparece nas páginas da *Punto Final*. Eduardo Santa Cruz, autor da matéria sobre a morte de Nilton, procura ligar o assassinato – pelas mãos do Patria y Libertad, próximo ao PN – com o de um militante comunista morto pouco tempo antes, em abril de 1973, por membros do Partido Democrata Cristão: “[Nilton] salió a las calles al llamado de la clase obrera y el pueblo y allí, en una emboscada artera y criminal, cayó asesinado, por las mismas balas que un tiempo atrás mataron al obrero comunista Ricardo Ahumada”.<sup>279</sup> Igualando os disparos feitos por dois grupos de oposição, Santa Cruz fortalecia também o discurso mirista de que o PN e o PDC eram indistintos, embora a UP acreditasse ser possível negociar com este último.

A preocupação do mirismo não se restringe em colocar o seu militante morto ao lado das narrativas cultuadas pelos partidos da UP. Aproveitando a condição de estrangeiro exilado de Nilton e a solidariedade internacional despertada pelo crime, bem como parte da produção poética do brasileiro, o MIR também procurou posicionar o estudante do Instituto Pedagógico dentro de um discurso internacionalista, comparando sua luta àquela de outros movimentos revolucionários latino-americanos com os quais a organização se identificava. Na *Punto Final*, além do texto sobre a morte e o funeral de Nilton, também foi impresso um texto retirado de *Hombre América*, possivelmente o poema mais relacionado ao discurso da luta continental entre os nove que compunham o livro: tratava-se do “Poema V”, cujos versos relacionavam a luta contra a ditadura deixada para trás no Brasil com aquela levada a cabo no restante da América. Já nas estrofes finais, Nilton havia escrito:

El mañana de américa es uno solo...  
 en el mañana tendremos en américa,  
 un gigante despierto,  
 un gigante que cubrirá de alegría y calor,  
 a los explotados de este continente.

---

vez, havia gerado uma resposta imediata tão logo os fatos se tornaram conhecidos: o cantor Víctor Jara, que depois seria perseguido e morto pela ditadura de Pinochet, compôs *Preguntas por Puerto Montt*, na qual questionava o governo da época sobre “por que al pueblo indefenso/ contestaron con fusil”. A importância desses episódios para uma apropriação de toda a esquerda, independentemente da filiação partidária, também aparece na preferência política desses intérpretes: tanto o Quilapayún quanto Víctor Jara lançavam a maior parte de seus discos pela Discoteca del Cantar Popular (DICAP), gravadora mantida pelo Partido Comunista. Sobre o Quilapayún, cf. CARRASCO, Eduardo. *Quilapayún: la revolución y las estrellas*. Santiago de Chile: RIL, 2003; a respeito de Víctor Jara, cf. JARA, Joan. *Canção Inacabada. A vida e a obra de Víctor Jara*. Rio de Janeiro: Record, 1998. Ver também: BRUM, Maurício Marques. *Estádio Chile, 1973: Morte e vida de Víctor Jara, a voz da Revolução Chilena*. Ijuí: Unijuí, 2014a.

<sup>279</sup> SANTA CRUZ, 1973, p. 8.

Mi patria entonces no será mi patria,  
yo ya no seré el increado,  
el ser sin patria,  
seré el ser de américa.

Mi patria será la patria de todos,  
ya no habrá un gigante  
que duerme en américa virgen...

Porque en el mañana  
habrá una américa despierta y única.<sup>280</sup>

A escolha desse poema estava longe de ser casual. Como já comentei anteriormente, os versos de *Hombre América* geralmente fazem uma forte referência à situação do Brasil, que então vivia sob a ditadura, e nem todos os textos do livro trazem o mesmo teor do “Poema V”. Ao escolher esses versos, a *Punto Final* deliberadamente oferecia um argumento a mais para colocar Nilton Rosa da Silva como o “combatiente internacionalista” que procurava construir. A revista diz: “Como lo expresara en su poesía, [Nilton] entendió que su patria no era sólo Brasil, sino que su patria era más amplia, era la patria de los explotados”.<sup>281</sup> Deste modo, no mesmo texto assinado por Eduardo Santa Cruz, são apresentados outros elementos que associam o sacrifício de Nilton à ampla luta promovida pela esquerda latino-americana. Sob o entretítulo sugestivamente denominado “Por el camino del Che”, lê-se nas páginas da *Punto Final* a comparação da atuação militante do brasileiro com a de outros nomes muito mais afamados na lista de heróis revolucionários através da América Latina:

Con esto, la Revolución Brasileña, como la Revolución Chilena y, más aún, la Revolución Continental perdió un combatiente. Los oprimidos de América, tiene hoy un nuevo punto de referencia en su larga marcha hacia el Socialismo. En esta larga marcha en que cayeron los hermanos Peredo, Yon Soza, Turcios Lima, Elmo Catalán, Camilo Torres, los mártires de Trelew, Luciano Cruz, Carlos Marighela [sic], Carlos Lamarca y el Guerrillero Heroico, Ernesto Che Guevara; en fin, miles de combatientes que asumieron su condición de revolucionarios internacionalistas con todas sus consecuencias y dieron a su existencia un significado superior.<sup>282</sup>

Em seguida, embaixo de um entretítulo que reforça a ideia da luta continental (“Dolor de un pueblo y de un continente”), o texto de Eduardo Santa Cruz avança listando

<sup>280</sup> Poema V. SILVA, 1972, s.p.

<sup>281</sup> SANTA CRUZ, 1973, p. 8.

<sup>282</sup> SANTA CRUZ, 1973, p. 8.



as organizações de outras nacionalidades que enviaram suas condolências pela morte de Nilton da Silva:

También llegaron a la capilla ardiente levantada en el local del Frente de Trabajadores Revolucionarios y acompañaron a Nilton Da Silva hasta el Cementerio, diversas organizaciones revolucionarias de América Latina. El Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP) de Argentina; el Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR) y el Partido Obrero Revolucionario (POR) de Bolivia; el Comité de Mujeres Brasileñas en el exterior; el Partido Comunista Brasileño Revolucionario (PCBR) y el Partido Comunista Brasileño (PCB), demostraron que los pueblos de toda América también sienten como suyo el asesinato de Nilton Da Silva.<sup>283</sup>

A apropriação do brasileiro morto como um novo símbolo das muitas lutas da esquerda chilena e latino-americana se completará com as várias menções ao seu nome nos discursos das lideranças miristas, tanto no dia do funeral quanto em pronunciamentos realizados nos dias que se seguiram àquele domingo. Já no enterro, Miguel Enríquez havia destacado: “Miembro del MIR y militante de la revolución latinoamericana, [Nilton] fue acribillado cuando sin más armas que sus puños combatía junto a los trabajadores las bandas patronales que asolan periódicamente las calles de Santiago”.<sup>284</sup> Além disso, “sin haber nacido en este país, derramó su sangre por la clase obrera, los pobres y los oprimidos de Chile”.<sup>285</sup>

Essas lutas que a morte de Nilton simbolizava deveriam avançar preferencialmente seguindo o entendimento que o MIR tinha para enfrentar o golpismo e a violência dos opositores do governo Allende – uma leitura do contexto que sempre foi exposta nos discursos em que Nilton foi alguma vez mencionado. Durante o funeral, Enríquez havia comentado significativamente: “No existe mayor homenaje a la muerte de un revolucionario que extender e impulsar las ideas por las que ofrendó su vida”.<sup>286</sup> A morte de Nilton da Silva, insiste Enríquez, e a grande resposta que havia provocado, não podia se encerrar na comoção do dia: deveria ser um ponto de partida “de una contraofensiva revolucionaria y popular que aplaste en definitiva la agresión patronal,

---

<sup>283</sup> SANTA CRUZ, 1973, p. 9.

<sup>284</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4712.

<sup>285</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4712.

<sup>286</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4713.

que termine con los intentos de colaboración de clases y que permita dar un gran salto revolucionario hacia adelante”.<sup>287</sup>

Tratava-se, assim, de fazer a esquerda trabalhar em conjunto, mas num tom distante daquele que desejavam os setores moderados da UP: terminar com os intentos de colaboração de classe, como queria o MIR, poderia significar que a Unidade Popular já não conseguiria levar adiante seu projeto revolucionário dentro da institucionalidade – que, portanto, qualquer negociação com os grupos de oposição ainda abertos ao diálogo (como o PDC) seria infrutífera, de modo que o processo deveria ser radicalizado. Assim, ao mesmo tempo em que pregava a aproximação definitiva do mirismo com os partidos governistas, o secretário-geral do MIR também acabava expondo o tipo de argumento que provocava tanta resistência nos setores que ele chamava de “reformistas”, notavelmente as lideranças do PCCh. Enríquez, em suma, opunha-se a qualquer concessão aos setores opositores, alegando que a busca por uma concordância sobre o rumo a seguir deveria ocorrer dentro da esquerda, e não com os “partidos burgueses”:

Las recientes jornadas obreras y estudiantiles en Santiago y el sacrificio de nuestro compañero Da Silva han evidenciado cuánta es la fuerza que aún conserva el pueblo y su enorme capacidad de lucha. A pesar de ello, algunos se tientan por buscar salidas políticas, que marcadas por el sello de la conciliación y la concesión, por no respetar los intereses de la clase obrera y el pueblo, por no estar apoyadas en una poderosa movilización de masas, están inevitablemente condenadas al fracaso.<sup>288</sup>

Frente às repetidas negativas de diálogo dos comunistas, Enríquez chamaria o PCCh de “sectário” em outras ocasiões. Estes, por sua vez, também acusariam o MIR precisamente de ser “sectário”, pelo motivo oposto: a negativa do movimento a conversar com os partidos que compunham a oposição à UP. De todo modo, a existência de trechos assim no pronunciamento do líder mirista também evidencia o quanto o cenário havia se modificado desde o primeiro ano de governo de Allende. No funeral de Luciano Cruz, em 1971, muito embora a fala de Enríquez tenha exposto algo do pensamento político do MIR, uma parcela importante de seu discurso destinou-se a falar da vida e da atuação pessoais do dirigente morto. No caso de Nilton, em certa medida pelo fato de o brasileiro não ser um amigo pessoal de Miguel Enríquez (como Cruz era), mas em boa parte também devido à necessidade do momento que levava a insistir na mensagem política, quase todo

---

<sup>287</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4713.

<sup>288</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4713.

o discurso proferido no funeral tratou de fazer propostas sobre as maneiras de proceder diante de uma nova investida violenta da oposição:

A partir del lunes abramos la discusión sobre todo esto, en asambleas, fábricas, fundos, poblaciones, liceos, universidades y Comandos Comunales. Desarrollemos las tareas de vigilancia, extendamos el paro a todo Chile, impulsemos la lucha directa de las masas, respondamos cada agresión patronal con una movilización aún más contundente.<sup>289</sup>

A apropriação da morte de Nilton em meio à promoção dos caminhos sugeridos pelo MIR continuaria em pronunciamentos dos dias seguintes. Em 20 de junho de 1973, a quarta-feira que se seguiu ao enterro do brasileiro, e véspera de uma grande paralisação operária convocada em todo o Chile para se opor ao golpismo – em resposta à marcha opositora da sexta-feira 15 –, o exilado morto é outra vez mencionado, desta vez por Nelson Gutiérrez, dirigente que compunha a Comissão Política do MIR. Em um discurso emitido por rádio, Gutiérrez fala que a posição do movimento já havia sido anunciada num ato realizado pelo partido no dia 14, e reiterada nos funerais de Nilton da Silva, referido como um “camarada [...] caído en combate en la gloriosa jornada obrera de Santiago”.<sup>290</sup> O pronunciamento dessa quarta-feira procurou alertar sobre o que o movimento denominava uma nova escalada do PDC e do PN contra os movimentos de trabalhadores, naquela que – segundo o MIR – seria a “ofensiva final” para esmagar o povo e derrubar o governo.

“Lo decisivo”, argumentava Nelson Gutiérrez, “es cómo se articulará la respuesta de la clase obrera y el pueblo frente a esta situación”.<sup>291</sup> Falando em nome do movimento, o dirigente mirista passa a expor as propostas de sua organização para aquilo que o povo e a esquerda deveriam fazer no sentido de evitar que setores reacionários resultassem vitoriosos nessa ofensiva. Gutiérrez reitera que a classe operária e o povo estão “cansados” e “desanimados” pelas “políticas defensivistas” levadas adiante pelo “reformismo”. Devia-se, com isso, superar os setores mais moderados da UP que insistiam num acordo com a oposição, que o MIR considerava fadado ao fracasso, e atrair os grupos “realmente revolucionários” presentes no governo para adotar o programa radicalizado exposto pelo mirismo: esse “Programa Revolucionario del Pueblo” incluía

<sup>289</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4715.

<sup>290</sup> GUTIÉRREZ, Nelson. Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4716.

<sup>291</sup> GUTIÉRREZ, Nelson. Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973). In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4718.

negar qualquer tentativa de conciliação com os partidos opositores ao governo; desenvolver uma aliança “correta” com as Forças Armadas de modo a neutralizar sua utilização pela direita; intensificar as expropriações de empresas e de terrenos agrícolas<sup>292</sup>; e, finalmente, desenvolver o “poder real” através da criação e fortalecimento de “Comandos Comunales de Trabajadores” e “Consejos Comunales Campesinos”, que deveriam ser órgãos representativos e deliberativos, atuando como alternativas populares às instituições políticas existentes, dominadas pelos “partidos burgueses”. Além disso, a paralisação nacional prevista para a quinta-feira, dia 21, como resposta às manifestações de oposição, deveria marcar o início de uma grande “contraofensiva popular”.<sup>293</sup>

Em poucos dias, os discursos do MIR se tornariam ainda mais agudos ao insistir por uma ação popular direta e enfática. Ao mesmo tempo, as menções a Nilton da Silva seriam gradativamente deixadas de lado, na esteira dos violentos fatos que se seguiram: se antes era necessário um “herói” para expor até onde a oposição estava disposta a chegar em seus protestos contra o governo, agora havia um argumento muito mais contundente que não deixava dúvidas do risco de permanecer sem uma organização para enfrentar o golpismo – em 29 de junho de 1973, exatas duas semanas após a morte do brasileiro, o Regimento Blindado Número 2 realizou sua quixotesca sublevação militar, solitariamente, levando seus tanques para as cercanias de La Moneda. Apesar de não contar com apoio de nenhum outro ramo das Forças Armadas e atuar à parte da conspiração golpista que se tramava<sup>294</sup>, o levante – que ficou conhecido como *Tanquetazo* ou *Tancazo* – tinha a explícita intenção de derrubar o governo.

O golpe frustrado deixou um pesado saldo de 22 mortos durante os bombardeios e trocas de tiros entre os golpistas e os militares que defendiam o governo, liderados pessoalmente pelo general Carlos Prats, ainda o comandante-em-chefe do Exército. As próximas falas do MIR e da esquerda estariam marcadas pela certeza de que um golpe

---

<sup>292</sup> Detalhadamente: expropriar o Centro Nacional de Distribución (CENADI), e o Comando Nacional Contra la Inflación (CONCI), fortalecer os espaços de distribuição de alimentos a preço tabelado, passar ao controle social todas as empresas cujo capital superasse 14 milhões de escudos, confiscar a terra e expropriar a empresa agrícola “mediante la lucha directa de los trabajadores” em todos os terrenos que superassem 40 hectares, confiscar a ITT (International Telephone & Telegraph, corporação norte-americana que operava as telecomunicações no Chile e cujo envolvimento em conspirações para impedir a posse de Allende, denunciado pelo *Washington Post*, já era conhecido na época) e suspender o pagamento da dívida externa aos Estados Unidos, recorrendo à “cooperación de los países socialistas”. Cf. GUTIÉRREZ, Nelson. Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973)”. In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4722.

<sup>293</sup> GUTIÉRREZ, Nelson. Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973)”. In: FARÍAS (ed.), 2000, p. 4718-4725.

<sup>294</sup> Como demonstra Mónica González (2012) a partir de relatos de gerais conjurados que tramavam um golpe naquele momento – grupo que ainda não incluía Pinochet.

não era mais apenas um risco hipotético, e nem mesmo a persistente defesa de Prats pela manutenção da legalidade dava uma plena segurança quanto às Forças Armadas: o general já vinha sofrendo uma campanha pública de difamação pela imprensa opositora e, mesmo dentro do Exército, vinha perdendo influência, fatos que acabariam levando a sua renúncia nos dias finais do mês de agosto – em seu lugar, o comando seria assumido por Augusto Pinochet, a quem ainda se considerava um militar de posição legalista como o antecessor.

A sublevação fracassada de 29 de junho demonstrou uma tendência que se repetiria em 11 de setembro: a esquerda tinha organizadas certas táticas de resistência moral, como a ocupação dos locais de trabalho, mas inexistia uma grande articulação de defesa armada do governo, como o MIR desejava. Na próxima vez em que o nome de Nilton Rosa da Silva fosse recordado em um discurso do MIR, já à sombra da tentativa derrotada de golpe, a fala estaria marcada pelo sentimento de que o acordo pretendido para superar o “reformismo” e a “conciliação” do governo com os opositores ainda não havia sido alcançado – e parecia cada vez mais difícil de se atingir, visto que o impasse dentro da esquerda continuava existindo apesar de a crise política se agravar.

O brasileiro voltará a ser citado em 17 de julho, exatamente um mês após seu funeral, em um dos discursos mais famosos de Miguel Enríquez, proferido no Teatro Caupolicán de Santiago e retransmitido por rádios esquerdistas para todo o país. Nesta fala, intitulada nas versões transcritas da época como “Vivimos un momento histórico fundamental”, o secretário-geral do MIR sustenta que a oposição a Allende tenta conquistar os “sectores más vacilantes de la izquierda, sembrando en ellos ilusiones en acuerdos posibles”.<sup>295</sup> Enríquez volta a denunciar o Partido Nacional e o Partido Demócrata Cristão, e reforça o posicionamento do mirismo, segundo o qual não seria possível haver um diálogo com esses setores, pois se tratariam de grupos que se escondiam atrás da ideia de uma “falsa democracia” para proteger seus interesses: “Defienden esa democracia que mata por hambre y miseria a millones en el mundo entero. Defienden esa democracia que no es democracia, sino dictadura burguesa y patronal”.<sup>296</sup> Finalmente, o líder do mirismo reforça o “Programa Revolucionario” que seus correligionários vinham divulgando, insistindo na necessidade de criar os comandos e

---

<sup>295</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Vivimos un momento histórico fundamental. Discurso em el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 264.

<sup>296</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Vivimos un momento histórico fundamental. Discurso em el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 264.

conselhos populares, intensificar a ação direta e acelerar as expropriações e confiscos pelo Estado, mesmo que isso fosse contra a legislação existente – uma das bases da postura pregada por Salvador Allende e, dentro da UP, defendida principalmente pelo Partido Comunista. Enríquez nega o “extremismo” de suas propostas alegando que violar a legislação existente não é mais do que contrariar os interesses de classe de setores representados pelo PN e pelo PDC:

Dirán los reaccionarios que esto es transgredir las leyes, la Constitución y el Derecho. Sí que lo es. Las constituciones expresan intereses de clase y correlaciones de fuerza. Aquí en Chile la clase obrera está levantando en la práctica sus propias leyes y la Constitución tendrá que cambiar en favor del pueblo.<sup>297</sup>

O discurso irradiado desde o Teatro Caupolicán procurou recordar a necessidade de fechar a negociação com os partidos opositores, insistindo na lembrança dos atos de violência recentes, que incluíam a morte de Nilton, cuja menção foi saudada por um grito de “presente!” vindo da audiência – o brasileiro seguia sendo o mais recente militante de esquerda morto pelas mãos de grupos que buscavam a derrubada de Allende:

Fueron grupos armados del Partido Nacional con la venia del freísmo<sup>298</sup>, los que hace quince días bombardearon la Moneda, asesinaron a Moisés Huentelaf en Cautín, al obrero [comunista Ricardo] Ahumada desde el local del Partido Demócrata Cristiano, son los que han puesto centenares de bombas en los últimos días, los que asesinaron a un general en 1970, los que ametrallaron a nuestro compañero Nilton da Silva en Santiago. Qué hipocresía y qué cinismo

---

<sup>297</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Vivimos un momento histórico fundamental. Discurso em el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 265.

<sup>298</sup> Referência aos seguidores de Eduardo Frei, presidente da República entre 1964 e 1970 e ainda um dos principais nomes do PDC, amplamente considerado pela esquerda como um dos principais responsáveis pelo avanço de ideias golpistas. Mesmo os setores moderados da UP viam Frei com fortes reservas, embora por motivos diferentes do MIR: os grupos governistas que tentavam um acordo com a oposição acusavam Frei – e Patricio Aylwin, então presidente do PDC – de atravancar qualquer possibilidade de diálogo. Essa situação aparece num registro dos diários do general Carlos Prats, nos quais ele comenta sobre uma conversa que teve com Bernardo Leighton, um dos dirigentes da democracia-cristã, coincidentemente no dia 17 de junho em que Nilton da Silva estava sendo sepultado: “[Leighton] se manifiesta de acuerdo em la urgente necesidad de una salida política al conflicto entre el gobierno y la oposición, que califica de extremadamente grave. No se pronuncia sobre la disposición de la directiva DC a aceptar la tregua política aunque ante mi pregunta sobre si Frei se opone al diálogo con el gobierno, reconoce que éste mantiene todavía una actitud intransigente”. Cf. PRATS, 1985, p. 408. Apesar de ser um dos líderes do setor do PDC que trabalhou pela queda de Allende, Eduardo Frei depois se converteria em um dos opositores mais eloquentes do regime militar, vindo a morrer em 1982 após uma cirurgia simples. Posteriormente, a Justiça chilena determinou que sua morte se deu por envenenamento, provavelmente por agentes do regime. Carlos Prats e Bernardo Leighton também seriam vitimados pela ditadura de Pinochet: o primeiro morreu após a detonação de uma bomba colocada em seu carro em 1974 por agentes da DINA, quando estava exilado em Buenos Aires; o segundo também sofreu um atentado arquitetado pela DINA em 1975, exilado na Itália. Leighton sobreviveu, mas o ataque deixou graves sequelas neurológicas que interromperam sua atuação política posterior. Ele voltaria ao Chile em 1978 e faleceria em 1995.

la de estos politicastros que denuncian y exigen la represión al pueblo para ocultar sus propios crímenes.<sup>299</sup>

Com um intervalo de exatamente um mês entre esse discurso e aquele proferido no funeral de Nilton da Silva, ficava claro na fala de Enríquez que o MIR não vinha conseguindo exercer a atração desejada para seus posicionamentos. Esta seria a grande dificuldade que se estendeu até o momento do golpe: apesar das aproximações evidentes com setores da UP, o MIR jamais alcançou a representatividade que almejou – fosse no espaço público, fosse em termos de membros conquistados dentro da coalizão governista –, e nunca conseguiu concretizar uma articulação armada para combater o golpe.

Na fala de 17 de julho, no Teatro Caupolicán, o secretário-geral do MIR começa saudando a presença de dirigentes de outras organizações políticas para assistir ao seu pronunciamento. Desta vez, Enríquez não os cita nominalmente, mas provavelmente se refere aos grupos com quem o MIR seguia acreditando em uma aproximação: parte dos socialistas, do MAPU e da Izquierda Cristiana. Apesar disso, em seguida ele expõe que importantes setores governistas ainda ignoravam o projeto da “esquerda revolucionária”: “hay también otros en la izquierda que han pretendido cuestionar el derecho del MIR a proponer una táctica a las masas”.<sup>300</sup> Enríquez prossegue, garantindo: seu discurso detalha a tática que seu movimento propõe para toda a esquerda como único caminho capaz para conter o golpe, e esta seria a posição que o partido seguiria. Mas o tom que tentava conquistar membros da UP para o seu pensamento já começava a desaparecer: o MIR seguiria tal tática “les guste o no les guste a las clases patronales y a los vacilantes”.<sup>301</sup>

De certo modo, tratava-se de constatação do pequeno avanço que se havia realizado no sentido de atrair outras militâncias para um projeto armado. Na encruzilhada da UP entre a radicalização e o diálogo com a oposição, este último setor, liderado por Allende e disposto a negociar com o PDC, mostraria mais força, persistindo nas alternativas constitucionais até o final. Como os acontecimentos de 11 de setembro demonstrariam, aqueles a quem Enríquez chamava “vacilantes” seguiriam em seu próprio caminho, acreditando na legalidade política e institucional, e o mirismo ficaria praticamente sozinho em sua tática de resistência por meio da ação popular direta.

---

<sup>299</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Vivimos un momento histórico fundamental. Discurso em el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 264.

<sup>300</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Vivimos un momento histórico fundamental. Discurso em el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 261.

<sup>301</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. Vivimos un momento histórico fundamental. Discurso em el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 261.

Essas diferenças persistiriam no próprio dia do golpe, como demonstra a significativa reunião com líderes de PS, PCCh e MIR na fábrica Indumet, em Santiago, na manhã do 11 de setembro: “El Golpe ya estaba en desarrollo y esa reunión era un último y desesperado intento por actuar unidos”, interpreta Ignacio Vidaurrázaga.<sup>302</sup> Patricio Rivas, por sua vez, argumenta que desde pelo menos o *Tancazo* o mirismo já tinha bem definido que atuaria ao lado da UP na eventualidade de um golpe: “Mucho tiempo antes el MIR había tomado la decisión de enfrentar una insurrección militar junto a todos los partidos que apoyaban a la Unidad Popular”.<sup>303</sup> Nem todos, contudo, concordavam com a maneira de exercer essa resistência. Na Indumet, uma vez mais, não se chegou a acordo algum: “los comunistas presentes no están a favor de la resistencia armada: ‘hay que aguardar, los militares no se atreverán a cerrar el Congreso y la lucha deberá continuar desde allí’”, relatou – do ponto de vista mirista – Carmen Castillo.<sup>304</sup>

Mas nem a organização de milícias populares chegou a se efetivar, nem o Congresso permaneceu aberto. A via democrática havia sido derrotada e a opção armada, também: apesar de seu discurso, o MIR se revelaria escassamente preparado para o confronto que tanto antecipou. Miguel Enríquez, naquela reunião, avisou que precisaria de algumas horas para reunir um contingente de apenas quatrocentos militantes treinados para combater, e mesmo diante desse pequeno número só haveria armas e munição suficientes para cinquenta deles realizarem uma resistência minimamente eficaz.<sup>305</sup> Sem acordos relevantes na Indumet, cada organização seguiria seu rumo e, independentemente da tática, todas se deparariam com a repressão, a clandestinidade, o exílio ou a morte.

---

<sup>302</sup> VIDAURRÁZAGA MANRÍQUEZ, Ignacio. *Martes once, la primera resistencia*. Santiago de Chile: LOM, 2013, p. 96.

<sup>303</sup> RIVAS, 2007, p. 38.

<sup>304</sup> CASTILLO, Carmen. *Un día de octubre en Santiago*. Santiago de Chile: LOM, 1999, p. 25. Também AMORÓS, 2015, p. 243.

<sup>305</sup> VIDAURRÁZAGA MANRÍQUEZ, 2013, p. 97.



## 6 APROPRIAÇÕES POSTERIORES

No momento do fato, a morte de Nilton Rosa da Silva repercutiu pouco no Brasil. Uma leitura dos principais diários brasileiros no mês de junho de 1973 demonstra que, na maior parte dos casos, seu assassinato foi mencionado em apenas uma única edição, sempre em notas curtas, seguindo-se um completo silêncio.<sup>306</sup> Isso não impediu, no entanto, que nas décadas seguintes o nome do jovem nascido em Cachoeira do Sul voltasse a ser recordado, por meio de iniciativas independentes que mais tarde provocariam, inclusive, uma resposta governamental.

No próprio dia do funeral, sem serem notados pela maioria dos presentes, um grupo de estudantes brasileiros tomou uma atitude que passou quase despercebida entre os chilenos, mas chamou a atenção de seus compatriotas: como os relatos apontam e as fotografias de Amy Conger ajudam a comprovar, o caixão de Nilton percorreu a Avenida La Paz e foi colocado na sepultura coberto por duas bandeiras – nenhuma delas representava o Brasil. Um dos estandartes escolhidos foi o do MIR, grupo pelo qual ele acabava de dar a vida; o outro pavilhão colocado sobre o féretro era o do Chile, país de sua acolhida. Segundo Carlos Beust, um dos envolvidos na discussão sobre a melhor forma de homenagear o amigo morto, não se tratava exatamente de uma negação à nacionalidade de origem mas, antes, um protesto de outros estudantes exilados ligados ao mirismo, fazendo um gesto de contrariedade ao regime político que então existia em seu país e havia causado seus exílios.

Assim como Nilton havia escrito muitos poemas denunciando a ditadura na sua terra natal e demonstrando esperança por dias melhores, o entendimento da maioria de seus colegas – dos que militavam no MIR – foi de que aquele era um momento condizente com um novo ato de crítica ao que ocorria na nação que haviam deixado para trás por motivações políticas. Carlos Beust relata a racionalização dos brasileiros miristas que insistiram no simbolismo de tal ato:

Teve muitos brasileiros que queriam colocar a bandeira do Brasil em cima do caixão dele, e nós não permitimos. Nós, [brasileiros] do MIR. A bandeira que íamos colocar em cima era a bandeira do Chile e a bandeira do MIR. Ele

---

<sup>306</sup> Apenas o *Jornal do Brasil* dedicou ao fato uma cobertura mais extensa, reportando por três dias. Os demais, limitados pelo conteúdo disponibilizado pelas agências de notícia, informaram o fato em notas curtas. Recortes de imprensa sobre a morte de Nilton da Silva podem ser encontrados no Anexo VIII deste trabalho. Cf. BRUM, Maurício Marques. Nilton virou Milton: a morte quase ignorada de um exilado político nas páginas dos jornais brasileiros. *Ars Historica*, Rio de Janeiro, n. 10, jan.-jul. 2015.

morreu aqui no Chile, saiu do Brasil exatamente porque não deixaram ele ficar lá. Não tinha como deixar a bandeira do Brasil em cima do caixão dele.<sup>307</sup>

Esse pequeno e quase imperceptível protesto que, no entanto, se revestiu de grande importância para os brasileiros ali presentes – favoráveis ou contrários à decisão –, revela uma outra dimensão na qual o assassinato de Nilton da Silva foi apropriado, e seguiria sendo ressignificado nos anos seguintes. No dia do funeral, isso se revelou através da escolha das bandeiras, uma discreta negação do símbolo que representava um país então sob a ditadura à qual aqueles exilados se opunham. Esse ato jamais foi mencionado nos discursos do MIR relativos a Nilton, e talvez nem tenha sido notado por suas lideranças – ao partido, interessava mais promover a imagem “internacionalista” do seu militante morto, não tanto para ressaltar em demasia a crítica que ele muito fizera em vida ao regime brasileiro, mas principalmente para justificar que o fato de o morto ser um estrangeiro não diminuía em nada a intensidade da luta que o vitimara e que teria por objetivo mudar a situação vivida historicamente pelo Chile. Para o MIR, afinal, tratava-se de converter Nilton da Silva num símbolo com os quais os militantes de esquerda pudessem se identificar, e a mensagem deveria estar mais ligada às contingências chilenas do que a problemas externos.

Mas, se o MIR havia procurado utilizar de imediato a morte do brasileiro para promover a mensagem e o programa radicalizados que a organização tinha para toda a esquerda, e se no Brasil a imprensa não trazia informações mais detalhadas sobre o estudante morto no exílio, um movimento paralelo de apropriação da morte de Nilton começaria a ocorrer. A partir de seu círculo de conhecidos, brasileiros e chilenos, com os quais ele havia convivido na militância política e na rotina estudantil do Instituto Pedagógico, tratou-se de incluí-lo numa outra narrativa, menos ligada às preocupações políticas e institucionais do mirismo, e mais relacionada às experiências comuns que eles haviam tido – incluindo, neste caso, o sofrimento pelo qual muitos deles passaram depois do golpe de 1973, que Nilton sequer viveu.

Para aqueles que conheciam o exilado brasileiro, assim, lembrar sua trajetória parece ter tido duas motivações principais: por um lado, havia a necessidade de ressaltar alguns aspectos pessoais – a personalidade de Nilton, sua poesia, sua excentricidade, etc. – que vinham sendo atropelados pelas apropriações políticas realizadas no âmbito do mirismo; e, por outro lado, após o golpe de 11 de setembro, recordar a morte de Nilton

---

<sup>307</sup> BEUST, Carlos. Entrevista ao autor, 11 jun. 2013.

da Silva passou a ser também uma busca por incluí-lo na narrativa dessa outra experiência que ele não viveu. Havia que colocá-lo, então, ao lado das vítimas das ditaduras (brasileira e chilena), ainda que ele tivesse morrido num Chile que seguia em seu período democrático. Nessa apropriação, o fato de o levante de Pinochet somente ter ocorrido três meses mais tarde era menos importante do que a situação de que Nilton militava contra a própria possibilidade de um golpe, e havia sido morto pelos grupos que buscavam a derrubada do governo. Para esta visão, ele devia ser compreendido como parte indissociável do processo que ajudou a desencadear a violenta repressão que veio a seguir e vitimou centenas de outros miristas e membros dos partidos da UP.

Tais assimilações da morte de Nilton Rosa da Silva podem ser observadas em vários indícios ocorridos em décadas seguintes, sobretudo a partir dos anos 1990. Hoje, nas construções memorialísticas da repressão que se realizam no ex-Instituto Pedagógico, convertido na atual Universidade Metropolitana de Ciências da Educação de Santiago, Nilton costuma ser recordado como uma “primeira vítima” da instituição em um contexto de perseguições políticas contra aqueles identificados com a esquerda no país. Em 11 de setembro de 2013, no quadragésimo aniversário do golpe, ocorreu no campus uma exposição relativa à data, intitulada “A 40 años del golpe en el Ex Instituto Pedagógico”. O brasileiro foi recordado tanto nas falas de ex-colegas, convidados a subir ao palco e contar suas memórias aos professores e alunos da atualidade, quanto nos materiais produzidos pelos estudantes de hoje, listando as histórias dos acadêmicos do então Pedagógico que caíram sob o regime de Augusto Pinochet. Nilton da Silva era, com efeito, o único ali lembrado a ser morto *antes* do golpe de Estado. No texto disponível para os visitantes, a nota biográfica do brasileiro trazia as seguintes informações:

Poeta combatiente de Castellano, Nilton Rosa da Silva nació en Brasil y murió en Chile el 15 de junio de 1972.

Era un exiliado, un refugiado político de la dictadura brasileña. Llegó al Pedagógico a estudiar Pedagogía en Castellano en 1972, era militante del FER (el frente estudiantil del MIR de este tiempo). Vivía en el pensionado de alumnos del pabellón J, en el edificio que ocupa actualmente Filosofía.

El 15 de junio de 1973, un sector de mineros de Rancagua se alzaba contra Allende y marchaba hacia Santiago, encabezados por bandas armadas de derecha. Estudiantes y obreros fueron a hacer una contra manifestación en apoyo al gobierno de la Unidad Popular. En esa manifestación y con sorpresa y dolor de todos, Nilton cayó muerto con un disparo en la cabeza, en San Martín con Alameda, cerca del Comité Central del Partido Socialista. Tenía 24 años.

Nilton no fue el primero, y con el golpe de septiembre del '73, estaría lejos de ser el último militante de izquierda que muriese en Chile. Sin embargo, su

asesinato provocó una conmoción como pocas veces visto en el país hasta el momento.<sup>308</sup>

Esse reposicionamento de Nilton ocorrido posteriormente, colocando-o dentro de uma narrativa iniciada por ex-colegas e amigos que passou a englobar também a repressão sofrida como consequência do golpe realizado após sua morte, verificou-se em outros textos e ações de pessoas que passaram pelo Instituto Pedagógico. Em 2012, um ano antes do evento citado acima, Raul Ellwanger publicou um artigo no jornal *Zero Hora* com o objetivo de comentar os 39 anos do 11 de setembro e a experiência de exilados como ele. Seu texto, rompendo um silêncio de muitas décadas quanto ao nome de Nilton na imprensa gaúcha, também relacionou as vivências do golpe de Estado à morte do colega:

O sangue do Brasil ficou também por lá. O poeta Nilton Rosa da Silva, de Cachoeira do Sul, foi um jovem estudante que vivenciou a experiência democrática da Unidade Popular. Alegre, brincalhão, solidário, desapegado, namorador, cantor, voluntário social, este moço “brancaleone<sup>309</sup>” era exemplo da alegria transformadora que iluminava o Chile e os milhares de asilados recebidos pelo governo de Salvador Allende. Engajado nos movimentos populares, em 15 de junho de 1973 foi abatido por uma bala em plena Alameda Central de Santiago, à luz do dia, durante uma manifestação de defesa da legalidade. Mais de 100 mil pessoas assistiram ao seu sepultamento, que se constituiu num ato político internacionalista histórico. Amigos, poetas e ativistas no Chile e no Brasil seguem cultuando seu nome, memória, exemplo e sacrifício, como prenda de um passado nobre e solidário e de um futuro justo e democrático.<sup>310</sup>

A morte de Nilton da Silva, assim, havia passado por uma notável ressignificação, num movimento distinto daquela apropriação realizada pelo MIR no momento de sua morte. Na época, o sacrifício do estudante brasileiro tornou-se parte de um discurso que buscava responder à contingência da crise vivida naquele contexto específico. Passado o golpe e, mesmo, os períodos de redemocratização – tanto no Chile quanto no Brasil –, a história de Nilton começou a ser recuperada como parte integrante do contexto da repressão política. A menção a sua morte como “prenda [...] de um futuro justo e *democrático*” é um claro exemplo dessa associação a novos significados: embora o MIR efetivamente falasse em lutar para construir a “democracia”, sempre se referia a ela como

<sup>308</sup> Material relativo à exposição “A 40 años del golpe de Estado em el Ex Instituto Pedagógico”, ocorrida em 11 de setembro de 2013. Cf. fotografias no Anexo V.

<sup>309</sup> “Brancaleone” faz referência à Armada Brancaleone, formada por alguns alunos do “Julinho” contemporâneos de Nilton da Silva. Documentada na memória de Cláudio Gutiérrez (1999), a ação dos “brancaleone” é muitas vezes apontada como a crônica de um fracasso, de jovens idealistas não totalmente conscientes. Apesar da menção de Ellwanger e do convívio com membros do grupo, Nilton Rosa da Silva não foi um “brancaleone”, como o próprio Gutiérrez assinala em sua obra.

<sup>310</sup> ELLWANGER, Raul. Chile: 11 de setembro de 1973. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 set. 2012, p. 18.

uma democracia social, de caráter participativo direto.<sup>311</sup> O movimento que Nilton da Silva era, na realidade, um ferrenho crítico da democracia liberal e “burguesa”, defendida hegemonicamente no momento em que Ellwanger escreveu seu texto – modelo em que provavelmente a maioria dos leitores atuais pensaria ao ler o referido trecho.

Havia, além disso, uma busca por ressaltar aspectos pessoais que antes não haviam recebido a devida atenção. Repare-se, por exemplo, a série de qualidades listada por Ellwanger ao falar de Nilton – “brincalhão, solidário, desapegado, namorador, cantor, voluntário social” –, também citada em entrevistas e outros textos por muitos daqueles que o conheceram em vida, e que evidentemente não haviam sido contempladas no discurso mais secamente político elaborado pelo MIR naquele momento.

Pelo fato de ter saído do Brasil e de haver morrido num Chile ainda democrático, portanto escapando à repressão direta de ambas as ditaduras, Nilton da Silva permaneceu por muito tempo numa espécie de não-lugar: uma vez que sua morte não havia se dado pelas mãos de agentes do Estado, era como se ela não pudesse figurar no mesmo âmbito daqueles perseguidos pelos regimes ditatoriais, ainda que seu assassinato tenha sido realizado por razões igualmente políticas, e por parte de um grupo de caráter golpista.

Na apropriação realizada por aqueles que conviveram com Nilton e buscaram preservar sua memória, contudo, o fato de o golpe chileno ter ocorrido somente três meses mais tarde era menos importante do que a situação de que Nilton militava contra a própria possibilidade de um golpe, e havia sido morto pelos grupos que buscavam a derrubada do governo. Nesta visão, ele devia ser compreendido como parte do processo que ajudou a desencadear a violenta repressão que veio a seguir e vitimou centenas de outros miristas e membros dos partidos da UP. Na realidade, nem mesmo a distância de seu país natal o isola completamente da ditadura brasileira, visto que o próprio processo que levou ao golpe no Chile contou com apoio subterrâneo do regime militar então encabeçado por Emílio Garrastazu Médici. O Brasil seria, por exemplo, o primeiro país do mundo a reconhecer o governo golpista no Chile, condição que Augusto Pinochet recordaria por muitos anos:

Esa tarde [11 de septiembre] me encontraba en la oficina del Director de la Escuela Militar, cuando llegó el Embajador de Brasil en Chile, señor Cámara Canto, para decir que su país reconocía el nuevo Gobierno de Chile, noble gesto de ese país hermano que los chilenos nunca olvidaremos.<sup>312</sup>

<sup>311</sup> TORRES, 2012, p. 50-51.

<sup>312</sup> PINOCHET, A. *El día decisivo*: 11 de septiembre de 1973. 4. ed. Santiago de Chile: Andrés Bello, 1980, p. 147.

Segundo Moniz Bandeira<sup>313</sup>, o Brasil imediatamente emprestou cerca de 200 milhões de dólares para o novo governo chileno começar a atuar, além de enviar um navio petroleiro e em torno de 50 toneladas de alimentos e medicamentos, para ajudar a arrefecer a crise de abastecimento que havia marcado os meses finais do governo de Salvador Allende. Não só em termos de auxílio de governo imediato a ditadura brasileira se faria presente nos primeiros tempos do regime pinochetista: ela também apareceria na repressão, com o envio de militares e civis treinados para participar de sessões de tortura realizadas com os prisioneiros políticos, muitos dos quais eram exilados brasileiros.<sup>314</sup> Mais do que isso, evidências recentes têm demonstrado que até mesmo o Patria y Libertad, grupo que vitimou Nilton da Silva, era apoiado e financiado pela ditadura brasileira, inclusive com projetos de treinamento militar de seus membros, que só não teriam sido concretizados porque o golpe de 11 de setembro veio antes. Tais situações foram comentadas por Roberto Thieme, um dos principais líderes do movimento, em entrevista que Mónica González incluiu em seu estudo sobre a conspiração que derrubou Allende:

Después del “Tanquetazo”, cuando se exilió la directiva de Patria y Libertad, fue contactada afuera por el Servicio de Inteligencia de Brasil, que también apoyaba nuestro movimiento. La ayuda principal en ese país la obtuvimos del coronel Joao Figueiredo, quien después se convirtió en Presidente de Brasil. El proyecto contemplaba la preparación y el adiestramiento militar de 500 jóvenes del movimiento.<sup>315</sup>

Todas essas circunstâncias, e o enorme envolvimento da ditadura brasileira no processo que levou ao golpe do Chile – cada vez mais a descoberto conforme novos documentos vão sendo levantados e abertos para pesquisa – contribuíram para recolocar, *a posteriori*, o jovem militante do MIR no coração de um processo que enredava os dois regimes militares.

A recuperação e recolocação da morte de Nilton dentro desse contexto vem se dando principalmente desde a década de 1990, através de comissões ligadas à investigação de crimes políticos organizadas no Brasil. A primeira vez em que sua morte foi incluída no mesmo espaço em que outras vítimas brasileiras da repressão política

---

<sup>313</sup> MONIZ BANDEIRA, p. 553-558.

<sup>314</sup> WINN, 2010, p. 183.

<sup>315</sup> THIEME, R. *apud* GONZÁLEZ, M. *La Conjura*. Los mil y un días del golpe. Santiago de Chile: Catalonia, 2012, p. 189.

figuravam ocorreu em 1995, quando Nilton foi citado em dois materiais diferentes, com distintos graus de detalhamento a respeito de sua trajetória. Naquele ano, seu nome aparece no *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a Partir de 1964*, elaborado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. A menção ainda é curta, sem mais detalhes: “Nascido em Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, onde foi um ativo participante do movimento estudantil secundarista. Foi morto em 1973, numa manifestação de rua no Chile. Pertencia às Brigadas do MIR – Movimiento de Izquierda Revolucionario [sic]”.<sup>316</sup>

Uma menção mais completa será vista ainda em 1995, com a alusão ao seu nome realizada pelo *Relatório Azul* produzido pela Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Por iniciativa de movimentos de familiares e sobreviventes das perseguições dos anos 1960 e 1970, muitos dos quais haviam sido amigos e colegas de Nilton (não apenas no Instituto Pedagógico, mas também nos tempos do Colégio Estadual Júlio de Castilhos), seria incluída no texto uma breve nota biográfica, mais completa do que a constante no *Dossiê* supracitado:

Militante do Movimiento de Izquierda Revolucionario (MIR), do Chile. Nasceu em Cachoeira do Sul, em 2 de fevereiro de 1949, filho de Adão Alves da Silva e Iraci Rosa da Silva. Ativo militante do movimento secundarista gaúcho, “Bonito”, como era chamado, foi membro da diretoria da UGES, gestão 67/68. Pela perseguição política aos estudantes, em 1971 viajou para o Chile, integrando-se ao MIR. Apaixonado por literatura, Nilton publicou no Chile um livro de poesias, “Hombre de América” [sic]. No dia 15 de junho de 1973, Nilton participava de uma manifestação pública, quando foi atingido, morrendo instantaneamente. Seu corpo foi velado na Frente de Trabajadores Revolucionarios por centenas de pessoas e em seu enterro compareceram milhares de chilenos e latino-americanos, junto aos representantes do governo de Salvador Allende e líderes de todos os partidos de esquerda. O MIR chileno, em nota distribuída à população, conclama: “O MIR rende uma emocionada homenagem a este valoroso militante que caiu lutando na primeira fila de combate contra as forças reacionárias do Partido Nacional e da democracia cristã e chama a toda classe operária e ao povo a impor o respeito à memória deste militante revolucionário que, sem haver nascido neste país, não vacilou em arriscar sua vida e derramar seu sangue pela classe operária, os pobres e oprimidos do Chile”.<sup>317</sup>

<sup>316</sup> COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a Partir de 1964*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995, p. 248.

<sup>317</sup> COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório Azul 95*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1995, p. 115. A declaração do MIR citada neste documento circulou em jornais de esquerda, como o *Clarín* de Santiago (ver Anexo VIII deste trabalho). Cf. MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA. El MIR informa sobre su militante asesinado Da Silva. *Clarín*, Santiago de Chile, 17 jun. 1973, p. 11.

O *Relatório Azul* trazia um total de vinte nomes, e a inclusão de Nilton Rosa da Silva entre os homenageados representava uma primeira menção oficial do poder público à sua condição de vítima de repressão política: os vinte militantes presentes no documento teriam seus nomes gravados no Memorial aos Mortos e Desaparecidos, instituído pela Lei Municipal 7.503, de 29 de setembro de 1994, e erguido em 1995 em Porto Alegre. Localizado no Parque Marinha do Brasil e atualmente em avançado estado de deterioração<sup>318</sup>, o monumento tinha por objetivo homenagear os gaúchos mortos nos tempos de perseguição política, entre o golpe e a assinatura da Lei de Anistia – todas as vítimas em questão perderam a vida entre 1964 e 1976. Significativamente, Nilton da Silva é a única pessoa incluída no *Relatório Azul* – e, conseqüentemente, no monumento – a não ter sido morta pela ação direta de alguma ditadura, num reconhecimento de seu pertencimento ao mesmo processo que havia vitimado os outros dezenove ali citados, assassinados ou desaparecidos por obra do regime militar brasileiro (a maioria) ou de algum outro país latino-americano sob o governo de generais (casos, por exemplo, de militantes mortos na Argentina e na Bolívia).<sup>319</sup>

Ainda assim, Nilton da Silva seguiu relativamente ignorado nas investigações oficiais levadas a cabo pelo Estado brasileiro, como comprova o silêncio em torno de seu nome no relatório apresentado em 2007 pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), mantida pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Nilton voltaria a aparecer num documento sobre as vítimas

<sup>318</sup> Cf. LEHNEN, L. Memórias manchadas e ruínas memoriais em *A mancha* e “O condomínio”, de Luis Fernando Verissimo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 43, p. 69-97, jan.-jun. 2014.

<sup>319</sup> Monumento instituído pela Lei Municipal 7.503, de autoria da então vereadora Maria do Rosário, e sancionada pelo então prefeito Tarso Genro. O Memorial aos Mortos e Desaparecidos inclui 20 nomes: além de Nilton Rosa da Silva, a placa comemorativa cita Alceri Maria Gomes da Silva (militante da VPR morta em São Paulo em 1969), Alfeu de Alcântara Monteiro (coronel aviador fuzilado em Canoas em 1964), Alvimar Moreira de Barros (morto em 1970 no DOPS gaúcho), Ângelo Cardoso da Silva (militante do M3G morto em Porto Alegre em 1970), Ari de Abreu Lima da Rosa (morto em Porto Alegre em 1970), Bernardino Saraiva (sargento morto em 1964 em São Leopoldo), Celso Gilberto de Oliveira (militante da VPR morto no Rio de Janeiro em 1970), Cilon Cunha Brum (militante do PC do B, desaparecido na guerrilha do Araguaia desde 1973), Evaldo Luis Ferreira de Souza (militante da VPR, morto em 1973 em Paulista, Pernambuco), João Batista Rita (militante do M3G, desaparecido desde 1973), João Carlos Haas Sobrinho (militante do PC do B, morto no interior de Goiás em 1972), Joaquim Pires Cerveira (militante da FLN, desaparecido desde 1973), Jorge Alberto Basso (militante do POC, desaparecido na Argentina desde 1976), José Humberto Bronca (militante do PC do B, desaparecido na guerrilha do Araguaia desde 1973), Luiz Eurico Tejera Lisboa (militante da ALN, desaparecido desde 1972), Luiz Renato Pires de Almeida (militante do ELN boliviano, morto naquele país em 1970), Manoel Raimundo Soares (militante do MR-26, morto em 1966), Paulo Mendes Rodrigues (militante do PC do B, desaparecido na guerrilha do Araguaia em 1973) e Sonia Maria de Moraes (militante da ALN, morta em São Paulo em 1973). Cf. COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório Azul 95*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1995, p. 111-116.



brasileiras da repressão em 2009, na edição ampliada do *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a Partir de 1964* elaborado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, agora intitulado *Dossiê Ditadura*.<sup>320</sup> O material utilizado se baseava quase integralmente no texto de Oscar Aguilera, que venho citando.<sup>321</sup>

A inclusão de Nilton no *Dossiê Ditadura* de 2009 motivou que a Comissão Nacional da Verdade (CNV) se dedicasse a investigar seu caso, fazendo com que pela primeira vez ele aparecesse em um documento oficial de nível federal sobre as vítimas brasileiras de repressão política. Em seu relatório apresentado ao final de 2014, a CNV dedica duas páginas – no volume de 1.996 laudas contendo informações sobre 434 mortos e desaparecidos, em ordem cronológica, entre 1946 e 1988 – ao brasileiro morto em Santiago. O relatório busca elucidar alguns aspectos de sua vida e de sua morte, mas, pela própria dificuldade em sugerir uma ação efetiva do governo brasileiro em relação a um caso ocorrido no exterior e sem participação direta de qualquer Estado, as recomendações apresentadas não foram totalmente conclusivas:

Diante das investigações realizadas, conclui-se que Nilton Rosa da Silva morreu em manifestação de rua no Chile, lutando contra a ditadura que se instaurou naquele país [sic], em contexto de sistemáticas violações de direitos humanos promovidas pelas ditaduras implantadas na América Latina. Recomenda-se a retificação da certidão de óbito de Nilton Rosa da Silva, assim como a continuidade das investigações sobre as circunstâncias do caso, para a identificação e responsabilização dos agentes envolvidos.<sup>322</sup>

Apesar da investigação inconclusiva, a recomendação da retificação da certidão de óbito – para enquadrar a morte como fruto de violação de direitos humanos motivada por razões políticas –, traz em si um reconhecimento da responsabilidade, mesmo que indireta, do Estado brasileiro, cuja ditadura então vigente havia provocado tanto o exílio do jovem quanto oferecido auxílio (técnico e financeiro) aos grupos que buscavam o golpe no Chile, e acabaram por vitimar Nilton. A insistência em recordar Nilton da Silva como parte desse contexto maior acabou por incluir sua morte, nos dois países, no cenário das duas ditaduras: no Brasil, pelo envolvimento indireto do regime ditatorial nos rumos

---

<sup>320</sup> COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. *Dossiê Ditadura: Mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

<sup>321</sup> Existem duas versões desse texto, com pequenas variações, que tenho utilizado ao longo deste trabalho. Cf. AGUILERA (2005, 2008).

<sup>322</sup> COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório da Comissão Nacional da Verdade*, v. 3. Brasília: CNV, 2014, p. 1249.

que sua trajetória pessoal tomou; no Chile, por ter caído em meio ao processo que levou ao governo militar e à repressão pinochetista.

Ainda que no Chile nenhuma menção oficial ao nome de Nilton da Silva tenha aparecido em relatórios de suas comissões dedicadas a apurar as violações da época – investigações que acabaram se restringindo aos crimes de Estado, e não a milícias como o *Patria y Libertad* –, ele também seguiu sendo recordado em apropriações de amigos e ex-colegas. O ato de 2013 no Instituto Pedagógico é apenas um de vários sinais nesse sentido. Oscar Aguilera é apontado como o responsável por, desde 1993<sup>323</sup>, incentivar atos em memória de Nilton. O ano coincidia com o vigésimo aniversário do assassinato (e do golpe), e a primeira data redonda desde o fim da ditadura de Pinochet três anos antes.<sup>324</sup> Também é de Aguilera o primeiro texto mais extenso sobre Nilton da Silva, o qual, escrito sem a certeza de que a tumba do brasileiro ainda existia, foi intitulado “*Todo este territorio es tu sepulcro*” e incluía a passagem: “*Nilton fue enviado a una fosa común. Sus restos se extraviaron en ese momento de la historia de Chile. Como dice en un verso Ernesto Cardenal ‘todo el territorio nacional es su sepulcro’*”.<sup>325</sup>

A dificuldade em localizar a sepultura de Nilton se deveu à inversão de seu sobrenome nos registros do cemitério, por conta do formato hispânico, no qual o nome paterno vem primeiro. Por vários anos, tal duplicidade confundiu seus amigos e colegas até, por fim, descobrir-se que seu túmulo continuava existindo, e só não havia sido encontrado antes por estar identificado segundo o costume da língua espanhola: “*Nilton da Silva Rosa*”, como seria o correto no Chile, e não Nilton Rosa da Silva, o nome com que foi registrado no Brasil. Aguilera recorda o momento em que reviu o túmulo do amigo:

Me dá um pouco de vergonha o título [do texto], porque eu acreditava que não tinha mais sepulcro o Nilton. Foi um dia mágico. No dia seguinte em que saiu o livro [com o texto] na Biblioteca Nacional, fomos ao cemitério. Um

<sup>323</sup> AGUILERA, Oscar. Entrevista ao autor, 10 set. 2015.

<sup>324</sup> Como observam Alessandra Carvalho e Ludmila Catela, aniversários redondos de efemérides do tipo são datas que costumemente se colocam como “condensadoras” de um número maior de versões e memórias do período, algo que se dá por meio de reflexões, publicações de livros, realização de congressos acadêmicos temáticos, aproximando também o público leigo das discussões, através da realização de eventos memorialísticos abertos à população e da produção, por parte da imprensa e da mídia eletrônica, de reportagens e documentários especiais revisitando os acontecimentos que se quer recordar. CARVALHO, Alessandra e CATELA, Ludmila da Silva. 31 de marzo de 1964 en Brasil: memorias deshilachadas. In: JELIN, Elizabeth (org.). *Las conmemoraciones: las disputas en las fechas “in-felices”*. Madrid: Siglo XXI, 2002, p. 198.

<sup>325</sup> AGUILERA, 2008, p. 119.

funcionário que trabalhava em La Moneda me levou à tumba e me lembrei do local pelo contexto do dia 17 de junho de 73.<sup>326</sup>

Desde 1993, seus companheiros do curso de castelhano dedicaram-lhe muitos poemas, parte dos quais foram reunidos em 2005 na compilação de materiais sobre Nilton que Oscar Aguilera elaborou para o Centro de Estudios Miguel Enríquez. Nesses textos poéticos, é sempre destacada a atuação militante do brasileiro, mas também se colocam alguns aspectos que procuram individualizá-lo – como já observei no artigo de Raul Ellwanger –, além da busca por relacioná-lo com as repressões que se seguiram a sua morte. Nos versos de Jorge Etcheverry, por exemplo, há primeiro uma menção à “cara morena” de Nilton, e em seguida sua morte é colocada como um prenúncio do “ineluctable masacre” que viria na continuidade, avançando até que se conseguisse fazer emergir “los Nuevos Tiempos”. Denotando que o amigo não será esquecido na luta por retomar a liberdade política, Etcheverry escreve que o rosto de Nilton voltaria a ser visto, simbolicamente, na primeira oportunidade que os colegas de militância tivessem para voltar a fazer uma manifestação em Santiago:

Como si fueras una vasta cara morena  
de grandes ojos  
sorprendida por un disparo  
y fijada para siempre sobre la mitad inferior del mundo  
Repetido tu rostro sobre los periódicos, en cada hora que pasa  
Para impedirnos olvidar  
La ineluctable masacre, que como el secundero reloj  
avanza hacia el advenimiento de los Nuevos Tiempos  
Inscritos como una marca sobre la frente de los pueblos más débiles

Como si con tu rostro hecho pedazos  
en San Martín con Agustinas  
Hubieras caído de espaldas sobre el mundo  
Amenazando de paso el Edificio Central de la Administración  
Impidiendo el sueño de empresarios y policías  
Que discuten en sus reuniones el mejor modo de rematar tu cadáver  
Estamos seguros de contar contigo cuando llegue el momento  
Nilton da Silva.  
Volveremos a ver tu rostro  
En la primera concentración que hagamos en el centro.<sup>327</sup>

<sup>326</sup> AGUILERA, Oscar. Entrevista ao autor, 10 set. 2015. Na entrevista que realizei, Aguilera também relatou outro caso relacionado à memória do Nilton, ocorrido após os primeiros atos para recordá-lo. Segundo ele, uma das pessoas da “nova geração” mais comovidas com sua história foi uma jovem estudante de dança, militante anarquista, chamada Claudia López Benaiges, que por algum tempo se dedicou a levar flores na sua tumba e preservar a árvore plantada no Pedagógico em homenagem ao brasileiro. Numa triste coincidência, Claudia López também seria assassinada numa manifestação pública, vitimada por disparos dos Carabineros em 11 de setembro de 1998, durante ato relativo aos 25 anos do golpe de Estado.

<sup>327</sup> ETCHEVERRY, Jorge. “Da Silva Nilton”. In: AGUILERA, 2005, p. 5. Esse poema também aparece em ETCHEVERRY, Jorge. *Vitral con pájaros*. 2. ed. Ottawa: Editorial Poetas de América, 2012, p. 40-41.

No caso de um poema escrito pelo próprio Aguilera, também há uma preocupação com aspectos pessoais da história de Nilton. Ele menciona seu “español a medio terminar”, que pode se referir tanto ao curso inacabado quanto ao sotaque que não abandonou sua fala. Aguilera coloca em cena a dicotomia entre o Nilton “brasileño” e o Nilton “tan chileno”, preocupado com a ditadura que deixara para trás e também com as lutas políticas no país em que estava vivendo. Sobressai, em todos esses poemas, a ausência de qualquer menção explícita ao MIR, no qual vários de seus colegas não militavam: as cores partidárias, aqui, interessam muito menos do que no momento de sua morte, e valem mais os ideais de liberdade defendidos, independentemente da organização a que pertencessem. Nesse sentido, também na poesia de Oscar Aguilera o brasileiro é associado à repressão que ocorreria depois, uma vez que, nesses versos, a morte de Nilton aparece como um episódio a anunciar o que viria na história do Chile:

con su español a medio terminar  
se nos queda caído en la alameda  
sobresaltadamente brasileño  
anunciando lo que viene  
en la historia de Chile.  
Sobresaltadamente tan chileno  
Nilton sin tumba  
Nilton árbol  
poeta sin sepulcro  
viviendo y reviviendo en toda lluvia.<sup>328</sup>

As linhas finais do poema trazem uma referência a outra homenagem feita a Nilton da Silva após sua morte. O brasileiro agora era representado por uma árvore – e, através dela, era como se vivesse e revivesse a cada chuva. Tal árvore compõe a lembrança mais perene e presente de Nilton, que ainda hoje faz seu nome reaparecer diariamente no cotidiano daqueles que frequentam o campus do antigo Instituto Pedagógico de Santiago.<sup>329</sup> Pelas mãos de seus amigos chilenos, uma planta tipicamente brasileira havia sido plantada para preservar a memória do amigo, em frente ao antigo Pavilhão J, onde ele vivia, um prédio que hoje recebe aulas do curso de Filosofia: um pé de jacarandá. Em frente ao tronco, uma placa registra, tentando evitar qualquer silêncio ou esquecimento que pudesse vir depois: “Que este árbol crezca en el recuerdo del poeta brasileño Nilton

<sup>328</sup> AGUILERA, 2005, p. 3-4.

<sup>329</sup> Imagens do jacarandá plantado em homenagem a Nilton da Silva, bem como do aspecto atual do campus do ex-Instituto Pedagógico, compõem o Anexo VII deste trabalho.

da Silva Rosa, alumno de castellano muerto en Chile el 15 de junio de 1973. Sus compañeros”.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas mais de quatro décadas desde o golpe de Estado no Chile, o MIR e as alternativas representadas pela organização na qual Nilton Rosa da Silva militou têm sido sistematicamente excluídas de uma narrativa mais ampla da esquerda, construída durante o período da resistência à ditadura, no qual o fortalecimento de uma linguagem democrática passou a ser a palavra de ordem. Eugenia Palieraki é uma das críticas à “história militante” que tem sido escrita, na qual a esquerda chilena terminou por entregar ao MIR um papel “marginal y extranjero al campo político, puesto que parecía no recibir ni generar influencias sobre los otros partidos y movimientos”.<sup>330</sup>

Essa exclusão se verifica desde as referências a discussões estratégicas de grande porte, nas quais o MIR costumeiramente é colocado como um ator menor e relegado a um extremo que não teria peso efetivo nos debates, até pequenos episódios simbólicos que não aparecem em narrativas mais hegemônicas. Um exemplo é a frase atribuída a Salvador Allende, supostamente transmitida a Miguel Enríquez no dia do golpe: “Agora é tua vez, Miguel”, teria dito o presidente, num ato que significaria uma rendição às evidências de que só o caminho das armas seria viável a partir dali. Essa frase aparece extensamente na literatura mirista, mas nunca é citada em alguns dos principais trabalhos sobre o 11 de setembro escritos por companheiros próximos ao presidente.<sup>331</sup>

Evidentemente, é possível que uma guinada da UP na direção da radicalização sonhada pelo MIR acabasse por antecipar ainda mais um movimento golpista – gerando, talvez, um banho de sangue ainda maior –, deslegitimando o discurso de um governo que se elegeu dentro da institucionalidade e procurou mantê-la até o fim. Não há, enfim, como estabelecer quais seriam as consequências de uma adoção da proposta “extremista”, que não venceu dentro da esquerda. Ainda assim, é possível constatar o quanto vem sendo minimizada a influência do MIR, e a consideração real que parte da UP teve por seguir elementos da tática apontada pelo grupo de Miguel Enríquez.

---

<sup>330</sup> PALIERAKI, 2008, p. 2.

<sup>331</sup> A primeira menção a esse episódio aparece no livro de Carmen Castillo sobre os meses finais da vida de Miguel Enríquez (cf. CASTILLO, 1999, p. 25). Allende teria dito “Ahora es tu turno, Miguel”. Essa frase volta a aparecer em livros relacionados ao MIR, como o escrito pelo ex-mirista Patricio Rivas (2007, p. 37) e a biografia de Enríquez feita por Mario Amorós (2015, p. 243). Notavelmente, essa mensagem – que, segundo Amorós, teria sido transmitida a Miguel pela filha de Allende, Beatriz – não aparece em nenhum trabalho escrito por membros da UP que estiveram em La Moneda no 11 de setembro, como os de Joan Garcés (1993) ou de Óscar Soto (2008), e nem mesmo em uma das mais recentes biografias de Allende, a de Jesús Manuel Martínez (2009).

Oswaldo Torres entende que a estratégia do MIR, buscando por muito tempo se diferenciar como uma opção “desde fora” da UP – e radicalizá-la a partir daí –, contribuiu para fazer a prova do tempo colocar o mirismo como uma figura antipática a Allende, com suas críticas ao governo aparecendo muito mais do que suas tentativas de aproximação.<sup>332</sup> Isso fez com que o MIR, mesmo resistindo à ditadura e sendo dizimado por ela, não tenha conseguido “reivindicar la legitimad de su esfuerzo y sacrificio militante como para lograr un reconocimiento social expresado electoralmente o de otra forma” quando o regime militar se encerrou.<sup>333</sup> Uma defesa da estratégia mirista se tornaria ainda mais difícil com o passar dos anos em função da política “*el MIR no se asila*”, na qual Enríquez exigiu a permanência de seus militantes no Chile durante a ditadura – sob pena de serem expulsos como “desertores e covardes”<sup>334</sup> –, o que destruiu a cúpula do grupo e esvaziou seus quadros. O próprio Miguel Enríquez, após mais de um ano na clandestinidade, seria morto em uma emboscada da DINA em outubro de 1974.

A militância levada a cabo no exílio e a morte de Nilton Rosa da Silva estão diretamente relacionadas a essa realidade mais ampla encontrada pelo brasileiro no Chile. Apesar de uma relativa escassez documental sobre um personagem que, afinal, não chegou a ocupar uma posição de destaque na hierarquia do mirismo, é possível – ao observar o material existente, os relatos testemunhais, e contrastarmos essas informações com o contexto – analisar como as contingências do Chile de Salvador Allende perpassaram sua trajetória, e como esta elucida aquelas.

Deste modo, ao mudar a escala de observação, passando ao nível “microscópico” da vida de um indivíduo, consegue-se ver mais facilmente os dilemas e alternativas existentes para a esquerda chilena e suas militâncias em um cenário de crise. A escolha de Nilton da Silva pelo MIR e não uma sigla mais “tradicional”; a forma como a retórica revolucionária surge em sua poesia; os conflitos entre os militantes dentro do Pedagógico, que não chegava a impedir momentos de solidariedade; e até mesmo as apropriações de sua morte pela alta cúpula do mirismo, relacionando a tragédia a uma pregação da necessidade de se preparar para o confronto armado – cada parte da trajetória de Nilton no Chile ajuda lançar luz sobre as dificuldades do período.

Que um jovem recém-chegado ao exílio optasse por um grupo posteriormente desprezado como “extremista”, que essa militância não o tenha marginalizado de um

---

<sup>332</sup> TORRES, 2012, p. 264.

<sup>333</sup> TORRES, 2012, p. 273.

<sup>334</sup> TORRES, 2012, p. 183.

círculo de amigos que reunia muitos partidos da esquerda “tradicional”, e que sua morte tenha despertado solidariedade mesmo de setores frontalmente contrários ao MIR no seio da esquerda, ajuda a compreender que as opções apresentadas pelo mirismo não estiveram tão excluídas do universo de possibilidades quanto construções posteriores poderiam sugerir.

Ao mesmo tempo, a utilização pública do assassinato de Nilton Rosa da Silva pelas lideranças do MIR permite observar em detalhe as táticas do movimento na busca por promover sua mensagem. Houve uma consciente aproximação do mirismo com setores da UP, e vice-versa (como demonstram os documentos do Partido Socialista concordando com posturas do MIR e buscando maior aceitação delas dentro da coalizão governista), na tentativa de superar o “reformismo”. A morte de Nilton ocorre justamente em uma hora crítica para essas negociações, quando as ameaças de golpe se tornam cada vez mais reais, e o mirismo – sabendo-se incapaz de resistir sozinho, ainda que não admitindo isso – tenta a todo o custo alcançar uma “unidade”.

“Unidade”, esse termo utilizado algumas vezes pelo MIR, na realidade representava uma atração de setores radicalizados da esquerda para os postulados da organização. Ou seja, uma “unidade” nos termos do mirismo. O “sectarismo” de que o movimento de Enríquez acusava os “reformistas” também era, na prática, o seu próprio, fechando-se a qualquer caminho de conciliação que implicasse abrir mão de determinado posicionamento. Uma a uma, as tentativas de aproximação fracassariam, em parte porque o PCCh e setores moderados temiam o diálogo com a “ultraesquerda”, mas em grande medida devido às pesadas críticas feitas pelo MIR que – como notou Torres, acima – acabavam tirando o foco dos pontos em comum. Quando o golpe viesse, o MIR estaria tão isolado que nem mesmo a violência da repressão fez as antigas diferenças sumirem. Ainda que se tenha feito certa autocrítica, o tom oficial continuou sendo o de apontar os dedos na outra direção. Em documento de dezembro de 1973, três meses após o golpe, Miguel Enríquez reclamaria:

Nos opusimos al diálogo [con la oposición] por no tener este condiciones objetivas ni destino, alertamos a la izquierda y a los trabajadores acerca de la catástrofe a la que el reformismo arrastraba a la clase obrera y al pueblo con esa política; llamamos pública y privadamente al PC (el que rechazó todo acuerdo), intentamos convencer al PS, al MAPU y a la IC de la necesidad de imponer una contraofensiva; luego al PC y después a Allende, estos vacilaron y no se decidieron.<sup>335</sup>

---

<sup>335</sup> ENRÍQUEZ, Miguel. La táctica del MIR en el actual período (diciembre 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.), 2004, p. 289.



Se a perseguição política praticamente destruiu o MIR, aniquilando suas antigas lideranças e excluindo o movimento da narrativa hegemônica sobre os caminhos cogitados pela esquerda chilena até 1973, no caso de Nilton da Silva ela ajudou a ressignificar sua trajetória. Frente ao trauma de sua morte e da ruptura institucional representada pelo 11 de setembro, a memória que os amigos e colegas de Nilton passaram a preservar já não se relacionaria tanto às disputas e rancores do momento de seu assassinato. O próprio Nilton jamais pôde viver as mudanças políticas que causariam a transformação das relações da esquerda, o que se refletiu na maneira como tem sido conservada a imagem de sua luta e sua militância – desde a primeira apropriação pelo MIR, até sua inclusão, muito mais recente, numa narrativa do golpe e das ditaduras.

Janet Malcolm escreveu certa vez sobre como essas transformações se efetuam com o tempo, de forma inescapável, mas podem parecer abruptamente interrompidas por uma morte prematura. “A vida continua”, dizia. “As pessoas envelhecem. Perdoam a si próprias e umas às outras”. Mas uma vida que termina cedo, uma existência que se acaba no meio de qualquer situação conflitiva, “fica para sempre fixada no tumulto”.<sup>336</sup> De certa forma, Nilton da Silva está para sempre preso ao momento tumultuoso em que as balas do *Patria y Libertad* tiraram sua vida, numa sexta-feira chuvosa em Santiago. Simultaneamente, no entanto, não está. A imagem de Nilton não ficou estagnada, não se limita a ser o mirista de 1973. E se isso ocorreu é, em grande medida, devido à gradual recuperação da sua memória, fosse por aqueles que o conheceram pessoalmente ou pelo esforço de diferentes comissões investigativas impulsadas pelo Estado e por comitês de direitos humanos.

Até o ponto em que esse militante morto no Chile, cujo assassinato quase não repercutiu no Brasil na época, chegasse a ser incluído no recente relatório da Comissão Nacional da Verdade, mesmo sem ser uma vítima direta do regime brasileiro. O reconhecimento de casos como o de Nilton da Silva por parte do Estado permite, assim, um olhar mais detalhado sobre os muitos desdobramentos da política do regime militar naquele período: ao ressignificar uma morte que inicialmente havia repercutido apenas dentro do Chile, se está observando a extensão das violações de direitos humanos então cometidas dentro e fora do país, com laços de articulação política que geraram consequências muitas vezes insuspeitadas a um primeiro olhar.

---

<sup>336</sup> MALCOLM, Janet. *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 14.

Entender esses laços, por muito tempo ocultos e subterrâneos, permite uma nova compreensão desse passado. Mesmo distante, mesmo caído numa democracia estrangeira, o destino de Nilton da Silva – hoje se vê inquestionavelmente – tem relação direta com aquele contexto. Embora não tivesse como saber do que aconteceria sob Pinochet, Nilton caiu fugindo de um regime ditatorial e lutando contra a instauração de um outro. Morreu, por azar, mas não mera casualidade, pelas mãos de um grupo chileno que obtinha ajuda da própria ditadura brasileira. A sua saída do “não-lugar” em que ficou por tanto tempo é um importante resultado de décadas de investigações e lutas pela preservação da memória.

Com o passar dos anos, Nilton já não é mais, simplesmente, o que era quando o assassinaram: um militante de um grupo demonizado pela oposição conservadora e visto com reservas por setores moderados da esquerda. Recolocado frente a um quadro mais amplo, posicionado diante da realidade que viveu (e daquela que não chegaria a viver, no caso da ditadura chilena), ele também se converteu num símbolo da luta pela democracia. É impossível sabermos o que o distanciamento dos anos faria Nilton Rosa da Silva pensar – se ainda vivesse – sobre sua militância, as posições do marxismo, as transformações ocorridas nesses posicionamentos após o golpe que não chegou a viver. Seus amigos, seus colegas e companheiros, todos só podem especular que caminhos os sonhos revolucionários de Nilton percorreriam nos anos seguintes. Um sentimento ilustrado por Francisco Estevez em sua “Oración” pelo amigo:

si naciste para tareas imposibles  
 como deshollinador de volcanes  
 o contrabandear camellos en el cielo  
 tú que sabías cultivar plantas de fuego  
 en jardines de carbón y llama fulgurante  
 y hacer cenizas de papel moneda  
 y forjar edificios proletarios  
 vengo todos los años  
 a tu cementerio de elefantes  
 y solo por el gusto de contradecirte  
 todavía te discuto  
 que era muy temprano para morir.<sup>337</sup>

---

<sup>337</sup> ESTEVEZ, Francisco. Oración por Nilton, 2012. (cópia fac-similar de manuscrito datilografado)

## LISTA DE SIGLAS

ALN – Ação Libertadora Nacional (Brasil)

AP – Associated Press

AFP – Agence France-Presse

ANSA – Agenzia Nazionale Stampa Associata

CEME – Centro de Estudios Miguel Enríquez

CENADI – Centro Nacional de Distribución

COLINA - Comando de Libertação Nacional

CONDI – Comando Nacional Contra la Inflación

CUT – Central Unitaria de Trabajadores de Chile

CNV - Comissão Nacional da Verdade (Brasil)

DC – Democracia Cristiana (outra denominação comum do PDC)

DICAP – Discoteca del Cantar Popular

DINA – Dirección de Inteligencia Nacional

DOPS – Departamento de Ordem Pública e Social

DR – Democracia Radical

ELN – Ejército de Liberación Nacional (Bolívia)

ERP – Ejército Revolucionario del Pueblo (Argentina)

FACH – Fuerza Aérea de Chile

FCR – Frente de Campesinos Revolucionarios (outra denominação do MCR)

FER – Frente de Estudiantes Revolucionarios

FLN – Frente de Libertação Nacional (Brasil)

FNPL – Frente Nacionalista Patria y Libertad

FTR – Frente de Trabajadores Revolucionarios

FPR – Frente de Pobladores Revolucionarios (outra denominação do MPR)

GAP – Grupo de Amigos Personales ou Grupo de Amigos del Presidente

IC – Izquierda Cristiana

ITT – International Telephone & Telegraph

JAP – Junta de Abastecimiento y Control de Precios

M3G – Movimento Marx, Mao, Marighella e Guevara (Brasil)

MAPU – Movimiento de Acción Popular Unitaria

MCR – Movimiento Campesino Revolucionario (outra denominação da FCR)

MEC - Ministério da Educação do Brasil

MIR – Movimiento de Izquierda Revolucionaria  
MOPARE - Movimiento Patriótico de Renovación  
MPR - Movimiento de Pobladores Revolucionarios  
MR-26 – Movimento Revolucionário 26 de Março (Brasil)  
MUI – Movimiento Universitario de Izquierda  
OEA – Organização dos Estados Americanos  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PC do B – Partido Comunista do Brasil  
PCB – Partido Comunista Brasileiro  
PCBR – Partido Comunista Brasileiro Revolucionário  
PCC - Partido Comunista Cubano  
PCCh – Partido Comunista Chileno  
PCR - Partido Comunista Revolucionario  
PDC – Partido Demócrata Cristiano  
PN – Partido Nacional  
POC – Partido Operário Comunista (Brasil)  
POR – Partido Obrero Revolucionario (Bolivia)  
PR – Partido Radical  
PS – Partido Socialista  
SML – Servicio Médico Legal  
UGES – União Gaúcha dos Estudantes Secundaristas  
UMCE – Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación  
UP – Unidad Popular  
UPI – United Press International  
USAID - United States Agency for International Development  
UTE - Universidade Técnica do Estado  
VAR-Palmares - Vanguarda Armada Revolucionária Palmares  
VPR – Vanguarda Popular Revolucionária (Brasil)  
VRM - Vanguardia Revolucionaria Marxista

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras citadas

AGGIO, Alberto. *Frente Popular, Radicalismo e Revolução Passiva no Chile*. São Paulo: Annablume, 1999.

AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo. A experiência chilena*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

AGUILERA, Oscar. Nilton da Silva, Brasileiro, todo este territorio es tu sepulcro. Centro de Estudios Miguel Enríquez – CEME – Archivo Chile, dossier, p. 1-8, 2005. Disponível em <[http://www.archivochile.com/Memorial/caidos\\_mir/D/da\\_silva\\_nilton.pdf](http://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/D/da_silva_nilton.pdf)> Acesso em 14 dez. 2014.

AGUILERA, Oscar. El poeta Nilton. In: \_\_\_\_\_. Nilton da Silva, Brasileiro, todo este territorio es tu sepulcro. *Centro de Estudios Miguel Enríquez – CEME – Archivo Chile, dossier*, 2005, p. 3-4. Disponível em <[http://www.archivochile.com/Memorial/caidos\\_mir/D/da\\_silva\\_nilton.pdf](http://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/D/da_silva_nilton.pdf)> Acesso em 14 dez. 2014.

AGUILERA, Oscar. Todo este territorio es tu sepulcro. In: FAUNES AMIGO, Martín (ed.). *Aulas que permanecerán vacías*. Santiago de Chile: Cuarto Propio, 2008, p. 117-119.

ALEGRÍA, Fernando. *Salvador Allende*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ALLENDE, Salvador. Entrevista a Bruce van Voorst, da revista *Newsweek*. Versão traduzida republicada por *Veja*, São Paulo, 27 jun. 1973, p. 48-49.

AMORÓS, Mario. *Miguel Enríquez. Un nombre en las estrellas*. 3. ed. Santiago de Chile: Ediciones B, 2015.

ANDERSON, Sean K.; SLOAN, Stephen (ed.). *Historical Dictionary of Terrorism*. Lanham: Scarecrow Press, 2009.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: UNESP, 2014.

BASSO PRIETO, Carlos. *La CIA en Chile*. Santiago de Chile: Aguilar, 2013.

BERLIN, Isaiah. A inevitabilidade histórica. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 159-225.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. 11.ed. Campinas: Papirus, 2011.

BRUM, Maurício Marques. *Estádio Chile, 1973: Morte e vida de Víctor Jara, a voz da Revolução Chilena*. Ijuí: Unijuí, 2014.

BRUM, Maurício Marques. Nilton virou Milton: a morte quase ignorada de um exilado político nas páginas dos jornais brasileiros. *Ars Historica*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 152-171, jan.-jul. 2015.

CARRASCO, Eduardo. *Quilapayún: la revolución y las estrellas*. Santiago de Chile: RIL, 2003.

CARVALHO, Alessandra e CATELA, Ludmila da Silva. 31 de marzo de 1964 en Brasil: memorias deshinchadas. In: JELIN, Elizabeth (org.). *Las conmemoraciones: las disputas en las fechas "in-felices"*. Madrid: Siglo XXI, 2002, p. 195-244.

CASALS ARAYA, Marcelo. *El alba de una revolución*. La izquierda y el proceso de construcción estratégica de la "vía chilena al socialismo". 1956-1970. Santiago de Chile: LOM, 2010.

CASTILLO, Carmen. *Un día de octubre en Santiago*. Santiago de Chile: LOM, 1999.

COCKROFT, James. Cronología: Chile 1970-73. In: AGUILERA, Pilar e FREDES, Ricardo (ed.). *Chile: el otro 11 de septiembre*. 2. ed. Havana: Ocean Sur, 2006.

COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório Azul 95*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1995.

COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a Partir de 1964*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1995.

COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. *Dossiê Ditadura: Mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. *Direito à Memória e à Verdade*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório da Comissão Nacional da Verdade*, v. 3. Brasília: CNV, 2014. Disponível em <[http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume\\_3\\_digital.pdf](http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf)> Acesso em: 31 mar. 2015.

CONGER, Amy. *Nilton da Silva Rosa, June 17, 1973, Santiago: "We Don't Forget the Color of Blood"*. Telluride: Nolvio Press, 2010.

DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DIRECTORATE OF INTELLIGENCE. Confidential – Unevaluated Information. *Central Intelligence Agency – CIA*. Date distr.: 1 oct. 1971 (released: sep. 1999).

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Escrever uma Vida. São Paulo: USP, 2009.

DRAGO, Tito. *Chile: Um duplo seqüestro*. Brasília: Thesaurus, 1995.

EGUILUZ DE SASÍA, Begoña. *Compañero*. In: FAUNES AMIGO, Martín (ed.). *Aulas que permanecerán vacías*. Santiago de Chile: Cuarto Propio, 2008, p. 114-117.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELLWANGER, Raul. Chile: 11 de setembro de 1973. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 set. 2012, p. 18.

ENRÍQUEZ, Miguel. Jefe del MIR saca la cara (entrevista de Manuel Cabieses Donoso). *Punto Final*, Santiago de Chile, n. 53, 23 abr. 1968, p. 2-4.

ENRÍQUEZ, Miguel. Luciano: ¡Hasta la victoria siempre! *Punto Final. Documentos*, Santiago de Chile, n. 138, 31 ago. 1971, p. 12-15.

ENRÍQUEZ, Miguel. Las conversaciones con la UP (Documento interno de 20 de mayo 1972). In: NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 153-159.

ENRÍQUEZ, Miguel. Intervención en el foro organizado por el Secretariado Nacional de Cristianos por el Socialismo (Noviembre 1972). In: NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 189-205.

ENRÍQUEZ, Miguel. ¡A desarrollar y fortalecer el poder popular! (12 de enero de 1973). In: NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 207-219.

ENRÍQUEZ, Miguel. Análisis del resultado electoral, perspectivas y tareas (10 de marzo de 1973). In: NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 221-236.

ENRÍQUEZ, Miguel. Discurso en el funeral de Nilton Da Silva (17 de junio de 1973). In: FARÍAS, Víctor (ed.). *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 4712-4715.

ENRÍQUEZ, Miguel. Vivimos un momento histórico fundamental. Discurso en el Teatro Caupolicán, 17 de julio de 1973. In: NARANJO, Pedro *et al.* (ed.), 2004. *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 261-269.

ENRÍQUEZ, Miguel. La táctica del MIR en el actual período (diciembre 1973). In: NARANJO *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 277-323.

ESPADA LIMA, Henrique. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ESTEVEZ, Francisco. Oración por Nilton. Cópia fac-similar de manuscrito datilografado: 2012.

ETCHEVERRY, Jorge. “Da Silva Nilton”. In: AGUILERA, Oscar. Nilton da Silva, Brasileño, todo este territorio es tu sepulcro. *Centro de Estudios Miguel Enríquez – CEME – Archivo Chile, dossier*, 2005, p. 5. Disponible em <[http://www.archivochile.com/Memorial/caidos\\_mir/D/da\\_silva\\_nilton.pdf](http://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/D/da_silva_nilton.pdf)> Acceso em 14 dez. 2014.

ETCHEVERRY, Jorge. *Vitral con pájaros*. 2. ed. Ottawa: Editorial Poetas de América, 2012.

FARÍAS, Víctor. *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000.



FONTAINE, Arturo; GONZÁLEZ, Miguel. *Los Mil Días de Allende. Portadas y recortes de prensa, fotografías y caricaturas*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 1997.

GARCÉS, Joan. *Allende e as Armas da Política*. São Paulo: Scritta, 1993.

GARCÉS, Mario. Prólogo. In: NARANJO, Pedro *et al* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 5-14.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONZÁLEZ, Mónica. *La Conjura*. Los mil y un días del golpe. Santiago de Chile: Catalonia, 2012.

GORER, Geoffrey. The Pornography of Death. *Encounter*, London, v. 5, n. 4, p. 49-52, 1955.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê?. In: CORADINI, Odaci Luiz (org.). *Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2008, p. 85-102.

GRYNSZPAN, Mário. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 14, p. 73-90, out. 1990.

GUTIÉRREZ, Cláudio Antônio Weyne. *A Guerrilha Brancaleone*. Porto Alegre: Proletra, 1999.

GUTIÉRREZ, Nelson. Comisión Política del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR): Discurso por radioemisoras (20 de junio de 1973). FARÍAS, Víctor (ed.). *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 4716-4725.

HERTZ, Robert. The Collective Representation of Death. In: \_\_\_\_\_. *Death & The Right Hand*. Aberdeen: University Press, 1960, p. 29-86.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JARA, Joan. *Canção Inacabada*. A vida e a obra de Víctor Jara. Rio de Janeiro: Record, 1998.

JURADO, Omar; MORALES, Juan Miguel. *Víctor Jara*. Te recuerda Chile. Santiago de Chile: LOM, 2003.

JUVENTUDES COMUNISTAS (COMISIÓN EJECUTIVA). Declaración sobre la muerte de A. Ríos (Diciembre de 1970). In: FARÍAS, Víctor. *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 543.

KÓSICHEV, Leonard. *La guitarra y el poncho de Víctor Jara*. Moscou: Progreso, 1990.

LEHNEN, L. Memórias manchadas e ruínas memoriais em *A mancha* e “O condomínio”, de Luis Fernando Verissimo. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 43, p. 69-97, jan.-jun. 2014.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 167-182.

LISBÔA, Susana Keniger. Anexo II – Rio Grande do Sul: Militantes Mortos e Desaparecidos. In: PADRÓS, Enrique Serra et al. (org.). *A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*, vol. 2, Repressão e Resistência nos “Anos de Chumbo”. Porto Alegre: Corag, 2010, p. 287.

MALCOLM, Janet. *A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARAMBIO, Max. *Las armas de ayer*. Santiago de Chile: La Tercera, 2007.

MARÍN, Germán. *Una historia fantástica y calculada: La CIA en el país de los chilenos*. México: Siglo XXI, 1976.

MARTÍNEZ, Jesús Manuel. *Salvador Allende. El Hombre que abría las alamedas*. Santiago de Chile: Catalonia, 2009.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA. Declaración de Principios. In: NARANJO, Pedro et al (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 99-101.

MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA. Programa. In: NARANJO, Pedro et al (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 103-105.

MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA. El MIR informa sobre su militante asesinado Da Silva. *Clarín*, Santiago de Chile, 17 jun. 1973, p. 11.

MURILO DE CARVALHO, José. Tiradentes: um herói para a República. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 55-73.

NARANJO, Pedro. Introducción. In: \_\_\_\_\_. *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004, p. 15-28.

NARANJO, Pedro *et al.* (ed.). *Miguel Enríquez y el proyecto revolucionario en Chile*. Discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Santiago de Chile: LOM, 2004.

NERUDA, Pablo. *Incitación al Nixonicidio y alabanza de la Revolución Chilena*. 6. ed. Barcelona: Grijalbo, 1974.

NILTON era poeta y Hombre de América. *Clarín*, Santiago de Chile, 17 jun. 1973, p. 10.

PALIERAKI, Eugenia. La opción por las armas. Nueva izquierda revolucionaria y violencia política en Chile (1965-1970). *Polis*, Centro de Investigación Sociedad y Políticas Públicas, n. 19, p. 1-15, 2008. Disponible em <<http://polis.revues.org/3882>> Acceso em 15 mar. 2014.

PALIERAKI, Eugenia. *¡La revolución ya viene!* El MIR chileno en los años sesenta. Santiago de Chile: LOM, 2014.

PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONARIO. “Una línea pequeño-burguesa y una línea proletaria en la revolución chilena”. In: FARÍAS, Víctor (ed.). *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 293-327.

PARTIDO SOCIALISTA (DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCACIÓN POLÍTICA). Las tesis del partido y la Declaración de El Arrayán (Documento confidencial interno, publicado en *Discusión* del 21 de febrero de 1972). In: FARÍAS, Víctor (ed.). *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 1994-2006.

PASCAL ALLENDE, Andrés. *El MIR chileno*. Una experiencia revolucionaria. Rosario: Cucaña, 2003.

PÉREZ LIZANA, Sebastián *et al.* *Bellavista*. Memoria oral de un pueblo industrial. Concepción: 2010.

PINOCHET, A. *El día decisivo: 11 de septiembre de 1973*. 4. ed. Santiago de Chile: Andrés Bello, 1980.

PRATS, Carlos. *Memorias*. Testimonio de un soldado. Santiago de Chile: Pehuén, 1985.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la Lengua Española*. 21. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1998.

RIVAS, Patricio. *Chile, un largo septiembre*. Santiago de Chile: LOM, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1987.

RUBILAR SOLÍS, Luis. *Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación (Ex-Pedagógico), 1889-2010*. 2. ed. Santiago de Chile: Publicaciones UMCE, 2014.

SALAZAR, Gabriel. *La violencia política popular en las "Grandes Alamedas"*. La violencia en Chile 1947-1987 (Una perspectiva histórico popular). Santiago de Chile: LOM, 2006.

SALAZAR, Manuel. *Roberto Thieme, el rebelde de Patria y Libertad*. Santiago de Chile: Mare Nostrum, 2007.

SANTA CRUZ, Eduardo. El fascismo mató a combatiente brasileño. *Revista Punto Final*, Santiago de Chile, n. 187, 3 jul. 1973, p. 8-9

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 3-21.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas, aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997.

SECRETARÍA GENERAL DE GOBIERNO. Libro Blanco del Cambio de Gobierno en Chile. 2.ed. Santiago de Chile: Lord Cochrane, 1973

SECRETARIADO NACIONAL MIR. El MIR y el resultado electoral. *Punto Final. Documentos*. Santiago de Chile, n. 115, 13 out. 1970, p. 1-12.

SECRETARIADO NACIONAL MIR. Declaración sobre la muerte de A. Ríos (Diciembre de 1970). In: FARÍAS, Víctor. *La Izquierda Chilena (1969-1973): documentos para el estudio de su línea estratégica*. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2000, p. 541

SEPÚLVEDA CORRADINI, Gabriel. *Víctor Jara: Hombre de teatro*. Santiago de Chile: Sudamericana, 2001.

SERRANO, Bruno. *Exhumación del Olvido*. Cronología de la Dictadura 1973-1989. Santiago de Chile: Ceibo, 2013.

SILVA, Nilton Rosa da. *Hombre América*. Poesía. Santiago de Chile: mimeo., 1972.

SILVA, Nilton Rosa da. *Suave é o passar do tempo...* Manuscrito original. 16 out. 1972.

SOTO, Óscar. *El último día de Salvador Allende*. Barcelona: RBA, 2008.

TORRES, Osvaldo. *Democracia y Lucha armada*. MIR y MLN-Tupamaros. Santiago de Chile: Pehuén, 2012.

TOURAINÉ, Alain. *Vida e Morte do Chile Popular*. Amadora: Bertrand, 1974.

ULIANOVA, Olga. Una crisis escuchada como la obertura de la revolución. In: ULIANOVA, Olga; RIQUELME SEGOVIA, Alfredo (ed.). *Chile en los archivos soviéticos 1922-1991*. Tomo 2: Komintern y Chile 1931-1935. Santiago de Chile: LOM, 2009, p. 15-54.

URIBE, Armando. *Carta abierta a Agustín Edwards*. Santiago de Chile: LOM, 2002.

VERDUGO, Patricia. *Chile, 1973: Como os EUA derrubaram Allende*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

VIDAURRÁZAGA MANRÍQUEZ, Ignacio. *Martes once, la primera resistencia*. Santiago de Chile: LOM, 2013

WINN, Peter. *A Revolução Chilena*. São Paulo: UNESP, 2010.

### Outras obras consultadas

ABÉLÉS, Marc. O racionalismo posto à prova da análise. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 103-120.

ALMEYDA, Clodomiro *et al.* El Partido Socialista en la Lucha Mundial y Continental por el Socialismo. *Punto Final (Documentos)*, Santiago de Chile, n. 42, 22 nov. 1967, p. 8-16.

AVENDAÑO, Daniel; PALMA, Mauricio. *El rebelde de la burguesía*. La historia de Miguel Enríquez. Santiago de Chile: CESOC, 2011.

BENSA, Alban. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 39-76.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 62-63, p. 69-72, jun. 1986.

BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: \_\_\_\_\_. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 99-120.

BRAVO, Gabriela; GONZÁLEZ, Cristian. *Ecos del tempo subterráneo: Las peñas en Santiago durante el régimen militar (1973-1983)*. Santiago de Chile: LOM, 2009.

BRUM, Maurício Marques. Os Estádios da memória: o relato da prisão política na obra de Jorge Montealegre. *Escritas*, Araguaína, v. 6, n. 2, 2014b, p. 72-92.

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 173-201.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 63-79.

COLOANE, Juan Francisco (ed.). *Vidas de izquierda*. 54 entrevistas. Santiago de Chile: Navegación e Ideas, 2014.

CORADINI, Odaci Luiz. “Grandes famílias” e elite “profissional” na medicina no Brasil. *Cadernos de Ciência Política (série: pré-edições)*, Porto Alegre, UFRGS/PPGCP, n. 2, 1995.

CORVALÁN, Luis. *De lo vivido y lo peleado*. Memorias. Santiago de Chile: LOM, 1997.

COSTA, Adriane Vidal. *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

DAWES, Greg. *Multiforme y comprometido*. Neruda después de 1956. Santiago de Chile: RIL Editores, 2014.

ESPADA LIMA, Henrique. Pensando as transformações e a recepção da micro-história no debate histórico de hoje. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (org.). *Exercícios de micro-história*. Versão digital. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 131-154.

FERNANDOIS, Joaquín. *La Revolución Inconclusa*. La izquierda chilena y el gobierno de la Unidad Popular. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 2013.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1. ed. 12. reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

GARCÉS, Mario; LEIVA, Sebastián. *El Golpe en La Legua: Los caminos de la historia y la memoria*. Santiago de Chile: LOM, 2005.

GAZMURI, Jaime. El MAPU y su papel en la campaña electoral. *Punto Final*, Santiago de Chile, n. 99, 3 mar. 1970, p. 29. Entrevista a J. C. M.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989, p. 169-178.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem*. Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GINZBURG, Carlo. Prefácio. In: ESPADA LIMA, Henrique. *A micro-história italiana*. Escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 9-12.

GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (org.). *Exercícios de micro-história*. Versão digital. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 19-38.

GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história?. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 251-262.

GRIBAUDI, Maurizio. Escala, pertinência, configuração. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 121-149.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Apóstata do germanismo ou alemão arrivista: a trajetória de Lindolfo Collor até a Revolução de 1930. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 15, p. 25-35, 2001/2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HESTER, Albert L. The news from Latin America via a world news agency. *International Communication Gazette*, v. 20, n. 2, p. 82-98, 1974.

KUCINSKI, Bernardo. A primeira vítima: a autocensura durante o regime militar. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *Minorias silenciadas: História da Censura no Brasil*. São Paulo: USP, 2002, p. 533-551.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?. *Le Débat*, n. 54, p. 48-53, mar.-abr. 1989.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 77-102.

LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVI, Giovanni. Prefácio. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (org.). *Exercícios de micro-história*. Versão digital. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 11-16.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p. 133-161.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998b, p. 225-249.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (oscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes;



AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 103-130.

REVEL, Jacques. A história ao rés-do-chão. Prefácio. In: LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 7-37.

REVEL, Jacques. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998a, p. 7-14.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: \_\_\_\_\_. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998b, p. 15-38.

ROLLE, Claudio (coord.). *1973: La Vida Cotidiana de un Año Crucial*. Santiago de Chile: Planeta, 2003.

ROSENTAL, Paul-André. Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a “microstoria”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 151-172.

SAN FRANCISCO, Alejandro. *Pablo Neruda*. El Premio Nobel Chileno en Tiempos de la Unidad Popular. Santiago de Chile: Centro de Estudios Bicentenario, 2004.

SIMÕES, Sílvia Sônia. *Canto que ha sido valiente siempre será canción nueva: o cancionero de Víctor Jara e o Golpe Civil-Militar no Chile*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado em História).

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STONE, Lawrence. The Revival of Narrative: Reflections on a New Old Story. *Past & Present*, Oxford University, n. 85, p. 3-24, nov. 1979.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 233-245.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 247-265.

**Entrevistas realizadas:**

Amy Conger (20 ago. 2014 e 13 out. 2014, por e-mail)  
Carlos Beust (11 jun. 2013, em Porto Alegre)  
Francisco Estevez (9 e 10 set. 2015, em Santiago)  
Ingrid Boerr (8 set. 2015, em Santiago)  
Isabel Ibarra (1º dez. 2014, em Porto Alegre)  
Lucía Godoy (8 set. 2015, em Santiago)  
Oscar Aguilera (10 set. 2015, em Santiago)  
Raul Ellwanger (5 jul. 2013 e 26 set. 2014, ambas em Porto Alegre)  
Sheila Borba (31 out. 2014, em Porto Alegre)

**Jornais e revistas consultados**

Brasil:

*Correio do Povo (Porto Alegre)*  
*Folha de S. Paulo*  
*Jornal do Brasil (Rio de Janeiro)*  
*O Estado de S. Paulo*  
*Última Hora (Rio de Janeiro)*  
*Zero Hora (Porto Alegre)*  
*Veja (São Paulo)*

Chile:

*Clarín*  
*El Mercurio*  
*El Rebelde*  
*El Siglo*  
*Ercilla*  
*Estadio*  
*Estrategia*  
*La Quinta Rueda*  
*Las Noticias de Última Hora*  
*Punto Final*

## ANEXOS

Anexo I – Quadro comemorativo aos ex-alunos do Julinho mortos em decorrência de sua militância política na década de 1970.



**Anexo II – Termo de compromisso assinado por Nilton Rosa da Silva em 1968.  
Documento cedido pelo Comitê Carlos de Ré.**

TÉRMO DE COMPROMISSO:

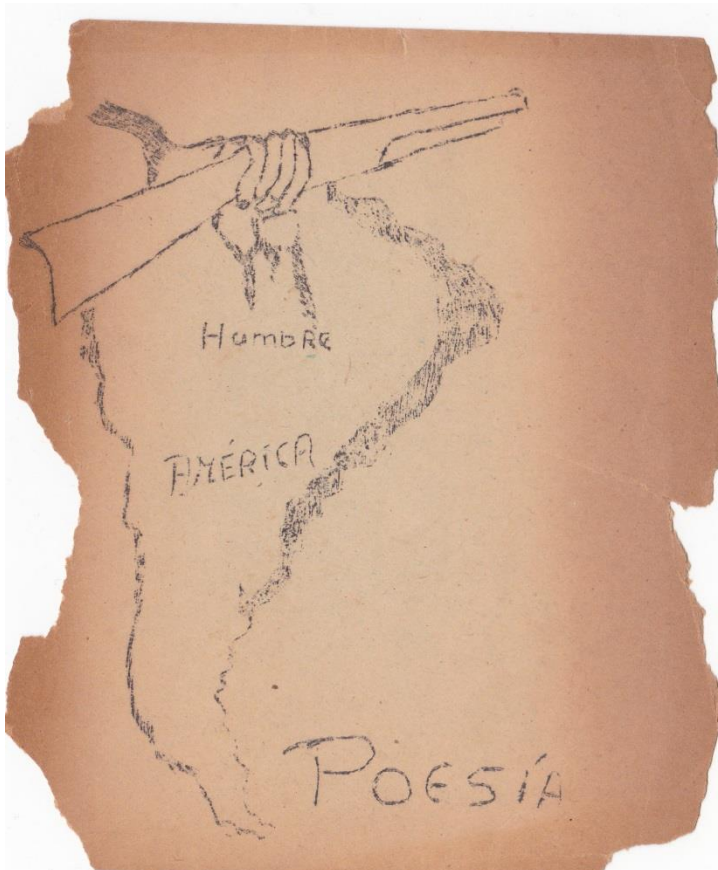
Eu, abaixo assinado, aluno matriculado regularmente neste Estabelecimento de Ensino, no 2a série do curso / científico, turma H., me comprometo de não promover nenhuma - agitação estudantil, dentro ou fora do recinto do Colégio.

Pôrto Alegre, 21 de maio de 1968.



Nilton Rosa da Silva

Anexo III – Fragmentos de *Hombre América*



PROLOGO

Los pueblos latinoamericanos viven en una fase de lucha por su liberación definitiva de la dominación política económica imperialista y en lucha por la construcción de una sociedad socialista.

Pero mientras la lucha de clases se agudiza y se demuestra en muchos países la posibilidad real de la toma del poder por las fuerzas del proletariado, existen países como BRASIL, donde el imperialismo y fascismo se manifiesta con toda su fuerza e intenta aplastar al proletariado en su lucha.

Pero, la lucha continúa, el pueblo brasileño, bajo dirección de fuerzas realmente revolucionarias, lucha por su liberación definitiva.

En estos días el gobierno fascista brasileño conmemora sus ocho años de existencia y de dominación sobre nuestro pueblo.

Por esto en los días que el fascismo conmemora su dominación con la sangre del pueblo, yo, como acto de rebeldía y de manifestación clara de demostrar lo que hace el fascismo, escribo estos versos.

## I

Mi nombre no es mi nombre,  
sino el nombre de todos los seres.  
Mi nombre es América,  
volcán de los oprimidos.  
Es libertad símbolo del pueblo.  
Mi nombre no es otro sino patria,  
sino tierra, aire,  
sino nombre. Tu nombre...

Mi nombre no es más mi nombre,  
porque yo no soy, siquiera yo,  
porque soy hombre, hermano, combatiente,  
porque hoy soy arma, polvo, agua y sangre.  
Hoy soy América dormida que despierta,  
soy los explotados del mundo  
que se rebelan,  
Soy los fusiles que empuñan  
los pueblos en lucha.

Hoy soy pueblo...

Hoy soy ser despierto,  
sin nombre,  
porque hoy soy POETA...

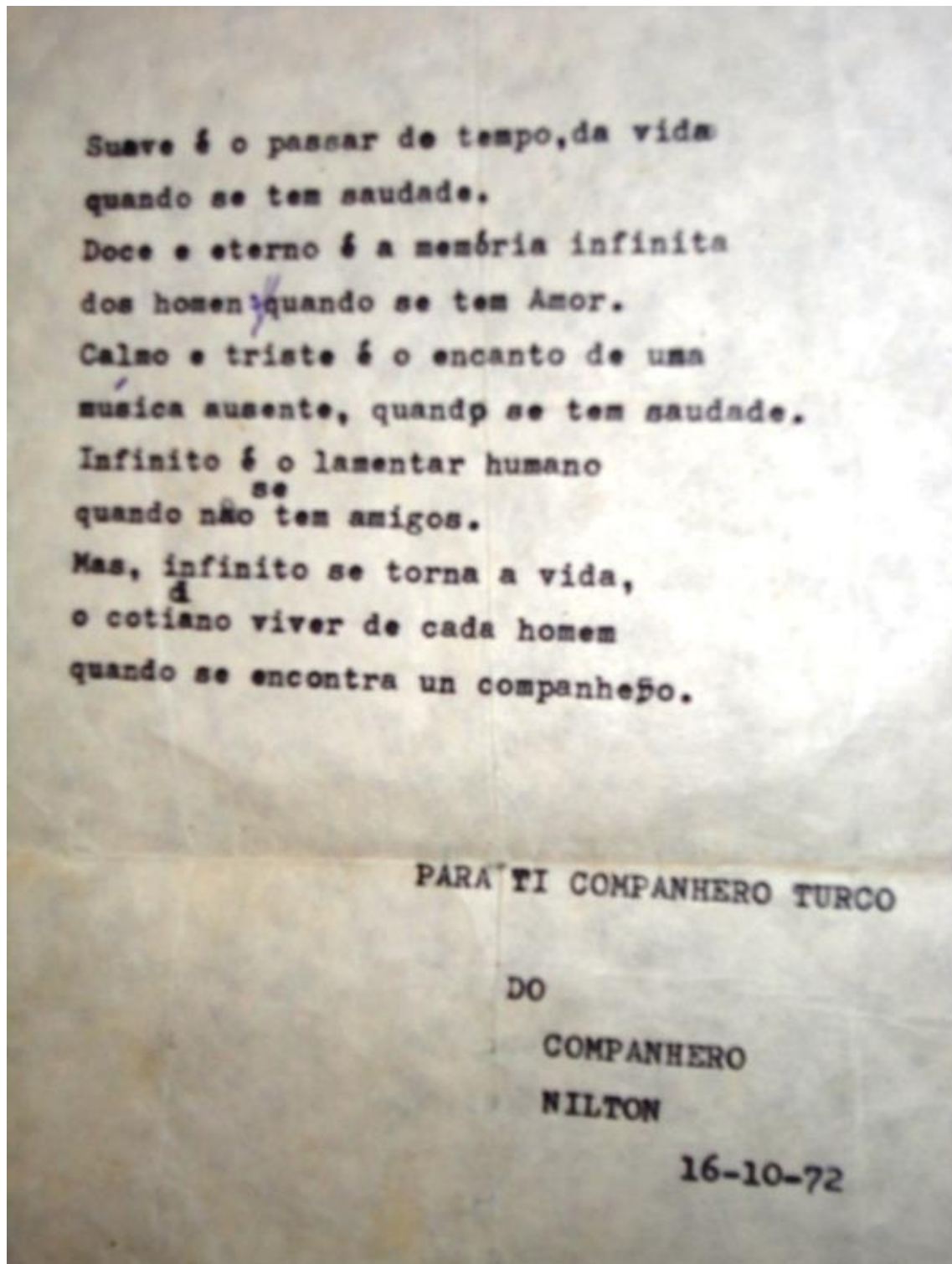
## VII

La única cosa que te puedo dar  
son mis versos...  
(Yo sé que tú mereces mucho más.)  
Mis versos son mi alegría y sufrimiento,  
son mi cansancio y mi tristeza,  
mis versos son pues mi propio ser.  
Mis versos son cantos,  
de muerte, alegría, paz y amor  
(alegría, paz y amor que canto a ti.)

Hoy mis versos traen tu figura,  
que baila en mis pensamientos,  
con éxtasis y locura.  
Mis versos hoy son para ti.

Aunque tú no sepas de mis versos,  
(aún que no lo sepa nadie.)  
Aunque tú no sepas porque vivo,  
(aunque yo mismo no lo sepa.)  
Mis versos y mi vivir son tu presencia.  
Si acaso algún día alguien cante a tu oído,  
diciendo que yo ya no te quiero,  
(aún que sea yo que lo cante.)  
Aún así sepas que es mentira,  
porque mis versos son la prueba  
de este amor eterno...

Anexo IV – “Suave é o passar do tempo...”. Manuscrito original de poema sem título dedicado a Dirceu Messias, o “Turco”, em 1972. Imagem cedida pelo Comitê Carlos de Ré.



**Anexo V – Texto e fotos relativos a Nilton Rosa da Silva na exposição “A 40 años del golpe en el Ex Instituto Pedagógico”, realizada em 11 de setembro de 2013 na atual Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, em Santiago do Chile. Fotografias de autoria própria.**





**Anexo VI – Imagens do funeral de Nilton Rosa da Silva. Fotografias de Amy Conger, incluídas no livro de 2010 da autora. Na primeira foto, as lideranças do MIR – da esquerda para a direita: Arturo Villavela, Bautista Van Schowen, Roberto “Pelado” Moreno, Miguel Enríquez, Humberto Sotomayor, Edgardo Enríquez e Andrés Pascal Allende.**





**Anevo VII – Jacarandá em homenagem a Nilton da Silva e imagens do ex-Instituto Pedagógico (atual Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación).  
Imagens de autoria própria.**



Abaixo, o edifício onde Nilton da Silva residiu (à direita, no cercado vermelho com bicicletas, o jacarandá).



## Anexo VIII – Recortes de imprensa sobre o assassinato de Nilton Rosa da Silva.

### *Choque de rua mata um e fere 64 em Santiago*

Um estudante morreu — o brasileiro Nilton Rosa, 24 anos, que pertencia ao Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) — e outras 64 pessoas ficaram feridas num choque entre estudantes que apóiam o Governo do Presidente Salvador Allende e grupos da Oposição, que se concentraram a dois quarteirões do Palácio de la Moneda, em Santiago, solidarizando-se com os grevistas da mina de cobre de El Teniente.

O Presidente Allende recebeu seis dirigentes grevistas, enquanto os demais — cerca de 3 mil — aguardavam o resultado da entrevista em frente à sede do Partido Democrata Cristão (Oposição). Os mineiros chegaram à capital em automóveis e caminhões, porque a marcha a pé foi interrompida pela polícia a 56 quilómetros da cidade. (Página 8)

#### BRASILEIRO ENTERRADO

O corpo do estudante brasileiro Nilton da Silva Rosa — morto na sexta-feira por um tiro, durante os distúrbios entre grupos rivais de estudantes, foi enterrado ontem no cemitério geral de Santiago.

Nilton tinha 24 anos, nasceu no Rio Grande do Sul e estava há um ano e meio no Chile, onde cursava o segundo ano da Universidade do Chile e se filiara ao Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR).

Ontem não houve incidentes nas ruas de Santiago, depois de dois dias consecutivos de lutas. Os trabalhadores grevistas de El Teniente aguardam o resultado das gestões iniciadas com o Presidente Allende, que entregou o assunto a uma comissão especial.

(Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 e 18 de junho de 1973)

# A polícia de Allende ataca e fere mineiros

SANTIAGO — Centenas de trabalhadores em greve — da mina de cobre de El Teniente — concentrados diante da sede do Partido Democrata Cristão, a apenas duas quadras do palácio presidencial, foram atacados e dispersados ontem pelas forças de segurança, que utilizaram carros blindados, bastões, granadas lacrimogêneas e outras armas. Segundo declarações do líder do PDC, senador Eduardo Frei, 59 mineiros foram feridos — três dos quais a bala — durante o incidente.

Falando pelo rádio, Frei declarou que a ação policial "só pode ser entendida como uma provocação contra os mineiros que aguardavam uma resposta do governo para suas justas reivindicações".

"Neste país — acrescentou — não se age contra os grupos armados que atacam civis nem contra os que promovem distúrbios. A repressão é dirigida aos trabalhadores, que pedem o cumprimento de disposições legais e são atacados e golpeados".

O líder do PDC ressaltou que nem mesmo a sede do partido oposicionista foi poupada pelos policiais, os quais lançaram bombas de gás lacrimogêneo em seu interior, onde alguns mineiros haviam se refugiado.

Frei concluiu afirmando que as medidas policiais empregadas pelo governo "não intimidam a oposição".

As forças de segurança entraram em ação depois que o Ministério do Interior ordenou que as ruas fossem abertas à circulação. Os mineiros — que se encontram em greve há 59 dias — ha-

viam obstruído uma das calçadas da avenida Bernard O'Higgins, a principal de Santiago.

O incidente ocorreu poucas horas após violentos choques envolvendo estudantes e trabalhadores oposicionistas — que tentavam promover uma manifestação em favor dos mineiros em greve — e partidários do governo, que provocaram a morte de um estudante, o brasileiro Milton Santos da Silva, e ferimentos em 64 pessoas.

Pouco antes, comunistas e socialistas haviam criticado energicamente a decisão do presidente Salvador Allende

de tentar negociar o fim da greve. Durante duas horas e meia, Allende conferenciou com líderes dos mineiros e propôs uma fórmula que estava sendo estudada pelos mineiros, quando eclodiram os novos conflitos.

Na manhã de ontem, Milton Puga, representante dos grevistas, declarou que ele e seus companheiros permanecerão em Santiago até a resolução definitiva da greve, ressaltando que esperava reunir-se novamente com o presidente Allende.

## Esquerdista morto era asilado

SANTIAGO — O estudante brasileiro que morreu baleado durante os distúrbios ocorridos sexta-feira em Santiago era um asilado político, que chegou ao Chile há um ano e meio.

O estudante — identificado como Milton Santos da Silva, de 22 anos — cursava a Faculdade de Pedagogia da Universidade de Chile. Era militante de uma organização extremista brasileira e, ao chegar ao Chile, filiou-se à organização de extrema-esquerda denominada Movimento de Esquerda Revolucionária. Foi atingido por um tiro na testa quando se dirigia com outros companheiros para o Palácio de La Moneda e morreu, horas depois, no Hospital de Neurocirurgia de Santiago.



### ACC

Por r  
da Empre  
fos, serão  
usuários, c  
emissão d  
(CTB), aos  
Rio Claro e  
Proce  
pela TELE  
Paulo S A

(O Estado de S. Paulo, São Paulo, 17 de junho de 1973)

CHILE

## "O pior momento"

Durante o governo Frei, de 1964 a 1970, os mineiros do cobre, que movimentam a indústria básica do Chile, permaneceram em greve durante 86 dias seguidos — um recorde que se supunha jamais seria batido. É possível, no entanto, que essa marca venha a ser superada durante o governo socialista de Salvador Allende. Parados desde 19 de abril último, pelo menos um terço dos 13 500 trabalhadores de El Teniente, a maior mina subterrânea do mundo, entrou na semana passada em seu terceiro mês de greve, reivindicando um reajuste salarial de 41%. O governo se recusa a atendê-los, na sua luta contra uma inflação que atingiu 230% nos últimos doze meses.

Com isso, porém, agravam-se os já imensos problemas econômicos do Chile. O cobre — responsável por 80% das exportações e 25% do ativo tributário — é, como diz o próprio Allende, "o salário do Chile". Com uma produção anual calculada em 170 000 toneladas — um terço do cobre produzido no país —, El Teniente está com sua capacidade reduzida à metade, dando um prejuízo estimado em 6 milhões de cruzeiros diários.

A greve causa, também, prejuízos políticos. A última semana foi pontilhada por conflitos entre os mineiros, que realizaram uma marcha de protesto sobre Santiago, e partidários do governo, com o saldo de um morto (o brasileiro Milton da Silva Rosa, de 24 anos, ligado ao Movimento de Esquerda Revolucionária) e mais de cem feridos.



Mineiros de El Teniente em Santiago: prejuízos políticos e econômicos



Allende

Congresso não pode destituir ministros por razões políticas. Eles são responsáveis perante o presidente. Por isso é que estou procurando uma saída política para o impasse.

P — Tudo isso, porém, não seria um indício de que seu esforço para chegar

P — O Congresso destituiu ministros, a Suprema Corte critica o presidente da nação, a indústria mais importante do país está paralisada. Não é o próprio sistema que está parado?

ALLENDE — Obviamente sim.

Insistimos que o Congresso não pode destituir ministros por razões políticas. Eles são responsáveis perante o presidente. Por isso é que estou procurando uma saída política para o impasse.

P — Tudo isso, porém, não seria um indício de que seu esforço para chegar

num Estado de trabalhadores não é uma contradição?

ALLENDE — O Chile não é um Estado de trabalhadores nem um país socialista. É extraordinariamente difícil demonstrar aos elementos conservadores da sociedade, que sempre viveram e pensaram em termos econômicos capitalistas, que há valores mais importantes do que ganhar dinheiro. Os trabalhadores atingiram objetivos pelos quais sempre lutaram. Mas ainda há pessoas que não compreenderam que a revolução pacífica significa sacrifício, firmeza e generosidade. Há trabalhadores também entre as fileiras dos democrata-cristãos, embora a força da oposição se concentre fundamentalmente entre os empregadores. Essa é a razão por que temos um confronto diário, minuto a minuto.

(Veja, São Paulo, 27 de junho de 1973)

Lucha del pueblo chileno era la suya

# NILTON ERA POETA Y HOMBRE DE AMERICA

■ NILTON DA SILVA ROSA, el estudiante brasileño por las horas festivas de la fiesta cristiana, era un excelente alumno del Segundo Año del Departamento de Español de la Sede Oriente de la "U" (Instituto Pedagógico) ingresado el año 1972, se destacó como un ser de gran actividad y un excelente compañero. Tenía 24 años de edad. Militaba en el MIR.

■ QUEN ASI lo señala es el presidente de curso, Francisco Estévez. Explica que el estudiante brasileño además de su militancia política (pertenecía al Frente de Estudiantes Revolucionarios, FER) tenía altas calidades humanas, lo que hizo que todo el mundo lo considerara un amigo, más allá de toda barrera ideológica.

"El se interesaba mucho por la estética literaria —dice Estévez— y en ese sentido gustaba canalizar sus estudios. Lo más característico en él era su calidad humana. Siempre estuvo preocupado de sus compañeros de curso, de sus problemas, en fin, de todas esas cosas. A pesar, además, de estar enfermo del corazón (un soplo) se entregaba con más fuerza a sus ideales".

Nilton Da Silva era miembro

Los "Sin Casa" se reúnen para

La muerte de Nilton fue profundamente a sus colegas y profesores. Recordaron en un buen momento que cuando estaba vivo, se había sentido en Brasil, pero debido a la represión política, finalmente se trasladó a la capital, como una forma de participar en la lucha del pueblo chileno. Y por ella murió. Un autismo y una gran capacidad en el trabajo de la vida. Pero se fue. La vida se le acabó, pero su espíritu quedará siempre presente en el MIR y Estévez.

Las horas más tristes del poeta, no son más que la trágica del mundo que se mezcla con el llanto y la muerte de los hombres en su madrigala.

ETA

(Clarín, Santiago de Chile, 17 de junio de 1973)

## Hoy a las 10 son sus funerales El MIR informa sobre su militante asesinado Da Silva

"El Movimiento de Izquierda Revolucionaria, MIR, ante el asesinato de uno de sus militantes durante la asonada fascista del viernes último, declara:

1.— Informamos a nuestros militantes y a todo la clase obrera y al pueblo que el viernes cayó asesinado por pistoleros del Partido Nacional, nuestro militante de nacionalidad brasileña y de 24 años de edad, compañero Nilton da Silva.

2.— El asesinato se produjo en la calle San Martín cuando un grupo del Partido Nacional que huía hacia la calle Alameda disparó cobardemente armas de fuego sobre una columna de manifestantes de izquierda que los había dispersados hacia el sur desde la calle Moneda. El compañero Nilton da Silva que iba adelante y dirigía la columna cayó mortalmente herido por una bala de grueso calibre, que le impactó en la frente.

3.— El MIR rinde un emocionado homenaje a este valeroso militante que cayó luchando en la primera fila de combate contra las bandas reaccionarias lanzadas a la calle por el Partido Nacional y la democracia cristiana y llama a toda la clase obrera y al pueblo a imponer el respeto a la memoria de este militante revolucionario que, sin haber nacido en este país, no vaciló

en arriesgar su vida y derramar su sangre por la clase obrera, los pobres y oprimidos de Chile.

4.— El MIR llama a sus militantes y a los obreros y estudiantes que como Nilton da Silva combatieron, ayer, en las calles de Santiago a las bandas fascistas a recoger la bandera del compañero caído, a estrechar firmemente las filas junto a toda la clase obrera y al pueblo a reforzar más que nunca el combate por derrotar a los explotadores de todos los pelajes y avanzar hacia la Revolución Obrera y Campesina".

Hoy, a las 10 horas y par-

tiendo el cortejo de la sede central del FIR se realizarán los funerales de Nilton da Silva, militante del MIR. El local del FIR está ubicado en Agustinas 2177. Cientos de pobladores, obreros, estudiantes y campesinos desfilaron ayer frente al féretro que contiene los restos del combativo estudiante de Pedagogía en Castellano de la Universidad de Chile. Militantes del MIR, FFR, MCR y FIR hicieron guardia alrededor de la urna. Organizaciones campesinas, sindicatos y organizaciones de pobladores hicieron llegar coronas y mensajes de condolencias.

## Duelo en la Chile

El Departamento de Español de la Universidad de Chile, donde estudiaba el militante del MIR que fue asesinado por los fascistas y la DC, emitió la siguiente declaración:

"Ante el cobarde asesinato del compañero estudiante Nilton Santos da Silva por grupos violentistas de la reacción, el Departamento de Español de la Universidad de Chile manifiesta su más honrado sentimiento de pesar por la injusta muerte de un excelente alumno y dirigente estudiantil y a la vez se hace

un deber repudiar del modo más enérgico la irresponsable e hipócrita conducta de elementos del Partido Demócrata Cristiano, Partido Nacional y la banda fascista Patria y Libertad que, en los últimos tiempos, por los más diversos medios, incitan permanentemente a los más irracionales enfrentamientos fratricidas.

El Departamento de Español llama a la comunidad universitaria a hacerse presente en el local en que se velan sus restos: Agustinas 2177, y asistir hoy a sus funerales".

(Informe do MIR. Clarín, Santiago de Chile, 17 de junho de 1973)



**Anexo IX – Texto integral de *Hombre América*, transcrito**

**Nilton Rosa da Silva**

**HOMBRE AMÉRICA**  
Poesía

**Santiago de Chile**  
1972

O AMANHECER É BELO  
QUANDO SE ESPERA  
E SE TEM A CERTEZA QUE ELE VAI CHEGAR<sup>338</sup>

---

<sup>338</sup> [sic]

## PROLOGO

Los pueblos latinoamericanos viven en una fase de lucha por su liberación definitiva de la dominación política económica imperialista y en lucha por la construcción de una sociedad socialista.

Pero mientras la lucha de clases se agudiza y se demuestra en muchos países la posibilidad real de la toma del poder por las fuerzas del proletariado, existen países como BRASIL, donde el imperialismo y fascismo se manifiesta con toda su fuerza e intenta aplastar al proletariado en su lucha.

Pero, la lucha continúa, el pueblo brasileño, bajo dirección de fuerzas realmente revolucionarias, lucha por su liberación definitiva.

En estos días el gobierno fascista brasileño conmemora sus ocho años de existencia y de dominación sobre nuestro pueblo.

Por esto en los días que el fascismo conmemora su dominación con la sangre del pueblo, yo, como acto de rebeldía y de manifestación clara de demostrar lo que hace el fascismo, escribo estos versos.

**I**

Mi nombre no es mi nombre,  
sino el nombre de todos los seres.  
Mi nombre es américa,  
volcán de los oprimidos.  
Es libertad símbolo del pueblo.  
Mi nombre no es otro sino patria,  
sino tierra, aire,  
sino nombre. Tu nombre...

Mi nombre no es más mi nombre,  
porque yo no soy, siquiera yo,  
porque soy hombre, hermano, combatiente,  
porque hoy soy arma, polvo, agua y sangre.  
Hoy soy américa dormida que despierta,  
soy los explotados del mundo  
que se rebelan,  
soy los fusiles que empuñan  
los pueblos en lucha.

Hoy soy pueblo...

Hoy soy ser despierto,  
sin nombre,  
porque hoy soy POETA...

**II**

Es noche. Madrugada  
de la noche de Santiago.  
Todos duermen.  
Duerme el hombre,  
con la fatiga del día,  
duerme el niño y sueña,  
con el porvenir,  
duerme quizás, la naturaleza  
su sueño de descanso criador.

Duermen todos...

Pero yo no duermo.  
El poeta no duerme.

El poeta escoge  
las horas más puras de la noche,  
para regar la tierra con el llanto  
de sus versos...  
para lanzar al aire,  
la sangre de sus poemas.

El poeta tiene la noche afable  
por su compañera,  
tiene la madrugada por su inspiradora,  
tiene el mundo, el hombre,  
como su pensamiento.

El poeta escribe...  
y dentro de la inmensa noche,  
las palabras brotan del poeta,  
como el llanto y la sangre,  
brotan del hombre.

Su llanto se transforma  
en tierra y aire,  
su sangre en hombre y poesía.

La pluma del poeta en la noche,  
es como la herramienta del obrero.  
La sangre y el llanto del obrero  
en la fábrica,  
es el llanto y la sangre del poeta  
en sus versos.

Las horas tristes del poeta,  
no son más que la tristeza de su pueblo,  
que se mezcla con el llanto y la sangre  
de los hombres en la madrugada.

Duerme...  
Continuad durmiendo...  
Pero antes de todo oídme,  
escuchad el grito y el llanto  
del poeta...  
escuchad el único pedido del poeta...

Transformen en sangre y polvo,  
en piedra, escarnio,

en guerra, en paz y amor.  
Hagan lo que quieran del día,  
pero dejad la noche para el poeta,  
para el simple hombre  
poeta...

Para que él escriba sus versos.  
Para que él derrame sus llantos.  
Para que él entregue su sangre.  
Para que la llama  
que sale de su alma,  
brote en la tierra  
sin escarnio,  
y no sea fuego  
y sí agua...  
que sea dulce...  
que sea eterno...  
aunque para esto  
tenga que ser su sangre derramada...  
que tenga que ser la sangre de los hombres  
derramada

Dejad al poeta  
el lecho de la noche.  
dejadme...  
dejad para mí  
la historia, la vida  
la inmensidad de la noche  
que yo haré de ella  
(con mis versos)  
el porvenir y el amanecer  
del día de siempre.

### III

El pueblo está callado.  
Los explotados no piensan...  
sienten...  
Silencio...  
El pueblo está hablando...  
el poeta está hablando...  
el poeta...  
el desgraciado y maldito poeta.

La voz del pueblo sale de su boca.

silencio... silencio...

que no se escuche siquiera,  
el sonido de la pluma que escribe,  
porque el poeta  
está escribiendo sus versos...

El poeta está hablando...  
el pueblo no está callado,  
su voz viene firme e incansable,  
en la voz del poeta,  
del desgraciado, del mil veces maldito  
poeta...

silencio... silencio...

Hoy el pueblo quiere hablar,  
hoy se rompe el silencio de los siglos.  
Las palabras salen de la boca del pueblo,  
o del pensamiento del poeta.

El poeta entonces,  
será uno...  
será mil... millones...  
será todos los seres perdidos de la tierra...  
será los explotados...  
será el pueblo...  
el poeta entonces será dios.

Silencio... silencio...

Que nadie conteste,  
que sólo hable, el poeta...  
que sólo se escuche, su voz,  
en el silencio de la noche.

Silencio... silencio...

El pueblo está hablando.

## IV

Lejos de la patria,  
 ausente de tu pueblo,  
 junto al amigo,  
 frente al enemigo,  
 así eres, tú, hombre de américa.  
 Nacido en el vientre de los humildes  
 y criado en las tierras áridas y profundas,  
 de américa virgen y ardiente.  
 Luchador en la patria,  
 combatiente en la selva.  
 Amigo de los pobres,  
 defensor de los oprimidos.  
 Así eres tú CHE.  
 Así lo eres todavía GUEVARA.  
 Porque tú vives.  
 Tú estás en casa combatiente de américa;  
 en cada explotado de este continente,  
 tu ejemplo nos enseña a luchar.  
 Tu américa explotada,  
 tu CUBA liberada,  
 los explotados,  
 los seres sin patria,  
 evocan tu nombre,  
 con el puño en alto,  
 las armas en la mano,  
 en tu nombre comandante,  
 en nombre de américa:  
 PATRIA O MUERTE... VENCEREMOS!

## V

¡AMERICA!

En tu seno virgen  
 adormece un gigante...  
 un gigante que lucha...  
 un gigante de luto...

¡AMERICA!

En tu seno virgen



adormece un gigante...  
BRASIL...

¡Ah! mi patria Brasil...  
yo el ser sin patria,  
el increado de dios,  
el nacido en tu cuerpo,  
y creado en el cuerpo virgen de américa...

¡Ah! mi patria... patria mía...

Yo que recorrí todo tu cuerpo  
que sentí la miseria y la opresión  
junto con todos tus seres...

Yo el ser despierto,  
que vive en otras tierras de américa,  
que siente la alegría y el calor  
de otros pueblos,  
que sufre la miseria y la opresión  
con otros hermanos...

Yo el ser despierto,  
yo el ser creado, increado,  
hermanado de tu cuerpo,  
nacido de tus entrañas...

¡Ah! mi patria...  
patria... mía...  
de todos los seres nacidos en américa.

Patria hoy manchada,  
vilipendiada,  
que hoy tiene su bandera rota,  
te clamo, reclamo,  
proclamo...  
Grito con todo ardor de mi alma...

¡LUCHA GIGANTE!  
¡DESPIERTA GIGANTE!

El clamor, de guerra,  
de lucha, de amor,  
que sale de mi alma

y que resuena en toda américa,  
es el mismo clamor, de tu pueblo,  
de mi pueblo.

Mi patria no es solo mi patria,  
es la patria de los humildes,  
de los explotados de este continente...

Mi patria hoy tiene su bandera rota,  
hoy tiene su cuerpo sangrando,  
mi patria hoy tiene su pueblo en duelo,  
hoy tiene su pueblo en lucha...

Pero los fusiles que empuña  
su pueblo en lucha,  
serán la alegría y el porvenir del mañana.

El mañana de américa es uno solo...  
en el mañana tendremos en américa,  
un gigante despierto,  
un gigante que cubrirá de alegría y calor,  
a los explotados de este continente.

Mi patria entonces no será mi patria,  
yo ya no seré el increado,  
el ser sin patria,  
seré el ser de américa.

Mi patria será la patria de todos,  
ya no habrá un gigante  
que duerme en américa virgen...

Porque en el mañana  
habrá una américa despierta y única.

## VI

Las cárceles de mi patria están llenas,  
las calles de mi patria,  
tiene desesperación y muerte.  
Cada uno de su pueblo  
trae en su rostro la incertidumbre  
y la desconfianza...

La paz ya no existe en mi patria,  
lo que existe es sangre,  
muerte... y sólo muerte...

En las paredes de mi patria,  
es que la libertad existe.  
La libertad rayada,  
por los jóvenes,  
en la oscuridad de la noche.

El nombre de mi patria,  
no es más el nombre de mi pueblo,  
sino el nombre de sus explotadores.

Su bandera no es más que un paño roto,  
rayado de verde y amarillo  
y manchado de pólvora y sangre.

Pero mi patria no dejó  
de ser la patria de los humildes...

Mi pueblo lucha...

Su lucha...

su sangre derramada...  
llenará de alegría  
a los explotados de América,  
en el día pronto de la victoria final.

## VII

La única cosa que te puedo dar  
son mis versos...  
(Yo sé que tú mereces mucho más.)  
Mis versos son mi alegría y sufrimiento,  
son mi cansancio y mi tristeza,  
mis versos son cantos,  
de muerte, alegría, paz y amor  
(alegría, paz y amor que canto a ti.)

Hoy mis versos traen tu figura,  
que baila en mis pensamientos,

con éxtasis y locura.  
Mis versos hoy son para ti.

Aunque tú no sepas de mis versos,  
(aún que no lo sepa nadie.)  
Aunque tú no sepas porque vivo,  
(aunque yo mismo no lo sepa.)  
Mis versos y mi vivir son tu presencia.  
Si acaso algún día alguien cante a tu oído,  
diciendo que yo ya no te quiero,  
(aún que sea yo que lo cante.)  
Aun así sepas que es mentira,  
porque mis versos son la prueba  
de este amor eterno..

### VIII

Algún día alguien sabrá  
de los versos que escribo.  
De mis versos,  
de los versos que son tuyos.

Algún día la tierra  
se regará con mis poemas.  
Mis versos serán  
como la hoguera  
que brota de mi alma.

Quizás los conocerán todos,  
los conocerán,  
los seres más longincuos de la tierra.  
Pero tú no sabrás  
que son tuyos,  
que es para que tú  
y sólo tú los entiendas.  
Porque mis versos son tuyos,  
como es tuyo mi cuerpo,  
como es tuya mi alma.

Un día de mi cuerpo  
ya no brotarán más versos  
y sí sangre,  
la sangre por ti  
y sólo por ti derramada.

Un día quien sabe como ahora  
 de madrugada,  
 en la triste y afable madrugada,  
 llegue la muerte despacio y me sorprenda,  
 aunque esta muerte no sea por ti,  
 (porque además de ti y de tu amor,  
 existen los seres de mi patria  
 lejana y pura...)  
 Aunque mi muerte no traiga tu nombre  
 en mi boca.  
 (Aunque traiga el nombre de mi pueblo  
 o de tu pueblo.)  
 Aún así mis últimos pensamientos  
 serán tuyos.  
 Y mi alma traerá en mi muerte  
 tu encanto.

## IX

Vuela una paloma a lo lejos...  
 A lo lejos vuela una paloma...  
 Vuela... Vuela mi paloma...  
 Vuela... Vuela...  
 Lleva mis ilusiones,  
 lleva mis penas, mis sueños.  
 No importa que tardes a llegar,  
 no importa que vuelvas nunca más.  
 Pero vuela...  
 Vuela... y llega a tu destino,  
 pero no llegue de pronto,  
 llega despacio en la inmensidad de la noche...  
 despierta con el sonar de tus alas,  
 mi amor...  
 despierta mis amigos...  
 mis padres... mi patria...

Vuela... Vuela...  
 Vete...  
 No importa que no vengas nunca más.  
 Lo que importa es que dentro de ti,  
 arriba de tus alas estoy yo,  
 está mi ser, mis pensamientos.

Quiero despacio, en la inmensa noche,  
despertar en mi patria  
longinqua y sola,  
en la inmensidad de américa dormida.

*Os versos a seguir estão em uma página solta, fora da ordem dos demais. Poderia ser uma continuação do poema IX ou parte de algum outro:*

(Aún así pátria mía,  
aún así pueblo mío,  
mis versos continuarán,  
siendo mi voz,  
siendo tu voz.)

En el día que yo vuelva a tu cuerpo,  
lleno de sangre,  
lleno de frío,  
aún que en tu cuerpo use otras armas,  
aún así mis versos estarán presentes,  
para regar de llanto  
y sangre,  
tu cuerpo dormido y puro.

Aunque tu pueblo no entienda,  
que es por él mi llanto,  
que es por él que corre la sangre  
de mis venas,  
aunque ahora no entiendan,  
aún así serán tuyos  
estos versos.  
Aún así quiero regar  
con mi sangre, llanto y versos,  
tu cuerpo,  
para construir en él  
el porvenir,  
y un lugar para que duerman  
mis versos y yo  
en la fatiga de la noche.